
THE GRIFFITH BROTHERS
EST. 1864
Down Pour
MAGGIE GATES

Down Pour

MAGGIE GATES

THE GRIFFITH BROTHERS

MAGGIE GATES





RBL'S

SINOPSE

Ray:

Regra nº 1 para quase morrer: Certifique-se de que alguém saiba suas senhas. É difícil cancelar seu plano telefônico se você estiver morto.

Regra nº 2 para quase morrer: Certifique-se de que sua casa esteja limpa antes de subir os degraus dos portões perolados. Isso facilita a venda de sua vida.

Planos de backup são para pessoas que planejam perder.

Bastaram oito segundos para que eu ganhasse a maior competição de minha vida e um segundo para perder tudo, exceto a fivela do campeonato.

Eu havia deixado a fazenda de gado da minha família aos dezoito anos, sem intenção de voltar para sempre.

Agora eu estava de volta, preso em uma cadeira de rodas, com um belo desastre tentando incendiar minha casa.

Brooke:

Regra nº 1 para tentar não ser demitida: Não irritar o montador de touro mal-humorado.

Regra nº 2 para tentar não ser demitida: Quando você for demitida, mantenha o queixo erguido. O montador de touros mal-humorado era gostoso.

Era apenas um pouco de fogo. Até minúsculo. Mas isso não mudava o fato de que Ray Griffith não queria que eu chegasse perto dele.

Mas chegamos a um acordo: Eu o ignoro, e ele não me demite.

Fácil, certo? Não tanto quando não conseguimos manter nossas mãos longes um do outro.

Para meu sogro. O verdadeiro Homem de Ferro.

AVISOS DE CONTEÚDO

Downpour: A Grumpy Sunshine Romance contém temas fortes de conteúdo médico (lesão na medula espinhal, tetraplegia, paraplegia), ferimentos associados à montaria em touros profissional, pensamentos e ideações suicidas, depressão, roubo/assalto, incêndio criminoso, perda de figuras parentais e abuso de drogas e álcool.

A representação da lesão medular de Ray Griffith em Downpour é apenas um possível resultado desse tipo de lesão. Ela não reflete toda a gama de emoções, experiências ou caminhos de recuperação que indivíduos com lesões medulares podem enfrentar. A jornada de cada pessoa é única e pode diferir significativamente. Esta representação não pretende representar todas as experiências ou resultados possíveis.

Este livro apresenta brincadeiras com cordas e bondage. Os atos realizados neste livro são fictícios e não pretendem ser usados como guia ou recurso educacional. Pesquise essas práticas minuciosamente e só se envolva em atos de forma segura, informada, sã e consensual.

Trate-se com cuidado e boa leitura!

Com amor,

Maggie Gates

PRÓLOGO



RAY

Você sabe como soa quando setenta mil pessoas ficam em silêncio ao mesmo tempo? Eu sei.

— Pernas apertadas, quadris soltos — disse Marty. — Você está todo enfaixado?

Eu assenti e bloqueei tudo. A multidão, o locutor... até mesmo a fera de dois mil quilos sob minha bunda. Tudo desapareceu.

Eu estava no clima e não iria embora até que o título fosse meu.

— Cavaleiro pronto.

Setenta mil pessoas prendendo a respiração soo como o silêncio antes de um trovão.

O chefe da arena colocou uma mão firme no meu ombro, pronto para me segurar caso o Homewrecker decidisse me jogar contra o portão antes que ele abrisse.

— Vai, tio Ray! — gritaram minhas sobrinhas, pulando para cima e para baixo.

— Você consegue irmão! — gritou Christian, seguido de um assobio agudo.

Oito segundos.

Nunca me incomodei em contar na minha cabeça. Alguns cavaleiros faziam isso, mas o tempo tinha um jeito de congelar quando uma fera do tamanho de uma bola de demolição tentava acabar comigo. A dor rasgando meu ombro tornava difícil distinguir sete segundos de oito.

Fechei os olhos, bloqueando tudo até que tudo que ouvi foi silêncio.

O portão se abriu, mas Homewrecker parou.

Ah, merda.

Não há nada pior do que um touro chato.

Eu precisava que ele trouxesse tudo o que tinha. Cinquenta pontos eram meus, mas os outros cinquenta por empinar e intensidade eram todos por conta do animal.

Com um grunhido, Homewrecker me jogou no ar, mas eu segurei firme. O animal se contorceu como um tornado, batendo para frente e para trás com cada estocada.

Minha mão doía e queimava enquanto cada músculo e tendão se esticava até o limite. Apertei mais forte, lutando por cada segundo.

O rugido da multidão destruiu meu bloqueio mental.

Foram oito segundos ou eu estava apenas dando um bom show?

Homewrecker desviou para a esquerda e depois para a direita, me pegando desprevenido. Movi meus quadris para contra-atacar, mas percebi que ele tinha acabado comigo.

Ele se debateu para a esquerda e para a direita até que meu aperto falhou e ele me jogou no ar. Um casco atingiu meu lado, e a dor explodiu pelo meu corpo.

O chão correu para me encontrar e eu bati de cabeça na terra. A dor parou imediatamente.

Isso é estranho.

Tentei me ajoelhar para sair da arena, mas nada aconteceu, não importa o quanto eu me sacudisse.

Lembra que eu disse que o silêncio de setenta mil pessoas parecia esperar por um trovão?

Não consegui sentir nada, mas senti o peso daquele suspiro.

Então gritos irromperam como uma tempestade.

— MÉDICO! MÉDICO! PEGUEM A PRANCHA ESPINHAL!

— RAY!

— Fique parado — alguém ordenou enquanto figuras se aglomeravam ao meu redor.

Não tem problema. Eu não tinha certeza do porquê não conseguia me mover, mas fiquei ali deitado enquanto corpos me cercavam.

Meu irmão mais velho, Christian, pulou a barreira e estava na arena, ajoelhado ao meu lado.

Isso foi legal da parte dele.

Não senti nada quando ele pegou minha mão.

Talvez fique aqui por um tempo. Eu poderia tirar um cochilo.

Essa foi à última coisa que me lembro de ter pensado antes de tudo ficar escuro.

CHUVA FORTE.



UMA SEMANA APÓS O ACIDENTE

Aquele bipe era irritante pra caralho. Alguém precisava desligar a porcaria da máquina.

Vozes familiares ecoavam à distância, como meus irmãos gritando através de uma névoa densa.

Bipe…

Jesus Cristo, eu queria desligar o aparelho só para poder dormir um pouco.

Eu me esforcei para abrir meus olhos, desesperado para localizar a fonte daquele barulho irritante, mas minhas pálpebras pareciam coladas. Meu corpo estava dormente. Como se não existisse. Minha garganta doía pra caramba, no entanto. Por que a dormência não conseguia consertar isso?

Era como estar acordado e dormindo ao mesmo tempo — oscilando no limiar do céu e do inferno. Limbo eterno.

Bipe… Bipe… Bipe…

Foda-me.



TRÊS SEMANAS APÓS O ACIDENTE

Bipe… Bipe…

Era assim que o inferno era? Apenas um som irritante de bipe por toda a eternidade?

Foda-me ainda mais. Era irritante.

As vozes ficaram mais altas. Talvez eu estivesse ficando louco.

Orbes cinza e branco flutuavam no meu campo de visão, distorcendo a escuridão.

Puta merda!

O fogo acendeu minha garganta em chamas. Parecia uma faca rasgando minha traqueia. Eu queria gritar, mas não conseguia.

Por que eu não conseguia gritar? Eu ainda estava na arena? Minha cabeça balançava, mas eu não era quem a controlava.

Algo macio estava atrás do meu crânio. Não parecia a sujeira da arena.

A queima diminuiu para uma fervura branda e o sinal sonoro diminuiu.

Ainda bem que isso aconteceu. Mas ainda assim foi irritante.

Os orbes de luz se alargaram, suavizando a escuridão e transformando-a em uma tempestade sombria.

A dor desceu pela parte de trás do meu pescoço como um raio. Com cada pontada de agonia, o cinza cresceu para um rosa familiar.

Huh. Eu podia ver as veias atrás das minhas pálpebras. Isso era novo.

Eu poderia levantá-los?

Concentrei meus esforços e olhei através dos cílios incrustados de proteína para o caroço borrado à minha esquerda.

Era o Christian? Espectadores não deveriam entrar na arena. O que ele estava fazendo aqui?

Tentei gritar para ele sair da arena, mas não consegui formar palavras.

Fagulhas brilhantes de luz abriram minha cabeça como uma melancia caindo da caçamba de uma caminhonete.

Filho da puta! Não. Não vou fazer isso.

Fechei os olhos com força de novo. Tentei respirar com a enxaqueca, mas isso também foi uma má ideia. Minha garganta estava coberta de ácido, e levantar o peito para encher os pulmões era quase impossível.

Minha bochecha coçava, mas eu não conseguia encontrar minha mão para coçá-la.

Tentei chamar Christian novamente, mas não consegui pronunciar as palavras.

Minha boca estava arenosa e seca. Eu tinha comido terra mais vezes do que podia contar na minha carreira de montaria em touros, mas isso parecia diferente.

Pensei em dar outra olhada. A enxaqueca latejante viria de qualquer maneira.

Forcei meus olhos a abrir.

Christian estava sentado ao meu lado, lendo um livro. Eu tinha folheado aquele quando estive na casa dele na semana passada.

Era um título do Jordan Loft que tinha uma reviravolta no final. Pela cara dele, ele ainda não tinha chegado lá.

— Chris — eu resmunguei, e dessa vez, ele olhou para cima.

— Ray? — ele disse asperamente.

Eu pisquei.

Droga, ele parecia uma merda. Aquela publicitária com quem ele estava saindo devia estar mantendo-o ocupado à noite.

Minha boca parecia uma bola de algodão. Tentei lamber meus lábios, mas minha língua também estava seca. Tentei perguntar a ele por que eu não estava na arena, mas a escuridão cresceu novamente, flutuando nas bordas da minha visão.

Minha cabeça balançou quando ele bateu a mão no painel ao meu lado. Algo duro e plástico pressionou minha boca.

Talvez fosse por isso que ele não conseguia me ouvir.

Uma bola de demolição rolou na minha cabeça enquanto eu baixava os olhos para dar uma olhada.

Christian estendeu a mão e tirou o objeto da minha boca.

— Minha pontuação?

Porra, doía falar. O que diabos havia de errado com minha garganta?

Christian enfiou a mão no bolso e tirou a fivela do campeonato. Ele colocou na minha mão, mas eu não conseguia sentir.

— Noventa e um ponto nove — ele disse.

Eu venci.

Então por que a multidão não estava aplaudindo?



DOIS MESES APÓS O ACIDENTE

Eu estava totalmente convencido de que quem quer que tenha pontilhado os tetos de pipoca o fez em padrões que imitavam aqueles testes de psicologia. Por sessenta dias intermináveis, fiquei preso neste quarto de infância transformado em prisão.

Sessenta dias de merda mijando em uma bacia. Sessenta dias excruciantes da mamãe me alimentando como um bebê e limpando a baba e as migalhas do meu queixo. Sessenta dias insuportáveis dos meus irmãos carregando meu corpo pela maldita casa só para que eu pudesse ver algo além dessas quatro paredes de merda.

Sessenta dias desejando ter morrido naquela arena.



QUATRO MESES APÓS O ACIDENTE

Minhas mãos coçavam como se mil formigas de fogo estivessem rastejando sob minha pele. Era irritante pra caramba, e estava acontecendo cada vez mais depois de cada visita à minha fisioterapeuta sádica. Provavelmente porque ela tinha prazer em me eletrocutar.

Segundo ela, a estimulação elétrica funcional deveria me ajudar a recuperar o uso do meu corpo. Até agora, tudo o que fez foi me fazer coçar tanto que eu queria arrancar minha própria carne.

Olhei para minhas mãos inúteis, desesperado para coçar, mas incapaz de fazer algo a respeito. De jeito nenhum eu chamaria alguém aqui só para coçar minha maldita mão.

Então, novamente, eu estava cansado de estar acordado. Eu queria fechar as cortinas, deitar e fingir que não existia.

Dormir era o mais perto que eu conseguia chegar de estar morto. Talvez seja por isso que eu desejava tanto isso.

Dane-se a atrofia muscular.

Eu definhava naquele quarto, enlouquecendo lentamente, olhando para o teto de pipoca, contando os solavancos até minha mente virar mingau.



SEIS MESES APÓS O ACIDENTE

— A cirurgia ocorreu conforme o esperado. Como todos nós discutimos durante a triagem do teste, é extremamente invasiva. A recuperação vai ser difícil. Continuaremos monitorando os eletrodos que foram implantados ao longo da coluna pelos próximos dias para garantir que o local da cirurgia comece a cicatrizar e que não haja complicações. Se tudo correr bem, poderemos trabalhar com sua equipe de atendimento para configurar o gerador de pulsos e iniciar o programa de reabilitação.

Fiquei olhando fixamente para a parede enquanto o cirurgião atualizava minha mãe.

O cirurgião suspirou. — Esse tipo de terapia de estimulação é totalmente novo e *muito* experimental. É um dos poucos ensaios clínicos no mundo. Não posso prometer nada. Simplesmente não temos os dados para saber o que vai acontecer.

O risco realmente importava nesse ponto? Poderia muito bem ser um rato de laboratório para essa merda de ciência experimental. Não que meu corpo fosse bom para qualquer outra coisa.



OITO MESES APÓS O ACIDENTE

A coceira na minha mão voltou a aparecer. Xinguei baixinho e tirei os olhos da tela da TV. O canal tinha mudado do noticiário da manhã para uma novela insuportável. Não me incomodei em mudar com o controle que meu irmão, Nate, comprou online.

Ele estava tão animado para montar aquele braço de metal curvo para mim. *Como se eu devesse ficar emocionado de mudar de canal mordendo um botão com meus dentes.*

Prefiro suportar o lixo melodramático.

Eu gemi e deixei minha cabeça cair para trás contra o travesseiro, drenado da sessão de fisioterapia. Eu não tinha feito muito além de ser torcido e cutucado como um boneco sem vida, mas ainda assim tinha me desgastado.

Christian me arrastou para a consulta de fisioterapia hoje, falando sobre os benefícios da terapia para seu próprio bem-estar mental e as maravilhas que o conselheiro familiar a quem ele levou minhas sobrinhas havia feito por todas elas.

Aparentemente, o terapeuta dele tinha uma consulta disponível caso eu quisesse me abrir.

Eu não quis.

Qual era o sentido em dissecar o fato de que eu era tetraplégico. Que eu era incapaz de me mover uma polegada além do meu pescoço porque eu tinha que montar em mais um touro, tinha que reivindicar mais um campeonato? Porque eu simplesmente não conseguia desistir enquanto estava na frente.

Não precisei me aprofundar em nada disso. Era o que era.

Depois de meses, a dor do tubo de respiração finalmente desapareceu, e a tosse incontrolável diminuiu. Infelizmente, na verdade, já que isso significava que as pessoas esperavam que eu continuasse uma conversa quando entravam no meu quarto sem avisar.

Não havia nada a dizer.

Eu desprezava os lugares-comuns vazios, as sutilezas vazias, os sorrisos condescendentes e os sentimentos bem-intencionados.

Mas o que eu mais odiava era a maldita coceira na minha mão.

Fechei os olhos, tentando me lembrar da sensação de flexionar os músculos e me mover.

Mas eu fiz.

Minha mão se inclinou para o lado e roçou em uma almofada. O tecido de textura áspera aliviou minha coceira.

Eu realmente... Concentrei-me no meu pulso - nos músculos ali - como se pudesse trazê-los de volta à vida.

O suor brotou na minha testa e a coceira se intensificou. E então…

Eu me movi.

Minha mão se moveu para a esquerda e para a direita enquanto eu coçava a coceira na almofada.



NOVE MESES APÓS O ACIDENTE

— Que diabos? — Christian estava parado na porta com o queixo nas botas no chão.

Levei o copo hospitalar aos lábios e tomei um gole pelo canudo dobrado.

O prato escorregou da mão do meu irmão e caiu no chão. Purê de batata espirrou enquanto ervilhas se espalhavam pela madeira. Uma pontada de tristeza tomou conta de mim quando o bolo de carne pousou em sua bota.

Droga… Eu adorava bolo de carne.

O cheiro estava me provocando há uma hora e eu estava morrendo de fome.

Christian ficou boquiaberto. — Devo estar alucinando de quando bati minha cabeça no trator mais cedo.

— Desculpe — eu disse, colocando o copo na bandeja ao lado da cama elevada. O colchão parecia ter sido costurado da carne de Satanás. Eu tinha que agradecer a ele pela dor nos meus ombros e pescoço.

Ele olhou fixamente com descrença gravada em seu rosto. — Faça isso de novo.

Olhei para cima. — Prefiro não fazer isso. Dói pra caramba.

— Que porra é essa, cara? — Ele passou a mão pela barba, sua mandíbula apertada e seus lábios tremendo.

Cerrei os dentes enquanto observava as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Eu não tinha derramado uma lágrima desde que acordei naquela cama de hospital. Então por que ele estava chorando?

— Ray, que porra é essa? Você está se movendo!

— Eu estava com sede.

Ele não se moveu para pegar o prato, as batatas amassadas ou o bolo de carne.
— V-você... pegou.

— Acabei de aprender a usar minha mão de novo — eu disse. — Não me faça usá-la para te mostrar o dedo.

Não mencionei o mês de fisioterapia que passei trabalhando nisso.

Aparentemente, aquela coceira era uma coisa boa.



UM ANO APÓS O ACIDENTE

O cheiro de madeira e serragem pairava no ar enquanto eu subia a rampa em direção à minha nova casa.

Era um trabalho em andamento, com portas de armário faltando, tomadas elétricas expostas e eletrodomésticos meio instalados. Nada disso importava para mim. Eu sempre poderia pagar alguém para lidar com os detalhes depois.

Empurrei as rodas para subir o último trecho da rampa para cadeiras de rodas, ignorando a dor nos meus braços.

Esta terra era minha desde que nasci. Todos os meus três irmãos também tinham seus próprios lotes. Christian e Nate construíram suas casas anos atrás. Eles eram mais velhos e estavam prontos para se estabelecer com suas famílias. Eu mantive meu pedaço mesmo enquanto morava no Colorado durante a maior parte dos meus vinte anos.

Claro, eu os deixei usar isso para o gado, mas eu nunca o desenvolvi.

Cheguei à varanda e me virei com um suspiro. Nunca pensei que meu pedaço do Rancho Griffith Brothers precisaria ser acessível para cadeira de rodas.

Mas pelo menos eu estava sozinho.

As casas de Christian e Nate ficavam a leste, com a casa principal um pouco ao norte. Cassandra, noiva de Christian e administradora da propriedade do rancho, estava ocupada supervisionando a construção do chalé e do restaurante no lado oeste.

Ninguém se aventurou até o extremo sul, onde minha casa estava escondida. Ela estava intencionalmente escondida por um véu de árvores e acessível apenas por um caminho de terra serpenteando ao redor do rancho, até a estrada de serviço.

Empurrei a porta da frente e senti o cheiro fresco de tinta fresca.

— Oh, olá! — uma voz inesperada me cumprimentou de dentro, quebrando meu momento de paz. — Você deve ser Ray.

Sentei-me, imóvel, e encarei a mulher de cabelos grisalhos e olhar severo que estava me olhando de volta. Ela se convidou para entrar em minha casa e estava colocando lençóis...

Meu maxilar ficou cerrado.

Aquela porcaria de cama de hospital foi transferida da casa dos meus pais para a minha.

Eu queria girar minha cadeira, bater a porta e colocar fogo naquele lugar.

— Não me importa quem você é — eu rosnei, rolando para trás da porta. — Só saia da minha casa.

A mulher riu como se eu estivesse brincando.

Eu não estava.

— Sua mãe me disse que você era um pouco espinhoso. — Ela ofereceu um sorriso caloroso. — Mas isso não me incomoda. Estou aqui apenas para ajudar.

O uniforme dela me disse isso, mas eu não aceitei.

Eu apontei um dedo para a porta. — Fora.



UM ANO E UM MÊS APÓS O ACIDENTE

Christian sentou no meu sofá, pressionando os dedos nos olhos. — Você não pode continuar demitindo pessoas.

— Esse é o quarto CNA[1] que você assusta esta semana. — CJ apontou. — Você acha que essas pessoas crescem em árvores?

Becks adotou uma abordagem mais gentil. — É uma cidade pequena. Não há muitas opções.

Nate concordou com a cabeça.

Não me incomodei em levantar os olhos do pedaço de corda que eu estava amarrando em nós. Meus irmãos e cunhadas foram os que encenaram essa intervenção. Eles não me deviam atenção.

Desfiz o nó overhand para poder amarrá-lo novamente. Era uma atividade entorpecente que ajudou a melhorar a destreza nas minhas mãos.

— Então pare de enviar pessoas para onde elas não são desejadas. — murmurei.

[1] Assistente de Enfermagem Certificado.

Cassandra bufou e olhou para Christian. — Eu te disse.

Minha futura cunhada era a única pessoa que eu conseguia suportar naquele momento, mas apenas porque ela era a única que me deixava em paz.

Nate tentou novamente, sua voz uma mistura de paciência e exasperação. — Eu sei que não é o ideal...

Ideal? Eles realmente achavam que eu gostava de ser servido de mãos e pés?

— ...mas ou você nos deixa ajudá-lo, ou você para de demitir as pessoas que são contratadas para ajudá-lo. — ele concluiu, deixando seus termos claros.

Puxei a alavanca da minha cadeira e rolei para o quarto. — Mande outra pessoa aqui e veja o que acontece.



UM DIA DEPOIS DISSO

— Eu desisto. Nunca na minha vida fui submetido a alguém tão rude e maldoso e...

Bati a porta antes que o cara pudesse terminar a frase.

Boa viagem.



UM ANO E QUATRO MESES APÓS O ACIDENTE

— Raymond Tyler Griffith! Você não trocou as fechaduras das suas portas.

Os gritos furiosos da minha mãe ecoavam pela vidraça. Sem dúvida, ela tinha saído furiosa de seu lugar depois que outra auxiliar de saúde domiciliar não conseguiu entrar com a chave reserva.

Pelo menos as persianas estavam fechadas.

Olhei para o teto da cozinha enquanto os ladrilhos frios do piso mordiam minhas costas. Uma dor aguda atravessava meus quadris e pescoço.

Minha cadeira de rodas estava derrubada a alguns metros de distância, cercada por uma confusão de vidro quebrado. O fluxo constante da torneira agora era acompanhado por gotas de água caindo em cascata do balcão e no chão lentamente inundado.

Para minha sorte, mamãe não podia me ver assim.

Não tive tanta sorte, fiquei preso no chão até descobrir como me levantar.

CAPÍTULO UM



BROOKE

Eu me estiquei em meus lençóis frescos e macios enquanto a luz do sol vazava pelas persianas. Havia algo melhor do que acordar em roupas de cama recém-lavadas? Eu já sabia que seria um ótimo dia.

O ar condicionado de janela chacoalhava como maracas. O par de olhos esbugalhados que eu tinha preso a ele balançava a cada arfada. O pobrezinho estava morrendo nesse calor sufocante de junho.

— Você está indo muito bem, rapazinho. — Dei um tapinha na caixa de metal enferrujada. — Continue.

Eu me enfiei em um par de shorts relativamente limpo que encontrei pendurado na estrutura da cama. Um chinelo apareceu debaixo da cama, e eu encontrei o outro em cima da minha cômoda.

Descendo as escadas, cumprimentei as figuras esparramadas nos sofás enquanto atravessava a sala.

Nick, o colega de quarto que morava aqui há mais tempo entre todos nós, levantou a cabeça da poltrona desbotada. — O aluguel está vencendo, Stacey.

— Sério? — Eu ri nervosamente e vasculhei minha prateleira da despensa. — Eu podia jurar que já te dei dinheiro.

Peguei uma caixa de barras de granola com meu nome e a abri. Vazia. Talvez um dos meus colegas de quarto tenha ficado com fome e não tivesse mais nada? Tudo bem. Eu só comeria aveia.

Não, aquela caixa também estava vazia.

— Ei, você sabe se alguém comeu minha comida? — perguntei.

Um familiar embrulho azul e branco estava no colo de Nick. — Não sei. — ele resmungou enquanto acompanhava sua mordida com um gole de cerveja.

Chandler estava desmaiado no sofá com uma tigela de mingau de aveia sobre o estômago.

— Não se preocupe — eu disse animadamente, jogando minha bolsa sobre meu ombro. — Eu vou passar na loja no caminho de volta.

Passando por cima de um saco de lixo abarrotado, passei na ponta dos pés pela bagunça da festa da noite passada. Latas de cerveja amassadas deslizavam sob meus pés enquanto eu me dirigia para a porta.

— Não se esqueça do dinheiro. — Nick gritou enquanto rolava o telefone. — Dinheiro dessa vez. Sem cheques.

O sol queimava minha pele enquanto eu saltava para o meu carro, cachos balançando a cada passo. Segundas-feiras eram as melhores. Elas eram um novo começo. Uma nova chance. Cheias de possibilidades emocionantes.

Deslizei para o assento do motorista e joguei minha bolsa no assoalho. O vaso de flores de plástico no meu painel balançou quando liguei a ignição.

— Ah, droga — murmurei, notando a luz de combustível baixo. — Está tudo bem, Madame Universo. Obrigada pela desculpa para pegar um lanche no posto de gasolina.

Entrei no posto mais próximo e conversei com o simpático caixa sobre a novela que estava passando na TV atrás do balcão enquanto pagava por um bolinho e alguns galões de gasolina.

Todo mundo estava sendo tão legal hoje. Até Nick quase acertou meu nome. Geralmente, era “Brenda” “Bonnie” ou algum outro nome com “B”. Mas hoje, ele me chamou pelo meu sobrenome como se eu fosse um dos caras.

A casa estava realmente começando a parecer um lar.

Era divertido estar sempre cercada de pessoas. Eu sempre tinha alguém para conversar ou sair. Era como viver em um dormitório.

Minha própria pequena família encontrada.

Estacionei em frente ao escritório da *Caring Hands* e subi os degraus de tijolos. Os sinos tilintando da porta anunciaram minha chegada enquanto eu entrava no ar condicionado frio.

— Bom dia, Peggy! — cumprimentei alegremente a gerente do escritório.

Ela levantou os olhos da mesa com uma carranca. — Você está atrasada.

— Estou? — Peguei meu telefone para verificar as horas. — Oh, droga, ele está descarregado. Você tem um carregador?

A sobrancelha de Peggy se contraiu.

— Oh meu Deus! Sua sombra está incrível hoje! O azul faz seus olhos se destacarem.

Ela bufou. — Sente-se, Brooke.

Eu me joguei na cadeira em frente à mesa dela, notando uma nova adição. — Você ganhou uma planta nova? É tão fofa! Ela tem nome?

Peggy suspirou. — Um nome?

— Sim! Plantas têm personalidades. Nomeá-las é uma responsabilidade enorme. É como nomear um bebê.

Os dedos dela chacoalharam contra o teclado. — Estou feliz que você tenha tocado na questão da responsabilidade. Vamos conversar sobre isso.

Eu balancei meus pés e admirei o esmalte azul e amarelo alegre nos meus dedos. Era brilhante como um dia ensolarado contra o carpete cinza sombrio do escritório.

— Brooke. — Peggy retrucou, me arrancando dos meus pensamentos melancólicos.

Olhei para cima. — Então, quem eu vou ver hoje?

Sua mandíbula estava travada. — Você vai ter um dia tranquilo. O único cliente que você tem é o Sr. Wilson.

— Dia tranquilo? Incrível! Tem uma loja de antiguidades que eu estava morrendo de vontade de ir. — Apoiei meu cotovelo na mesa dela e apoiei meu queixo na mão. — Como está sendo seu dia? Você quer ir comigo? Nós poderíamos almoçar e aproveitar a tarde.

Ela bufou. — Deixe-me esclarecer. Você só tem um cliente restante.

Eu engasguei. — Todo mundo melhorou? Até a Sra. Jones? Eu pensei que levaria meses para ela se recuperar. Quer dizer, uau... quebrar as duas pernas daquele jeito… Mas olhe para ela indo. Ela é uma estrela do rock!

Peggy beliscou a ponte do nariz. — Ninguém melhorou, Brooke. Você custou nove contas à agência. Nove clientes valiosos e pagantes saíram por sua causa.

— Sério? Eu não entendo…

Meu coração afundou quando ela começou a listar minhas falhas... Sempre atrasada, perdendo as coisas, misturando remédios e refeições. Tentei explicar sobre meus colegas de quarto barulhentos e a falta de sono, mas ela me cortou.

— Não quero ouvir desculpas. Não posso continuar dando tarefas a você se você vai nos custar dinheiro. Esta é sua última chance.

Meu lábio inferior tremeu. — Eu farei melhor. Eu prometo.

— Não se incomode em voltar aqui se o Sr. Wilson mandar você embora — ela disse, voltando-se para o computador e acenando para mim.

Eu me retirei do escritório e me esgueirei de volta para o meu carro. A luz de verificação do motor me cumprimentou quando liguei o motor, e um nó se formou no meu estômago.

Eu precisava desse salário.

Aluguel, compras, consertos de carros... estar viva era caro.

Ser uma auxiliar domiciliar não era meu emprego dos sonhos, mas me dava muito tempo para sonhar com outras coisas. Além disso, eu amava ajudar meus clientes. Fazer companhia a eles, levá-los aos compromissos, conversar sobre o dia

deles enquanto limpava suas casas... As pessoas eram incríveis, e ser paga para viver a vida com elas era o melhor.

Eu só tinha que fazer melhor.

Mais dois anos… Eu tinha que sobreviver por mais dois anos, e então tudo ficaria bem.

CAPÍTULO DOIS



RAY

Passei a ponta da corda pelo laço e apertei. Minha mão tremia. Mordi o nó para soltá-lo e poder amarrá-lo novamente, tudo isso ignorando o corpo do outro lado da sala.

Infelizmente, o corpo estava vivo.

— Não sei por que todo mundo disse que você é rabugento — ela disse enquanto limpava o almoço. — Você é apenas quieto. Não há nada de errado nisso, querido. Não me importo com o silêncio. Há muito barulho ultimamente.

Uma dor surda pulsava atrás dos meus olhos. — Pare de falar.

Ela bufou. — Esse ato rabugento não vai funcionar comigo. Criei seis meninos... incluindo meu marido. Eu posso lidar com sua atitude.

A corda caiu quando destranquei minha cadeira e rolei até a porta. — Fora.

Ela apoiou as mãos nos quadris. — Acabei de chegar.

— E agora você está indo embora. — Abri a porta da frente e fui embora. — Não se incomode em trancar.

Já era hora de trocar as fechaduras novamente. Parecia que eu tinha gasto mais dinheiro em fechaduras do que em qualquer outra coisa. Felizmente, a furadeira ainda estava na mesa lateral da sala de estar.

Talvez uma fechadura numérica fosse mais fácil do que lidar com chaves e toda essa merda. Eu poderia simplesmente reprogramar o código.

— Sr. Griffith, não há razão para você falar comigo desse jeito.

— Não há razão para você ainda estar aqui.

— Mas eu...

— Acredito que ele disse para você ir embora. — Cassandra, a noiva do meu irmão, apareceu na porta. Ela levantou o polegar sobre o ombro. — Cai fora.

A velha senhora olhou feio. — Quem você pensa que é, me dizendo para deixar meu emprego?

O olhar frio de Cassandra deixou claro que a velha estava fodida. — Não importa quem eu sou. Ray disse para você sair da casa dele. Agora vá embora. Você está invadindo propriedade, e isso é o Texas.

— Tenho um trabalho a fazer.

— Eu demiti você — eu respondi.

Cassandra parecia prestes a arrancar os olhos da mulher. — Se você não for embora, você tem duas escolhas. Ou eu posso encontrar alguém para atirar em você e enterrá-la no pasto sul, ou eu posso espancá-la até a morte com esse pano de prato na sua mão. Faça sua escolha.

— Essa família é tão louca quanto todo mundo disse — ela gritou enquanto pegava sua bolsa acolchoada enorme e saía furiosa.

Levantei meu pulso e consegui um dedo médio meio decente. Ela deveria ter escutado da primeira vez.

Por que as pessoas não me ouviam? Elas sempre achavam que eu estava brincando ou que eu não tinha a palavra final sobre quem poderia pisar na minha casa.

Cassandra esperou até que a mulher pisasse forte até o carro antes de fechar a porta atrás dela. — Eu trouxe sua correspondência. Marty enviou alguns documentos para você assinar.

— Faça com que Christian faça isso — resmunguei. — Ele é meu procurador.

— Você realmente precisa parar de demitir pessoas — ela disse sem a mínima emoção. — Estamos ganhando uma reputação.

— Não é seu trabalho consertar a reputação das pessoas? Isso deveria ser brincadeira de criança para você.

Cassandra colocou a correspondência na mesa e empurrou as cadeiras. Ela pegou o pano de prato que a avó tagarela tinha deixado cair para que não ficasse preso debaixo da minha cadeira e pendurou-o na maçaneta da máquina de lavar louça.

— Eu me ofereci para te trazer como cliente. Você disse não, lembra? Eu não ofereço duas vezes. Se você quiser minha ajuda, sabe onde me encontrar.

Eu rolei para a sala de estar e estacionei em frente à porta de correr. — Eu não preciso de uma publicitária.

— Marty diz o contrário, e eu concordo com ele.

O pensamento de Marty e seu novo cavaleiro fez meu sangue ferver. Eles dois poderiam ir para o inferno, no que me diz respeito.

Cassandra bateu uma unha bem cuidada nos envelopes. — Assine-os e me avise quando estiverem prontos. Vou colocá-los com a correspondência de saída.

— Chris faz isso.

— Tudo bem — ela disse, muito agradavelmente para o meu conforto. Cassandra era tudo menos agradável.

Talvez seja por isso que nos demos tão bem.

— Mas isso significa que ele vai descer aqui e dar um sermão em você. Você realmente quer que ele pergunte por que você demitiu outra CNA?

Olhei para ela com raiva. — Deixe uma caneta na mesa.

Ela sorriu, sabendo que tinha vencido. — Ligue se precisar de alguma coisa.

— Eu não vou.

Ela deu de ombros como se não fosse grande coisa. — Fique à vontade.

A porta se fechou atrás dela e esperei até que o clique de seus saltos altos desaparecesse na distância antes de respirar novamente.

Finalmente sozinho.

Eu me aproximei da mesa da cozinha e tentei pegar o primeiro envelope. Meu fisioterapeuta tinha me repreendido esta manhã por não trabalhar minha mão esquerda, mas eu não estava com vontade de fracassar hoje.

Eu sabia o que estava enfiado nos envelopes. Rescisões de contrato de mais dois patrocinadores.

Regra número um de quase morrer: certifique-se de que alguém saiba suas senhas. É difícil cancelar seu plano de telefone se você estiver morto.

Regra número dois de quase morrer: certifique-se de que sua casa esteja limpa antes de subir os degraus para os portões perolados. Isso torna mais fácil vender sua vida.

Tentei rasgar a maldita coisa, mas não consegui abrir o envelope.

A corda estava boa. Tinha meia polegada de espessura. O papel era fino, e eu não tinha destreza para segurá-lo e rasgá-lo.

Diferentemente de Christian, que teria aberto os envelopes e disposto às páginas, Cassandra os deixou lacrados. Deliberadamente.

Consegui abrir meu canivete e cortei o envelope. O cabo frio pressionou minha palma enquanto eu deslizava o canivete para baixo e pressionava meu polegar atrás da lâmina.

O som de botas batendo contra a rampa de madeira do lado de fora me assustou. A faca se torceu na minha mão e a lâmina afiada deslizou pela ponta do meu polegar.

— Merda — eu sibilei e puxei minha mão para longe. Gotas carmesins respingaram no papel branco e no meu colo, manchando minha calça de moletom.

Simplesmente porra. Rapidamente pressionei meu polegar na minha camisa para estancar o sangramento.

A maçaneta da porta clicou e a porta rangeu ao abrir.

Christian parou no meio do caminho ao me ver antes de correr em pânico. — O que diabos aconteceu com você? Cass acabou de sair.

— Acidente — eu murmurei. — Por que você está aqui?

— Só para ver como você está — ele disse. Ele pegou a faca, limpou-a, fechou-a e virou-se para o meu quarto. — Fique quieto. Vou pegar uma muda de roupa para você.

— Não quero.

Christian parou com as mãos apoiadas no batente da porta do quarto. — Temos que conversar sobre isso.

— Você não tem um rancho para administrar? — eu disse enquanto cuidadosamente deslizava minha mão entre o pedaço de papel dobrado e o abria para ver o que meu antigo agente havia enviado. Marty teria que lidar com as manchas de sangue. — O que você fez o dia todo quando eu estava no Colorado e andando no circuito?

Houve dias em que tudo o que eu queria era montar e cavalgar pelas planícies até não conseguir ver nada nem ninguém. Eu tinha inveja de CJ, o mais novo de nós quatro. Ele conseguiu cavalgar para longe de tudo.

Eu tentei fazer isso. Tentei deixar tudo para trás.

— Eu me preocupo com as pessoas o dia todo — disse Christian. — Bree, Gracie, Cass e o rancho costumavam estar no topo da lista. Agora é você.

Eu me irritei com a menção das minhas sobrinhas. Em um ponto no tempo, elas eram como minhas próprias filhas.

Quando a esposa de Christian morreu e Nate foi destacado, eu intervim para ajudar Christian com suas meninas, Bree e Gracie. Essas duas meninas eram meu mundo.

Para elas, eu era o Super-Homem.

Invencível e indestrutível.

Olhei para a mesa para que ele não visse a mágoa fervendo em meus olhos. Meu cabelo caía sobre meu rosto. Eu já estava na hora de apará-lo. A juba desgrenhada estava me fazendo parecer mais com Christian a cada dia que passava.

Ele suspirou. — Eu sei que isso é uma merda para você.

É uma merda? Ele estava brincando comigo?

Uma risada debochada escapou de mim. — Sério? Eu não sabia. Obrigado por me avisar.

— Ray...

— Vai se foder — eu disse enquanto pegava a caneta. Eu a fechei e enfiei a ponta na mesa para abri-la. Lentamente, consegui rabiscar algo que lembrava vagamente *Ray Griffith.*

As três letras do meu primeiro nome eram um rabisco desleixado e infantil... torto, deformado e inconsistente em tamanho e espaçamento, espalhando-se por toda a linha da assinatura.

Christian observou do outro lado da sala. — Por que você demitiu Maude?

Maude? Que tipo de nome era esse?

— Ela falava demais.

— Foi o que você disse sobre Brian. Você sabe... aquele que você demitiu há três dias?

— Ele falou demais e comeu um sanduíche de salada de ovo no carro. Estava 32 graus lá fora e ele deixou as janelas fechadas.

Christian beliscou a ponte do nariz. — E quanto a Mary-Beth na semana passada?

— Ela leu para mim. Em voz alta. Como se fosse hora de história da escola primária ou algo assim.

Ele suspirou. — Nós passamos por duas agências. Você limpou a lista de ambas.

— Bom. Talvez agora você pare de mandar pessoas para cá.

Christian não tinha temperamento. Não como eu, Nate e CJ. Parte de mim queria que ele ficasse puto só para ver o que aconteceria. Se eu conseguisse fazê-lo ceder, seria a parte mais divertida do meu dia.

— Eu te amo, cara, mas você tem que parar de demitir pessoas. Ou você aprende a se dar bem com qualquer um que a gente encontrar para vir aqui, ou seremos eu e a mamãe checando você a cada hora.

— Ou talvez você finalmente me escute e simplesmente me deixe em paz. — Eram apenas dez da manhã, mas eu estava farto dessa merda. Eu queria voltar para a cama.

Christian suspirou. — Nós dois sabemos que isso não é uma opção agora.

Como se eu não tivesse a mínima noção disso.

Os raios X ficaram marcados na minha mente. A equipe médica os mostrou quando acordei, incapaz de me mover. Essas imagens foram a única coisa que me forçou a aceitar a realidade do acidente.

Minha espinha quebrou quando fui arremessado para longe daquele touro e bati no chão.

Por nove meses, fiquei à mercê de quem estivesse por perto para me manter vivo. Aparentemente, Cassandra foi quem puxou os pauzinhos e me colocou em um teste clínico de LME. A estimulação elétrica epidural para minha lesão na medula espinhal teria custado milhões se eles não estivessem procurando por ratos de laboratório humanos.

Eu tinha guardado uma quantia razoável de dinheiro dos meus ganhos no circuito profissional, mas milhões a cada ano ao longo da minha vida - ou do que restava dela - não estavam nos meus planos.

Mas funcionou. Bem, funcionou melhor nos ratos de verdade. Mas, aparentemente, mendigos não podiam escolher.

Mas isso me fez passar de tetraplegia para paraplegia.

Agora, eu tinha uma haste na nuca, eletrodos na espinha e nuvens de tempestade na cabeça.

Em alguns dias, a única razão pela qual me forcei a fazer fisioterapia foi para recuperar a mobilidade da parte superior do meu corpo o suficiente para poder ficar em paz.

O rancor foi um motivador decente.

Eu sabia que Christian tinha boas intenções. Todos tinham. Os médicos disseram que eu tinha sorte de ter uma família tão solidária.

Talvez eu tivesse.

Mas isso não melhorou a situação.

— Eu posso contratar ajuda. Posso ter alguém me carregando por aí e fazendo o que eu quero como se eu fosse uma princesa do caralho. Mas isso não me devolve a vida — eu retruquei. — Então, pare de ser iludido e agir como se alguém estivesse aqui para me colocar no maldito banheiro, que tudo é sol e rosas.

O rosto de Christian estava passivo por trás da barba, mas um suspiro silencioso escapou. — A tristeza é difícil. Quando Gretchen morreu, eu...

— Só vá embora — eu rosnei, passando por ele. Ele podia sair sozinho.

CAPÍTULO TRÊS



BROOKE

— Merda! — gritei quando meu pé prendeu na calçada irregular do lado de fora da casa do Sr. Wilson, me jogando no chão. Minhas palmas bateram no cimento e meu joelho seguiu. A borda irregular do concreto mordeu minha pele e o sangue escorreu pela minha canela.

Mordi o lábio, rolei para ficar de bunda e cutuquei o corte para examinar o dano. Isso só fez sangrar mais.

O lado positivo é que pelo menos terminei com meu único cliente do dia e pude aproveitar o clima maravilhoso com um bom livro e meus pés apoiados.

Eu me sacudi e manquei até meu carro, fazendo careta por causa da dor aguda no meu joelho. Enquanto eu me acomodava no banco do motorista, um caminhão passou zunindo, fazendo meu carro tremer. Prendi a respiração, esperando que os espelhos continuassem no lugar.

Assim que me afastei do meio-fio, vi uma gota de pudim de tapioca na minha camisa. Típico. Mas não foi o suficiente para estragar meu dia.

Reduzi a velocidade até parar no próximo semáforo e tirei a camisa polo do uniforme da Caring Hands, trocando-a por uma regata de ginástica que estava no chão.

Enquanto eu lutava para sair de um top e entrar no outro, uma buzina impaciente soou atrás de mim. Acenei me desculpando e passei pelo cruzamento.

Meu telefone vibrou. Com uma mão no volante, vasculhei minha bolsa. — Alô?

— Brooke, você terminou na casa do Sr. Wilson? — A voz de Peggy ecoou.

— Sim, senhora. Acabei de sair.

— Você tem outro cliente. Vou te mandar o endereço por mensagem. Fica a meia hora de distância, então não perca tempo.

Olhei para o medidor de combustível. — Achei que o Sr. Wilson fosse meu único cliente?

— Você quer o emprego ou não? Há um bônus em dinheiro hoje, e pagamento em dobro se você durar mais de uma semana.

Dinheiro hoje? O dobro em uma semana? Vendido. Eu precisava mais do dinheiro do que de uma tarde relaxante no parque. Espero que a família e o cliente não se importem que eu não esteja com o uniforme adequado. O Sr. Wilson certamente não se importava, e Peggy não tinha olhos em todos os lugares.

Ou ela tem? Talvez seja por isso que ela estava adicionando à minha rota.

— Estou a caminho — eu disse animadamente.

Peggy riu ameaçadoramente. — Boa sorte.

Digitei o endereço no meu GPS e fiz o retorno no próximo semáforo.

Eu dirigi com as janelas abertas, cantando com o coração no rádio. Cinco curvas erradas e um pit-stop para abastecer depois, eu me vi acelerando em uma estrada de terra.

A poeira levantava sob meus pneus enquanto eu passava por um portão de madeira onde estava escrito *Rancho Griffith Brothers.*

Planícies amplas se estendiam pelo horizonte em um mar verde infinito. Peggy não estava brincando... este lugar ficava no meio do nada.

Nossa, ficou lindo.

Meus pneus derrapavam em cada curva enquanto eu navegava pelo caminho de terra, seguindo as breves instruções de Peggy sobre como encontrar a casa do cliente. Passei por uma casa pitoresca com revestimento branco e uma estrela azul na lateral, então virei à esquerda na bifurcação do caminho.

As duas casas seguintes eram quase idênticas, com varandas cobertas e paisagismo elegante. A segunda do par tinha bicicletas no quintal. Celeiros e armazéns estavam espalhados pelo terreno.

E bem no meio da estrada de terra estava uma vaca com macarrão de piscina rosa e amarelo nos chifres.

Parei e coloquei a cabeça para fora da janela. — Oi, amiga! Você pode sair do caminho, por favor? Não quero te transformar em carne moída.

Para minha surpresa, a vaca obedeceu e caminhou em direção a um dos prédios que tinha revestimento de metal corrugado.

Segui a longa estrada por mais alguns quilômetros até avistar a casa com as laterais brancas aparecendo por trás de um denso bosque de árvores.

O carro sacudiu quando os pneus saíram da terra para uma entrada recém-pavimentada. O asfalto preto brilhava nas ondas de calor da tarde. Uma rampa para cadeira de rodas novinha em folha foi acentuada com uma bandeira de jardim patriótica bem no final.

Parei ao lado de uma caminhonete coberta por uma lona, peguei minha sacola de compras do posto de gasolina e desci.

— Oi? — gritei enquanto apoiava as sacolas no quadril e bati na porta. Quando ninguém respondeu, dei uma sacudida na maçaneta para garantir. Estava trancada.

Silêncio por quilômetros. Nenhum motor. Nenhuma voz. Nenhuma buzina de carro. Nada.

As árvores farfalhavam enquanto uma brisa suave dançava pelo quintal. A casa era pitoresca. Canteiros de flores bem aparados estavam cobertos de palha escura. A casa tinha uma estrela na lateral, combinando com a da casa na frente da propriedade.

Eu realmente deveria ter andado por aí para tentar encontrar o cliente que Peggy tinha me designado, mas o sol estava bom demais. Eu me sentei no degrau da frente e absorvi tudo. Hoje era o dia perfeito para parar e sentir o cheiro das rosas.

O raspar dos cascos me fez levantar os olhos da planta no meu colo. A vaca com macarrão de piscina nos chifres passeou pela entrada e me lançou um olhar curioso.

— Oh, olá de novo. — Não pude deixar de sorrir para os macarrões de piscina. — Você é amigável? Você parece amigável. Posso te acariciar?

Como se me entendesse, a vaca se acalmou e se acomodou na frente dos degraus. Sua cabeça estava pesada contra minha perna.

— Bem, você não é a coisa mais doce? — Eu alisei minha mão em seu focinho. — Qual é seu nome, garota bonita?

Ela soltou um grunhido suave e imediatamente adormeceu ali mesmo.

— Isso resolve — eu disse enquanto coçava abaixo do seu queixo cor de cobre. — Vou esperar aqui até eles chegarem em casa.

Era uma lei comum que se um animal se deitasse em você, você seria a cama dele até que ele achasse que era hora de levantar. Eu embaralhei minhas coisas para o lado para que a cabeça dele pudesse ficar totalmente em meu colo.

Um estrondo como um trovão começou baixo na distância. O rosnado do motor ficou mais e mais próximo até que avistei o nariz do caminhão aparecendo na abertura nas árvores.

A vaca não se mexeu. A pobre coitada devia estar exausta.

Um homem corpulento com uma barba espessa se inclinou para fora da janela do motorista enquanto ele navegava pela entrada curva. Duas outras pessoas estavam na caminhonete, mas o brilho do sol as obscurecia de vista.

Cutuquei a vaca. — Ei, cara. Preciso levantar agora.

Nem abriu um olho.

A caminhonete parou a um metro e meio dos meus joelhos e a porta se abriu.

— Olá! — eu disse, acenando para o motorista.

Seu cabelo estava preso em um coque elegante, embora a maior parte estivesse escondida sob seu chapéu de cowboy. Botas marrons raspavam contra a calçada pavimentada.

— Senhora — ele disse com um aceno de cabeça.

A porta do lado do passageiro se abriu, e uma mulher saiu. Ela olhou para mim e levantou uma sobrancelha. — Quem é você?

Meu Deus, ela era gostosa. E assustadora.

— Quem? Eu? — Eu esclareci.

Ela revirou os olhos. — Não, eu quis dizer Mickey. Claro, eu quis dizer você.

Ao ouvir seu nome, a vaca 'Mickey' levantou a cabeça e olhou para a mulher.

— Vai embora — ela mandou.

— Cass — disse o cowboy como um aviso enquanto alcançava a caçamba da caminhonete e levantava uma cadeira de rodas.

Corri para pegar a sacola plástica do posto de gasolina e minha planta enquanto a vaca se levantava novamente.

— Tchau, Mickey. — Dei um tapinha em suas costas enquanto ele se afastava. — Obrigada pelos abraços.

O cowboy colocou a cadeira de rodas no chão. Seu corpo estava escondido atrás da porta traseira enquanto ele alcançava para ajudar a terceira pessoa a sair da caminhonete.

— Quem é você? — a mulher perguntou bruscamente.

Ela ignorou minha mão estendida e me lançou um olhar de gelar os ossos. — Ainda não estamos contratando.

— O-oh… — eu gaguejei antes de finalmente conseguir falar. — Não, eu fui mandada aqui pela Caring Hands Home Help.

— Então você pode ir embora. — A voz veio de trás da porta da caminhonete.

Observei curiosamente o cowboy fechar a porta.

Oh meu Deus.

O cara na cadeira de rodas era gostoso. Gostoso de molhar a calcinha. Gostoso, tipo, derreter minhas roupas com um olhar.

Olhei para baixo para ter certeza de que minha blusa não tinha queimado espontaneamente.

Tatuagens cobriam cada centímetro de seus braços, e eu vislumbrei tinta aparecendo na gola de sua camisa enquanto a arte se estendia até seu pescoço. Seu maxilar era afiado como uma ponta de flecha e coberto de barba escura. Ele tinha maçãs do rosto pelas quais modelos matariam. Olhos castanhos me perfuravam. Seu cabelo estava desgrenhado de um jeito que gritava: — Olá, senhor, ela também me chama de papai. — Seu nariz estava adoravelmente torto, como se tivesse sido quebrado e recolocado. Isso lhe dava uma vantagem que fez meu coração palpitar.

Espere. Ele era o cliente?

Oh, não, não, não. Eu ajudava idosos. Idosos realmente feios, com um pé na cova. Eu pegava suas receitas, cozinhava suas refeições e fazia companhia para que

seus entes queridos pudessem ter uma folga. A maioria deles achava que eu era sua neta. Eu geralmente brincava junto. Era mais fácil do que corrigi-los.

Eu não trabalhava para homens gostosos que faziam meu coração disparar. Eu não conseguiria fazer esse trabalho com uma condição cardíaca. O coração disparar tinha que ser um problema, certo?

— Sejam gentis — o cowboy repreendeu. — Vocês dois.

O homem na cadeira de rodas e a mulher rosnaram ao mesmo tempo.

— Bem, Brooke da Caring Hands — disse a mulher. — Você deveria estar aqui há uma hora e meia. Ray quase perdeu sua consulta de fisioterapia porque você se atrasou. Isso vai se tornar um padrão regular de comportamento para você?

— Eu me perdi, e então tive que parar para abastecer. — Olhei para a planta na minha mão. — E tinha uma senhora no posto de gasolina vendendo essas plantas em uma mesa do lado de fora. Todas pareciam estar morrendo por causa do calor, então comprei uma para salvá-la. É uma planta resgatada... sabe, como um cachorrinho resgatado, mas um...

Ela levantou a mão. — Já chega.

O sujeito na cadeira de rodas pareceu um pouco divertido, mas a ameaça em seus olhos retornou rapidamente.

O cowboy suspirou. — Pelo amor de Deus. Usem suas maneiras, seus pagãos selvagens. Minhas filhas e os animais se comportam melhor do que vocês dois.

Quando ele olhou para a mulher, havia um calor em seus olhos. Havia um lado mais suave no relacionamento deles.

— Prazer em conhecê-la, Brooke — disse o cowboy. — Sou Christian Griffith. Eu administro o rancho. Se precisar de alguma coisa, é só me avisar.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Griffith. — eu disse. Algumas pessoas só disseram para estender a mão como um gesto educado, mas eu acreditei quando ele disse isso.

Mudei meu peso de posição, desconfortável, em meus chinelos. Devo pedir para entrar? O sol estava queimando meus ombros.

Christian cutucou o homem na cadeira de rodas.

Ele resmungou algo para Christian antes de bufar para mim. — Eu sou Ray.

Eu engasguei. — Meu Deus! Seu nome é Ray? Como um raio de sol? Eu amo isso!

Eu levantei a planta para ele ver. — Eu trouxe isso para você! Eu posso ajudar você a dar um nome a ela se quiser. Todas as plantas precisam de nomes, sabia? Eu ainda estou tentando descobrir a personalidade dela, mas 'Betty' parece uma boa opção. A moça do posto de gasolina disse que ela florescerá quando você conhecer o amor da sua vida. Não é divertido?

O olhar de Ray caiu para o meu joelho. — Você está sangrando. — Sua voz severa fez minha cabeça girar e meu coração palpitar.

Era normal sentir que ia desmaiar ao falar com um homem?

— Ah, isso? — Eu ri neuroticamente. — Eu tropecei. — Eu tentei acenar casualmente, mas acidentalmente deixei a planta cair. O vaso de terracota se espatifou no cascalho. As folhas já murchas chiaram no cascalho.

A mulher gargalhou. — Vai ser divertido assistir. Espero sinceramente que dure mais do que a última. Poderíamos usar um pouco de entretenimento por aqui.

Ray permaneceu em silêncio. O desdém em seus olhos dizia tudo.

Isso era bom. Eu gostava de um desafio.

CAPÍTULO QUATRO



RAY

Dois dias se passaram desde que Brooke apareceu na minha porta com os joelhos ralados e um sorriso estampado no rosto. E nos últimos dois dias, ela não parou de falar.

Não importa quantas vezes eu disse para ela calar a boca, ela simplesmente... não quis.

Mickey, a vaca de estimação acidental da minha sobrinha, tinha se estabelecido permanentemente no meu deck traseiro. Aparentemente, ele estava apaixonado pela garota.

Felizmente, eu tive algumas horas de paz hoje. Foi uma daquelas raras manhãs em que não precisei ir à cidade para fisioterapia. A balbuciante Brooke não estava programada para retornar até a tarde. Como eu não tinha demitido ninguém nas últimas quarenta e oito horas, meus irmãos e pais me deixaram em paz.

Voltando para a cozinha, guardei o regador vazio embaixo da pia. Minhas costas estavam me dando um inferno hoje... não é uma ocorrência incomum, mas certamente irritante.

Meu telefone vibrou no meu colo.

CJ: Você está bem?

Não me incomodei em responder. CJ, meu irmão mais novo, sabia que eu ligaria se precisasse de alguma coisa.

Não que ele pudesse me ajudar de qualquer forma. Ele provavelmente estava tão longe das pessoas quanto humanamente possível. Não me passou despercebido que ele estava movendo o rebanho de gado cada vez mais para longe da parte civilizada da propriedade, e isso não tinha nada a ver com a construção do alojamento e do restaurante.

A porta de correr estava aberta hoje, deixando uma brisa passar pela tela. Se eu fosse honesto, queria sair e dirigir pela propriedade.

Pela primeira vez, a fazenda estava movimentada do nascer ao pôr do sol, e não era por causa do gado.

Eu vinha insistindo com meu pai há anos para diversificar os interesses financeiros do rancho. Finalmente, ele ouviu.

Cassandra foi trazida. Ela se apaixonou pelo meu irmão, Christian, e o projeto de revitalização do rancho nasceu.

Ela estava atolada, coordenando o programa equino em desenvolvimento enquanto a estrutura do restaurante e do alojamento estava sendo montada. No final, valeria a pena.

Colocar todos os ovos na mesma cesta foi tolice. Todo mundo precisava de um plano B. Acontece que eu era o pote chamando a chaleira de preta.

Eu me mexi para tentar aliviar a dor que irradiava pelo meu nervo ciático. Isso fez meu joelho latejar. Isso era novidade.

Eu estava sentindo sensações musculares estranhas por algumas semanas. Meu fisioterapeuta sabia, mas mantivemos isso entre nós dois.

Afastei-me do balcão da cozinha e tranquei minha cadeira de rodas. Cuidadosamente, segurei a parte de trás do meu joelho e levantei meu pé do apoio para os pés. Fechei os olhos, apoiei-me no braço descansado, então fiz o que o fisioterapeuta disse e me concentrei nos músculos que eu lembrava.

Senti a lembrança da tensão puxando do meu quadril para o meu joelho e para o meu tornozelo enquanto eu deslizava meu pé uma polegada. Mover minha perna foi uma experiência fora do corpo.

Minhas habilidades motoras brutas da parte superior do corpo retornaram mais facilmente do que minhas habilidades motoras inferiores. Era frustrante ter que passar meu tempo na fisioterapia aprendendo a usar um lápis ou meu telefone.

Graças a Deus pelas notas de voz e voz para texto. Não que eu fosse o único a alcançar as pessoas. Eu o usava para respostas breves e emojis de dedo médio.

Olhei para o relógio enquanto enfiava as mãos sob o joelho e lentamente levantava o pé de volta para o apoio de metal. Eram quase duas da tarde.

Brooke deveria estar aqui à uma da tarde.

Hoje era seu primeiro dia sem supervisão.

No dia em que ela apareceu na minha garagem com uma porra de planta do amor, Chris e Cassandra estavam lá para agir como um amortecedor. Minha mãe foi quem apareceu ontem para garantir que eu não a demitisse.

O relógio avançava, mas a entrada da garagem estava vazia.

Eu geralmente ficava irritado quando alguém estava na minha casa, então por que eu ficava irritado quando ela estava atrasada?

Dez minutos depois, um motor barulhento ker-punked parando na entrada da garagem. Mickey se animou de seu cochilo no deck traseiro e saiu para frente ao som do carro de Brooke.

A tensão no meu peito diminuiu e voltou imediatamente ao ouvir o estalar dos seus chinelos.

Ela não tinha sapatos de verdade? O som de estalo-estalo enquanto ela pisava forte em direção à porta era irritante.

— Olá! — Brooke cantou enquanto entrava.

Não me incomodei em trocar as fechaduras ou tentar mantê-la fora. As fechaduras estavam ficando caras.

Ela chutou a porta fechando-a com um pé de chinelo. Seus dedos estavam pintados de roxo brilhante hoje. Ela tinha duas xícaras nas mãos, uma bolsa no ombro e três sacolas de compras penduradas na dobra do cotovelo.

— Está tão bonito lá fora hoje — ela disse. — Eu simplesmente amo dirigir até aqui. Como está indo seu dia? Você já almoçou? Havia um food truck de tacos no meu caminho, então espero que você goste de barbacoa[2].

Eu gostava de barbacoa. Mas com café?

Ela tomou um gole de um canudo que estava enfiado em uma mistura congelada de chantilly e granulado enquanto caminhava para a cozinha. — Ainda não descobri sua aura de café, então peguei um café gelado, preto. Achei que começaríamos por aí.

Por que ela me trouxe café?

Brooke soltou um suspiro. — De qualquer forma. Chega de falar de mim. Como está indo seu dia?

Cabelo castanho cacheado estava grudado em sua testa e pescoço. Sua pele bronzeada estava rosada pelo calor e coberta por um brilho de suor. Ela estava com outro par de shorts jeans minúsculos e uma regata larga e baixa o suficiente para que eu pudesse ver suas costelas e sutiã.

— Tudo bem — murmurei.

Brooke não me deu atenção. Porque, claro, ela não dava. Tornados não se importam com quem incomodam.

Ela largou as bebidas e as sacolas no balcão. — Peguei suas receitas no caminho para cá, e as compras que sua mãe me mandou mensagem. Dê-me só um segundo para guardá-las, e então podemos sair.

Eu não queria sair.

Brooke era estranha. Ela não era enfermeira. Não era auxiliar de enfermagem. Ela era uma faz-tudo glorificada que conseguia tirar a tinta das paredes falando.

— Taco? — Ela me entregou um pedaço embrulhado em papel alumínio.

Eu apenas olhei feio.

---

[2]Prato típico mexicano, feito a base de carne de cordeiro ou boi que é cozida lentamente até ficar macia e saborosa.

— Você quer num prato? Nós poderíamos ir lá fora e comer no deck. Eu amo o calor. O Mickey está aí? — Ela puxou uma caixa vermelha de uma das sacolas de compras. — Eu achei guloseimas para vacas! Quero ver se ele gosta.

Essa mulher do caralho e sua excitação por guloseimas pra vaca…

Quando não respondi, ela colocou meu taco no balcão e pegou o dela. — Fique à vontade. Estarei lá fora se quiser se juntar a mim.

Fiquei olhando para a bunda dela enquanto ela saía da cozinha, abria a tela deslizante e gritava quando viu o Mickey.

Ótimo. Agora eu também estava com dor de cabeça.

Abri a gaveta de remédios e encontrei o frasco de ibuprofeno. Frascos de remédios eram idiotas. Não conseguia segurar bem a tampa de segurança para abri-lo.

Tentei de novo, pressionando a tampa contra a palma da minha mão esquerda. Eu tinha mais força de preensão na minha direita, mas ainda não era eficaz. Eu não conseguia abrir a porcaria da coisa.

A raiva surgiu em mim, e eu joguei o frasco de comprimidos do outro lado da cozinha. Merda inútil.

Brooke enfiou a cabeça para dentro. — Você está bem? — Ela viu o frasco de comprimidos e entrou. — Ugh. Eu odeio esses. Eles realmente deveriam fazer alguns com tampas de segurança e outros sem elas.

Cerrei o maxilar enquanto ela se ajoelhava, pegava o frasco e o abria.

— Quantos você quer? — Os olhos dela encontraram os meus. Eles me lembravam de flores de bluebonnets e um céu de verão sem fim.

Pisquei para afastar o estupor momentâneo. — Estou bem. Ele simplesmente caiu.

Brooke riu. — Eu entendo. Eu sou tão desajeitada. Esta manhã, esqueci de pegar o carregador do meu telefone e tropecei nas escadas no caminho para pegá-lo. Vou deixar três pílulas aqui, só por precaução.

Observei enquanto ela os contava na palma da mão e depois os deixava em uma pequena pilha na beirada do balcão.

— É só gritar se precisar de alguma coisa. — Ela pulou de volta para o deck e apoiou os pés em uma cadeira, conversando com Mickey enquanto comia.

Quando tive certeza de que ela estava conversando profundamente com a vaca, peguei os comprimidos da borda do balcão e coloquei-os na palma da mão, depois os joguei de volta.

Enrolei as duas mãos em volta do copo de plástico com café gelado. A condensação que se formava na lateral o deixava escorregadio, mas fui devagar e engoli os analgésicos com um gole do canudo.

O café preto era horrível.

Peguei o taco para espantar o gosto de grãos de café queimados. Droga. Cheirava bem.

Fiquei meio tentado a me juntar a ela no convés, só para poder olhar para aquelas pernas bronzeadas. Droga.

Meu pau se contraiu. Isso foi inconveniente, especialmente porque eu estava de shorts de ginástica.

Aquelas pernas caíram do poleiro, e Brooke entrou. — Ah, que bom! Eu estava preocupada que eu tivesse chegado tarde demais e você não estaria com fome! O que você acha?

Foda-me. Eu precisava que meu pau se acalmasse. Deixei minha mão e o taco caírem na minha virilha para esconder a tenda crescente em meu short.

Sua bunda apareceu na parte inferior do short enquanto ela jogava o papel amassado no lixo e se abaixava para amarrar o saco de lixo.

A maioria das pessoas que foram enviadas para cá usavam uniformes. Não havia a mínima chance de elas usarem shorts jeans quase imperceptíveis e uma regata que mostrasse seu corpinho fino.

— Você pode ir — eu rebati. Honestamente, eu deveria ter me sentado e me deixado olhar para algo bonito, mas tudo o que isso fez foi me lembrar de tudo que eu tinha perdido.

Brooke fez uma pausa. — O quê?

— Saia.

Ela riu. — Acabei de chegar.

Cerrei meu punho e o pressionei contra o braço da minha cadeira. — Vai.

Os olhos dela caíram para o meu short, e ela franziu a testa. — Você quer que eu pegue um prato para você? Eu realmente não me importo em ajudar. É por isso que estou aqui. Eu só não queria te incomodar.

Ela já estava na ponta dos pés, mexendo no meu armário.

— Eu não quero um prato! — Eu rugi. — Eu quero você fora da minha casa!

Brooke congelou em choque. Seus olhos se arregalaram e se encheram de lágrimas, ficando de um azul vítreo como o lago lá fora.

— E-eu sinto muito. — ela sussurrou. — Eu farei melhor. Eu...

Olhei para o chão para não ter que ver a dor no rosto dela. — Saia.

Seus pés se moveram quando acrescentei: — E não volte.

***

A casa estava escura. O luar filtrava-se pelas janelas. Era madrugada, mas eu não conseguia dormir. Eu estava deitado na cama há horas, olhando para o teto do jeito que eu costumava fazer.

Só que dessa vez, não havia tetos de pipoca para ver padrões. A culpa foi minha. Eu tinha dito aos construtores para deixarem os tetos lisos.

Agora tudo o que eu via era tinta branca.

Eu deveria ter colocado algumas dessas estrelas que brilham no escuro lá em cima. Ou talvez uma TV. Teria sido inteligente.

Mas tudo o que eu podia fazer era olhar para a escuridão e esperar o amanhecer.

CAPÍTULO CINCO



BROOKE

Meu estômago embrulhou enquanto eu dirigia sob o portão de madeira do Rancho Griffith Brothers. A mãe de Ray, Claire, estava na varanda quando passei. Ela sorriu de orelha a orelha e acenou.

Dobrei a curva e passei pelas outras duas casas: a de Christian e Cassandra, e a de Nate e Becks... a dos dois irmãos de Ray e suas famílias.

Eu ainda não tinha conhecido seu irmão mais novo, e parte de mim se perguntava se eu algum dia o faria. Talvez eu o conhecesse quando me tirassem da terra por invasão de propriedade.

O prédio de metal atarracado que abrigava o escritório do rancho surgiu à vista, e avistei Cassandra entrando. Ela olhou por cima do ombro e observou com um olhar inquietante enquanto eu passava.

Continuei dirigindo, absorvendo o último resquício de paz enquanto o bosque de árvores de Ray aparecia à distância. A caminhonete estava sob sua lona de sempre, e as persianas estavam fechadas como sempre. Tudo era familiar, exceto pelas duas adolescentes batendo na porta da frente.

Elas se viraram e me encararam quando entrei na garagem.

— Quem é você? — a mais nova perguntou quando saí e fechei a porta.

— Brooke, quem é você?

— Gracie — ela disse.

A mais velha bateu novamente, mas não houve resposta.

— Ray não está em casa? — perguntei. Ele deveria estar, de acordo com seu calendário digital.

A mais velha deu de ombros com indiferença adolescente. — Não sei. Ele não nos deixa vê-lo. — Seu suspiro desanimado partiu meu coração.

— A qual adulto você pertence? — perguntei.

— Christian é nosso pai — disse a mais velha.

— E Cassandra é nossa futura madrasta má — acrescentou a mais nova.

Eu ri. — Então Ray é seu tio?

A mais nova assentiu. — Eu sou Gracie. E esta é minha irmã, Bree.

Eu sorri fracamente. — Bem, é um prazer conhecê-las.

— O que você está fazendo aqui? — Bree perguntou. Se eu tivesse que chutar, ela tinha por volta de quatorze ou quinze anos.

Verifiquei a hora no meu telefone. — Estou aqui para sair com seu tio.

As sobrancelhas de Gracie se ergueram. — Você vai perguntar a ele se podemos sair com ele também? Talvez ele diga sim para você.

— Eu vou perguntar.

— Obrigada! — Gracie lançou seus braços ao meu redor em um abraço apertado.

As meninas correram pela rampa e passara pelas árvores. Elas tinham quase desaparecido entre as folhagens quando vi as persianas rachando.

Esperei um momento, então bati. Quando ele não respondeu, tentei a maçaneta. Para minha surpresa, estava destrancada.

As luzes estavam apagadas, mas a luz do sol entrava pela janela perto da porta. Ray estava na poltrona hoje, com a TV ligada, mas sem som.

— O que você está fazendo aqui? — ele sibilou.

Engoli meu orgulho e fechei a porta atrás de mim. — Estou aqui para trabalhar.

— Eu disse para você não voltar.

— Eu sei.

Ele levantou uma sobrancelha. — E ainda assim você está na minha casa.

— Eu realmente preciso desse emprego — eu resmunguei.

Ray permaneceu em silêncio.

— Olha, acho que começamos com o pé errado. Talvez a gente só precise sentar, conversar e nos conhecermos para que eu saiba o que você quer de mim.

Ainda nada.

— Não posso ser demitida — admiti. — Se eu perder outro cliente, eles não vão me dar mais. E já estou atrasada nas minhas contas, e eu só... — Endireitei os ombros. — Juro que vou me esforçar mais.

Ele me estudou de longe, o maxilar flexionando enquanto trabalhava meu apelo em sua mente. — Você pode começar chegando na hora, pelo menos uma vez.

Eu assenti enquanto me apressava para dentro e deixava minhas sacolas no chão. — Vou tentar. Geralmente tenho uma parada antes de você e às vezes é difícil escapar e eu...

— Pare de falar — ele interrompeu.

Eu congelei no local. — Sim, senhor.

— Não me chame assim, porra.

— Sr. Griffith?

Ele fechou os olhos e bufou. — Ray está bem.

— Suas sobrinhas estavam aqui.

— Eu sei — ele retrucou.

— Você… quer que eu vá procurá-las e deixá-las entrar?

— Não.

— Ok… — Eu suspirei. *Trabalhe comigo aqui, cara.*

Ray lançou os olhos para o deck. — Vamos sentar lá fora.

Corri para ajudá-lo a sair da poltrona, mas meu pé prendeu na alça da minha bolsa. Eu gritei enquanto caía para frente e batia no chão.

Ray bufou. — Jesus Cristo.

Levantei-me rapidamente, soltei meu pé da tira de tecido e corri até lá.

Ray sentou-se e eu puxei sua cadeira de rodas.

— Não me toque, porra — ele retrucou enquanto eu o alcançava. A raiva em sua voz era palpável.

Eu dei um pulo para trás.

— Vá esperar lá fora.

— Mas eu deveria...

— Você vai esperar lá fora ou vai ser demitida?

Eu deslizei para fora com o rabo entre as pernas e esperei. O sol estava alto no céu, e não havia uma nuvem sequer à vista. O deck dele tinha uma vista de tirar o fôlego, mas a curiosidade levou a melhor.

Pela porta deslizante aberta, observei Ray se inclinar para frente na poltrona reclinável. Ele virou o peito para o lado e lentamente se arrastou para trás em sua cadeira de rodas. Ele levantou as pernas para os apoios de pés antes de destravar o freio e se empurrar para fora para me encontrar.

— Vamos deixar uma coisa clara — Ray disse enquanto rolava até a beirada do deck, olhando para o horizonte. — Eu não quero você aqui.

— Ok. — Engoli minha mágoa e constrangimento. — Prometo que vou ficar fora do seu caminho. Posso limpar e fazer o que você quiser. Eu só… não posso ser demitida de novo.

— Você pode me levar até a cidade — ele disse.

— Sim. Claro. Eu adoraria. Eu realmente quero ajudar de qualquer forma que eu puder.

Ele me encarou por um longo momento. — Você não deveria estar usando um uniforme ou algo assim?

Eu ri e olhei para o meu short e blusa. — Sim. Mas o Sr. Wilson - o homem que eu checo de manhã - nem sempre sabe quem eu sou, e ele fica bravo e joga coisas em mim. Esta manhã era polenta. Imaginei que você não iria querer que eu ficasse coberta com isso. Fica crocante depois de um tempo. Então eu troquei no meu carro.

Algo passou pelo seu rosto, mas ele não disse uma palavra.

— Você... quer que eu...

— Está tudo bem — ele resmungou.

Olhei para minhas mãos, desejando poder derreter no chão.

Ray não parava de me encarar. Era enervante. Havia tanta coisa que eu não sabia sobre ele. Mas em vez de sentar na presença de um estranho, eu estava na presença de um leão que não comia há dias.

— Por que você não pode ser demitida? — ele perguntou.

Eu levantei meu queixo. — Por que você não me quer aqui?

— Você primeiro.

— Viver é caro — eu disse.

Isso o fez abrir um sorriso, mas ele desapareceu rapidamente. — Vá procurar outro emprego.

Eu bufei. — Fui demitida de todos os empregos que já tive. Não tenho família e já estou atrasada com as coisas do jeito que estão. Só preciso segurar isso um pouco mais até que eu possa resolver as coisas.

— Resolver o quê?

Dei de ombros. — Não sei. O que estou fazendo com a minha vida?

— Quanto é um pouco mais longe? — Ray hesitou. Ele estava negociando, e eu estava mais do que disposta a jogar bola.

— Dois anos.

Ele zombou.

— Estou falando sério. Só preciso manter um emprego estável até completar vinte e cinco anos, e então terei acesso ao meu fundo fiduciário.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou um pedaço de corda. Eu o observei enquanto ele começou a dar nós, repetidamente. — Então, você vai esperar dois anos para descobrir o que vai fazer da sua vida?

— E você?

Ele não levantou os olhos da corda enquanto tentava passar a cauda pelo laço com a mão esquerda, mas não conseguiu. — E eu?

— O que você faz?

Ray não respondeu.

— Você vai me contar alguma coisa sobre você? Tudo bem se você não quiser. Eu vou apenas inventar historinhas na minha cabeça e especular loucamente enquanto limpo sua casa e faço suas tarefas.

A cabeça de Ray virou-se rapidamente para mim. — Não confunda. Eu só quero que minha família me deixe em paz. Eu não quero você aqui.

Não pude evitar a forma como meu lábio tremeu. — Você deixou isso bem claro.

Seu olhar exigente se levantou da corda. Ray me encarou por um momento antes de lamber os lábios. — Eu era um peão de touros.

— Sério? Isso é tão legal!

Ele deixou escapar uma risada debochada. — Está tudo bem para você?

— Bem, sim. As pessoas são legais. Eu gosto de conhecer quem o universo acha adequado para me colocar perto.

— As pessoas são péssimas.

— Então… — Eu encarei as tábuas de madeira do deck. — Você vai me deixar ficar?

Ele usou a mão esquerda para deslizar a ponta da corda por um laço e puxou-a com força. — Qual é seu plano B se eu te demitir?

Eu ri. — Fiquei sem planos B, tipo, dez planos B atrás.

Parecia que a tensão entre nós começou a diminuir. Talvez não fôssemos amigos, mas poderíamos coexistir.

— Qual era seu plano B? — perguntei. — Sabe, depois de montar em touros. Não consigo imaginar que isso seja algo que você possa fazer para sempre.

Ray continuou a brincar com a corda, sem nem se dar ao trabalho de olhar para mim. — Eu nunca tive um.



— Jesus Cristo. — Ray gritou enquanto empurrava sua cadeira de rodas pela cozinha e abria a porta da frente. — Que diabos você está fazendo?

Três dias depois da nossa trégua, ele ainda gritava comigo.

Regra número um para tentar não ser demitida: não irrite o peão mal-humorado.

Regra número dois? Quando você for demitida, mantenha o queixo erguido. O peão de touros mal-humorado era gostoso.

— Está tudo bem! — eu disse enquanto pegava um pano de prato e afastava a fumaça da panela.

Ray tossiu na névoa. — Você é um desastre do caralho. Sabia disso?

Deixei cair o pano e abri a janela acima da pia para deixar a brisa entrar.

— Pronto — eu disse enquanto dava um passo para trás e limpava as mãos no short. — A fumaça vai sair rapidinho. Não há mal, não há falta.

Algo estalou atrás de mim. Eu me virei e gritei. — Oh meu Deus!

Ray xingou alto. — Você não desligou o fogão e colocou uma porra de um pano em cima dele?

— Eu esqueci! — gritei enquanto as chamas lambiam o tecido de algodão.

— Aconteceu há cinco segundos!

— Eu estava tentando tirar a fumaça!

— Jesus! O que diabos está acontecendo aqui? — Cassandra estava parada na porta com a mão apertada sobre o nariz e a boca.

Ela caminhou até lá com seus saltos altos e terninho, desligou o fogo, puxou o pano, jogou-o no chão e pisou nele até o fogo se apagar.

— Eu só estava tentando fritar um ovo — eu disse enquanto me esforçava para limpar o pano de prato carbonizado.

Ela beliscou a ponte do nariz. — Tanto faz. Você é problema do Ray.

— Nossa, obrigado — Ray resmungou.

Cassandra apontou um dedo para ele. — Você, no entanto, é meu problema.

— O que rastejou na sua bunda? — ele zombou. — Problemas no paraíso com seu irmão Griffith?

— Não — ela retrucou. — Você foi um babaca com minhas garotas outro dia. Isso significa que eu vou ser uma babaca com você. Entendeu?

Ray zombou e empurrou o volante para virar a cadeira para longe dela. — Eu não fiz porcaria nenhuma.

— Você as trancou do lado de fora.

— A porta não estava trancada.

— É? Bem, elas foram criadas para serem respeitosas, diferente de você. Agora tire a cabeça da bunda ou você vai ter que pagar caro.

Fiquei olhando, de olhos arregalados, enquanto Cassandra saía furiosa, com um tornado de cabelos loiros e perfume caro.

— Acho que estou apaixonada por ela — sussurrei.

Ele não disse uma palavra.

— Por que você não quer ver suas sobrinhas? — perguntei, jogando o cadáver de um pano de prato no lixo e usei uma toalha de papel para limpar as manchas pretas do chão.

Ainda sem resposta.

— Você é próximo delas?

Ele estremeceu. Era quase imperceptível, mas parecia muito com culpa. — Costumava ser.

— O que aconteceu?

Ray arqueou uma sobrancelha. — Você realmente acha que isso é da sua conta?

Eu ri. — Vamos lá. Precisamos nos conhecer.

— Nós não. — Ele agarrou o cabo da frigideira e jogou os restos carbonizados do ovo no lixo.

— Sou ótima em guardar segredos. Uma vez, minha colega de quarto me disse que ela trabalhou duro para se tornar gerente geral do restaurante em que ela está e nunca trocou as toalhas de papel porque ela não sabe como destrancar a máquina e colocar o novo rolo. Então, ela apenas diz para a nova equipe fazer isso e finge estar ocupada. E eu nunca contei a ninguém.

Ray levantou o queixo e bufou. — Brooke.

— O quê?

— Você acabou de me contar.

— Vamos lá — eu implorei. — Você não fala comigo quando estou aqui. Já faz dias, e eu estou ficando louca.

— Você fala o suficiente por nós dois.

— Se eu prometer parar de falar, você me dirá?

Ray olhou para mim. Eu sorri para ele. Ele não sorriu de volta.

— Por favor? — implorei.

Ray empurrou sua cadeira de rodas até a geladeira e procurou um lanche. — A mãe delas - minha cunhada - morreu quando as meninas eram pequenas. — Ele bateu a porta da geladeira, fazendo as garrafas de condimentos chacoalharem. — Eu estava morando no Colorado. Voltei para o rancho por alguns meses. Christian estava sofrendo e lidando com o rancho. Nate foi recrutado. CJ era uma criança. Então, fiquei em casa com as meninas. Eventualmente, voltei para minha vida e elas cresceram. Eu costumava surpreendê-las quando chegava à cidade. Eu as sequestrava da escola, as levava para almoçar e saíamos como costumávamos fazer. Só isso.

Meu Deus. Ele não conseguia ser gostoso e bom com crianças. Essa combinação era irresistível.

Peguei um ovo da geladeira para começar o processo de fritura novamente. Ray tinha mencionado que um sanduíche de ovo frito parecia bom, e droga, eu ia fazer um para ele.

— Você deveria convidá-las. Peça uma pizza ou algo assim. Ah! Poderíamos ter uma noite de jogos! Seria muito divertido! Elas ainda querem sair com você, mesmo que tenham crescido.

— Não quero sair com elas. — E com isso, ele saiu da cozinha.

CAPÍTULO SEIS



BROOKE

Hoje não seria um bom dia. Seria um ótimo dia. O Sr. Wilson não jogou aveia em mim hoje, então meu uniforme da empresa ainda estava imaculado. Saí da casa dele ao meio-dia em ponto e tive tempo de sobra para uma parada para um café antes de dirigir até o rancho.

O sol estava brilhando, os pássaros cantavam, o barista me deu uma bebida extra que alguém não gostou e eu tinha um dia de folga amanhã.

A vida era uma coisa incrível.

Os sinos da porta da cafeteria tilintaram quando entrei no sol de verão.

Tomei um gole do canudo e segui pela calçada até meu carro. O aroma de esmalte e removedor de unha saía da porta aberta do salão. Fazia um tempo que eu não fazia as unhas. Mas com o pagamento extra por não ter sido demitida na minha primeira semana com Ray, talvez eu pudesse esbanjar.

Minha despensa estava abastecida, meu tanque de gasolina estava cheio, minha conta telefônica estava paga e eu já tinha guardado minha parte do aluguel do mês.

Eu tinha tudo sob controle e me sentia tão bem.

— Ei, Stacey!

Eu me virei e avistei Nick descendo a calçada com as mãos nos bolsos. — Meu Deus! — murmurei com a boca cheia de expresso e sorvete. — Ei!

A corrente pendurada em sua carteira tilintou enquanto ele caminhava até mim. — O que você está fazendo aqui? Você não deveria estar trabalhando?

— Ah, eu estou! — eu disse enquanto balançava o copo de plástico que estava rapidamente sendo coberto por gotas de condensação. — Só parei para me animar um pouco antes de ir para o rancho.

Ele passou o polegar sobre o bigode fino e emagrecido. — O rancho?

— O Rancho Griffith Brothers.

— Certo… — Ele estudou os cafés na minha mão. — Olha, acho que você me deu uma dívida de serviços públicos no mês passado.

Meu coração afundou. Eu tinha sido tão cuidadosa… Paguei em dinheiro e contei cada dólar. — Sério?

Nick cruzou os braços e inclinou a cabeça para trás. — Olha, se você não puder pagar sua parte, daremos seu quarto para outra pessoa. — Ele deu de ombros. — A escolha é sua. Pague ou perca seu lugar.

— Eu juro, eu te dei a quantia certa. Eu só...

— Algum problema aqui, querida? — Uma sombra gigante me envolveu.

Virei-me e encontrei Christian Griffith parado atrás de mim. — Olá, Sr. Griffith!

Ele não olhou para mim. Em vez disso, seu olhar estava fixo em Nick. — Esse sujeito está te incomodando, Brooke?

— Quem? — Eu inclinei minha cabeça em direção a Nick. — Ele? Ah, não. Este é meu colega de quarto. Bem, um deles, pelo menos. — Eu ri. — Nós seis dividimos a casa.

O Sr. Griffith soltou um zumbido baixo que soou mais como um rosnado. Ele cruzou um braço grosso sobre o outro, apoiando-os em cima da barriga. — Você está indo em nossa direção?

— Sim, senhor — eu disse.

Nick começou a recuar. Era como se o Sr. Griffith o tivesse assustado com um olhar severo por baixo daquele chapéu de cowboy. — Vejo você de volta em casa, Stacey.

— É Brooke — gritei para ele.

Christian deu a volta para ficar na minha frente. — É seu namorado ou algo assim?

Eu ri. — Isso é engraçado.

Mas ele não sorriu. — Ele fala com você assim o tempo todo?

Dei de ombros. — Não é grande coisa. Nick é só… Nick.

Christian olhou ao redor. — Você precisa de uma carona até o rancho?

— Ah, não. Mas obrigada. Só estou me animando um pouco antes de lidar com a nuvem de tempestade humana.

Isso o fez rir. — Você está indo muito bem, querida. — Ele apertou meu braço de um jeito que me fez sentir falta do meu pai. — Eu sei que Ray está sendo difícil sobre ter ajuda, mas você ficou por aqui mais tempo do que qualquer um dos outros.

Eu trabalhei meu lábio entre os dentes. — Eu acho que Ray está bem em ter ajuda. Quer dizer, quem não gostaria de ajuda? A maioria dos meus clientes quer ajuda. São as famílias que esquecem que são capazes de pedir por ela.

Ele me encarou por um momento, então assentiu. — Estou feliz por ter encontrado você. Tenho que terminar na cidade, mas te vejo de volta no rancho.

— Até mais — eu disse enquanto acenava e ia em direção ao meu carro.

Ignorei o barulho do meu motor, aumentando o volume do rádio o máximo que pude enquanto dirigia até o rancho. A luz de verificação do motor brilhava como o sol por trás do adesivo de rosto sorridente.

O rancho era uma visão bem-vinda. Passei por dois caminhões estampados com logotipos de empresas de construção. Eu não sabia muito sobre os projetos de construção que estavam acontecendo, mas era fascinante de assistir.

Acenei para Claire e Silas, os pais de Ray, quando passei pela casa deles. A casa de Nate e Becks estava escura, mas era porque eles estavam fora do país. Diminuí a velocidade e acenei quando passei por Bree e Gracie, as sobrinhas de Ray, que corriam pela trilha de terra.

Adorei aqui. Todos eram muito simpáticos.

Com a parte desenvolvida do rancho à distância, o bosque de árvores de Ray apareceu. As folhas engoliram meu carro enquanto eu descia a entrada. De repente, era como se eu estivesse em meu próprio mundinho.

O rancho não existia fora da linha das árvores. A casa de Ray estava completamente fechada. Parte de mim se perguntou se isso era de propósito.

Pulei para fora e carreguei minhas coisas para dentro, mas Ray não estava em lugar nenhum. Eu tinha errado a programação? Eu encontrei o Sr. Griffith na cidade porque ele tinha que levar Ray para uma consulta? Onde ele estava?

— Ray?

A porta do quarto dele estava fechada. Encostei meu ouvido nela, escutando por provas de vida.

Bati de novo. — Ray, sou eu. Só para avisar que estou aqui.

Ainda nada.

— Ray?

Meu estômago revirou. E se algo estivesse errado? Onde ele estava? Para quem eu ligava? Devo ligar para alguém ou devo simplesmente ir caçar alguém no rancho?

Espere.

A porta de correr que dava para o deck estava aberta.

Coloquei a cabeça para fora e soltei um suspiro de alívio. Ray estava perto do lago, dando nós. Peguei os cafés e a sacola que trouxe e desci a rampa do deck.

A grama estava macia sob meus chinelos enquanto eu caminhava pelo quintal para encontrá-lo. — Ei, você!

Ray não levantou os olhos dos nós que estava amarrando. Eles estavam diferentes hoje. Ele não estava apenas mantendo as mãos ocupadas com uma tarefa sem sentido; ele estava criando um padrão. Sua mão esquerda parecia um pouco mais forte enquanto ele enrolava e puxava a corda lisa.

— Como foi seu dia? — perguntei enquanto me aproximava. — Precisa de alguma coisa da casa antes que eu me acomode em deixá-lo sozinho?

— Não. — ele resmungou.

— Como você conseguiu descer a cadeira de rodas pela grama? — perguntei, colocando os cafés no chão e remexendo na minha bolsa.

Ele soltou um suspiro pesado. — É praticamente o único treino que eu faço.

— É por isso que você não usa uma cadeira elétrica?

— Sim — ele murmurou.

— Alguém está tagarela hoje — observei. — Gostei.

Ele revirou os olhos enquanto desfazia todos os nós.

— Gostei do lago — eu disse, puxando o porta-copos e prendendo-o no braço da cadeira de rodas dele. — É natural ou você mandou colocar?

Ele me olhou cautelosamente. — Natural. O que você está fazendo?

Coloquei o café extra no porta-copos. — Achei esse porta-copos para viagem e imaginei que poderia funcionar para você. Agora você pode tomar café comigo e não ter que segurá-lo. Não há nada pior do que café gelado morno. É pior do que café quente em temperatura ambiente. É como beber um vômito seco.

Ele arqueou uma sobrancelha. — O que é?

— Latte gelado com caramelo. Eles me deram de graça.

Ray tomou um gole e fez uma careta.

— Não é fã?

— Não.

Troquei nossas xícaras. — Experimente a minha.

Ele olhou para mim com raiva.

— O quê? Você acha que estou tentando te envenenar ou algo assim? Estou tentando ler sua aura de café.

Uma risada cáustica escapou. — Minha o quê?

— Sua aura de café. Sabe, é como seu signo, mas muito mais importante. O tipo de café que alguém gosta diz muito sobre ele como pessoa.

Ray olhou para minha mistura de chantilly coberta com gotas de chocolate, depois para mim e depois novamente para o café.

— Por favor? — implorei. — Faça isso pelo seu simpático vizinho Sagitário.

Ray tomou um gole. Seu rosto estava completamente vazio de qualquer tipo de reação. — Tente de novo.

— Ok, mas estamos ficando mais quentes? Mais frios? Diga-me onde estamos. Preciso saber se estou chegando perto.

Ray voltou a dar nós. — Como beber um vômito seco.

Eu ri enquanto tirava meus chinelos e me esticava na grama. — Acho que estou chegando perto. Você simplesmente não quer admitir. Me dê mais uma semana e eu vou descobrir.

— É muito ousado da sua parte presumir que não vou demiti-la antes disso.

— Você gosta de mim — eu disse, fechando os olhos e aproveitando o sol.

Ray apenas resmungou.

Passamos uma hora em silêncio sociável. Ray amarrou padrão após padrão, e eu estudei as formas das nuvens no alto do céu.

— Então funcionou? — perguntei quando o sol saiu de trás das nuvens e me cegou.

— O que funcionou?

Procurei meus óculos escuros na bolsa, mas acabei pegando meu saco de Sweet Tarts. — Eu aqui. Sua família te deixou sozinha?

— Na maioria das vezes — ele disse com uma pitada de frustração. Suas mãos deviam estar ficando cansadas porque ele estava tendo problemas para dar o nó.

— Por que você faz nós o tempo todo?

— Por que você faz tantas perguntas?

— Porque eu gosto de você.

Suas sobrancelhas escuras se uniram. — Você não deveria.

— Eu faço. E não há nada que você possa fazer sobre isso.

Ele olhou para meus doces.

— Quer um? — Eu balancei o pacote. — Agora são principalmente verdes e amarelas.

— Por quê?

— Por que o quê? Por que estou lhe oferecendo um?

— Não. Por que os verdes e amarelos ficaram?

— Ah. Porque eu não gosto desses — eu disse enquanto avistava um cobiçado doce azul. Os azuis eram os melhores.

Ray estendeu a mão e lentamente desenrolou os dedos. — Verde.

Deixei cair três na palma da mão dele. Ele os jogou de volta como pílulas e mastigou os doces.

— Então, o que há com a corda?

— Eu não disse que estávamos conversando.

— Estou apenas curiosa — eu disse enquanto encontrava um rosa.

— Você quer que eu te demita?

— Eu achava que fazer perguntas no local de trabalho era incentivado.

— Não é.

— Vamos lá. Diga-me uma coisa — eu implorei. — Eu tenho sido tão bom.

Ray levantou uma sobrancelha.

Apertei as palmas das mãos. — Por favor.

Ele bufou. — Minhas habilidades motoras finas são uma merda.

— Elas parecem muito boas para mim.

— Não seja condescendente comigo, Sunnyside. Eu pensei que você fosse melhor do que isso.

— Aww! Você pensa em mim? — Eu ri. — Estou tocada.

— Não deixe sua cabeça crescer. Penso em demiti-la pelo menos três vezes por dia.

— Viu? Eu sabia que você era engraçado por trás de todo esse rosnado. Então. Amarração de corda. Era algo que você fazia com montaria em touros?

Ray olhou para mim, então riu. — Não. Alguns rodeios têm competições de laçada. Eu não fiz isso.

— Oh. Que legal. Eu só imaginei que era algo que você gostava de fazer. Sabe, já que é tudo o que você faz.

— É suposto ajudar a minha destreza. Ainda tenho problemas com as minhas mãos.

— Posso perguntar o que aconteceu?

— Você já sabe.

— Posso fazer algumas suposições considerando que você disse que era um peão de touros, e agora é apenas um eremita rabugento. Mas eu gostaria de ouvir isso de você.

— Pesquise no Google.

Meu coração afundou. Pensei que estávamos progredindo. Realmente pensei que poderia cansá-lo para que confiasse em mim, mesmo que só um pouquinho.

Ele bufou e estendeu a mão. — Me dá o pacote.

Eu cedi e ofereci o saco de doces. Ray colocou o saco no colo e pescou ao redor. Lentamente, ele pegou um amarelo. Um por um, ele tirou apenas doces amarelos e verdes e os colocou na palma da mão.

Ele devolveu o pacote e jogou um amarelo na boca.

— Acidente durante o campeonato há dezoito meses. Fui jogado do touro. Caí de cabeça. Quebrei a espinha. Tive um pulmão perfurado. Várias costelas quebradas. Hemorragia interna. Tudo.

— Meu Deus — eu sussurrei. — Isso é tão assustador.

Ele deu de ombros. — Eu estava nocauteado. Não sabia o quão ruim era até acordar três semanas depois.

— Então, você tem trabalhado para recuperar sua mobilidade?

Ele soltou uma risada irônica. — Eu me deixei ser usado como um rato de laboratório para um teste em humanos. Deu certo para os ratos, e eu não tinha mais nada a perder. Isso me ajudou a recuperar um pouco de mobilidade. Isso e fisioterapia. Eu odeio essa merda.

Descansei meu braço em cima dos meus joelhos e apoiei meu queixo na palma da mão. — Isso é incrível. Você chegou tão longe em um ano e meio.

Ele terminou o último dos doces e pegou a corda. — Certo. Já chega de conversa por hoje.

CAPÍTULO SETE



RAY

Eu não conseguia parar de pensar em Brooke, e me odiava por isso. A última vez que ela esteve aqui, ela estava com uma camiseta polo bordada horrível, mas ela ainda usava aqueles mini shorts que estavam pintados em sua bunda.

A água do chuveiro escorria pelo meu rosto enquanto eu descansava no assento encaixado contra a parede de azulejos. Tirei o cabelo dos olhos e inclinei a cabeça para trás, respirando o vapor.

Pela primeira vez, não odiei falar sobre o acidente. Só tive que me interromper antes de continuar falando sobre isso. Ela estava curiosa, mas não apaziguadora ou condescendente.

E, porra, ela estava ótima.

Grandes olhos azuis. Cachos grossos de cabelo castanho nos quais eu queria cravar minhas mãos. Lábios de cereja com uma linha no meio que os fazia parecer travesseiros. Pernas como uma gazela e uma risada que quebrava a névoa em minha mente toda vez que eu a ouvia.

Ela era, sem dúvida, péssima no trabalho. E, ainda assim, ela foi a única pessoa em um ano e meio que fez um trabalho aceitável de me tolerar.

Ela ainda falava demais, mas pelo menos não esperava uma resposta.

Enrolei minha mão em volta do meu pau e soltei um suspiro lento. Pensamentos sobre ela preencheram minha mente enquanto eu movia meu pau para cima e para baixo.

Meus movimentos eram inconsistentes, mas isso não impediu que a pressão aumentasse na minha virilha.

Caramba, ela era linda.

No outro dia, ela rolou na grama e deitou de bruços. Eu fiquei olhando para aquela bunda por uma hora. Eu gemi enquanto fantasias dela emaranhada em lençóis filtravam pela minha mente enquanto meu pau ficava cada vez mais duro.

Minha tentativa desleixada de me masturbar não importava. Em segundos, eu estava pensando em Brooke. Seu cabelo sacudiu. Sua pele corou. Seus lábios se separaram e ofegaram.

Fazia muito tempo que eu não queria uma mulher.

Já fazia mais tempo que uma mulher não me desejava.

Terminei de me lavar e fechei a água. Normalmente, eu teria usado as barras e polias para sair do chuveiro, mas o vapor - e o orgasmo - me soltaram um pouco.

Fechei os olhos e executei a gama de exercícios mentais que meu fisioterapeuta me fez fazer antes de trabalharmos minhas pernas.

Concentre-se nos músculos. Lembre-se de como era a sensação. Isole esses sentimentos e concentre-se em cada parte do movimento.

Concentrei-me no meu joelho esquerdo como se fosse um diagrama em uma aula de ciências. Imaginei dobrá-lo para plantar meu pé no chão do chuveiro. Pensei em me curvar para frente e me levantar para ficar de pé.

Eu tinha passado a maior parte das minhas horas de fisioterapia naquela semana em um suporte corporal de pé, com minhas pernas sendo trabalhadas como um bebê com gases. Eu tinha crises aleatórias de espasticidade muscular que deixavam meu fisioterapeuta esperançoso. Eu atribuí isso a uma ilusão otimista.

Mas uma parte de mim também se apegava a esses fios de ilusão.

Agarrei as barras da parede e lentamente, cautelosamente, concentrei-me em levantar meus isquiotibiais e quadríceps. Minha coxa esquerda levantou do assento de plástico do chuveiro. Apertei meus olhos ainda mais forte enquanto plantava meu pé no chão texturizado do chuveiro. Uma sensação estranha se acumulou em meu tornozelo - ou pelo menos no que eu pensava que era meu tornozelo.

Eu me levantei nas barras, levantando meu corpo apenas com os braços, mantendo a maior parte do meu peso longe das pernas.

Lentamente, segurei as barras de apoio do chuveiro, mas aliviei um pouco a tensão nos meus braços.

Puta merda. Meus joelhos doem pra caramba.

Cerrei os dentes e não ousei abrir os olhos enquanto lentamente abria minha mão esquerda e soltava uma barra.

Riachos de água escorriam pelo meu corpo. O revestimento antiderrapante no fundo do chuveiro não importava. Ele ainda estava escorregadio pra caramba, e eu não ia arriscar e cair.

Mas talvez…

Olhei através das pálpebras fechadas enquanto levantava meu pé e dava um passo.

Puta merda.

Respirei fundo novamente. Meus nós dos dedos na barra de suporte ficaram brancos enquanto eu deslocava meu peso e me concentrava no meu joelho e quadril direitos. Plantei meu pé direito no chão e com menos hesitação, coloquei meu peso sobre ele.

Meu braço estava esticado atrás de mim. Eu não conseguia dar mais um passo sem soltá-lo.

Mas eu estava de pé.

Peguei o próximo conjunto de barras de apoio e saí do chuveiro do mesmo jeito que tinha conseguido fazer todas as outras vezes.

Eu não contei à minha família sobre nenhum progresso que eu tinha feito e fiz minha equipe de fisioterapia jurar segredo.

O que aconteceria se os eletrodos nas minhas costas parassem de funcionar? O que aconteceria quando eu ficasse velho e meu corpo se desgastasse mais rápido do que a média das pessoas? O que aconteceria se meus músculos voltassem à paralisia?

Deixei o rancho aos dezoito anos para não ser um fardo. Eu estava ciente dos riscos de montar em touros, mas essa tinha sido minha passagem para fora.

Eu me sequei e me vesti usando minha cadeira de rodas, pois não queria abusar da sorte.

Eu tinha acabado de vestir meu short de ginástica quando alguém bateu na porta.

Brooke deveria estar aqui mais tarde, mas isso não soou como sua batida. O que significava que era...

— Ray? — meu irmão Nate gritou enquanto entrava.

Sim. Eu realmente precisava daquela fechadura com senha para minha porta.

Ninguém trancava suas coisas aqui, exceto eu. E o Griffith andando pela minha cozinha era a prova A do porquê.

— Você voltou — eu disse enquanto empurrava minha cadeira para a sala de estar e fazia um giro preciso em volta do canto do sofá.

Nate estava viajando com sua esposa, Becks, para o trabalho dela como correspondente de relações exteriores. Ele costumava ser o segurança dela graças ao seu tempo no exército, mas agora ele era o pai designado quando eles estavam no exterior.

— Cheguei ontem à noite — ele disse enquanto se servia da minha geladeira. — O jet lag é uma merda.

— Onde você estava dessa vez?

— Becks estava cobrindo um conflito na fronteira do Afeganistão e Paquistão. A rede a colocou em Islamabad, então eu fiquei no hotel com Charlie enquanto ela estava em campo.

Charlie era minha sobrinha de dois anos que tinha cabelos ruivos que combinavam com os da mãe.

— Tudo correu bem para Becks? — perguntei.

— Sim. Nada muito louco. — Nate tirou uma tigela embrulhada em plástico da geladeira e cutucou o topo. — Que diabos é isso?

Eu ri baixinho. — Algo que Brooke tentou cozinhar. Tem gosto de sapato.

— Certo. A auxiliar domiciliar que você ainda não demitiu. — Ele abriu o plástico e cheirou o conteúdo da tigela. — Meu Deus, isso cheira pior do que um MRE de uma semana.

— Eu avisei você.

Antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa, a porta se abriu novamente. Christian e CJ entraram.

— Vocês não têm empregos ou algo assim? — eu disse bufando enquanto rolava pelo meu telefone. Minhas páginas de mídia social estavam mais ou menos extintas.

Marty costumava postar nelas para mim... principalmente conteúdo para campanhas de anúncios que eu era obrigado a impulsionar. Mas nada havia sido postado desde a noite do meu acidente.

Mas eu não estava rolando para mim. Eu estava rolando para tentar encontrá-la.

— Estou aposentado — disse Nate.

— Qual é a sua desculpa? — perguntei a CJ. Ele era o chefe das vacas do rancho, assumindo o lugar de Christian depois que ele assumiu como capataz do nosso pai.

CJ deu de ombros. — Levei Indy para passear esta manhã. Só a coloquei para fora e peguei Anny. Vi Chris vindo para cá e vim junto.

Indy era meu cavalo, Independence. Ela era uma garota bonita, mas um contraste gritante com Anarchy, o cavalo de aparência sinistra que tolerava CJ.

— Obrigado — eu murmurei. Não era como se eu pudesse levar Indy para passear ou cuidar dela. Era uma droga. — O que você está fazendo aqui? — eu perguntei a Christian.

Ele espiou pela esquina. — Procurando por Brooke.

Revirei os olhos. — Eu ainda não a demiti, se é isso que você está perguntando.

Christian levantou seu chapéu de cowboy e passou a mão pelos cabelos longos.

Talvez eu deixasse meu cabelo crescer e parasse de me barbear também. Virasse um fora da lei.

— Não. Eu tive um encontro com ela na cidade outro dia. Ela estava com um cara.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram.

— Ela disse que ele era seu colega de quarto, mas parecia que ele estava tentando extorquir dinheiro dela. Ela não dizia nada na frente dele. Eu queria ter certeza de que ela estava bem.

Meu sangue ferveu de raiva. Por que ela não disse nada sobre isso quando apareceu para seu turno? Brooke simplesmente pulou pela casa como seu eu normal, balbuciante e ficou por ali.

— Ela deve chegar em uma hora. — eu disse enquanto olhava para o relógio. — O que significa que ela chegará em duas horas.

Christian passou a mão pela barba. — Seja legal com ela. Não sei o que está acontecendo, mas se fosse uma das minhas garotas, eu ficaria preocupado.

Eu realmente não queria que ele mencionasse as filhas. Eu me sentia uma merda toda vez que as rejeitava, mas não podia deixá-las me ver assim.

Eu não era o tio que elas lembravam, ou aquele que elas mereciam.

— Me ligue quando ela chegar — disse Christian. — Eu volto e dou uma olhada nela.

Eu não precisava que ele fosse lá e verificasse como ela estava.

Eu iria dar uma olhada nela.

Depois que meus irmãos foram embora, passei a próxima hora e meia olhando para o relógio e vasculhando os perfis de Brooke nas redes sociais para descobrir quem era esse colega de quarto.

Ela postava principalmente fotos de flores e nuvens com pequenas legendas sobre elas serem as mais bonitas que ela já tinha visto. Algumas fotos eram dela. Essas eram as mais bonitas que eu já tinha visto.

Quando ela não apareceu no horário marcado, ou no atraso que eu esperava, comecei a me preocupar.

Quase quatro horas depois, ouvi o barulho do motor do carro dela na minha garagem.

Meu estômago estava em nós. Enfiei meu telefone no porta-copos que ela tinha comprado para minha cadeira de rodas e peguei uma das cordas que eu mantinha por perto. Agir como se tudo estivesse normal era melhor do que admitir que eu estava pensando nela a cada segundo acordado.

A porta se abriu com um rangido, e Brooke entrou arrastando os pés. Esperei por sua saudação alegre de sempre, mas ela nunca aconteceu.

Sua cabeça estava abaixada quando ela fechou a porta atrás de si. Uma cascata de cachos castanhos cobria seu rosto.

Esperei, amarrando a corda em nós sem pensar enquanto ela se arrastava pela cozinha. Brooke descarregou meus refis de prescrição, organizando-os no balcão da cozinha com o resto dos frascos de comprimidos.

Ainda assim, esperei. Eu tinha enviado a ela uma lista de compras para trazer da cidade e a observei enquanto ela as descarregava na geladeira e nos armários inferiores. Minutos se passaram e ela não disse nada.

— Ei — eu disse.

Brooke guinchou e bateu a cabeça na porta aberta do armário. Ela apertou uma mão na parte de trás do crânio e pressionou a outra no peito. — Você me assustou.

Mesmo assim, ela não olhou para cima.

Algo estava errado. Brooke era um desastre, mas ela era um desastre previsível. O que quer que isso fosse, não era normal.

O cabelo dela se mexeu e eu vi a armação dos seus óculos de sol.

— Você pode ver melhor o interior se tirar isso.

Ela riu, mas não era sua risada normal e borbulhante. Algo estava definitivamente errado.

Foda-se.

Entrei na cozinha e a prendi contra os armários com minha cadeira de rodas.

— Qual é o problema?

Ela mexeu com uma caixa de macarrão. — Nada. Desculpe pelo atraso. Juro que um dia desses eu vou...

— Brooke.

Os óculos escuros dela escorregaram pelo nariz arrebitado, e foi então que eu vi.

Um hematoma escuro marcava sua bochecha. Ele brotou na pálpebra e na têmpora. Um vaso sanguíneo havia rompido em seu olho, e um corte profundo ainda estava aberto e úmido, logo acima da maçã do rosto.

Peguei os óculos dela e joguei-os no balcão. Brooke estremeceu, e uma lágrima escorreu do canto do olho.

— E-eu sinto muito. — ela sussurrou. — Fazer mercado levou mais tempo do que eu pensava, e havia trânsito, e eu

Eu estendi a mão, segurei seu queixo e limpei a lágrima com meu polegar enquanto um rosnado baixo escapou do meu peito. — Quem diabos fez isso com você?

Seus lábios de cereja tremeram, e ela balançou a cabeça. — Estou bem. Desculpe pelo atraso de novo.

— Eu não dou a mínima para o seu atraso. Quero saber o que diabos aconteceu.

Brooke engoliu em seco e quase estrangulou a caixa de macarrão em suas mãos. — Por favor. Podemos... Podemos simplesmente ignorar um ao outro hoje? — Ela fungou enquanto seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu estava realmente ansiosa por isso.

Parecia que ela não tinha dormido. Havia bolsas sob os olhos e mais dor do que os ferimentos justificavam, embora fossem horríveis.

— Não até você me contar o que diabos aconteceu.

Ela correu para terminar de guardar o resto das compras, mas eu agarrei seu pulso.

— Brooke.

— Por favor. — ela sussurrou, deslizando os óculos de sol no topo da cabeça. — Entre a farmácia e o mercado, já recebi olhares estranhos o suficiente hoje.

— Diga-me o que aconteceu — eu disse entre dentes.

Brooke caiu contra os balcões. — Foi um longo dia.

— Então sente no sofá e me diga. Eu não dou a mínima. Mas você não vai sair dessa.

Um rolo de papel higiênico do pacote que estava no armário foi o melhor que consegui fazer, já que não tinha lenços à mão.

Rolei até o sofá, coloquei o papel higiênico na mesa de canto e travei os freios da minha cadeira. — Me dê sua mão.

O sofá era mais difícil de subir do que a poltrona reclinável. Usei o braço acolchoado para segurar a maior parte do meu peso enquanto me apoiava nele com minha mão e segurava Brooke com a outra. Eu desajeitadamente me joguei na almofada e me virei até estar sentado ao lado dela.

Peguei o rolo de papel higiênico e entreguei a ela. — Fale.

— Não é o que você pensa. — ela disse com os olhos cheios de lágrimas enquanto arrancava uma folha de papel higiênico do rolo.

— Parece que você não dorme há uma semana, e que alguém usou seu rosto como saco de pancadas. Mas, por favor, corrija-me onde eu estiver errado.

Ela se curvou para frente e apoiou os cotovelos nos joelhos enquanto tentava estabilizar a respiração. — Meus colegas de quarto têm festejado muito, e tem sido muito barulhento na casa. Sempre tem muita gente entrando e saindo. É difícil dormir.

Meu sangue derreteu. Se algum filho da puta tivesse tocado nela, eu ia encontrar um jeito de rasgar o corpo dele, membro por membro. Tínhamos uma retroescavadeira e muito espaço aqui para esconder um cadáver onde ninguém jamais o encontraria.

O comentário de Christian sobre um cara tentando tirar dinheiro dela ficou gravado na minha mente.

— Eles fizeram isso com você? — Soltei um longo suspiro para tentar não perder o controle. Mal funcionou. — Juro por Deus, se um deles colocou a porra da mão em você...

— Não. — ela gritou. Brooke cuidadosamente enxugou o olho e fungou. — Sr. Wilson, o cliente que vejo antes de vir aqui… Ele é um velho muito gentil, mas...

— Não defenda ninguém se ele te agrediu.

— Ele tem demência e estava tendo um dia ruim e não sabia quem eu era. Ele me bateu e jogou um prato na minha cabeça. — As palavras dela saíram, uma em cima da outra.

— Foda-se essa merda. Você não vai voltar para lá. Ligue para seu chefe e diga para ele fazer daquele homem um problema de outra pessoa.

Brooke balançou a cabeça. Lágrimas escorriam por suas bochechas enquanto um apelo gorjeado escapava de seus lábios. — Ninguém mais o aceitará. Se eu perder outro cliente, serei demitida. E se eu for demitida, perderei meu emprego. E se eu perder meu emprego, perderei meu quarto na casa. Não posso perder meu emprego, Ray. Não posso.

Eu queria que cabeças rolassem por isso. Infelizmente, eu não era mais o único que conseguia quebrar crânios. Mas eu conhecia alguém que conseguia.

Enviei uma mensagem para Cassandra enquanto Brooke vasculhava minha cozinha, preparando algumas panquecas comestíveis e bacon para o jantar.

Ela me entregou um prato e se acomodou no sofá ao meu lado. Nenhum de nós tinha muito apetite.

— Você escolhe — eu disse enquanto lhe entregava o controle remoto da TV e conseguia pegar um pedaço de bacon com a mão esquerda.

Brooke ligou um spin-off irritante de Real Housewives, mas não parecia que ela estava prestando muita atenção. Seus olhos estavam vidrados e pesados enquanto as pessoas discutiam na tela.

Quinze minutos depois, infelizmente, eu estava interessado no drama na TV, e a cabeça de Brooke estava no meu ombro.

Cuidadosamente, passei meu braço em volta dela e inclinei meu corpo para que ela ficasse apoiada em meu peito.

Seus lábios estavam separados enquanto roncos suaves escapavam. Eu nunca tinha visto Brooke tão exausta. Inferno... ela geralmente era a Coelhinha Energizer.

Peguei uma almofada e coloquei no meu colo antes de gentilmente guiá-la para baixo para descansar. Ela se enrolou como um gato, colocando as mãos sob a bochecha e puxando os joelhos para o peito. Puxei o cobertor do encosto do sofá e o coloquei sobre seu corpo.

Afastei o cabelo dela do rosto e fechei os olhos enquanto enrolava cachos quentes em meus dedos. Seu corpo relaxou enquanto eu acariciava sua cabeça.

Brooke não acordou, e eu não dormi. Porque pela primeira vez, eu queria estar acordado.

CAPÍTULO OITO



BROOKE

Uma luz suave flutuava pela sala de estar. Tudo estava quieto. O sofá rangeu quando me apoiei no cotovelo e pisquei.

Oh não.

Oh não, não, não.

Meu estômago afundou como uma bigorna enquanto eu piscava para afastar o sono dos meus olhos e recuperei os sentidos.

Meu Deus. Adormeci na casa do Ray.

No sofá do Ray.

Em cima do Ray.

O conjunto de abdominais sob minha cabeça foi um alerta surpreendente, mas, meu Deus, ele cheirava tão bem.

Entrei em pânico e procurei em tudo até encontrar meu telefone enfiado entre as almofadas do sofá.

Eram apenas alguns minutos depois das nove da manhã, mas já passava de uma hora do horário em que eu deveria estar na casa do Sr. Wilson.

Chamadas perdidas de Peggy, do escritório principal, enchiam a tela do meu telefone.

Eu estava prestes a ser demitida.

Medo e ansiedade se acumularam em meu estômago enquanto eu me levantava do sofá.

— Brooke? — Ray ainda estava esticado no sofá. Ele estava acordado, mas sonolento. Seu cabelo estava bagunçado, caindo sobre os olhos. — Que horas são?

— Atrasada. Tenho que ir. — Pulei em meus chinelos e peguei minhas chaves, mas parei e apoiei minhas mãos na borda da mesa de centro enquanto minha cabeça girava.

Eu sibilei e embalei minha têmpora. Parecia que eu tinha sido atingida por uma marreta. Como um homem velho e frágil poderia causar tanto dano?

— Você não deveria estar dirigindo — ele disse enquanto segurava o braço do sofá e empurrava para cima até sentar. — Você pode ter uma concussão.

Por mais que eu quisesse ficar e ter uma manhã preguiçosa com ele, não tinha tempo. — Eu dirigi ontem. Vou ficar bem. Tenho que ir.

As sobrancelhas de Ray se franziram em preocupação. — Brooke...

O tom áspero de sua voz fez meu coração doer. Ele estava preocupado ou bravo?

Provavelmente bravo. Eu tinha adormecido no sofá dele... em cima dele.

Eu queria ficar, mas não podia. Na verdade, eu nem sabia se voltaria.

Eu precisava ligar de volta para Peggy e usar o resto da viagem de volta para a cidade para descobrir onde eu começaria a me candidatar a empregos.

— Sinto muito. — sussurrei enquanto saía correndo da casa.

Esperei para ligar para Peggy até que eu tivesse voltado para a estrada de serviço pavimentada. Os solavancos e buracos ao longo dos caminhos de terra do rancho tinham a tendência de fazer meu carro gritar como uma alma penada.

Senti que ia vomitar enquanto esperava ela atender.

— Caring Hands Home Help. Aqui é Peggy. Como posso ajudar?

— Peggy, é Brooke. Sinto muito. Eu... eu dormi demais e não ouvi meu telefone tocando e eu...

Ela bufou. — Estou tentando falar com você à manhã toda.

— Eu sei. Sinto muito. Estou indo para a casa do Sr. Wilson agora mesmo.

— Não se incomode — ela retrucou.

Meu coração disparou.

Eu estava tentando tanto. Eu não queria ficar tão destroçada, mas às vezes eu simplesmente ficava. Eu não podia evitar que meus colegas de quarto gostassem de trabalhar em horários noturnos e dar festas. Eu não podia evitar que meu carro não me deixasse passar de 40 quilômetros por hora. Eu não podia evitar que eu sempre chegasse atrasada no rancho porque o Sr. Wilson dificultava a fuga. Eu não podia evitar que a agência só me desse uma camisa de uniforme, então ela estava sempre suja.

Mas eu estava tentando. Eu realmente, realmente estava.

Eu só queria ser boa em alguma coisa.

— Vou ser demitida? — sussurrei.

Peggy bufou. — Conversaremos quando você chegar aqui.

Voltei para o escritório em silêncio. Não consegui nem reunir vontade de ligar o rádio para ouvir algo alegre. Era o dia perfeito para gritar ‘Great Balls of Fire’ a

plenos pulmões e pular no banco do motorista, mas não consegui me incomodar. Parecia que eu estava dirigindo para minha própria execução.

Parei no meio-fio e nem me incomodei em esperar os três minutos superficiais antes de entrar. Apenas desafivelei meu cinto de segurança, saí e subi os degraus até o escritório.

Peggy não estava em sua mesa, então me sentei na cadeira em frente à dela e esperei.

— Oh. — ela disse quando entrou apressada na frente, carregando uma pilha grossa de papéis que cheiravam como se tivessem acabado de sair da copiadora. — Você está aqui.

— Sim, senhora.

Ela se jogou na cadeira de rodinhas da escrivaninha e praticamente jogou a pilha de papéis em mim. — Assine estes.

— Vou ser demitida?

Peggy olhou para mim. — Para minha consternação, não. Você não está. Agora assine se você ainda quer ser empregada. E o que aconteceu com seu rosto?

Comecei a folheá-los. — Isso é como uma coisa de compensação trabalhista? Eu queria ligar para você quando saí da casa do Sr. Wilson ontem para contar o que aconteceu, mas...

— Deixe-me adivinhar. Você esqueceu. Você ficou ocupada. Isso escapou da sua mente. — O tom dela me fez sentir pequena. Eu queria derreter no chão.

— Eu só estava tentando chegar a tempo na casa do Sr. Griffith e tinha algumas tarefas para fazer para ele no meio tempo.

— Bem, parece que você causou uma boa impressão. A família Griffith quer você em tempo integral.

Eu congelei. — O quê?

Ela jogou uma caneta em mim. — Você quer o emprego ou não?

Comecei a rabiscar meu nome na linha pontilhada antes que ela terminasse a frase. — Sim. Hum, claro. Sim. Por favor. Sim.

Em tempo integral? Minha conta bancária ficaria tão feliz. E com Ray? Eu ficaria com ele em tempo integral? Meus ovários fizeram uma dancinha.

— Você vai morar na casa do Sr. Griffith. Sábado e domingo são seus dias de folga, então se sinta à vontade para sair se quiser. Caso contrário, você deverá estar lá para ajudar o tempo todo. Leia a cláusula de responsabilidades, o código de conduta e revise a seção da compensação.

Peggy ficou quieta enquanto eu trabalhava em cada página, assinando e datando conforme necessário. Parei quando cheguei ao detalhamento da compensação, e meus olhos saltaram.

Era mais dinheiro do que eu já tinha ganhado em toda a minha vida. Eu seria paga toda semana, e minhas despesas de vida seriam cobertas, já que eu estaria na casa dele.

Eu ainda precisaria manter meu quarto em casa, só por precaução, mas isso era...

Isso mudava o jogo.

Eu não podia me deixar pensar que o emprego duraria os dois anos inteiros que eu precisava para sobreviver. Mas talvez eu pudesse economizar o suficiente e aproveitar meu fundo fiduciário quando fizesse vinte e cinco anos.

Saí da agencia sentindo como se um peso insuportável tivesse sido tirado dos meus ombros.

As últimas ordens de marcha de Peggy foram para ir até minha casa e arrumar todas as coisas que eu queria ter quando me mudasse para a casa de Ray. Normalmente eu seria esperada na casa de Ray esta tarde, mas me deram o dia de folga para colocar meus negócios em ordem.

Não que eu tivesse muitos assuntos para resolver.

Eu tinha uma mochila que servia como mala e uma sacola de compras reutilizável que continha meus produtos de higiene. Não levaria muito tempo para fazer as malas. Eu poderia voltar para o rancho antes de escurecer.

Carros estavam enfileirados na entrada da garagem e na rua em frente à casa. Tive que estacionar a um quarteirão de distância e subir a pé a calçada rachada cheia de ervas daninhas crescidas. Latas de cerveja e garrafas de bebida estavam espalhadas pelo gramado.

Não me incomodei em tirar minha chave. A porta estava aberta. Havia corpos espalhados pela sala de estar. O lugar todo fedia a comida velha fermentando no balcão, maconha e álcool. Um saco de lixo estava amarrado na maçaneta da porta porque a lata de lixo estava transbordando. Parecia que eles tentaram usá-la como cesta de basquete, mas nenhum lixo realmente entrou no saco.

— Staceeeee. — Nick levantou a cabeça do tapete manchado no meio do chão da sala de estar. Ele mal conseguia ser coerente. — O que foi? Você perdeu uma festa e tanto ontem à noite. — Seus olhos não conseguiam focar em um ponto em particular.

Eu dei a volta no sortimento de corpos em vários estados de despir e fui direto para as escadas. — Parece que sim.

— Aonde você vai? — ele gritou.

— Para fazer as malas! — gritei.

— Malas? — ele murmurou enquanto subia as escadas pesadamente. — Malas para quê?

Não dei atenção a ele enquanto ele se afundava na minha porta enquanto eu enfiava roupas na mochila. — Um cliente me quer em tempo integral. Estarei lá durante a semana e voltarei aqui nos fins de semana.

— Você não mora mais aqui?

— Eu ainda vou morar aqui. Só não vou dormir aqui toda noite.

— Certo. Você vai estar...

— No Griffith Brothers Ranch. — Soltei um suspiro orgulhoso. — É exatamente isso que eu estava esperando.

Nick apontou para o calendário que eu tinha pregado na parede. Eu não tinha riscado hoje desde que estive na casa do Ray esta manhã.

— O que é isso?

— O quê? Meu calendário? Oh, estou só contando os dias até fazer vinte e cinco.

— Por quê?

— Porque então terei acesso ao meu fundo fiduciário, e minha vida começará. Acho que posso voltar para a faculdade. Talvez eu tenha um cachorro. Definitivamente vou comprar um carro novo. Talvez um conversível, para poder dirigir com a capota abaixada. Marco todos os dias e sorrio porque estou um dia mais perto de sair daqui.

— Certo — ele disse apaticamente enquanto seus olhos se tornavam vidrados novamente. — Não se esqueça que você nos deve pelo serviço de coleta de lixo. São cinquenta pratas.

Pela aparência do interior da casa, ninguém se preocupou em levar os sacos de lixo para as lixeiras do lado de fora.

Ou colocar o lixo do chão nos sacos de lixo.

Estremeci. — Não o tenho comigo agora. Posso pagar você neste fim de semana? Não sabia que era meu mês para cobrir. Pensei que fosse do Chandler.

Nick coçou o queixo. — São $115 com a taxa de atraso.

Suspirei. — Agora eu recebo toda sexta-feira. Te entrego então.

Ele deu de ombros e desceu as escadas pesadamente. — A escolha é sua.

Enfiei o resto das minhas coisas nas malas e cambaleei até o carro com as mãos ocupadas e os travesseiros enfiados debaixo dos braços. Eu conseguia dormir em quase qualquer lugar, mas precisava ter meus próprios travesseiros.

Bem, exceto ontem à noite, quando adormeci no Ray.

Entre o pânico de sair correndo da casa de Ray esta manhã, chegar ao escritório pensando que seria demitida, conseguir um emprego melhor e arrumar minhas coisas, não me dei tempo para assimilar o que tinha acontecido.

Ontem eu dormi no Ray Griffith. E ele não me empurrou para longe.

Tirando o fato de que ele era sem dúvida o homem mais gato que eu já tinha visto e meu chefe, eu me sentia segura com ele.

Talvez eu não devesse ter feito isso. Ele claramente tinha alguma raiva que precisava resolver.

Mas eu fiz. Eu me senti segura com ele.

O rancho estava pacífico e silencioso. Em sua casa, cercada pelas árvores, parecia que éramos as únicas duas pessoas na Terra.

Seus braços pareciam tão seguros.

Eu nunca dormia bem com meus colegas de quarto acordados a qualquer hora da noite. Fazia tanto tempo que eu não tinha uma noite inteira de sono ininterrupto.

Eu ainda tinha uma dor de cabeça terrível. Meu rosto parecia como se eu tivesse perdido uma luta com um leão da montanha. Mas não achei que Ray se importasse.

Eu me senti tão estúpida por chorar na frente dele ontem, mas a sensação da mão dele no meu rosto enquanto ele enxugava minhas lágrimas ficou gravada na minha memória.

Os portões do rancho eram uma visão bem-vinda. Enquanto eu dirigia pelo caminho até a casa de Ray, era como assistir a uma migração. Cavalos, caminhões, quadriciclos e pessoas a pé indo para a casa de Claire e Silas.

Acenei para todos que passavam por mim enquanto caminhava em direção ao bosque de árvores de Ray.

A casa estava silenciosa e escura, mas eu conseguia ver o brilho da TV quando entrei.

— Ei — eu disse enquanto colocava minhas coisas para dentro.

Ray levantou os olhos da poltrona reclinável. — Ei.

— Então… — Olhei em volta. — Estou aqui em tempo integral agora…

Ele levantou o queixo.

— Posso perguntar...

Ray riu. — Perguntar se você pode perguntar já impediu você de perguntar antes?

Fiquei um pouco envergonhada por ser chamada assim, mas ele não estava errado. — Isso foi obra sua ou da sua família? Só quero saber o quanto esperam que eu ignore você.

Ray não deixou escapar um pingo de emoção, mas juro que ele estava prestes a sorrir. — Cassandra fez a ligação.

Meu coração disparou.

— Oh.

Antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, ele acrescentou: — Mas eu disse a ela para fazer isso. — Ray inclinou a cabeça para a porta ao lado do seu quarto. — O quarto de hóspedes é seu.

Assenti e entrei pela porta com todas as minhas coisas.

Era arrumado, mas claramente sem uso. Havia um armário, uma cômoda, uma mesa de cabeceira e uma cama queen size.

A cama em que eu estava dormindo lá em casa era de solteiro. Um colchão queen size seria incrível. Ele tinha sido arrumado com lindos lençóis em um azul-celeste suave. Travesseiros brancos com fronhas tufadas estavam empilhados contra a cabeceira.

Em cima da mesa de cabeceira havia um saco plástico cheio de Sweet Tarts azuis e rosas.

CAPÍTULO NOVE



RAY

Isso era um desastre. Não sei o que eu estava pensando quando pedi que Brooke morasse aqui em tempo integral.

Na verdade, eu sei exatamente o que eu estava pensando. *E com o que eu estava pensando.*

Já se passaram três dias e nenhum deles correu bem. O lado bom é que minha família mais ou menos, me deixou em paz. O lado ruim é que essa foi a primeira vez que tive que andar de veículo com Brooke.

— Por que tem um adesivo no seu painel? — perguntei enquanto afivelava meu cinto de segurança.

Brooke se jogou no banco do motorista. Seu short jeans subiu ainda mais.

Foda-se. Desviei o olhar rapidamente.

Como ela estava morando comigo e só se reportava ao chefe por telefone, ela abandonou a camisa polo feia.

Não me importei nem um pouco, mas foi um inconveniente.

— A luz de verificação do motor está acesa há algum tempo. É irritante. Então, coloquei um adesivo sobre ela.

Pressionei minha cabeça contra o encosto do assento e fechei os olhos. — Você só pode estar brincando comigo. Há quanto tempo está ligado?

— Tipo um ano ou mais. Está tudo bem.

— E você não o levou para ser examinado?

— Por que eu faria isso? — ela perguntou enquanto afivelava o cinto de segurança. — Ele ainda funciona.

Olhei para o odômetro dela, depois para o adesivo de lembrete de troca de óleo no canto do para-brisa. — Você está... — eu gemi — ...cinco mil quilômetros atrasada para uma troca de óleo.

— As trocas de óleo são caras!

— Compre um carro novo também! — gritei. Belisquei a ponte do meu nariz. — Aquele maldito touro não me matou, mas você e este carro vão.

Brooke riu. — Olha você fazendo piadas esta manhã. Alguém está de bom humor. — Ela girou a chave na ignição, mas nada aconteceu. Ela tentou novamente. O motor engasgou, então ficou em silêncio. — Às vezes isso acontece quando eu não a dirijo por alguns dias.

— Sinto muito. Ela?

— É. O nome dela é Winnie. Você deveria dar nomes aos carros.

— Você deveria dar nomes a carros bonitos.

— Winnie é um carro legal!

Lancei-lhe um olhar penetrante.

— Você e sua bunda mal-humorada e crítica podem guardar seus pensamentos para si mesmos. — Os espelhos gemeram enquanto ela os ajustava. — E se você se comportar na fisioterapia, eu trago um café para você.

— Se ao menos conseguirmos sair da garagem.

— Homem de pouca fé — ela disse enquanto girava a chave novamente e o motor ganhava vida. — Lá vamos nós!

O carro morreu antes que ela pudesse colocá-lo em movimento.

Por mais que eu não quisesse ir à fisioterapia esta manhã, eu precisava ir. Eu bufei e desafivelei. — Pegue minha cadeira lá de trás e traga-a para cá.

Brooke levantou uma sobrancelha. — O quê?

— Vamos lá, Sunnyside. Estamos em plena luz do dia e quero começar cedo minha tarde sem fazer nada.

Relutantemente, ela saiu e tirou minha cadeira de rodas do banco de trás, colocando-a ao lado da minha porta aberta.

— Puxe a lona para fora — eu disse, apontando para o outro veículo na entrada da garagem. — As chaves estão enfiadas no visor.

A curiosidade de Brooke levou a melhor. Ela puxou a lona da minha caminhonete e a amassou. — Hum. Que diabos?

— Eu não pedi comentários — resmunguei enquanto me mudava para a cadeira de rodas, me acomodava e batia a porta da pilha de sucata dela.

Eu sabia o que a surpreendeu. A caminhonete que eu não dirigia desde o acidente estava envolta em logotipos de marcas de empresas que costumavam me patrocinar.

— Puta merda! — Ela apoiou as mãos nos quadris e caminhou lentamente ao redor da caminhonete. — Isso foi tudo você?

Empurrei minha cadeira de rodas, deslizei até o lado do passageiro da caminhonete e estendi a mão para abrir a porta. — Só venha aqui.

Os chinelos de Brooke estalaram no pavimento enquanto ela corria.

— Segure a porta firme. Não deixe que ela abra — eu disse enquanto colocava uma mão no assento e a outra na maçaneta interna da porta.

Brooke apoiou seu corpo contra a porta. — Tem certeza de que não quer que eu ajude?

— Estou bem — resmunguei enquanto me erguia com os braços e parava com a bunda no assoalho. Mal conseguia alcançar a maçaneta 'oh merda' no topo do interior, mas consegui colocar meus dedos em volta dela. Respirei fundo e me forcei a subir no assento. — Só coloque a cadeira na carroceria — disse enquanto batia a porta.

Brooke sentou-se ao volante e encontrou as chaves exatamente onde meu irmão, CJ, as deixou há quase dois anos.

Honestamente, eu não sabia se a caminhonete daria partida. Era basicamente nova, mas não tinha sido dirigida desde que foi trazida de volta para o rancho depois do meu acidente.

Brooke não hesitou. Ela enfiou as chaves e o motor ronronou.

— É tão alto — ela disse enquanto ajustava os espelhos.

Eu estava ciente. Meus ombros doíam de subir no assento. Sinceramente, me senti bem esta manhã. Se Brooke não estivesse por perto, eu teria tentado me levantar. Mas não tivemos tempo.

— Vamos — eu disse.

Brooke balbuciou o caminho todo até a cidade. Ela dirigia a caminhonete como se estivesse dirigindo uma escavadeira. Nós pulamos em quase todos os meio fios e montamos nas linhas pintadas.

Não deixei o ar sair dos meus pulmões até avistar o complexo médico.

Brooke estacionou a caminhonete no fundo do estacionamento, pois estava com muito medo de tentar puxá-la entre outros veículos. Descer na cadeira de rodas foi mais fácil do que subir na caminhonete. Mas como eu era um babaca teimoso, recusei-me a deixar Brooke empurrar minha cadeira.

Aquele velho ditado da escola dominical sobre 'o orgulho vem antes da queda' era verdade pra caralho. Eu estava exausto quando cheguei ao prédio.

— Termino em uma hora — eu disse enquanto apertava o botão do elevador.

As sobrancelhas de Brooke se ergueram. — Ok.

— Te encontro no saguão.

Ela mordeu o lábio. — Tem certeza de que não quer que eu vá com você?

As portas do elevador se abriram. — Eu não sou uma criança, Brooke. Eu não preciso de uma acompanhante.

Ela assentiu. — Vejo você em uma hora.

Entrei no elevador e observei seu rosto abatido pela fresta entre as portas se fechando.

Ótimo. Agora eu me sentia uma merda.

Não era só ela, eu não deixava ninguém vir à terapia comigo. Eu não tinha muita privacidade ou paz, mas esse era um limite que eu tinha estabelecido no começo.

Eu tive que dar isso para minha equipe de fisioterapia. Talvez eles estivessem acostumados a lidar com babacas cansados, mas eles nunca se deixaram abater pelo meu rancor.

Mas eles se vingaram da minha atitude me submetendo a uma série de exercícios.

Quando a hora passou, eu estava exausto. Fazer a viagem até o fundo do estacionamento foi um pensamento terrível.

Talvez Brooke se atrasasse e eu pudesse tirar uma soneca no saguão.

Não. Ela chegou bem na hora, sentada no saguão e conversando com um estranho.

— Ei! Tudo pronto? — Brooke gorjeou enquanto pulava do banco. Ela acenou para o velho. — Foi tão bom falar com você, Robert!

O velho sorriu como se tivesse acabado de conversar com um anjo.

— Eu parei no meio-fio e convenci o cara do guincho a não levar a caminhonete embora — Brooke disse enquanto me entregava uma bebida de café coberta de chantilly. — E isso é para você.

Eu xinguei baixinho. — Só estacione da próxima vez.

— Imaginei que você estaria cansado, e não pensei em pegar a etiqueta de estacionamento da sua casa antes de sairmos. Definitivamente vou pegá-la da próxima vez para podermos estacionar perto.

Nem me incomodei em discutir. Só tomei um gole e não odiei completamente.

Na verdade, era muito bom.

Brooke parecia esperançosa. — Bem?

Tomei outro gole. — Bem, o quê?

— Como me saí com o café?

— Certo. Minha aura. — Eu enfiei o canudo na nuvem de chantilly. Estava delicioso. — Está bom. — eu resmunguei.

— Você gosta! — ela cantou. — Nossas auras combinam! Isso é ótimo. Eu sabia que nos daríamos bem.

A caminhonete parou no meio-fio. Consegui me levantar no assento novamente e me afivelei enquanto Brooke colocava minha cadeira de rodas atrás.

Senti falta de dirigir.

Eu fazia muito disso quando viajava pelo circuito de rodeio. Eu ia de estado em estado, abastecido por café de posto de gasolina e programas de rádio. Eu gostava do consolo. A cultura do rodeio errou no lado do ' trabalhe duro, divirta-se mais ainda'.

Quando eu estava ganhando, o dinheiro fluía como a bebida. As mulheres eram atraídas por isso.

O fato de eu ter participado de algumas campanhas de roupas íntimas masculinas não me atrapalhou.

Mas minha caminhonete sempre foi meu lugar para ficar sozinho com meus pensamentos.

Era meu lugar para fugir do caos e colocar minha cabeça no lugar. Esta cabine de caminhonete era minha igreja.

— Você quer almoçar ou algo assim antes de irmos para casa? — Brooke perguntou.

Ouvir Brooke chamá-la de lar, como se fosse dela, fez algo estranho no meu peito.

Sinceramente, havia um pequeno restaurante mexicano na esquina que eu estava desejando muito.

Eu não saía em público a menos que fosse necessário. Eu odiava navegar em lugares que eram acessíveis para entrar, mas um labirinto lotado quando eu passava pelas portas. Era mais incômodo do que valia a pena.

— Não.

— Tem certeza? Quero dizer, você acabou de fazer um treino. Estou sempre morrendo de fome depois de fazer exercícios. Você quer comida para viagem? Ou eu posso fazer o almoço para nós quando voltarmos para o rancho.

Pensar nela cozinhando foi o suficiente para me convencer a pedir comida para viagem.

Poucos minutos depois, tínhamos a comida embrulhada em sacos plásticos e estávamos voltando para o rancho.

Eu queria comer, tomar banho e tirar um cochilo. Nessa ordem.

Brooke trouxe minha cadeira enquanto eu me abaixava e me sentava na beirada do assoalho.

Tinha sido uma boa sessão, mas eu estava cansado pra caralho. Levantei-me e trabalhei a estabilidade das minhas articulações usando as barras paralelas, mas isso tinha me esgotado.

Nós sentamos no deck e comemos enquanto Mickey ficava aos nossos pés pegando as migalhas.

Brooke estava estranhamente quieta.

— Qual é o problema? — murmurei enquanto enfiava meus guardanapos usados de volta no saco de papel.

Os olhos de Brooke se ergueram do recipiente de alumínio com frango, arroz e queijo. — O quê?

— Você está quieta. O que há de errado?

Ela inclinou a cabeça curiosamente. — Eu fiz algo errado?

— O que você quer dizer?

— Você não queria que eu fosse com você.

— Não é você. Eu não deixo ninguém subir comigo.

Suas sobrancelhas franziram. — Por que não?

— Porque eu não preciso de ninguém.

Ela engoliu em seco. — Certo.

— Obrigado por sugerir o almoço — murmurei.

Os lábios dela se curvaram levemente, mas não foi muito. — Essa é a parte do dia em que eu deveria começar a ignorar você?

A contração no meu pau me disse que era o melhor.

Porque por mais que eu a quisesse, eu não deveria.

CAPÍTULO DEZ



BROOKE

O jato distante do chuveiro era a única coisa que impedia que a casa ficasse completamente silenciosa. Eu sabia que era um trabalho, mas estar com Ray não parecia realmente trabalho.

Ele era completamente capaz e cuidava de si mesmo. Eu tinha certeza de que muito disso vinha da pura teimosia de não querer pedir ajuda, mas ele tinha descoberto tudo sozinho.

Peguei outro doce do saco que ele havia deixado na minha mesa de cabeceira - um doce azul dessa vez - e o deixei derreter na minha língua.

Não me permiti pensar no motivo pelo qual havia uma sacola com meus doces favoritos - somente nas cores que eu gostava-me esperando quando me mudei.

Foi tão simples, mas foi a coisa mais doce que alguém fez por mim em muito tempo.

Tinha que ter sido Ray. Ele deixava Cassandra ajudá-lo às vezes, mas ela não parecia o tipo de pessoa que senta e separa cores de doces.

Ele era rabugento e mal-humorado. Mas, honestamente, eu também ficaria se as pessoas se recusassem a me ouvir o dia todo.

Havia uma tristeza aguda em seus olhos. Uma luz que tinha sido diminuída. Mas havia algo por trás dela também. Como lava fervendo sob rocha negra. Calor brilhava em suas íris toda vez que ele olhava para mim.

Mas talvez eu estivesse apenas imaginando coisas.

A água fechou e eu o ouvi remexendo. Parecia que o chuveiro dele tinha uma porta de correr.

Meu coração pulou, e eu me sentei. Ele precisava de ajuda para sair? Até os chuveiros acessíveis eram escorregadios. Eu tinha ajudado muitos clientes a entrar e sair do chuveiro. Isso nem teria me abalado.

Mas isso o incomodaria? Ray tinha me dado ordens estritas para ignorá-lo.

Esperei e escutei. Estava em silêncio.

Ok, isso provavelmente era bom. Ele estava sendo cuidadoso.

Meu coração batia forte no peito e prendi a respiração.

Um barulho alto, como o de um corpo caindo, ecoou pelas paredes.

Eu pulei da cama e corri para o quarto dele. — Ray!

— Vá embora! — ele rugiu.

Eu congelei no lugar. A cadeira de rodas dele estava no quarto, mas ele não. A porta do banheiro estava aberta e o vapor flutuava para fora.

— Meu Deus — eu sussurrei. Eu devia estar alucinando.

Ray estava... ele estava de pé.

Boxer preta cobria sua bunda, mas essa era a extensão de suas roupas. Tatuagens cobriam seus braços e peito. Os desenhos tatuados flexionavam como ondas enquanto ele se segurava no balcão do banheiro para suportar seu peso.

— Vá — ele disse entre dentes.

— Você está de pé — eu sussurrei. — Estou sonhando?

— Saia do meu quarto — ele gritou.

Saí da minha névoa e peguei sua mão. — Posso ajudar?

— Não me toque, Brooke.

Dei um passo para trás. Isso deve ter sido bom o suficiente para Ray. Observei com espanto enquanto ele dava um pequeno passo após o outro, cruzando o espaço de um metro entre a porta do banheiro e sua cama. Ele usou a penteadeira, a parede e a mesa de cabeceira como apoio, mas ele estava fazendo isso.

Coloquei as mãos em concha sobre a boca. — Ray, isso é incrível.

Cabelo, pingando água, caía em seus olhos enquanto ele mantinha a cabeça baixa, observando cada pequeno movimento de seus pés. Quando ele chegou à beirada da mesa de cabeceira e estendeu a mão para a cama, seus joelhos cederam. Ray caiu em direção à cama, mas agarrou a beirada e conseguiu se levantar em cima do colchão.

Seu peito esculpido arfava enquanto ele respirava fundo. Deve ter sido exaustivo.

— Fique de boca fechada — ele rosnou, então apontou um dedo para mim. — Você me ouviu? Se você disser uma palavra sobre isso, eu te demito. Eu fui claro?

Eu não conseguia nem falar. Ele estava furioso comigo, mas eu não me importei. — Ray, isso é incrível. Nós deveríamos comemorar! O que você precisa? Você precisa de alguma coisa? O que eu posso fazer para ajudar?

O calor que eu geralmente via em seus olhos tinha sido substituído por algo muito mais sinistro. Sua cabeça pendia para baixo. — Cai fora, porra.

Meu coração caiu. — Ray...

— Não me importa o que você faça — ele gritou. — Só saia.

Lágrimas inundaram meus olhos com o ódio em sua voz. Pensei que estávamos fazendo progresso. Realmente pensei que tínhamos começado a nos conectar.

Engasguei com o nó na garganta. — Você está bem?

Sua risada era maléfica. — Eu pareço bem? Não seja tão ingênua.

— Não direi uma palavra — sussurrei. — Só me deixe estar aqui por você.

E, como se um interruptor tivesse sido acionado, todo aquele calor, ódio e fogo em seus olhos se transformaram em cinzas.

— Não. Vá embora.

Eu cambaleei até o quarto de hóspedes e encontrei meus tênis. Eu precisava me mover. Eu ficaria louca se continuasse sentada ali, sabendo que ele estava atrás daquela porta e nem me deixaria chegar perto dele.

Deixei um bilhete no balcão da cozinha para que ele não se preocupasse - não que eu esperasse que isso acontecesse - e me certifiquei de que a porta da frente estava destrancada antes de descer correndo a rampa.

Eu me vi caminhando pela trilha de terra que levava de volta à parte desenvolvida do rancho. Embora fosse meio-dia, parecia deserto. Eu não sabia muito sobre a operação de criação de gado - Ray nunca falava sobre isso - mas imaginei que todos estavam com as vacas. Onde quer que isso fosse.

Passei por um conjunto de galpões, mas eles pareciam sem vida. Passei pelo escritório. Pela janela de cartão-postal, pude ver Cassandra digitando em um computador.

Ela me assustava, então continuei andando.

Um celeiro com paisagismo limpo e uma nova camada de tinta me chamou. Eu amava animais. Talvez uma visita guiada não fizesse mal. Eu não estaria incomodando ninguém. Eu só precisava sair de casa um pouco.

A sombra dos estábulos era um alívio bem-vindo do sol do meio-dia do Texas. O piso de concreto parecia recém-varrido, e os tapetes de borracha tinham sido lavados com mangueira. Cheirava a animais, mas não me importei. O calor do feno e da ração era reconfortante.

— Oh, olá — eu disse a um lindo cavalo castanho quando ele colocou a cabeça sobre a borda da baia. Eu alisei minha mão para cima e para baixo em seu focinho. — Você é um sujeito bonito.

— Linda — disse um homem.

Virei-me rapidamente e cruzei as mãos atrás das costas como uma criança que foi pega tentando pegar o pote de biscoitos.

A silhueta se aproximou do outro lado do celeiro. — Ela é uma garota bonita.

— Eu... eu sinto muito. Eu estava apenas...

— O que você está fazendo no meu celeiro? — Botas de cowboy batiam contra o concreto enquanto o homem pisava em um raio de sol. — Esta é uma propriedade privada, querida.

Ele tinha características semelhantes às de Ray e Christian, mas seu cabelo e olhos eram muito mais claros.

— Desculpe. Eu estava apenas dando uma volta e fiquei curiosa.

Ele me olhou de cima a baixo e fez um julgamento rápido. — Você é a garota que Ray ainda não demitiu.

Eu ri. — Bem, essa é uma maneira de dizer. — Eu estendi minha mão. — Brooke Stacey.

Ele levantou as palmas das mãos cobertas de terra. — Confie em mim, você não vai querer apertar minha mão.

Eu ri. — Isso é justo. Obrigada. Você é um dos irmãos do Ray? Você parece um deles.

Ele levantou o queixo. — Sim, senhora. Carson Griffith. A maioria das pessoas aqui me chama de CJ.

— Prazer em conhecê-lo, CJ. — Olhei em volta, ainda sentindo que ia levar uma bronca. — Desculpe por invadir seu celeiro. Só precisava tomar um ar fresco.

Ele riu. — Não é incômodo. Você deve ser especial se Ray ainda não fez você correr para as colinas.

O cavalo que eu estava acariciando mordiscou meu cabelo. Eu ri e joguei meu rabo de cavalo para longe.

— Você gosta de animais?

— Amo-os — eu disse enquanto oferecia minha palma aberta para que o cavalo me sentisse. — Eu não tive nenhum enquanto crescia, então ter uma vaca no deck do Ray é um pouco como viver em um zoológico.

CJ riu. — Aposto que sim. — Ele se aproximou, enfiou a mão no bolso e tirou uma bala de menta. — Esta é Independence, mas nós a chamamos de Indy. Ela é o cavalo do Ray.

Peguei a bala de menta que ele ofereceu e dei para Indy. Ela mordiscou gentilmente. — Todo mundo tem seu próprio cavalo?

CJ assentiu. — A maioria deles está fora agora. — Ele apontou para outro cavalo algumas baias abaixo. — Essa é Dottie. Ela é o cavalo de Bree, mas Cassandra também a monta. Christian monta Liberty, mas eles estão nos campos hoje. — Ele apontou para um cavalo preto na área cercada do lado de fora do celeiro. — Esse é meu. O resto deles não se importa com as pessoas se aproximando, mas não chegue perto de Anny.

— Anny… Abreviação de...

— Anarchy — ele disse.

E por alguma razão, isso combinou com ele.

— Tudo bem se eu ficar aqui um pouquinho? Prometo que não vou mexer em nada.

Preocupação marcava seu rosto. Não era paternal como o de Christian, mas faltava o calor do olhar de Ray. — Está tudo indo bem na casa?

— Com Ray? Claro! Está tudo ótimo! Por que não estaria?

Ugh. Eu era uma péssima mentirosa. Ray sabia exatamente onde atirar para matar, e eu senti como se estivesse sangrando depois que ele gritou comigo.

CJ riu. — Eu não acredito em você, mas tudo bem.

Fiz uma careta. — Estou tentando muito não ser demitida, e acho que nós dois precisamos de um pouco de espaço.

Indy acariciou meu ombro e eu retribuí seu amor com carícias suaves.

— Eu sei que você tem um trabalho a fazer, mas se precisar de uma mão, sempre tem alguém por perto. Certo? — Ele se virou e fez sinal para eu segui-lo. — Está vendo aquela casa lá longe?

Eu segui seu dedo enquanto estávamos no limiar dos estábulos. — Sim.

— Aquele é o alojamento. Os peões do rancho e eu moramos lá. Você provavelmente passa pela casa principal e pela casa de Christian no caminho. Mamãe sempre está na casa dela, a menos que esteja pegando minhas sobrinhas na escola. Cass geralmente está no escritório, mas ela e eu vamos cavalgar na maioria das tardes. Nate e Becks viajam muito a trabalho dela, então é uma chance de cinquenta por cento se alguém está lá ou não.

— Eu nunca percebi quantas pessoas vivem aqui.

— Está ficando maior a cada dia. A construção do restaurante e do alojamento está em andamento. — Ele olhou ao redor, inspecionando a propriedade. — A paz e o silêncio não durarão muito.

— Ray não falou muito sobre isso, mas eu vi as equipes de construção indo e vindo.

— Foi para isso que Cassandra foi trazida. Tivemos alguns anos difíceis, e o rancho quase faliu. Quando nos recuperamos, meu pai decidiu que precisávamos diversificar. Cass garantiu alguns investidores para colocar uma quantia significativa de dinheiro na construção de um hotel e um restaurante.

CJ estava tentando o máximo parecer neutro sobre tudo isso, mas eu podia sentir o desdém.

— Bem… — hesitei. — Vou tentar o meu melhor para não atrapalhar ninguém.

Os olhos dele suavizaram. — Estamos felizes que alguém esteja por perto para o Ray. Grite se precisar de alguma coisa, ok?

Eu assenti. — Obrigada.

CJ andou em direção a baia onde Anarchy estava, então parou. — Brooke?

— Sim?

— Se você conseguir que Ray venha ao jantar em família hoje à noite, eu a levarei para um passeio a cavalo.

— Jantar em família?

CJ inclinou a cabeça em direção à frente da propriedade. — Mamãe cozinha para todos duas vezes por semana. Ray não se senta à mesa desde o acidente. Ele sempre se recusa.

Soltei uma risada cáustica por acidente. — E você acha que eu consigo convencê-lo a ir?

Ele deu de ombros. — Você conseguiu chegar até aqui sem ser demitida. Ele deve achar que você é especial.

CAPÍTULO ONZE



RAY

Tentei tirar um cochilo, mas o sono nunca veio. Tentei assistir TV, mas os únicos programas que passavam eram uma porcaria. Reguei e podei aquela planta idiota no meu quarto, mas isso não acalmou a guerra na minha cabeça. Sentei-me lá fora no deck e dei nós, mas nunca entrei naquele estado de distração sem sentido.

Eu me sentia mal toda vez que pensava na expressão do rosto de Brooke quando eu gritei com ela. Ela só estava tentando ajudar, e eu tinha me irritado com ela porque 'bem' foi isso que eu fiz.

Eu machuco pessoas.

Eu era um inconveniente.

Eu era um fardo.

Hoje tinha sido um bom dia. A terapia - por mais que tenha sido uma droga - correu bem. Tomei banho e consegui sair sozinho. Em qualquer outro dia, eu estaria quase feliz. Eu estaria orgulhoso do meu progresso.

Então eu tive que foder tudo gritando com ela em vez de lidar com minhas emoções como um homem adulto. Por que eu não podia ser mais como Christian? Nada o irritava. O homem era um frasco ambulante de Xanax.

Nate tinha pavio curto, mas sabia como controlá-lo. Os militares garantiram isso.

CJ só ficava com os animais o dia todo. Eles não se importavam se ele estava de mau humor.

Eu era a criança selvagem cujo caminho terminava do jeito que todos sempre disseram que terminaria. E agora eu estava tornando isso um problema de todos os outros.

Esse pensamento me trouxe de volta a Brooke. Onde ela estava?

Ela tinha ido embora por quase três horas, e eu estava começando a ficar preocupado. O rancho era grande. Caramba, eu me perderia se fosse muito longe.

A porta da frente se abriu e ouvi o ritmo suave dos seus passos. Larguei a corda em minhas mãos e fui para a sala de estar.

Brooke congelou na pia da cozinha como se tivesse sido pega em flagrante. Suas bochechas estavam coradas de um rosa-do-sol, e o suor cobria sua pele beijada pelo sol com um brilho.

— Ei — eu resmunguei.

Ela olhou para o copo em sua mão. — Só entrei para pegar uma bebida. Está quente lá fora. Vou embora em um minuto.

Merda.

— Brooke...

— Não vou contar a ninguém — ela sussurrou. — Eu juro. — Seus dedos tremiam contra a borda da pia. Ela parecia prestes a desmaiar.

— Brooke, sente-se.

— Estou bem. Vou voltar para fora...

— Sente-se.

Ela balançou o copo na mão e ficou em silêncio.

— No sofá. — eu disse enquanto me virava e travava minha cadeira. Brooke me observou enquanto eu levantava um joelho, depois o outro e lentamente colocava pressão nos meus pés.

Não. Não ia acontecer de novo hoje. Aparentemente, eu tinha exaurido minhas extremidades inferiores naquele dia. Eu não conseguia travar meus joelhos e minhas coxas estavam gelatinosas. Suspirei e usei meus braços para subir no sofá.

Pelo menos a fisioterapia tinha terminado com uma massagem. Meus ombros estavam me matando, mas a dor estava um pouco mais controlável.

Foi só quando eu estava completamente no sofá que Brooke ousou se aproximar.

— Eu não vou morder — resmunguei enquanto afastava as almofadas do caminho.

— É, eu não acredito em você — ela disse enquanto se sentava na outra ponta do sofá.

Inclinei-me e peguei a corda em que estava trabalhando da minha cadeira de rodas para ter algo para fazer com minhas mãos. — Onde você foi?

Ela sentou-se rígida e apropriadamente como se estivesse em uma entrevista de emprego. — Lá fora.

— Eu imaginei isso. Você se queimou de sol.

Brooke apenas deixou os ombros caírem. — Não tive tempo de passar protetor solar. Fui dar uma volta.

— É por isso que você cheira como o celeiro?

— Estou com problemas? CJ disse que estava tudo bem. Eu só fiquei lá um pouco e depois fiquei observando Anny.

Anarchy era uma babaca. Mas, por algum motivo, ela e CJ se davam muito bem. Aquele cavalo não gostava de ninguém além dele.

Eu levantei uma sobrancelha. — Anny deixou você cuidar dela?

Brooke assentiu. — Eu não toquei nela nem nada.

— Provavelmente uma coisa boa. Ela morde. — Mas o fato de Anarchy ter deixado Brooke perto da cerca do paddock era surpreendente. Se aquele cavalo estivesse a uma distância de investida, ela iria morder.

Brooke cutucou os dedos. — Se for só isso, vou voltar a me esconder.

Suspirei enquanto uma dor de cabeça se formava em minhas têmporas. — Não.

Ela enrijeceu-se.

— Eu... eu preciso me desculpar.

Isso despertou sua curiosidade.

— Desculpe.

Brooke esperou. — Por quê?

— Eu só... Desculpe. Ok?

Ela balançou a cabeça. — Não é um pedido de desculpas se você não disser por que se desculpando.

Eu segurei um rosnado e esfreguei a pulsação na minha têmpora. — Sinto muito por ter sido um idiota. Não só hoje. Sinto muito pela maioria dos dias.

Ela relaxou um pouco. — Posso te fazer uma pergunta?

Eu sabia o que estava por vir. Era a pergunta inevitável que eu não queria responder. Mas ela merecia saber.

— Há quanto tempo você consegue...

— Usar minhas pernas? — Não era andar. Parecia mais tentar usar pernas de pau com os olhos vendados.

Ela assentiu.

— Algumas semanas. É imprevisível. Tenho trabalhado nisso na fisioterapia. Às vezes meu corpo decide que vai cooperar e outras vezes não consigo sair da cadeira de rodas.

Calor e pressão envolveram minha mão. Olhei para baixo e vi que Brooke estava apertando-a. — Você pode confiar em mim. Eu não vou contar.

Porque ela precisava do dinheiro. Não porque ela me queria. Eu não podia me deixar esquecer disso.

— Minha equipe de fisioterapia acha que isso é o mais longe que eu vou. Tudo depois disso é apenas manutenção. Não quero dar esperanças a todos.

Brooke inclinou a cabeça para o lado como um cachorrinho curioso. — Por que não? Esperança é uma coisa ótima.

— Porque eu podia ouvir Christian rezando quando eu estava em coma. — eu soltei. — Eu não consigo explicar, mas eu lembro de ouvi-lo. Meu irmão não é um homem de oração, mas ele continuou rezando por milagres. Não contar a eles é mais misericordioso do que dar esperanças a eles e decepcioná-los quando eu não me recuperar.

— Mas isso é um fardo tão grande — ela disse suavemente. Sua mão ainda não tinha saído da minha e era tão bom pra caralho.

— Eu deveria ter morrido, Brooke. Eu deveria ter morrido instantaneamente, mas não morri. E então eu não deveria ter acordado no hospital, mas acordei. E então eu desejei ter morrido naquela arena. Eu deveria ser tetraplégico pelo resto da minha vida, mas não sou. Minhas mãos não deveriam funcionar, mas funcionam. Eu deveria ser paraplégico, e sou. Não é um diagnóstico de tudo ou nada. Um pouco de mobilidade não muda isso. Tudo o que ganhei pode desaparecer amanhã. Não posso continuar esperando milagres. Já consegui minha parte e mais um pouco.

Seus olhos azuis eram suaves como um céu crepuscular. — Posso te dar um abraço?

Isso... não era nada do que eu esperava que ela dissesse. — Por quê?

— Porque tenho a sensação de que você não tem um há algum tempo. E se estamos guardando segredos, o que é um a mais? Além disso, eu gosto de abraçar depois de um pedido de desculpas. Isso sela o perdão.

Olhei para seu rosto otimista por um momento antes de me virar para encará-la no sofá e abrir meu braço. — Venha aqui, Sunnyside.

Brooke riu e se aproximou.

Ela não foi para um abraço lateral rápido. Não. Ela envolveu seus braços ao meu redor e descansou sua cabeça no meu peito. — Viu? Você não se sente muito melhor?

Envolvi os dois braços em volta dela e a segurei firme. — Sim. — Soltei um suspiro pesado. — É uma sensação boa. — E eu não queria soltar.



A fumaça encheu a cozinha, e o alarme de incêndio soltou um grito agudo. — Que diabos você está assassinando aqui?

Fosse o que fosse, o cheiro era horrível.

Brooke acenou com as luvas de forno na porta do forno para tentar limpar a fumaça. — Pensei em defumar um peito bovino. Mas peito bovino é supercaro. Então, comprei meio quilo de carne moída e a modelei em um peito bovino. Quer dizer, ambos vêm das vacas. Vai ser ótimo! Acho que a fumaça é um bom sinal.

Fiz uma pausa. — Espera. O quê? Defumar um peito leva pelo menos doze horas. E você não faz isso em um forno.

— Eu sei — ela disse, tossindo. — É por isso que eu aumentei o forno ao máximo para que cozinhasse mais rápido.

— Quão alto... — Eu congelei quando olhei para o forno. — Quinhentos graus?! Jesus, você vai queimar minha casa. Desligue o maldito forno. Eu nem sabia que ele ia tão alto. — Eu rolei pela cozinha e peguei a luva de forno dela. — Abra a porta da frente e pegue o ventilador de caixa no armário do corredor.

Abri a porta do forno e estremeci quando a fumaça saiu. Coloquei a mão às cegas e encontrei a assadeira. Puxei-a para fora, rolei até a pia e joguei-a lá dentro. O pequeno pedaço de carvão no meio parecia um hamster petrificado.

Brooke voltou correndo, colocou o ventilador de caixa no balcão da cozinha e ligou-o.

Olhei para o relógio. Já eram quinze para as sete. O ruim de morar no rancho era não poder pedir uma porra de pizza. Estávamos fora do raio de entrega dos poucos restaurantes da cidade.

— Temos coisas para sanduíches? — perguntei.

— Amanhã é dia de compras. Usamos o último pão para o almoço.

Eu tinha algumas refeições congeladas no micro-ondas, mas preferia comer o carvão na pia.

Hoje à noite era jantar de família na casa dos meus pais. Eu poderia mandar uma mensagem para minha mãe e ver se ela tinha separado dois pratos, e então mandar Brooke lá para pegar.

Mas eu me sentiria uma merda por isso.

— Você quer ir para a cidade? — Brooke perguntou. — Seria bem tarde e não sei quais lugares ainda estariam abertos. Poderíamos ir para Buc-ees, mas você provavelmente odeia multidões e está sempre lotado.

Eu não estava a fim de passar pelo incômodo de dirigir até a cidade. No fundo, eu sabia que poderia aparecer para o jantar em família sem avisar minha mãe. Mesmo quando eu morava no Colorado, minha mãe sempre colocava um prato para mim. Caramba, ela provavelmente estava colocando um para Brooke, já que ela ainda não tinha ido correr para as colinas.

Mas as meninas de Christian estariam lá.

A mão de Brooke na parte de trás do meu ombro me trouxe de volta ao presente. — Você está bem? Talvez eu deva abrir a porta de correr e tirar o resto da fumaça.

Eu tossi. — Sim. Vou ligar o ventilador de teto.

— O que você quer fazer para o jantar? Posso ver se tem alguma massa ou algo na despensa que eu possa preparar.

— Não — eu disse antes que ela pudesse tentar o incêndio culinário novamente.

Honestamente, eu ficaria bem com um shake de proteína e uma barra de proteína, mas Brooke também precisava de jantar. Já fazia um tempo que eu não tinha outra pessoa em quem pensar.

— Vá entrar na caminhonete.

Brooke inclinou a cabeça. — Achei que você tinha dito que não queria ir para a cidade? Eu sei cozinhar. Só preciso descobrir o que nós...

Eu bufei. — Entre na caminhonete, Brooke.

Poucos minutos depois, estávamos sacudindo e balançando pela estrada de terra.

— Suba até a casa principal — eu disse, apontando para a esquerda enquanto nos aproximávamos da bifurcação no caminho.

Um sorriso tímido pintou seus lábios. — Quer me dizer o que estamos fazendo?

— Vamos jantar.

Ela olhou para mim de trás do volante. — Na casa dos seus pais? Não deveríamos dizer a eles que estamos indo?

— Mamãe vai ter um lugar reservado.

— Tem certeza?

— Tenho certeza.

— Quando você quer que eu venha buscá-lo?

Fiz uma pausa. — O quê?

— Vou ficar na sua casa até você terminar. Você pode me mandar uma mensagem quando estiver pronto. Vou deixar meu telefone comigo.

Eu balancei a cabeça. — Você também está comendo.

CAPÍTULO DOZE



RAY

A rampa que levava até a varanda dos meus pais chacoalhou enquanto eu me empurrava até a porta. Eu podia sentir o cheiro da carne assada da porta, e meu estômago roncou.

— Seja lá o que for, quero que sua mãe me ensine a fazer. — Brooke sussurrou.

Eu não ia discutir com isso. Mesmo morrendo de fome, meu apetite desapareceu assim que chegamos à porta.

— Você está bem? — Brooke disse calmamente.

Suspirei e olhei para a porta. — Não vou a um jantar de família desde antes do acidente.

— Nem mesmo quando você estava se recuperando?

Balancei a cabeça. — Eu ficava no meu quarto. Não conseguia usar as mãos. Alguém sempre tinha que me ajudar a comer. E eu… — Bile borbulhava na minha garganta. — Eu odiava.

— Eu nem consigo imaginar. — Brooke apertou minha mão. — Nós sempre podemos nos virar.

O fato de ela ter se oferecido para ir embora e ter dito isso significou tudo para mim.

— Nah. Deixar você comer o assado da minha mãe é o mínimo que posso fazer por você.

Brooke riu e abriu a porta.

O burburinho das conversas lá dentro morreu com o ranger das dobradiças.

O queixo de Cassandra caiu, junto com o garfo. — Meu Deus. Pollyanna o fez sair de casa.

Eu mostrei o dedo médio para ela.

Brooke deu uma risadinha.

Minhas sobrinhas estavam sentadas perto de Cassandra. Eu podia sentir os olhos delas em mim enquanto eu entrava na cadeira de rodas.

Deus, elas pareciam tão crescidas. Bree tinha quinze anos. Ela estaria dirigindo em breve. Eu me lembrava de segurá-la quando ela era apenas um bebê. De entretê-la quando criança, quando Christian estava lidando com os arranjos do funeral de sua primeira esposa.

Gracie era uma adolescente do caralho agora. Treze anos. Doze anos atrás, ela adormecia no meu peito. Por um tempo, eu era o único por quem ela parava de chorar.

Eu as vi crescer como se fossem minhas. Eu costumava ser o Super-Homem para elas. Invencível. Elas costumavam olhar para mim como se eu pendurasse a lua.

Essas duas costumavam ser meu mundo.

Minha mãe pulou da mesa, enxugando os olhos com a manga. — Entrem. Entrem. Já tenho lugares marcados para vocês dois. Vocês estão lá perto de Nate, Becks e Charlie.

Charlotte, ou Charlie, como todos a chamavam, parecia absolutamente tonta com a perspectiva de novas pessoas para lhe dar atenção. A cadeira alta da minha sobrinha mais nova foi puxada para a mesa, e ela parecia estar tendo um jantar gourmet de Cheerios depois que uma tentativa de carne assada deu errado.

Eu mantive minha cabeça baixa enquanto íamos para o outro lado da longa mesa de fazenda. Nate puxou minha cadeira para fora do caminho e abriu espaço para eu estacionar minha cadeira de rodas na mesa. Brooke sentou-se ao lado de Becks e imediatamente começou a falar.

Becks era jornalista. Se havia alguém que conseguia acompanhar a tagarelice de Brooke, era ela.

Mamãe trouxe dois pratos cheios de carne assada, batatas e cenouras e os colocou na frente de Brooke e de mim.

— Obrigada, Sra. Griffith. — disse Brooke com o sorriso mais lindo que eu já vi.

A mãe sorriu. — Oh, querida, pode me chamar de Claire ou Mamãe Griffith.

O sorriso de Brooke se alargou. — Mamãe, então.

Cassandra engasgou. — Oh Deus. Ela é uma dessas.

Christian deu uma cotovelada nela, e minhas sobrinhas riram, mas eu mantive a cabeça baixa.

— Obrigado — murmurei.

A conversa à mesa morreu quando peguei o garfo.

Eu odiava que as pessoas me observassem. Era como esperar pela chuva. A chuva torrencial cairia mais cedo ou mais tarde. O que quer que fosse antecipado era sempre uma decepção.

Eu podia sentir os olhos de todos em mim. Mas diferente de subir nas costas de um touro em uma arena lotada, eu não conseguia bloquear isso.

Ouvi o pequeno suspiro da minha mãe quando toquei no garfo de prata liso. Ouvi Christian acariciando sua barba. Ouvi Gracie e Bree sussurrando uma para a outra, e Cassandra as repreendendo. Eu podia ouvir CJ cutucando o rótulo de sua cerveja.

Isso fez minha pele arrepiar. Meu pescoço ficou tenso. Eu queria sair dali.

Então eu a senti.

Brooke apertou minha mão esquerda por baixo da mesa. Seus dedos finos eram tão macios quando se enrolaram nos meus. Ela pegou seu garfo e espetou uma cenoura, mas nunca olhou para mim. — Isso cheira tão bem. Obrigada por guardar um pouco para nós.

Arrisquei olhar para minha mãe. Ela estava chorando. Simplesmente ótimo.

Mamãe enxugou os olhos com o guardanapo. — Eu sempre separo um lugar para todas as minhas crianças e faço o suficiente para qualquer eventualidade. Isso inclui você enquanto estiver conosco.

Atrás da privacidade da toalha de mesa, os dedos de Brooke deslizaram entre os meus. — O rancho é tão legal. Adoro ver todos os animais. Mickey é o mais doce. Por que ele tem macarrões de piscina nos chifres? Todas as vacas usam?

Christian riu, e a sensação de que a atenção de todos estava em mim mudou para Brooke.

Comi em silêncio enquanto Christian e Gracie contavam a história de como Mickey se tornou seu animal de estimação acidental. Gracie contou a ela como Mickey sempre escapava do rebanho e vagava até a varanda de alguém. A risada de resposta de Brooke soou como sinos de vento dançando na brisa enquanto uma tempestade passava.

O polegar dela acariciando o topo do meu era a abertura nas nuvens. Era a promessa de sol do outro lado.

Então, eu abaixei a cabeça e terminei meu prato. Mas Brooke nunca me largou.

Mamãe colocou uma torta de nozes na mesa e começou a cortá-la. Bree e Gracie se juntaram para distribuir os pratos pela mesa longa.

— Oi, Brooke! — Gracie disse animadamente enquanto colocava um pedaço na sua frente.

— Ei, Gracie — Brooke disse, copiando seu tom.

Bree colocou um pedaço de torta na minha frente, mas manteve os olhos baixos e não disse uma palavra.

— Obrigado — eu murmurei. O garfo escorregou dos meus dedos quando eu esfaqueei a torta.

— Bree, adorei seu cabelo. — disse Brooke enquanto dava uma mordida.

Observei pelo canto do olho enquanto Bree sorria suavemente. — Obrigada. Cassandra fez isso.

— Bem, você está incrível.

Por que o garfo era tão chato? Por que meus dedos não funcionavam, porra? Senti Christian me encarando enquanto eu lutava para pegar o garfo.

— Estou cheio — eu disse, desistindo. — Obrigado, mamãe.

Brooke abaixou o garfo. — Você acha que eu poderia levar o meu para viagem? O assado estava tão bom, e eu não quero desperdiçar a torta com o estômago cheio.

Mamãe sorriu. — Claro. Deixe-me pegar um pouco de filme plástico e eu mando dois pedaços com você.

Do outro lado da mesa, CJ levantou o queixo para Brooke. Ela sorriu.

Não gostei disso. Não gostei nem um pouco.

— Aqui está — disse mamãe, dando a Brooke duas fatias de torta embrulhadas em um prato. Todos começaram a limpar a mesa, exceto Cassandra, que veio direto até mim.

— Precisamos conversar.

Eu levantei uma sobrancelha. — Sobre o quê? Por que Bree parece que me odeia?

Cassandra revirou os olhos. — Ela não te odeia, idiota.

— É preciso um para conhecer o outro.

— Exatamente. — Cassandra sibilou. — Então se eu sou a pessoa que está te chamando de idiota, isso deveria ser um maldito chamado para acordar. Bree está chateada. Ela está magoada. Você era a pessoa favorita dela, e então você a bloqueou por um ano e meio.

— Eu quase morri.

— Quase. — Cassandra sibilou. — E se você continuar agindo como um idiota com aquelas duas garotas que ainda acham que você é o cara sobre quem elas me contam histórias, eu vou terminar o que o touro começou.

Brooke observou Cassandra ir embora furiosa. — Acho que estou apaixonada por ela.

Cassandra era a única que eu tolerava no momento, e ela estava patinando em gelo fino.

— Você está pronto para encerrar a noite ou quer sair um pouco? — Brooke perguntou.

Eu neguei.

Cassandra era a única que eu temia, embora eu nunca admitisse isso para ela.

Brooke era a única que eu tolerava no momento.

— Estou pronto para ir.

Ela assentiu. — Você me quer aqui, ou quer que eu vá ligar a caminhonete?

Eu não a queria a mais de um pé de distância de mim. Na verdade, eu queria a mão dela na minha de novo. Mas eu precisava de um minuto com minha mãe. — Me dê um segundo, e eu vou embora.

Brooke pegou as sobras, se despediu, deu abraços em todos e saiu. Esperei até a porta da frente fechar antes de navegar cuidadosamente pela sala de jantar e encontrar minha mãe.

— Obrigada pelo jantar — eu disse enquanto parava em frente a pia onde ela estava secando os pratos.

Seu sorriso estava desgastado e cansado. — Você me conhece. Eu sempre tenho um lugar para você. — Ela inclinou a cabeça em direção à porta. — E um para aquela doce garota também. Ela foi um achado de sorte, não foi?

— Um raio numa garrafa. — eu disse baixinho.

A mãe riu. — Essa é a verdade.

Esperei um momento, sem dizer nada enquanto ela esvaziava a pia. — Eu deveria voltar. Estou bem cansado.

— Vou cozinhar de novo no sábado, se você quiser. Não vai ser nada chique. Podemos fazer hambúrgueres. Vou ficar com todos os netos para que Nate, Christian e suas mulheres possam ter um encontro à noite. Você e Brooke devem vir. Tem comida, então você sabe que CJ estará aqui.

— Brooke vai para casa nos fins de semana.

O sorriso dela era triste. — Você ainda deve vir se quiser. Ou podemos ir até você.

— Vou pensar sobre isso. — Mas ela sabia que isso era um 'não'.

Antes que eu pudesse virar minha cadeira de rodas, ela colocou uma mão em meu ombro. — A chuva vai parar, você sabe.

Olhei pela janela. — Não está chovendo.

— Não quero dizer lá fora, querido. — Ela se inclinou e deu um beijo na minha cabeça, como costumava fazer quando eu era menino. — Se as nuvens não se separarem de onde você está, continue até encontrar seu sol.

Eu saí furtivamente enquanto todos estavam distraídos com o pequeno de Becks e Nate. Brooke estava esperando perto da caminhonete. Enquanto eu me puxava para dentro da cabine, ela colocou minha cadeira de rodas na traseira. Nós dirigimos de volta para casa em silêncio. Eu estava cansado, mas não pronto para dormir.

— Só me dê um segundo. Quero trocar de roupa. Acho que ainda estou com cheiro de cavalo e fumaça. — Brooke disse, desaparecendo em seu quarto e fechando a porta.

Quando ela voltou, ela estava usando um short de algodão para dormir e uma regata que expunham suas costas inteiras, junto com a maioria de suas costelas e cintura. Ela pegou as fatias de torta roubadas e dois garfos da gaveta de utensílios.

— O deck ou o sofá? — Brooke perguntou.

Nós nos acomodamos no deck, cada um com sua própria fatia de torta. Uma brisa suave farfalhava através das árvores enquanto os grilos e sapos cantavam uma melodia tranquila.

Usei o garfo com calma, pois não sentia tanta pressão agora que não havia uma dúzia de olhos observando.

Brooke devorou sua torta em duas mordidas.

Parei e observei enquanto ela limpava as migalhas do colo. — Você não estava cheia, estava?

Um brilho travesso apareceu em seus olhos. — Eu nunca vou contar.

CAPÍTULO TREZE



BROOKE

— Tem certeza de que não posso fazer nada por você? — eu disse, erguendo os olhos do meu telefone.

Ray e eu caímos em algum tipo de rotina. Íamos à fisioterapia três dias por semana. Eu geralmente fazia as tarefas na cidade enquanto ele estava em suas consultas. E então nós apenas ficávamos em casa e não fazíamos... nada.

E eu estava começando a enlouquecer.

Ray levantou os olhos da corda que estava amarrando. Era um padrão que ele parecia estar seguindo do seu telefone. Era trançado em um desenho intrincado de nós e laços.

Ele abriu um sorriso. — Parece que preciso de ajuda agora?

Eu bufei. — Eu sei. Só estou entediada. Não me entenda mal, estou super grata pelo trabalho. Mas me sinto mal. Sinto que estou tirando vantagem de você. Na verdade, não estou fazendo nada.

— Você está impedindo minha família de aparecer sem avisar quatro vezes por dia.

— Eu sei. Mas eu deveria estar limpando ou algo assim?

— A casa está limpa.

— Você quer que eu cozinhe alguma coisa? Um lanche ou uma guloseima?

— Não. — Ray disse rapidamente. — Preciso ter certeza de que meu seguro residencial está pago antes de você voltar para a cozinha.

Eu me joguei no sofá. — Posso fazer uma pergunta meio intrusiva?

Ele levantou uma sobrancelha. — Um 'não' já te impediu antes?

— Estou apenas curiosa.

Ray suspirou e largou a corda. — Continue.

— Como você paga por tudo isso? Quero dizer... sua casa, toda a fisioterapia. Tenho certeza de que você tem contas médicas absurdas.

Ray deu de ombros. — Nós não crescemos tendo muito. Gado e quatro meninos são caros. Meus pais me ensinaram a fazer um dólar render. Quando eu não

estava viajando pelo circuito de rodeio, eu trabalhava para um rancho no Colorado. Eu vivia com meu salário do rancho e investia todos os meus ganhos, cheques de patrocinadores e endossos.

— Então, você tinha um plano B.

— Não — Ray disse enquanto voltava a seguir o padrão em seu telefone. Sua mão esquerda parecia mais firme hoje, e ele não estava tendo problemas para apertar a corda com o polegar e o indicador como antes. — Um plano B é o que você fará quando falhar. Não quando viver uma vida diferente. Eu tenho um pé-de-meia. Não um plano B.

— Desculpe por perguntar. — eu disse calmamente.

— Vá dar uma volta ou algo assim se estiver ficando louca.

Isso soou tentador... — Você tem certeza?

— Não use chinelos.

— Não vou demorar muito. Talvez meia hora?

Ray inclinou a cabeça em direção à porta. — Se eu prometer não sair da minha poltrona reclinável até você voltar, você simplesmente vai embora?

Pulei do sofá. — Jura de mindinho?

Ray bufou. — Você tem doze anos?

Eu estendi meu mindinho para ele até que ele cedeu e ofereceu o dele. Faíscas dançaram no meu braço quando nossas mãos se tocaram. Nossos dedos se curvaram juntos. Paramos por um momento, congelados no tempo.

Seu polegar roçou meu pulso e seu aperto em meu dedo aumentou.

— Não vou demorar. — respondi asperamente.

Ray me soltou e droga, eu não queria que ele fizesse isso.

Ele não disse nada enquanto eu vasculhava meu quarto em busca de meias e tênis, e então saí pela porta.

O sol estava escaldante. Ondas de calor irradiavam do horizonte. Talvez tenha sido uma má ideia. O ar condicionado era ótimo. Por que alguém iria querer estar aqui?

Mas Ray estava certo. Eu estava ficando louca.

Comecei a ir em direção à frente da propriedade, onde ficavam todos os celeiros. Eu cumprimentava as moças nos estábulos, distribuía algumas guloseimas e andava até o portão da frente e voltava.

Mas essa era a única parte da propriedade que eu tinha visto...

Virei-me nos calcanhares e fui na direção oposta. Eu vagamente me lembrava de alguém dizendo algo sobre o hotel e o restaurante sendo construídos dessa forma. Seria legal ver o progresso.

A grama seca estalava sob meus tênis enquanto eu caminhava pelo pasto. Os galpões e armazéns se tornavam pontinhos à distância.

O ar fresco - quente como estava - fez bem aos meus ombros. Acelerei o passo para uma corrida e deixei a queimação nos meus pulmões lutar contra os pensamentos intrusivos sobre Ray.

Eu tinha sonhos com ele. Sonhos com aqueles braços tatuados e seu peito. Toda noite, eu adormecia na ilusão de que estava de volta ao sofá com minha cabeça em seu colo. Eu fantasiava sobre seus dedos penteando meu cabelo e deslizando sobre meu ombro.

Os cortes e hematomas da explosão do Sr. Wilson haviam sarado, mas a lembrança de Ray segurando meu queixo em sua mão não havia desaparecido.

Ele era tão gentil quando queria ser, mas havia momentos em que ele me assustava. Ele era como a Besta, bravo e magoado. Eu sabia que era da natureza dele ser gentil, mas as circunstâncias tinham dificultado para ele.

Tropecei em uma pedra, mas me segurei. Onde era o canteiro de obras? Certamente eu estava chegando perto.

Olhei para o meu telefone. Não havia sinal, mas eu estava andando há apenas quinze minutos. Eu iria um pouco mais longe e então daria meia-volta.

Pensamentos da mão de Ray entrelaçada com a minha quando jantamos na casa dos pais dele flutuaram pela minha mente. Suas mãos estavam calejadas de usar a cadeira de rodas, mas pareciam tão fortes. Tão seguras. Eu não queria soltar.

Tropecei em outra pedra, e minha visão nadou. Sério? Onde era aquele canteiro de obras? Virei-me e tentei me orientar, mas não havia nada além de terra, grama e arbustos baixos até onde a vista alcançava.

Eu estava correndo em linha reta ou fiz uma curva em algum lugar? O sol estava pendurado bem acima da minha cabeça, então não havia como saber em que direção ele havia nascido ou se posto.

Meu coração disparou, e olhei para o meu telefone. Claro, a bateria tinha acabado.

Certo. Não entre em pânico. Apenas vire-se e volte.

Girei e continuei andando. Minha boca estava tão seca quanto a poeira que subia do chão a cada passo.

Passei por um bosque de arbustos que não reconheci, mas talvez eu não tivesse prestado atenção da primeira vez. Eu tendia a me desligar.

Minha cabeça estava leve enquanto eu tentava voltar. Eu precisava parar e respirar por um minuto. Eu estava indo há um tempo, e estava terrivelmente quente.

Apoiei as mãos nos joelhos e tentei respirar, mas era difícil e rápido.

Meu Deus, eu ia morrer aqui.

Eles não encontrariam nada além de um esqueleto empoeirado coberto de roupas queimadas pelo sol. Meu corpo seria despedaçado por urubus.

Eu não queria virar comida de pássaro!

Ok, agora eu estava em pânico.

As ondas de calor se levantaram do chão, turvando minha visão. Eu tropecei quando comecei a voltar na direção que pensei ter vindo. Esperei que prédios e celeiros surgissem da terra, mas não havia nada. Apenas grama por quilômetros e quilômetros.

Meu sangue pulsava em meus ouvidos, e a terra girava. Eu estava alucinando, ou havia um cavalo na minha frente?

— O que diabos você está fazendo aqui?

Pisquei ao ouvir a voz do homem. — O-Onde estou?

Ele xingou e pulou do cavalo. — Sente-se.

Não foi difícil fazer isso. Eu caí no chão como um saco de batatas.

Ele pegou uma bolsa de sela e tirou uma garrafa de água de metal. — Beba isso.

— Você é um serial killer? Vai me envenenar?

— Não, mas eu posso matar meu irmão depois que ele me contar por que deixou você sair desse jeito.

A água estava gelada. Eu podia senti-la escorrendo pela minha garganta. Pisquei e espiei por baixo do chapéu de cowboy do homem. — CJ?

— Quem mais você achou que era?

Olhei para a égua preta meia-noite que estava me encarando. — Não sei.

Sua mão pressionou minha bochecha. — Jesus, você está a três segundos de uma insolação.

— Onde estou? — eu disse entre goles. — Eu estava apenas indo dar uma volta para ver o canteiro de obras.

— Direção errada e você foi longe demais. Você tem sorte do inferno de eu estar vindo por aqui. Está cem graus.

— Sim — eu gemi enquanto drenava o resto da água dele. — Estou começando a sentir.

— Você vai desmaiar se levantar? — perguntou CJ.

— Só há uma maneira de descobrir. — Fechei a garrafa e peguei sua mão. O mundo girou, mas só um pouco.

— Vamos. — CJ colocou uma mão nas minhas costas e me levou até o cavalo. — Não faça isso. — ele disse quando estendi a mão para tocar Anarchy. — Você já montou antes?

— Quando eu era criança em uma festa de aniversário. Isso conta?

— Hoje sim. Sobe.

— Achei que não deveria tocá-la.

— Ela não pode te morder se você estiver nas costas dela.

— Não, mas ela pode me derrubar.

— Não se eu estiver aí com você. Agora, suba na sela antes que você seja frita pelo sol.

Anarchy deixou seu descontentamento ser conhecido bufando de irritação quando coloquei meu tênis no estribo. Fiz um trabalho meio decente em me levantar com a pouca energia que me restava.

— A sela é feita só para uma pessoa, então vou sentar atrás dela. — disse CJ enquanto jogava a perna por cima e se acomodava nas costas de Anny. — Segure firme.

Ele passou os braços por mim e agarrou as rédeas.

— Você sabe que o Ray vai te dar uma bronca por isso, certo?

A ideia de Ray perto da minha bunda fez minha espinha ficar eletrizada.

— Foi ele quem me disse para dar uma volta.

CJ deixou escapar uma risada irônica. — Sim, e foi ele quem me ligou quando você não voltou depois de duas horas e ninguém tinha te visto.

— Duas horas? — Pensei que só tinha ficado fora pelos trinta minutos que contei a Ray. — Vou ser demitida por isso — resmunguei.

— Você vai ser gritada, mas não vai ser demitida. Ele gosta muito de você.

— Ele não gosta de mim. Ele me tolera.

— Para Ray, é a mesma coisa.

Anny acelerou o passo e nos levou de volta para a casa de Ray. Ele estava sentado no deck, carrancudo enquanto CJ me ajudava a descer e me levava para a execução.

— Fique nos caminhos da próxima vez. — CJ disse antes de inclinar o queixo para Ray. — Se importa se eu usar sua torneira para encher minha água?

Ray inclinou a cabeça em direção à porta de correr, e CJ interpretou isso como um sim.

Ray não me disse uma palavra enquanto eu subia as escadas.

CJ passou por mim quando estava voltando. — Certifique-se de beber bastante água. Você vai ficar queimada de sol. Não se esqueça do que eu disse sobre ficar nas trilhas.

— Obrigada. Eu vou — eu disse suavemente.

O silêncio pairou entre Ray e eu enquanto CJ ia embora. — Sinto muito. — sussurrei enquanto estava na frente dele como uma criança sendo repreendida. —

Eu fui longe demais e estava tentando encontrar o caminho de volta, mas não tinha sinal e então meu telefone morreu, e eu...

— Eu estava preocupado. — Sua mandíbula mal barbeada flexionou com tensão.

— CJ disse que você ligou para ele.

— Liguei para todo mundo.

A culpa me roía. — Sinto muito.

Ray fechou os olhos e esfregou as mãos no rosto. A mágoa estava estampada em suas feições afiadas. — Você tem que ter muito cuidado aí fora. Não posso sair e te pegar se você se machucar ou desmaiar.

— Não vou deixar que isso aconteça de novo. Prometo.

Ray inclinou a cabeça em direção a casa. — Entre.

Aceitei a bronca e entrei na casa maravilhosamente fresca.

— Sente-se no sofá. — Ray ordenou enquanto entrava atrás de mim e fechava a porta de correr.

Estranhamente específico, mas tudo bem.

Tirei meus tênis, sentei no sofá e esperei. Ray andou pela casa, coletando coisas antes de voltar para o sofá.

— Beba isso — ele disse enquanto empurrava uma bebida esportiva vermelha para minha mão. Ele jogou um frasco de loção no sofá e então saiu da cadeira de rodas para sentar ao meu lado. — Tire sua camisa.

Olá, fantasia.

Coloquei a bebida na mesa de centro e tirei minha blusa. Eu sibilei quando as tiras arranharam minha pele queimada.

Fantasia destruída.

— Fique quieta e beba sua bebida — ele disse enquanto trabalhava na tampa da loção.

Eu gritei quando algo frio tocou minhas costas.

— Eu disse para você ficar quieta — ele retrucou.

Virei-me para olhar por cima do ombro para ele. — Você não me avisou!

Ray se inclinou para frente, aproximando nossos rostos. — Vou passar loção nas suas costas antes que você vire uma batata frita. Esse aviso é bom o suficiente?

Meus olhos baixaram para sua boca. — Uh-huh.

— Então fique quieta e faça o que lhe foi dito.

Fechei os olhos enquanto ele passava a loção nos meus ombros e costas, deslizando cuidadosamente as mãos por baixo das alças do meu sutiã.

Eu respirei fundo quando seus dedos atravessaram minha clavícula, descendo em direção aos meus seios. Eu estava totalmente tranquila se ele quisesse continuar, mas ele rapidamente voltou para meus braços.

Ele passou mais loção na parte inferior das minhas costas, mesmo que não estivesse queimada. Suas mãos se estenderam pela minha cintura, subindo, subindo, subindo até que estavam roçando as laterais dos meus seios.

Respirei fundo e amaldiçoei o fato de ainda estar usando sutiã.

Eu podia sentir o calor do seu peito irradiando contra minhas costas. Eu queria cair nele. Ter aqueles braços em volta de mim. Saber como era para ele trabalhar aqueles calos sobre meus seios.

O momento foi quebrado quando ele soltou e colocou mais loção na palma da mão.

Olhei para o frasco. — Isso é para cuidados posteriores à tatuagem.

— Também funciona como mágica em queimaduras solares.

— Gostei das suas tatuagens.

As mãos dele pararam no meu bíceps. — Eu, uh... eu comprei para as meninas.

Olhei por cima do meu ombro. — Por Bree e Gracie?

Ray assentiu. Seu toque mudou de simplesmente passar loção na minha pele para uma massagem. — Eu tinha algumas quando elas eram bem pequenas. Depois que a mãe delas morreu, eu cuidava das meninas para Christian e elas pintavam minhas tatuagens com marcadores. Então, eu continuei fazendo tatuagens. Era a nossa praia. Quando... — Ele suspirou. — Quando eu competia em Houston ou Dallas, eu sempre vinha aqui por uma ou duas noites, e elas pintavam minhas tatuagens para dar sorte.

— Você realmente as ama, não é?

As mãos dele apertaram meus ombros. — É. Elas eram minhas garotas tanto quanto eram do Christian.

— Por que você não fala com elas ou deixa que elas vejam você?

O aperto de Ray aumentou. — Porque eu não sou mais o herói delas.

— Não sei sobre isso.

— Brooke...

Virei-me no sofá e me enrolei ao lado dele. — Não acho que você fosse o herói delas porque era uma estrela de rodeio. Você era o herói delas porque estava lá para elas quando precisavam de você. Então, sim. Você não é o herói delas agora porque não as deixa ver você. Você escolheu isso. Não tem nada a ver com ser capaz de andar ou não.

Eu esperava que a raiva viesse, mas não veio. O rosto de Ray nunca mudou. — Sabe, você é a única que pode me dizer isso agora.

— Então vou considerar isso um elogio.

— Não abuse da sorte, Sunnyside. Eu vou te demitir.

Eu ri. — Estou começando a pensar que você só fala alto sobre me demitir. — Eu soltei meu cabelo. — Eu acho que você gosta de mim.

— Eu não te odeio. — Mas seus olhos escuros brilhavam como um céu estrelado. — Mas você é um desastre ambulante e uma grande dor na minha bunda.

— Este é o melhor trabalho de todos. Mesmo que meu chefe seja um babaca às vezes.

Ray levantou uma sobrancelha e enrolou um dos meus cachos em seu dedo. — Sim?

Fechei os olhos. — Adoro estar no rancho. Sua casa é incrível. É tão tranquilo aqui. Sentar perto do lago é o meu lugar favorito. Aquela árvore grande ali me lembra de uma que eu tinha no meu quintal quando criança. Eu tinha um balanço de pneu e passava horas lá fingindo que podia voar.

— Você é próximo da sua família? — ele perguntou.

Balancei a cabeça. — Não tenho muita família sobrando. Meus pais faleceram quando eu tinha mais ou menos a idade da Gracie. Eles morreram em um incêndio em casa. Eu estava em uma festa do pijama — eu disse calmamente, do mesmo jeito que fazia toda vez que tinha que regurgitar a declaração. A tristeza vivia dentro de mim. Sempre viveria. Mas ela não me controlava. — Eu morei com minha avó depois disso, mas ela faleceu alguns anos atrás. Tenho alguns parentes que moram no Missouri, mas nunca os conheci.

As pessoas sempre ficavam estranhas quando eu falava sobre minha família, mas Ray não. Na verdade, ele não disse nada. Em vez disso, ele me passou um novo saco plástico de Sweet Tarts com as rosas e azuis separadas só para mim.

— Quer assistir a um filme?

Joguei minha regata na mesa de centro e peguei o controle remoto. — Você pode escolher. Provavelmente vou dormir no meio do caminho. Acho que o sol sugou toda a minha energia.

Ele pegou uma almofada e a deixou cair no colo. — Vamos.

Eu me enrolei ao lado dele e deitei minha cabeça na almofada enquanto ele trocava de canal. Quando ele pousou em um filme de assalto, ele abaixou o controle remoto. Dedos gentis afastaram meus cachos do meu rosto e pentearam meu cabelo.

— Desculpe — eu disse com um bocejo. — Meu cabelo provavelmente está suado.

— Não me importo — ele disse gentilmente.

E eu também não.

CAPÍTULO CATORZE



RAY

Era oficial. Eu odiava sábados. Claro, eu odiava a maioria das coisas hoje em dia, mas especialmente sábados.

Brooke tinha saído ontem à noite para passar o fim de semana na casa dela, e eu não a veria novamente até segunda-feira. Depois de passar cada momento acordado com ela e cada momento de sono sonhando com ela, era estranho ela ter ido embora.

A casa estava muito quieta. Eu ficava girando sem rumo a cada poucos minutos, como se algo fosse mudar entre meio-dia e 12:30.

Não aconteceu.

Eu tinha dado milhares de nós. Eu tinha regado à planta. Eu tinha descarregado os três pratos que circulavam entre o armário e a máquina de lavar louça. Eu fiz minha lição de casa de fisioterapia e dei alguns passos aqui e ali. A loja de ferragens da cidade fez a entrega que eu pedi.

Mas, no fim das contas, não me restou mais nada a fazer.

Agora eu é que estava ficando louco.

Eu nunca me senti assim quando ela estava aqui. Claro, eu me cansava de estar perto de outra pessoa e me retirava para o meu quarto para um pouco de espaço, mas não era porque ela me incomodava. Eu estava apenas acostumado a ficar sozinho. Ou pelo menos eu achava que estava.

Olhei para o texto que eu tinha digitado, mas não tinha enviado.

Não era justo eu incomodar Brooke no dia de folga dela. Ela provavelmente queria um tempo longe. Eu não era particularmente emocionante para sair.

Isso me fez pensar se ela tinha um namorado com quem passaria o fim de semana. Esse pensamento me fez querer dar um soco na parede, mas juntas rachadas eram a última coisa que eu queria explicar para minha equipe de fisioterapia.

O sábado chegou e passou, e o domingo amanheceu miseravelmente ensolarado. Mandei uma mensagem para Cassandra para ver se Christian estava ocupado com as meninas. Eu sabia que se eu pedisse ajuda diretamente a ele, ele largaria tudo e estaria aqui em um piscar de olhos. Mas os fins de semana eram sagrados para ele e suas filhas. Eu não queria estragar tudo.

Meu telefone tocou e eu o peguei esperando ver a resposta de Cassandra.

Mas era Brooke.

BROOKE: Ei, desculpe incomodá-lo no seu dia longe de mim.

Meu estômago revirou. Era isso que ela pensava? Que eu queria que ela fosse embora nos fins de semana?

Talvez no começo eu sentisse, mas agora eu simplesmente sentia falta dela.

EU: Não é um incômodo.

BROOKE: Posso voltar hoje à noite? Prometo que vou te ignorar até amanhã.

EU: Eu não me importo.

Uma resposta de três palavras foi o melhor que consegui fazer quando quis dizer a ela que aquele era o primeiro e único fim de semana em que eu a queria fora.

Cassandra me respondeu e disse que ela e Christian estavam limpando a casa deles, e que ela o mandaria para a minha casa. Eu só precisava dele e da caminhonete por alguns minutos, de qualquer forma.

Quando ouvi o ronco de um motor a diesel descendo minha entrada, eu fui até a varanda da frente e apontei para ele dar a volta nos fundos. Voltei pela casa e rolei pela rampa do deck.

Empurrar uma cadeira de rodas pela grama era uma chatice, mas não me importei com a queimadura nos meus braços e ombros.

— Ei. — Christian disse enquanto deslizava para fora da cabine de sua caminhonete. — Você está bem?

— Tudo bem. Só preciso de uma mão, bem rápido.

— E aí?

Eu já tinha amarrado a corda firmemente ao redor do pneu, enrolando-a e prendendo-a com uma pilha de nós de fixação.

Furar furos na parte inferior do pneu foi um desafio. Conseguir inserir a broca foi tranquilo, mas segurar a alça enquanto ela vibrava enquanto eu furava a borracha foi mais difícil do que eu pensava que seria. Mas consegui furar pontos suficientes para a chuva escorrer pelo pneu.

— Você pode dar ré com sua caminhonete embaixo daquela árvore? — Apontei para a grande perto do lago que Brooke gostava. — Quero pendurar um balanço de pneu.

Christian levantou uma sobrancelha, mas voltou para sua caminhonete e fez uma curva fechada em três pontos no meu quintal até que a traseira ficou sob um galho pesado que se estendia sobre a grama em direção à água.

Enquanto Christian saltava da caminhonete e andava até a porta traseira, tranquei minha cadeira, abaixei-me e peguei o pneu.

— Deixe-me pegar isso para você. — disse Christian.

— Não se preocupe com isso. — resmunguei enquanto o jogava sobre minha cabeça e o colocava na caçamba de sua caminhonete.

Aterrissou com um baque ecoante. A corda longa pendia da borda da caçamba da caminhonete e se enrolava no chão. Peguei a maior parte dela da grama e joguei atrás do pneu.

— Droga. — Christian disse enquanto trabalhava no comprimento da corda para encontrar a ponta que precisava passar por cima do galho. — Isso é impressionante.

Não respondi porquê o que eu deveria dizer?

— Então, você quer me dizer por que quer um balanço de pneu no seu quintal? — ele perguntou enquanto jogava a ponta da corda no ar. Ela errou o galho e bateu na caçamba de metal da caminhonete.

Eu observei enquanto ele o pegava para tentar novamente. — Imaginei que as meninas poderiam descer e usá-lo se quisessem. — Era metade da verdade.

Bem, talvez um quarto da verdade.

Christian fez uma pausa. — Você quer dizer isso?

Dei de ombros. — Acho que Bree pode estar um pouco velha para isso.

A testa de Christian franziu. — Não. Ela vai adorar. Vou ver se consigo convencê-la a vir aqui e dar uma olhada.

— O que você quer dizer?

Christian jogou a ponta da corda no galho, mas errou de novo. — Ela está machucada, cara. Eu as impedi de ver você quando você estava na UTI. Elas perderam a mãe, e eu não sabia o que ver você intubado faria com elas. Elas queriam ver você quando você acordasse depois do acidente, mas você não deixou. — ele disse, suspirando e pegando a corda. — Você voltou para o rancho e se recusou a vê-las por um ano enquanto estava na casa principal. Então você mandou construir esse lugar, e ainda assim não as deixou ver você. Então você simplesmente apareceu no jantar de família sem avisar. Elas estão machucadas. Elas sentem que você não as ama mais, e elas precisam de tempo para superar isso.

Esfreguei minhas mãos no rosto. — Isso… Não é isso.

— Você sabe disso, e eu sei disso — ele disse, me atingindo com um olhar cortante. — Elas não sabem disso, não importa o quanto eu diga a elas que você só precisa de tempo.

Suspirei. — Vou trabalhar nisso.

Ele jogou a corda novamente. A terceira vez foi o charme, pois ela passou por cima do galho e deslizou para baixo.

Agarrei a ponta da corda e puxei até o pneu levantar do chão. — Segure aí. — eu disse quando o coloquei na altura certa.

Christian segurou o pneu, tirando o peso da corda para que eu pudesse dar o nó. Quando estava firme, ele soltou.

— Se importa em testar para mim? Não quero que as meninas caiam.

Christian deu de ombros, apoiou uma bota de cowboy no meio do pneu e pulou. O galho rangeu sob seu peso, mas o balanço se manteve firme. — Parece bom — ele disse enquanto balançava para frente e para trás por alguns segundos antes de pular.

— Como está a construção do chalé? — perguntei enquanto ele fechava a porta traseira.

Christian se inclinou contra a lateral da caminhonete e tirou o chapéu de cowboy da cabeça para passar a mão no cabelo. — Tudo bem. O capataz disse que algumas ferramentas sumiram na quinta-feira à noite. Cass está verificando todas as câmeras que temos nos portões.

Quinta-feira? Por que foi a primeira vez que ouvi falar sobre isso?

— Por que ninguém me contou?

Christian deu de ombros. — Não queria te incomodar com isso. Você não trabalha para o rancho. Não é problema seu lidar com isso.

— Eu moro aqui. Você não achou que eu deveria saber que alguém roubou coisas da nossa propriedade?

Christian levantou as mãos. — Não sabemos se foi roubo. O capataz do local disse que está verificando sua equipe para garantir que alguém não levou para casa algo que não deveria. Costumava ser fácil identificar alguém que não deveria estar aqui. Se não fosse um Griffith ou um dos garotos de CJ, era um sinal de alerta. — Ele suspirou. — Mas há todos os tipos de pessoas vindo aqui todos os dias. A equipe de construção. Inspetores. Investidores. A empresa de energia que aluga o terreno onde eles colocam aquela torre de celular e os painéis solares em cima dos celeiros. Cass está prestes a começar o programa equino, e isso será uma coisa totalmente diferente. Pessoas aleatórias vindo para montar ou hospedar seus cavalos.

— CJ vai ter um aneurisma.

Christian abriu um sorriso. — Essa é a verdade.

Nós éramos todos possessivos com o rancho, mas CJ levou isso a outro nível. Eu estava totalmente convencido de que ele nunca deixaria o rancho se não

precisasse. Ele provavelmente já tinha um belo pedaço de terra escolhido para ser seu túmulo quando o dia chegasse.

— Você quer ir lá em casa para jantar? — perguntou Christian. — Cass está cozinhando.

Honestamente, eu estava meio tentado a fazer isso. — Nah. Acho que Brooke vai voltar hoje à noite. Não sei quando ela vai chegar.

Ele abriu um sorriso. — Você é doce com ela.

— O carro dela é uma merda. Só quero ter certeza de que ela chegue aqui inteira.

— Você não negou.

Eu balancei a cabeça. — Ela é muito jovem para mim.

— Ela tem o quê... vinte e cinco?

— Vinte e dois.

Ele acariciou a barba. — Quero dizer, ela é jovem, mas não é uma criança. Ela nem está na faculdade.

— Eu sou doze anos mais velho que ela. Isso é demais.

Ele cruzou os braços. — O mesmo que o nosso pessoal.

— Não é a mesma coisa.

— Porque você está em uma cadeira de rodas? E daí?

Eu estava farto dessa conversa. — Obrigado por pendurar o balanço. Diga às meninas que elas podem vir usá-lo quando quiserem.

— Ray...

Não ajudou que eu quisesse Brooke de maneiras que não deveria. Não ajudou que toda vez que eu via minhas sobrinhas, eu me lembrava de que ter meus próprios filhos era uma má ideia.

Christian podia me atingir com todas as platitudes bem-intencionadas, bem ajustadas e induzidas pela terapia que quisesse. Isso não mudava a realidade.

— Ray, pare.

— O quê? — eu gritei enquanto me dirigia para a rampa que levava ao convés.

— Acho que nunca disse que sentia muito por tudo que você perdeu.

Parei quando Christian me alcançou. Ele subiu as escadas e sentou-se em uma das cadeiras do deck enquanto eu pegava a rampa.

— Não estou dizendo que entendo, porque não entendo. Depois do que aconteceu com Nate em Mosul e da perda de Gretchen, eu lidei com isso trabalhando e seguindo em frente. Eu tinha as meninas para pensar, e tive que me agarrar aos

bons momentos para lidar com a chuva torrencial. E me desculpe por colocar essa expectativa em você.

Eu rolei isso na minha cabeça. — Cassandra te colocou para fazer isso?

Ele riu. — Não. Mas ela pode ter dito algumas palavras escolhidas para mim outro dia e me lembrado que ela resolve as coisas atirando facas.

— Tem certeza de que quer se casar com aquela mulher?

Ele sorriu. — Sim. Eu a amo. Ela me mantém alerta. Tenho que garantir que sempre vamos para a cama em bons termos para que eu não acorde com uma dessas facas em mim em vez do alvo no escritório.

— Provavelmente inteligente.

— Então. — Christian disse enquanto se esticava e cruzava os tornozelos. — Quer me contar como você passou de demitir qualquer um que colocasse os pés na sua cozinha para pagar um assistente não qualificado para viver com você em tempo integral?

— Você e suas suposições podem se foder.

Ele riu. — É, acho que minhas suposições estão bem certas.

Como se ele fosse alguém para falar. Ele tinha Cassandra morando em sua casa antes mesmo que ela o tolerasse.

Christian se levantou. — Sem julgamentos. Acho que ela é uma garota doce.

— Pare de falar já.

Ele riu. — Mamãe a ama.

— Mamãe ama todo mundo.

— Ela é boa para você — ele disse, enfiando as mãos nos bolsos.

— Ela não é boa para minha caminhonete. Preciso de um novo para-choque.

— Caminhonetes podem ser substituídas. Você não pode — ele disse enquanto batia no meu ombro com o punho. — É bom ter você de volta. Grite se precisar de alguma coisa.

CAPÍTULO QUINZE



BROOKE

O sol estava se pondo quando entrei nos portões do rancho. Uma nova placa de “Entrada Proibida” havia sido colocada na entrada, avisando as pessoas de que estavam sendo gravadas.

Fiquei me perguntando do que se tratava.

O crepúsculo pairava sobre os céus iluminados pelo fogo. As planícies brilhavam como brasas enquanto a luz do dia se transformava em crepúsculo. Era minha hora favorita do dia aqui. A terra era encantada. Eu me senti atraída por ela como uma sereia sendo chamada para o mar.

Fiquei em casa o máximo que pude antes de arrumar minhas coisas e correr de volta para o rancho. Fiquei miserável no segundo em que saí da casa de Ray na sexta-feira. Tive dor de estômago assim que peguei a estrada.

Tentei esperar até segunda-feira porque sabia que ele queria um tempo longe de mim, mas finalmente desisti e mandei uma mensagem para ele esta tarde, perguntando se eu poderia voltar.

Eu tinha mudado a maioria das minhas coisas para a casa de Ray, mas passei a manhã consolidando o resto dos meus pertences e enfiando-os no meu carro. A cama e a cômoda da casa não eram minhas, e eu realmente não me importava com as poucas coisas que não tinha levado comigo.

Talvez eu devesse reservar um quarto de hotel no próximo fim de semana.

O nó no meu estomago se dissolveu quando peguei a estrada de terra curva pela parte da frente do rancho até a casa de Ray. Deixei minha mão pendurada para fora da janela e surfei na brisa.

Fiquei fora apenas um dia e meio, mas senti falta.

O rancho era um desejo que simplesmente não passava.

Mas ele também era.

Estacionei na entrada da garagem e ao lado da caminhonete dele.

Hum. A porta da frente estava aberta.

A porta de vidro estava fechada, mas eu conseguia ver através da cozinha e da sala de estar.

As luzes também estavam acesas. Isso era estranho.

Talvez um dos irmãos dele ou Cassandra estivesse lá. Ray sempre mantinha a casa trancada como Fort Knox.

Peguei minha bolsa e corri pela rampa. A casa cheirava a comida, mas não havia nada no fogão ou no forno. Entrei no quarto de hóspedes e deixei minhas coisas caírem.

— Ray? — Eu não queria incomodá-lo, mas também não queria assustá-lo.

Nenhuma resposta.

A porta do quarto dele estava fechada como sempre, então bati. — Ray?

Ainda nada.

Isso era estranho.

— Ray. — eu gritei novamente. — Estou em casa. — Eu ouvi a porta de correr rolar para trás, e olhei por cima do meu ombro. — Ei.

Ray parecia absolutamente pecaminoso em uma camiseta justa, um par de shorts de ginástica e tênis. Seu cabelo estava úmido e sua barba por fazer tinha sido modelada. Salivei ao vê-lo.

— Ei, Sunnyside.

Eu ri. — Por que você me chama assim?

Ele abriu um sorriso. — Não posso deixar você esquecer aqueles ovos que você assassinou, posso?

Revirei os olhos como se estivesse irritada, mas não estava. Nem um pouco. Porque ele estava sorrindo hoje. — Eu só estava avisando que estava aqui. — Eu cutuquei minhas unhas. — Obrigada por me deixar voltar mais cedo.

Ele deu de ombros enquanto recuava sua cadeira de rodas para que ela não bloqueasse a porta. — Você já comeu?

O gorgolejo no meu estômago respondeu antes que eu pudesse. — Eu esqueci.

Suas sobrancelhas se uniram, formando um vale profundo acima de seu nariz aquilino. — Por quê?

Dei de ombros. — As coisas estavam… um pouco loucas em casa.

Não perdi a maneira como seu maxilar se flexionou enquanto ele rangia os dentes.

Levantei minhas mãos. — Eu sei do nosso acordo. Vou deixar você em paz.

Ray não discutiu, bufou ou resmungou. Ele não rosnou ou gemeu.

Havia um brilho de travessura em seus olhos.

— Venha comigo.

Olhei para os meus pés. — Chinelos são bons?

— Muito bom. Vamos.

Eu segui Ray até o deck e fechei a porta atrás de mim. Mickey, a vaca, estava pendurado na sombra da casa, ostentando um par de macarrões de piscina rosa e roxo em seus chifres.

— Seu carro se saiu bem na ida e na volta? — ele perguntou.

— Surpreendentemente, aconteceu — eu disse enquanto caminhava ao seu lado pela rampa. — Estou um pouco curiosa sobre como o motor magicamente não faz mais barulho. Ou como o óleo magicamente foi trocado? Ou como o adesivo no meu painel desapareceu?

Ray nem olhou para mim. — Coisas estranhas acontecem no rancho. Podem ter sido as vacas.

— Uh-huh. — Parei no fundo da rampa. — E se eu perguntasse ao CJ quanto trabalho ele fez no meu carro, o que ele diria?

Ray olhou para mim. — Ele diria que não fez nenhum trabalho no seu carro.

— E o Christian?

— Você acha que Christian tem tempo para projetos paralelos? — Ele tinha razão, mas não deixei de ver o fantasma de um sorriso no canto de sua boca.

— Justo. E se eu perguntasse ao Nate?

Ray não disse nada.

Bingo.

Suspirei. Ele deve ter feito isso outro dia, enquanto estávamos na consulta de Ray. Eu não tinha dito nada a Ray, mas estava um pouco preocupada em dirigir para fora do rancho sozinha.

— Obrigada. Você não precisava chamar a cavalaria. Eu poderia ter pensado em algo. Eu sempre penso.

Ray deixou escapar uma risada. — Sim. Você descobrir consertos de carros é o que eu tinha medo. Feche os olhos e me siga.

Fechei os olhos. — Vou pisar em cocô de vaca?

Ele riu. — Talvez. Ande atrás de mim e segure na minha cadeira. Vou garantir que você não faça isso. Seus olhos estão fechados?

— Se você não confia em mim, talvez você deva me vendar da próxima vez.

Ouvi-o soltar um suspiro silencioso enquanto a grama balançava sob meus pés. — Não me tente, Sunnyside.

Segurei as alças da cadeira de rodas dele enquanto andávamos. O suave declive da terra me disse que estávamos indo em direção ao lago.

— Olhos ainda fechados?

Eu ri. — Estou começando a achar que fechá-los em primeiro lugar foi uma má ideia. No que você está me metendo?

— Abra.

Apertei os olhos quando o lago entrou em foco. Mas não era só a água cintilante refletindo as cores do pôr do sol. Um balanço de pneu estava pendurado em um galho grosso. Uma colcha estava estendida ao lado com uma cesta de piquenique em cima.

— Ray...

Era como pisar na pintura mais idílica. Grilos e sapos cantavam uma suave canção de amor enquanto a névoa flutuava sobre a água. Eu queria correr e pular no balanço de pneu e sentir a inocência sem peso.

Eu queria ser levada para um mundo onde ninguém além de Ray e eu existíssemos.

— Você fez isso? — perguntei.

Ele deu de ombros. — Eu tive ajuda.

Passei meus dedos sobre o piso irregular do pneu, e os nós habilmente amarrados envolvendo-o e a corda. — E daí? Eu sei que foi você.

Ele olhou para os próprios pés, um pouco tímido.

Estrelas brilhavam sobre nós como diamantes. O sol, em laranja brilhante, ainda espiava por cima do horizonte, cobrindo o lago com ondas de fogo. De alguma forma, parado entre os céus e as brasas, ele havia criado um lugar sagrado.

Caminhamos pelos breves momentos concedidos entre a meia-noite, agarrando-nos aos lampejos de euforia e alegria para nos aterrar quando a angústia caía em chuva torrencial. Estávamos suspensos na tensão entre o nascimento e a morte, perseguindo propósito e realização.

E naquele momento - naquele lugar - senti a minha começar a florescer.

— Não seja humilde — eu disse enquanto erguia os olhos do balanço de pneu com lágrimas nos olhos.

Ele deu de ombros novamente. — Imaginei que você poderia gostar quando não quisesse ficar em casa. Você disse que costumava ter um balanço de pneu. Provavelmente é estúpido.

— Posso te abraçar? — perguntei com o lábio trêmulo. — Sei que você não gosta de ser tocado. Eu só… Obrigada.

Ele hesitou, os olhos se movendo ao redor. — Ajude-me a levantar.

Corri até ele enquanto ele colocava as mãos sob os joelhos e levantava as pernas dos apoios para os pés. Quando ele estava confiante em seu equilíbrio, ele estendeu os braços para mim. Eu segurei meus braços firmes enquanto ele se levantava da cadeira e se agarrava a mim.

No momento em que Ray teve certeza de que conseguiria equilibrar seu peso, seus braços estavam ao meu redor.

— Obrigada — sussurrei, envolvendo meus braços em volta de sua cintura, minha cabeça apoiada em seu peito.

Ray aninhou minha cabeça sob seu queixo. Ele era mais alto que eu, mas não muito. Parecia que nos encaixávamos como peças de um quebra-cabeça há muito perdidas. Talvez eu tenha sonhado, mas eu poderia jurar que ele beijou minha cabeça.

Ou talvez eu simplesmente desejasse que fosse verdade.

— Você cheira muito bem. — murmurei.

Ray riu suavemente e gesticulou em direção à manta de piquenique. — Eu trouxe comida para baixo.

— Você quer que eu ande com você? — perguntei, esperando que ele me deixasse ajudá-lo.

Mas Ray apenas balançou a cabeça e se abaixou de volta na cadeira. — Não há nada em que se segurar se eu escorregar. Não quero machucar você.

Quando ele se acomodou, deslizei minha mão na dele e apertei. — Obrigada. É sério. Isso… — Olhei para o balanço novamente. — Isso foi mais do que atencioso.

Eu me acomodei no cobertor enquanto ele se virava e se abaixava. Ray se empurrou para trás até conseguir sentar-se contra o tronco da árvore.

Abri a cesta que estava entre nós. — O que temos aqui?

— PB&Js congelados — ele respondeu com uma risada. — Não critique antes de experimentar.

— Estou confiando em você, Griffith. O que mais tem aqui? — Eu vasculhei e encontrei um recipiente de plástico com biscoitos. O vapor turvou as laterais e eles ainda estavam quentes. — Você assou?

— Não crie muitas esperanças. É massa de biscoito de um tubo. Eu só sei seguir instruções e usar um forno.

Algumas frutas e um saco de batatas fritas foram jogados para completar. No fundo, havia um saco de Sweet Tarts, especificamente rosa e azuis.

A consideração e simplicidade de tudo isso fez meu coração doer. A nostalgia era uma droga de ação lenta que me fez cair cada vez mais fundo na toca do coelho.

Comemos em um silêncio confortável. Eu tinha que admitir, os sanduíches de manteiga de amendoim congelados no calor do Texas eram perfeitos.

— Estou feliz por ter voltado — eu disse enquanto me encostava ao tronco da árvore e observava o pôr do sol. — Eu me senti mal por ter mandado mensagem para perguntar.

Ray olhou para mim. Seus olhos escuros espelhavam o lago de obsidiana. — Estou feliz que você voltou também. — Nossas mãos se tocaram, e ele se virou com um suspiro profundo. — Como é o lar para você?

Eu hesitei sobre o quanto compartilhar. Além disso, isso realmente não importava mais. Eu ficava aqui a maior parte do tempo. — Eu moro a cerca de quarenta minutos de distância. Eu divido uma casa com um bando de colegas de quarto. É... sempre animado. Parece um dormitório de faculdade, eu acho. Sempre tem alguém por perto.

Ray lambeu os lábios. — Será que, uh… Seu namorado mora com você?

Eu ri. — Não tenho um namorado há um tempo terrivelmente longo. Meu vibrador faz um treino seriamente intenso.

Ray riu. — Vou arriscar um palpite e dizer que provavelmente faz mais tempo que você, que não estou com alguém.

Nossa risada desapareceu junto com qualquer tensão persistente. Isso parecia confortável. Familiar. Fácil.

— Não gosto de morar na casa — admiti sob a santidade do céu noturno.

— Por que isso?

Suspirei. — Era o único lugar que eu podia pagar. Meus colegas de quarto são realmente desconsiderados. Eles são sempre barulhentos e dão festas. Acho que eles comem minha comida. Um deles foi preso por posse há alguns dias, e foi muito tenso quando voltei na sexta à noite. Eu sempre tranco a porta do meu quarto, mas ela estava destrancada quando cheguei lá. Eu só... nunca me sinto segura. Não como me sinto quando estou aqui. Eu realmente consigo dormir quando estou aqui.

Ray passou o braço em volta dos meus ombros, e eu me enrolei em seu lado. — Então não vá embora.

Suspirei e esfreguei minha têmpora. — Só preciso resolver uma coisa. Não posso ficar para sempre. O que eu faria?

Seus olhos abaixaram. — Dê-me paz.

Suspirei. — Eu sei. Eu evito que sua família te incomode.

Ray ficou tenso, mas não disse nada. Ele apenas embalou a parte de trás da minha cabeça na palma da mão e massageou meu couro cabeludo gentilmente.

Eu me derreti nele. — Talvez sair de casa não seja a decisão certa. Acho que a grama do vizinho é sempre mais verde. Minha avó sempre dizia isso. Ela conseguia encontrar o lado bom em tudo.

— Você sabe o que torna a grama verde?

— Água?

— Não. Besteira.

Eu ri. — É isso que todos os cowboys dizem?

Seu sorriso era triste, mas seu braço em volta de mim se apertou. — Eu não sou um cowboy, Sunnyside.

— Eu acho que você é. — Arrisquei, deslizando e montando em seus quadris para que pudéssemos ficar cara a cara.

Ray deslizou suas mãos em volta da minha cintura e me acomodou em suas coxas. Tentei manter a compostura, mas seu toque me eletrizou.

— Você é teimoso e cabeça dura até demais. Você trabalha em silêncio porque não precisa de olhos em você. Você só faz o que tem que fazer. — Passei meus dedos por seu cabelo grosso, e ele derreteu. — Você tem essa ética de trabalho ardente que transcende suas habilidades físicas. Você é honesto mesmo quando dói. É honroso. Você tem coragem e paciência. Não há uma única diferença entre você e seus irmãos. Eu vejo isso toda vez que olho para você, cowboy.

Os olhos de Ray baixaram para minha boca. — Então você não conhece minha reputação.

— Não preciso saber da sua reputação porque eu conheço você. Pessoas vendendo manchetes de isca de clique veem a estrela cadente. Eu vejo a galáxia.

O nariz de Ray cutucou o meu. Eu levantei meu queixo. Nossos lábios se roçaram. Lampejos de calor lamberam minha espinha, e a antecipação brotou em meu peito. Suas sobrancelhas franziram enquanto ele roçava seu lábio inferior no meu.

— Você acabou de admitir que me pesquisou no Google? — ele sussurrou com um toque de diversão.

Eu sorri contra sua boca e sussurrei. — Ouvi dizer que você fez algumas modelagens de cuecas. Estava curiosa.

O sorriso diabólico de Ray me derreteu enquanto ele deslizava os dedos em meu cabelo, me mantendo perto. — Você gostou do que viu?

Tudo o que eu pude fazer foi concordar. O homem nas fotos em preto e branco, que tinha quilômetros de músculos e tatuagens, não tinha roubado meu fôlego.

O que estava na minha frente tinha.

O sorriso de Ray era brilhante e fugaz enquanto sua boca colidia contra a minha. Envolvi meus braços frouxamente em volta do seu pescoço, pressionando meu peito contra o dele enquanto ele puxava meus lábios até eu ceder. Sua língua deslizou contra a minha em golpes lentos.

Eu não conseguia o suficiente. Não importava o quão profundo ou por quanto tempo nos beijávamos, não era o suficiente.

Alisei minhas mãos para cima e para baixo em seu peito enquanto ele espalmou minha bunda com uma mão. A outra mão emaranhou e torceu em meu cabelo, mantendo minha cabeça exatamente onde ele queria.

Um gemido escapou enquanto ele chupava meu lábio inferior entre os dentes. O som fez seu pau engrossar sob o short. Ele pressionou entre minhas pernas, me provocando com prazer proibido.

Eu balancei contra seu pau, meu clitóris pulsando enquanto um gemido profundo ecoava em seu peito. — Brooke — ele grunhiu.

Mas eu só… precisava… de um pouco…

Ray enrijeceu-se. Sua mão disparou e algemou minha garganta. — Brooke...

Meu nome, pronunciado como uma ordem de seus lábios, me fez congelar.

— Pare, ou você vai me fazer gozar na cueca. — ele disse asperamente, meio exigente e meio desesperado.

Minha respiração ficou presa naquele desespero. Eu queria que ele me quisesse tanto quanto eu o desejava.

Engoli em seco enquanto a onda inebriante de endorfinas nadava pelo meu corpo, sentindo os tendões ao longo do meu pescoço se contraírem sob sua palma. Ray lambeu os lábios e lentamente liberou a pressão na minha garganta. Seu aperto inescapável se transformou em um dedo macio levantando meu queixo.

— Venha aqui. — ele disse suavemente enquanto puxava meus lábios para os dele novamente. — Eu preciso de mais uma prova.

CAPÍTULO DEZESSEIS



RAY

— Ray? — A voz cansada de Brooke flutuou em meus sonhos.

— Hum?

A pressão mudou no meu peito. — Ficamos aqui a noite toda?

Esfreguei os olhos, piscando e absorvendo a névoa da manhã. A luz do sol entrava pelos galhos das árvores, nos camuflando em valsas de luz e sombras.

Brooke e eu ainda estávamos na toalha de piquenique, mas estávamos deitados. Eu estava esticado e ela estava enrolada ao meu lado. Seus cachos castanhos estavam espalhados no meu peito. Em algum momento durante a noite, ela deslizou a mão para dentro da minha camiseta, e ela estava descansando na minha barriga.

— Acho que sim — murmurei enquanto dava um beijo suave no topo de sua cabeça.

Jesus Cristo, minhas costas doíam. Mas eu não disse nada sobre isso. Ela parecia confortável no meu peito. Eu lidaria com as repercussões mais tarde.

Lembranças da noite passada passaram pela minha mente.

Ela voltando para casa. Mostrando o balanço para ela. Comendo um jantar tardio e assistindo ao pôr do sol. Conversando.

Beijando-a.

Brooke se esticou como um gato, enrijecendo e curvando os dedos dos pés, depois se aconchegando de volta ao meu lado. — Estou demitida? — ela bocejou.

Eu ri. — Hoje não.

Ficamos ali, acordando lentamente com o sol. Ela traçou pequenos círculos na minha pele, e eu passei meus dedos para cima e para baixo em sua espinha.

— Como é possível que eu tenha sentido tanta falta de alguém? — ela disse suavemente. — No momento em que saí do rancho na sexta-feira, comecei a contagem regressiva até poder voltar.

Algo me corroeu como ácido. — Parece que você perdeu o rancho.

Nós nos beijamos ontem à noite, mas eu atribuí isso a algo que aconteceu no calor do momento. Brooke teve um fim de semana de merda com seus colegas de

quarto e estava feliz por poder sair. Era só isso, e eu não conseguia me deixar esquecer.

Eu era um salário fixo e ela era uma distração.

Eu quase pulei da borda e pulei na toca do coelho do desespero e da autoaversão quando os cílios de Brooke se ergueram, me atingindo com um choque azul. Ela balançou a cabeça levemente. — Senti sua falta.

Suas palavras me fizeram recuar do penhasco em ruínas, mas eu não conseguia me deixar levar por elas.

— Como está a queimadura de sol? — perguntei, afastando o cabelo dela para poder dar uma olhada em seus ombros.

Sardas pontilhavam sua pele bronzeada. Ainda estava um pouco rosada, mas o pior da queimadura havia desaparecido rapidamente.

— Quase acabou.

Tracei uma sequência de sardas, conectando-as como uma constelação. — Suponho que o sol não pode queimar a si mesmo.

Brooke levantou o queixo, aproximando os lábios dos meus. Passei os dedos pelos cabelos dela, segurando sua bochecha.

O momento foi quebrado pelo rugido de um motor a diesel.

— O que eles estão fazendo acordados tão cedo? — ela murmurou em meu peito.

— A vida no rancho nunca para, Sunnyside. — Acariciei sua bochecha aveludada com meu polegar. — Mas é melhor entrarmos antes que alguém desça aqui.

A luz em seus olhos diminuiu, mas ela assentiu. — Sim. — Brooke rolou para longe de mim e sentou-se. Linhas de dormir em cima de mim riscavam seus braços e bochechas. — Eu sei que você sabe se levantar sozinho, mas quer uma mão?

Lutei contra a vontade de gritar com ela e dizer para ela entrar. Era um reflexo arraigado de mais de um ano dizendo à minha família para me deixar em paz para que eu pudesse descobrir as coisas por mim mesmo.

Gostei que Brooke tenha oferecido ajuda, mas também reconheci que era só isso... uma oferta. Ela sabia que eu conseguiria fazer isso sozinho.

Apontei para minha cadeira. — Traga-a aqui.

Enquanto Brooke se esforçava para empurrá-la, pressionei as palmas das mãos no chão e me levantei para sentar contra o tronco da árvore.

— Você quer isso ao seu lado ou na sua frente?

— Ao meu lado. Certifique-se de que está travada. — eu disse enquanto entrelaçava minhas mãos atrás das coxas e as puxava para cima para que meus pés ficassem totalmente apoiados no chão.

Os olhos de Brooke se fixaram nos meus, neles, vi gentileza. Não pena. — Você quer que eu entre?

— Não. Dá-me uma mão, pode ser? — perguntei enquanto apoiava uma mão na cadeira e estendia a outra para ela.

A palma da mão de Brooke era macia quando ela a deslizou na minha. — Me diga quando estiver pronto.

Usar minhas pernas logo de manhã estava fora de questão, mas eu precisava entrar. Contei regressivamente e me empurrei contra minha cadeira de rodas enquanto ela me ajudava a me levantar.

Meus joelhos dobraram o suficiente para que eu me deixasse cair sem muita graça na cadeira, mas quase imediatamente cederam. — Obrigado.

Brooke apertou minha mão e correu para pegar o cobertor e a cesta de piquenique enquanto eu subia a rampa.

— Café da manhã? — ela perguntou quando nos reunimos na cozinha. — O que parece bom?

Cereal parecia bom. Mas depois de dormir no chão, meu corpo estava fodido, e eu não sabia o quão bem eu seria capaz de usar uma colher.

— Vou comer apenas uma barra de granola.

Havia uma pitada de dúvida no rosto de Brooke, mas ela não questionou. Enquanto ela fazia uma torrada, peguei a caixa de barra de energia dos armários inferiores. Eu soprei meu cabelo para longe do meu rosto para poder ver entre os sabores, mas ele continuou caindo nos meus olhos.

— Quando foi a última vez que você cortou o cabelo? — Brooke perguntou enquanto espalhava manteiga na torrada.

Achei uma barra de chocolate e fechei o armário. — Faz um tempo. Não estou a fim de ir ao barbeiro. Provavelmente vou só raspar.

— Posso cortá-lo?

Quase ri, mas me contive.

Eu gostava de Brooke, com exceção das tarefas de dirigir e cozinhar, confiava nela.

Eu não confiava nela com uma tesoura perto da minha cabeça.

Esfreguei a parte de trás do meu pescoço. — Vou só raspar.

— Por favor — ela implorou, juntando as mãos. — Eu amo cortar cabelo.

Eu levantei uma sobrancelha. — Você já cortou cabelo antes?

— Sim! Fiz três semestres na escola de beleza antes de mudar para desenvolvimento infantil, mas as aulas eram tão chatas que desisti depois de algumas semanas. Adoro crianças, mas odiava a escola. Até tentei massoterapia, já

que era prática. Eu realmente amava isso, mas todos diziam que eu falava demais e que eles não conseguiam relaxar.

E ainda assim tudo que eu conseguia pensar era nas mãos dela em mim.

Limpei a garganta e me virei para que ela não visse meu shorts começando a ficar esticado. — Então é por isso que você está esperando para voltar para a escola? Até saber o que quer fazer?

— Sim — ela disse, dando uma mordida na torrada. — Isso e eu não posso pagar por isso no momento. Mas talvez eu descubra o que quero fazer da minha vida entre agora e os vinte e cinco. Então, posso cortar seu cabelo? Eu já cortei com máquina antes. E se eu estragar, você ia raspar de qualquer jeito.

Eu ia dizer não, mas ela me olhou com aqueles olhos de Bambi.

— Por favor — ela sussurrou.

Eu me vi no banheiro sem camisa e com uma toalha em volta dos ombros, observando Brooke vasculhar meus armários. Ela encontrou o protetor de tosquiadeira em uma gaveta embaixo da pia, conectou-o e apertou o botão de energia para um teste de zumbido.

Já me arrependi de tudo.

Então ela me tocou.

— Pronto? — Brooke perguntou enquanto ficava atrás de mim e passava os dedos pelo meu cabelo para sentir como era. Seus seios pressionaram contra a parte de trás do meu pescoço enquanto as pontas dos dedos deslizavam ao longo das minhas têmporas.

Eu queria que ela continuasse fazendo isso.

Murmurei algo ininteligível.

Ela cheirava a ar livre. Como grama, sol e ar fresco. Uma mão pendurada sobre meu ombro, seu polegar acariciando meu pescoço enquanto ela rolava pelo telefone.

— O que você está fazendo?

— Só um pequeno tutorial de atualização.

— Achei que você tinha dito que já tinha feito isso antes? — rosnei. — Você está cortando meu cabelo usando um vídeo do YouTube?

Sua risada era melódica. — Só para *refrescar* a memória. Já faz um tempo. Eu sempre posso te dar um moicano. — Seus dedos pentearam o comprimento desgrenhado que roçava a gola da minha camisa. — Ou um mullet[3].

— Só toque nele. — *Ou continue tocando.* Mas eu não disse essa parte em voz alta.

[3] É um corte de cabelo mais curto na frente e nas laterais e mais longo na parte de trás.

— Você pode levantar um pouco o queixo? — ela perguntou, pegando meu pente.

Lambi meus lábios e encontrei seus olhos no espelho. — Este sou eu sentado ereto.

— Está tudo bem — ela disse, passando o pente pelo meu cabelo. — Contanto que você esteja confortável.

Eu não estava, mas não tinha nada a ver com a minha postura. Tinha tudo a ver com o fato de que eu não era tocado assim há muito tempo. Não era só a maneira como nos beijamos na noite passada. Eram as mãos dela em mim em toques simples que não tinham a intenção de me mover ou me consertar.

— Tenho uma vara no meu pescoço — eu disse, focando nos dedos dela se movendo pelo meu couro cabeludo. Fechei os olhos e ouvi sua risada.

— Então, você é como o Homem de Ferro da vida real.

Eu ri. — Algo assim.

Seu corpo era macio e quente contra minha cabeça enquanto ela se inclinava para frente. — Está tudo bem se eu tocar sua cicatriz?

Normalmente, eu teria dito não, mas eu queria que ela me tocasse mais do que tudo. — Sim, está tudo bem.

Dois dedos pressionaram minha nuca enquanto ela penteava alguns nós.

Senti falta da sensação dela quando ela pegou a tesoura. — Pronto?

— Só não corte minha garganta, Sunnyside.

Brooke jogou a cabeça para trás e riu. — Não vou cortar sua garganta. Prometo.

— Não me dê um corte tigela também.

Fiquei sentado enquanto ela passava o pente e a máquina no meu cabelo. Sua respiração suave me fez derreter enquanto tufos de cabelo caíam na toalha que ela tinha pendurado em meus ombros.

As dores de dormir ao ar livre não desapareceram, mas diminuíram.

Muito antes do que eu queria, Brooke desligou a máquina de cortar cabelo e a colocou na pia.

Seus seios pressionaram a parte de trás da minha cabeça enquanto ela passava os dedos pela parte da frente do meu cabelo para colocá-lo de volta onde precisava estar.

— O que você acha? — ela perguntou, dando um passo para trás e colocando as mãos nos meus ombros. Abri os olhos e vi seu olhar esperançoso no espelho.

Eu tinha que admitir, não era nada ruim. Era muito melhor do que a bagunça desgrenhada com a qual eu estava rolando por aí, e mais preferível do que um corte curto. Um banho e um pouco de gel de cabelo, e eu ficaria parecendo o antigo eu.

Algo naquele pensamento não provocou aquela pontada de ácido explodindo em meu estômago, que eu costumava sentir sempre que pensava no homem que existia antes do acidente.

— Nada mal — eu disse.

O rosto de Brooke se iluminou enquanto ela cuidadosamente tirava a toalha para que o cabelo não voasse para todo lado. — Sério?

Eu agarrei seu quadril antes que ela pudesse sair com a toalha. — Obrigado.

O sorriso dela era contagiante. — Se você tivesse uma pia com um borrifador, eu a lavaria para você. Lavar o cabelo com shampoo é, tipo, a melhor parte de fazer o cabelo.

Olhei para o chuveiro e para o pulverizador portátil pendurado no suporte na parede. O pensamento dela no chuveiro comigo fez meu pau ganhar vida, mas eu não conseguia. Eu não queria tirar vantagem dela.

Eu conseguia entrar e sair do chuveiro sozinho, e ela sabia disso.

Mas lá estávamos nós, espremidos no banheiro, sem nenhum de nós se mover.

— Sim — eu disse enquanto engolia. — Ter outra pessoa lavando seu cabelo é bom.

Ela inclinou a cabeça para o lado. — É difícil para você lavar o cabelo em um salão? Sabe, deitar com a cabeça no lavatório?

— Sim.

Um sorriso suave levantou seus lábios. — Eu lavo seu cabelo se você quiser. Todo mundo merece se sentir bem.

— Não quero tirar vantagem da situação.

Ela jogou a toalha na pia. — Você não está tirando vantagem de mim, Ray. — Ela sorriu. — Além do mais. Eu consigo correr mais rápido que você.

A risada que saiu do meu peito foi longa e alta. Eu não conseguia me lembrar da última vez que tinha rido daquele jeito.

Brooke sorriu enquanto cutucava meu ombro em direção ao chuveiro. — Entre e deixe seu short. Vou me trocar.

Eu estava sentado no assento do chuveiro quando ela voltou, e quase fiquei de queixo caído. Ela tinha trocado para um top de biquíni e um short atlético.

Deus me ajude, Brooke ia me matar.

— Preparado?

Fiquei de boca fechada e fechei os olhos enquanto ela ligava a água e testava a temperatura.

— Encoste-se em mim para que a água não escorra em seus olhos.

Ela não precisou me dizer duas vezes.

Sua barriga era macia e quente contra meus ombros. As curvas de seus seios pareciam travesseiros.

Fechando meus olhos, exalei lentamente. — Está tudo bem?

— Perfeito — ela respondeu, molhando meu cabelo e ligando o chuveiro enquanto pegava meu shampoo.

O vapor nos envolveu, nos aquecendo enquanto ela despejava o shampoo nas mãos e começava a massagear meu couro cabeludo.

— *Porra* — eu gemi baixinho.

— Bom? — ela perguntou suavemente.

— Sim.

Nenhum de nós disse mais nada enquanto ela lentamente aplicava o shampoo no meu cabelo e o fazia crescer até formar uma espuma. Brooke manteve uma mão no meu braço, seus dedos traçando minhas tatuagens enquanto ela o enxaguava do meu cabelo.

Eu tinha um frasco de condicionador, embora nunca tenha me incomodado em usá-lo. Brooke abriu o frasco e espremeu uma porção na palma da mão, massageando no meu cabelo.

Havia algo naquele momento que transcendia a conexão física que eu estava acostumado a sentir durante o sexo.

Era cuidado, conexão, intimidade e ternura. Isso me fez sentir humano novamente. Como um homem.

Ela me fez sentir que eu poderia ser desejado.

A água quente aliviou a tensão em meus ombros e costas, enquanto suas mãos lavavam meus demônios.

— Ray? — ela perguntou baixinho enquanto enxaguava o condicionador.

— Hum?

— De onde é a cicatriz na sua espinha? Do acidente?

— Mais ou menos. — Suspirei. — Cass me colocou nesse teste experimental em humanos.

— Eu me lembro de você ter dito algo sobre isso.

— Um grupo de cirurgiões implantou eletrodos na minha espinha para estimular meus músculos e nervos. Foi realmente invasivo, mas me devolveu um pouco da mobilidade. Mais do que eu poderia esperar.

— Como ela te colocou no experimento?

Eu ri. — Ela conhece pessoas. E poucas delas têm coragem de dizer não a ela. Ela provavelmente mantém um arquivo de chantagem à mão para quando precisa sacar favores.

A mão de Brooke percorreu minhas costas. — Você está feliz por ter feito isso?

Olhei para a água acumulada aos meus pés. — Naquela época, eu não estava. Eu me permiti ser usado como um rato de laboratório porque pensei que era tudo o que eu servia.

— E agora? — ela perguntou enquanto voltava a borrifar as pequenas mechas de cabelo dos meus ombros.

Peguei a mão dela na minha. — Sim. Estou feliz por ter ficado por aqui.

CAPÍTULO DEZESSETE



BROOKE

— Uau, Uau, Uau. — Ray agarrou o console central da caminhonete e segurou-se com força.

Revirei os olhos enquanto a caminhonete estremecia. — Muito dramático? Foi só um quebra-molas.

— Aquilo era um meio-fio! — Ray gritou. — Com pessoas nele!

Avistei uma vaga de estacionamento horizontal na calçada, diminuí a velocidade para entrar e depois pensei melhor.

Ray soltou um suspiro de alívio. — Graças a Deus. Estaríamos atrasados se você tentasse estacionar em paralelo.

— Alguém já lhe disse que você é maldoso às vezes? — eu disse enquanto parava no fundo do consultório do fisioterapeuta e pegava um lugar bem na frente.

— Você aprendeu a tolerar isso — disse Ray, sem negar minha avaliação.

— E você ainda tem que se humilhar bastante — eu disse enquanto pegava o saco de Sweet Tarts que ele tinha separado para mim e colocava um na boca. — Vou pegar sua cadeira de rodas lá atrás. Mande-me uma mensagem quando terminar. Vou ficar aqui relaxando. Pense no que você quer almoçar antes de voltarmos.

Ray fez uma pausa. A brincadeira que estávamos fazendo desapareceu.

Coloquei meu dedo em uma ranhura no volante. — A menos que você só queira almoçar em casa... o que é bom. Só imaginei que você gostaria de algo diferente de sanduíches.

Ele olhou para o prédio, depois para mim. — Por que você não vem hoje? — Ele esfregou a nuca. — Você sabe... comigo. Está quente lá fora, e eu não quero você sentada na caminhonete por tanto tempo.

— Vou manter as janelas abertas e trouxe uma bebida. — Peguei o copo grosso e isolado que roubei da casa dele e o sacudi.

Seus cílios grossos abaixaram. — Você vem comigo hoje?

— Olha, se for por causa do calor, vou procurar uma cafeteria ou algum lugar para ficar.

— Não é sobre o calor. Eu... eu quero que você entre. — E como se doesse fazer isso, ele rangeu os dentes. — Por favor.

Apertei a mão dele. — Eu adoraria.

Ray não disse nada quando saímos da caminhonete e entramos. Quando passamos pelas portas automáticas do complexo médico, meu cabelo estava grudado na nuca. O suor escorria pela minha testa.

Eu segui Ray enquanto ele navegava pelo elevador e pelo labirinto de corredores, então se empurrou através de um conjunto de portas automáticas. A unidade de fisioterapia estava bem iluminada e alegre. Música animada tocava no saguão, e uma pequena área de estar com lanches e café havia sido preparada para os acompanhantes enquanto eles esperavam.

— Vou ficar sentada ali até você terminar — eu disse enquanto ele se aproximava da recepção.

— Você pode vir comigo.

Meu coração deu um pequeno pitter-tap extra. — Ok. — Fiquei alguns passos para trás enquanto Ray fazia o check-in com a recepcionista.

Quando ele se virou para esperar no saguão, o desconforto se instalou em seus olhos. Sentei-me ao lado dele e cruzei as pernas. — Ray, posso esperar aqui mesmo se você não quiser que eu entre com você. Vou ficar bem. Eu prometo.

Ray manteve os olhos fixos no chão. — Eu nunca trouxe ninguém comigo antes. Eles sempre esperavam do lado de fora ou no saguão. Mas eu... eu quero você lá. Outras pessoas trazem suas... pessoas com elas.

Descansei minha mão no braço da cadeira de rodas dele. Ray deslizou sua mão em volta da minha e nossos dedos se entrelaçaram. Inclinei minha cabeça e a descansei em seu ombro.

— Ray? — Uma mulher vestindo um uniforme azul apareceu no corredor e sorriu para ele.

— Vamos — ele me disse enquanto soltava minha mão e se aproximava da mulher.

— Só me diga onde você me quer e o que você quer que eu faça. — eu disse.

A mulher olhou entre nós dois e sorriu. — Você vai me fazer perguntar, ou vai me contar?

Ray franziu a testa, mas havia um sorriso em seus olhos. — Eu já te contei alguma coisa?

— Prazer em conhecê-la — ela disse. — Eu sou Callie.

— Brooke — eu disse enquanto apertava sua mão.

Callie levantou uma sobrancelha para Ray. — E Brooke é sua...

— Não é da sua conta — ele resmungou enquanto passava por nós e começava a andar pelo corredor.

Callie sorriu. — Alguém está de bom humor hoje. E você cortou o cabelo. Você não parece mais um esfregão.

— É, e você está prestes a estragar meu humor. — Ray gritou enquanto levantava o dedo médio.

— Você vai entrar com a gente? — ela me perguntou com uma risadinha.

— Eu penso que sim.

Como Ray nos deixou para trás, Callie me levou de volta para uma sala onde outras duas pessoas estavam sendo testadas.

— Como foi seu fim de semana? — ela perguntou a Ray quando o encontramos.

Eu não tinha certeza de onde ficar. Não havia cadeiras extras espalhadas ou outras pessoas paradas no canto. Eu me estacionei ao lado da cadeira de rodas dele e pressionei minhas costas contra a parede para não atrapalhar.

— Tudo bem — ele disse enquanto apertava os cadarços dos tênis.

Callie não pareceu incomodada com o rancor dele. Ela apontou para o conjunto de barras paralelas no meio da sala. — Comece com as barras.

E então ela foi embora.

— Ela não é... — Olhei em volta. Ninguém mais estava vindo para ajudar. — Ela não deveria ajudar você?

As barras paralelas estavam a cerca de um metro e vinte de distância... longe o suficiente para que ele não tivesse nada em que se segurar até alcançá-las.

— Quem? Callie? — Ray balançou a cabeça. — Não. O estilo de tratamento dela é chutar um passarinho para fora do ninho repetidamente até que ele voe. Me dê sua mão.

Dei um passo na frente dele e estendi minhas mãos. Ray olhou para mim. — Ao meu lado.

— Certo. Desculpe. — Eu me arrastei para o lado dele e esperei enquanto ele se levantava da cadeira. — Você precisa ser mais específico. Dizer 'por favor' também ajuda.

Eu o observei enquanto ele tentava levantar os pés dos apoios. Quando não conseguiu, ele usou as mãos para puxá-los para fora e colocá-los no chão. Ray agarrou minha mão e segurou firme enquanto se levantava.

Meu coração pareceu parar quando ele deu dois passos arrastados para frente. Segurei sua mão ainda mais forte.

— Obrigado. — ele disse calmamente quando estávamos na metade do caminho para as barras paralelas. — E eu... eu sinto muito por ter surtado.

— Sabe, você não teria que se desculpar tanto se tivesse dito as coisas educadamente na primeira vez.

— Não podemos ser todos vocês, Sunnyside. — ele disse com um gemido de dor enquanto estendia a mão e agarrava a barra com a mão livre. Mais alguns passos arrastados e ele tinha as duas mãos na barra.

Callie voltou com uma braçada de faixas de resistência e pesos. — Ah, ótimo. Você está pronto para começar.

— Alguém já se preparou para ser torturado? — ele resmungou enquanto se posicionava no trilho acolchoado entre as barras.

Ela riu. — Quero cinco passos. Tente levantar os pés hoje em vez de arrastá-los. Você pode fazer seu primeiro passo segurando seu peso nas barras. Depois disso, quero o máximo de peso possível nos seus pés. Concentre-se nos seus quadris. Mantenha-os retos.

Enquanto Ray foi trabalhar em sua primeira viagem aos passos, Callie se aproximou de mim. — Então. Quem é você? Irmã? Namorada?

— Oh, não. Eu só moro com Ray. Mas não desse jeito. Eu trabalho para ele.

— Ele não trouxe ninguém com ele antes. Sempre me perguntei se ele tinha ajuda em casa.

— Ele não precisa disso — admiti. — Acho que estamos apenas fazendo um favor um ao outro. Eu estar lá evita que as pessoas o incomodem.

Callie sorriu. — Eu diria que provavelmente é mais do que isso. Ele tem estado diferente nas últimas semanas. Mais motivado. Nos primeiros meses, ele não falava conosco de jeito nenhum. Ele apenas fazia a sessão pela metade e ia para casa. Eu queria pensar que alguém no consultório teve um avanço com ele, mas acho que foi você.

— Você sabe que eu posso te ouvir, certo? — Ray gritou.

— Cuide da sua vida ou eu vou fazer você fazer mais passos! — Callie gritou de volta.

Eu ri.

Callie inclinou a cabeça em direção a Ray. — Fique perto das barras e distraia-o, sim?

Eu lhe dei uma saudação. — Sim, sim, Capitão.

Ray revirou os olhos quando fui até as barras paralelas e coloquei meus braços em cima delas.

— Não faça cara feia. Foi você quem me convidou para vir aqui.

— E eu estou me arrependendo disso — ele disse. — Você e Callie não podem se unir contra mim.

Eu ri e mordi meu lábio. — É isso que estamos fazendo?

Os olhos dele enrugaram nos cantos. — Guarde esse olhar, Sunnyside. Você está me distraindo.

— Que olhar?

Ele parou no meio do caminho, e seu olhar caiu para minha boca. Uma mão deixou a barra e segurou meu queixo. — O olhar que está em seu rosto desde a outra noite.

— Bem, droga. Se eu soubesse que tudo o que era preciso para te motivar era uma garota bonita, eu teria encomendado às pressas alguns recortes de papelão. — Callie provocou do outro lado da sala.

Ray fez um gesto obsceno e voltou a segurar a barra.

— Você está lindo hoje. — eu disse.

Ray sorriu.

— Eu quis dizer seu andar.

Ele apenas balançou a cabeça e continuou andando.

Fiquei perambulando pelas diferentes áreas do consultório enquanto Callie fazia sua mágica. Ray estava sempre exausto depois da fisioterapia, e eu conseguia entender o porquê. Ela não pegava leve com ele, e não o mimava.

Ele parecia feliz hoje. Havia um fogo em seus olhos onde eu só tinha visto brasas antes.

Fiquei na cadeira de rodas de Ray enquanto Callie o ajudava a subir em uma bola de equilíbrio. Pelo jeito que ela explicou cuidadosamente como queria que ele tentasse o exercício, parecia que era a primeira vez dele.

A meia bola estava posicionada entre as barras paralelas. Ele as segurou enquanto Callie se ajoelhava ao lado dele, falando sobre os músculos do joelho e tornozelo dele. Meu coração disparou quando ela se afastou e disse para ele tentar.

Os olhos de Ray estavam focados na bola.

— Pare de empurrar os braços — ela disse. — Use as barras para se equilibrar, mas não coloque seu peso sobre elas.

— Mais fácil falar do que fazer.

Ray levantou o pé direito do chão e se inclinou para frente para pisar na bola de equilíbrio. Seu joelho cedeu, e ele caiu para frente.

Soltei um grito e cobri a boca com as mãos.

Ele tentou agarrar as barras, mas sua mão esquerda escorregou. Ray caiu e girou, agarrando a barra com uma mão enquanto xingava alto o suficiente para silenciar a sala inteira.

Meu coração estava na garganta. Eu podia ver a dor estampada em seu rosto. Eu queria correr e envolvê-lo com meus braços.

Callie não o tocou. Ela se ajoelhou e trocou algumas palavras em voz baixa. A mão direita de Ray ficou branca enquanto ele apertava a barra e se levantava novamente.

Ray ia ficar bravo por eu ter ido à consulta com ele. Eu podia sentir isso na energia que irradiava dele.

Mas em vez de desistir, Callie o fez fazer de novo.

Seus braços se esticaram enquanto ele segurava um pouco mais de seu peso dessa vez. Cuidadosamente, ele levantou seu pé e o colocou em cima da bola de equilíbrio.

Fiquei hipnotizada pelos braços dele. Pela tinta que envolvia as grossas tiras de músculos. Pelo jeito como seus ombros flexionavam e ondulavam.

Eu tinha acordado naqueles braços. Eu tinha me deitado contra aquele peito. Eu tinha sido embalada por aqueles músculos.

Os lábios que se separavam a cada respiração difícil me beijaram e roubaram os meus.

Ray transferiu seu peso para o pé e lentamente trouxe o outro pé para se juntar a ele em cima da bola. Quando suas pernas cederam novamente, ele aumentou mais o aperto e aliviou, retornando ao chão.

Eles trocaram algumas palavras, então Ray olhou para mim e sinalizou para sua cadeira de rodas. Eu rapidamente pulei dela e a empurrei.

— Obrigado — ele disse, sem fôlego enquanto se abaixava lentamente. O suor brilhava em sua testa. E, honestamente, era sexy.

— Você está bem? — perguntei suavemente.

Ray pegou sua garrafa de água do porta-copos que eu prendi em sua cadeira de rodas e tomou um longo gole. — Cansado pra caramba.

— Você parecia muito forte lá em cima.

Seus olhos suavizaram quando encontraram os meus. — Obrigado,

— Posso te perguntar uma coisa?

Ele assentiu e enxugou o suor dos olhos.

— O que Callie disse quando você caiu?

Ray tomou outro gole, então fechou os olhos enquanto descansava. — Para cada vez que você não conseguiu se levantar antes, levante-se agora. E se você não consegue se levantar agora, saiba que você conseguirá um dia.

Coloquei minha mão sobre a dele. — Estou orgulhosa de você.

Andei pelo saguão enquanto Ray fazia uma rápida sessão de hidroterapia e massagem. Uma hora depois, ele foi dispensado e fomos almoçar.

— O que parece bom? — perguntei enquanto estacionava em um espaço estratégico no centro de Temple.

Ray olhou para o restaurante mexicano onde costumávamos pegar comida para viagem. — Há lugares no pátio.

Fiz uma pausa. Ray odiava sair em público. Normalmente, eu entrava e pegava nossa comida para viagem. Não consegui dizer se o comentário dele era apenas uma breve observação ou se ele estava pensando em sentar no restaurante e comer.

— É um dia bonito — eu disse. — E eles não parecem muito ocupados. A comida provavelmente vai sair rápido.

Ray inclinou a cabeça em direção à caçamba da caminhonete. — Se importa em pegar minha cadeira na parte de trás? Não estou com vontade de voltar para o rancho agora.

Ele parecia exausto, mas subiu na calçada sozinho antes de se sentar na cadeira.

— Você está chegando lá — eu disse enquanto fechava as portas e trancava a caminhonete. — Eu vou ficar sem emprego em breve.

Ray suspirou. — É só manutenção neste momento. Isso é o melhor que vai acontecer. Pequenas explosões de energia e meu corpo trabalhando, e então o resto é uma merda.

— Sabe, há modificações de direção adaptáveis que podem ser feitas na sua caminhonete para que você possa dirigi-la sozinho. Controles manuais para o acelerador e o freio. Elevadores para sua cadeira de rodas. Coisas assim.

— Eu sei — ele disse. Um sorriso provocador surgiu em suas maçãs do rosto pontudas. — Talvez eu apenas goste da pequena descarga de adrenalina que sinto toda vez que você dirige. É como estar de volta em um touro.

Eu ri. — Eu não sou tão ruim assim!

— Baby, eu falo isso com gentileza, mas você é a pior motorista que eu já vi.

Arrepios percorreram minha espinha.

— Ei, Stace ...

Fiquei paralisada no meio do caminho em direção ao restaurante.

Ray fez uma pausa e olhou por cima do ombro. — Quem é esse?

— Meu colega de quarto, Nick.

O rosto de Ray se contorceu.

Eu sabia que deveria continuar andando e entrar no restaurante, mas Nick me seguiria, e eu ficaria encurralada. Eu me virei. — Ei.

Nick olhou para nós dois de cima a baixo. Dois dos meus outros colegas de quarto estavam com ele. — Quem é esse?

— Ray — eu disse.

O olhar de Nick se voltou para Ray. — Certo… A estrela de rodeio rica com aquele trabalho de rancho…

Limpei a garganta. — Ray, esses são alguns dos meus colegas de quarto, Nick, Chandler e Devin.

Ray não disse nada.

Os olhos brilhantes de Chandler se voltaram para a caminhonete. — Bem legal. — Havia algo perturbador na maneira como ele olhava para a caminhonete de Ray.

— Você me deve aluguel — disse Nick.

— Eu tirei minhas coisas e já te paguei por este mês.

— Bem, até que tenhamos outra pessoa na casa, a responsabilidade continua sendo sua.

— Eu estava sublocando.

— Ainda em você, Stacey. Pague.

Meu estômago caiu, e minhas bochechas queimaram de vergonha. Eu odiava lidar com Nick, e não queria que Ray visse isso.

Uma mão deslizou na minha, e eu olhei para Ray. Mas ele estava olhando para Nick.

— Vai se foder — ele disse, segurando minha mão com força enquanto se virava e guiava sua cadeira de rodas com uma mão para dentro do restaurante.

CAPÍTULO DEZOITO



RAY

Minha adrenalina ainda estava bombando depois do almoço e da viagem de volta para o rancho. Brooke estava abalada, e eu odiava isso com cada fibra do meu ser.

O velho eu teria dado um soco na cara daquele garoto punk no minuto em que ele olhou para Brooke. Uma pequena briga na calçada era divertida de vez em quando.

O homem que eu era agora não conseguia. Fiquei tentado a dar um soco nas bolas dele, mas não dei.

Brooke estava sentada no sofá, mexendo no celular.

Eu me certifiquei de que as portas estavam trancadas antes de entrar na sala de estar. Algo sobre o encontro na calçada simplesmente não me pareceu certo. Aqueles garotos sabiam muito sobre mim. Eu não gostei.

Eu estava acostumado com as pessoas sabendo merda sobre minha vida, especialmente aqui.

Cresci em Temple, depois fui embora e fiz meu nome no circuito de rodeio. Meu acidente foi notícia nacional por uma semana. Quando finalmente acordei no hospital, ele correu a gama de veículos de comunicação por mais três semanas. Recusei pedidos de entrevista às dúzias, embora eu provavelmente devesse ter lucrado com eles.

Nunca me importei em ser famoso, mas odiava ser infame.

Não era absurdo pensar que os colegas de quarto de Brooke seguiram a história do meu acidente, mas não achei que era isso que estava acontecendo.

— Você está bem? — perguntei enquanto fazia uma curva precisa no canto do sofá secional.

Os olhos de Brooke mal se levantaram do telefone. — Por que eu não estaria?

— Seus colegas de quarto são uns babacas.

Ela soltou um suspiro suave. — Conte-me sobre isso.

— Eles são a razão pela qual você voltou mais cedo no fim de semana?

Ela engoliu em seco e não disse nada por um longo momento. — Sim.

Em vez de ir para minha poltrona reclinável, parei na frente dela. — Olhe para mim.

Ela mal me deu uma espiada em seus olhos azuis.

— Brooke.

Ela suspirou. — Sinto muito que tenhamos trombado com eles.

— Por que você está se desculpando comigo?

— Porque é vergonhoso! Eu me envolvi na confusão deles porque estava desesperada por um lugar para morar. Agora eles não param de me assediar. Eu só quero acabar com eles.

— Então pronto.

Ela colocou o telefone na barriga e fechou os olhos. — Podemos simplesmente… não brigar hoje? Você pode me demitir amanhã.

— Brooke, não vou demitir você.

— Certo. — Ela se mexeu, virando a cabeça para longe de mim. — Porque você precisa de uma distraçãozinha brilhante.

Qual era o problema dela? O sol que sempre brilhava dela estava completamente encoberto pelas nuvens em seus olhos.

— Ajude-me a levantar.

Ela abriu um olho. — Você… quer que eu...

— Eu disse o que eu disse. — Estendi a mão para ela. — Me dê sua mão. — Apertei minha mão em volta da dela e me sentei no sofá ao lado dela. — Venha aqui.

— Não quero sua pena. Lamento que tenhamos trombado com eles, e estou tentando resolver.

Enrolei minha mão em volta do tornozelo dela. Brooke soltou um guincho enquanto eu a arrastava pelo sofá até que sua bunda esbarrou na minha perna.

— Você pode simplesmente vir aqui e parar de se desculpar por merdas que não são culpa sua?

Ela bufou e sentou-se.

— Você precisa sair daqui por um tempo?

Ela desviou o olhar de mim. — Eu realmente não quero ir embora, a menos que você não me queira por perto.

— Eu quero você aqui. — eu coloquei um cacho atrás da orelha dela. — Eu só quero que você pare de se culpar por aquele encontro mais cedo.

— Mas eu sei que isso te incomodou e sinto muito.

Eu ri. — Isso me incomodou porque eu não gosto de ver você abalada. Estou bem.

Ela olhou para mim com olhos de corça. — Tem certeza?

— Prometo. — Sem nenhuma outra razão além do fato de que eu queria, dei um beijo em sua têmpora. — Não pense duas vezes.

Brooke se aninhou ao meu lado. — Obrigada. — Seu dedo arrastou-se ao longo de uma das linhas da minha manga de tatuagem. Um único toque de seu dedo fez meu sangue ferver.

Meu pau engrossou quando a mão dela roçou minha coxa. Soltei um suspiro lento para tentar acalmá-lo.

— Qual é o problema? — Brooke perguntou como o diabo inocente que ela era. Seus dedos roçaram a ponta do meu short.

— Nada — eu disse entre respirações cortadas.

— Sério? Porque parece que você está...

— Tenho que começar a usar mais do que shorts de ginástica perto de você.

— O quê? Por quê? Você deveria usar o que for confortável. Não é como se estivéssemos em um escritório ou algo assim.

As linhas que eu estava tentando tanto não cruzar desapareceram. Levei a mão dela para frente do meu short e pressionei a palma dela no meu pau. — É por isso.

Seus lábios se separaram enquanto ela olhava para baixo.

Segurei seu queixo e forcei seus olhos a voltarem para mim. — Não fique tão surpresa. Você fez isso comigo na noite em que nos beijamos lá fora. Caramba, você tem feito isso todos os dias desde que apareceu na minha garagem.

— Ray... — Seu sussurro ofegante do meu nome fez meu pau pulsar contra sua palma.

Brooke apertou.

— Baby...

Um sorriso malicioso surgiu no canto da boca dela, e ela apertou novamente.

— Você é uma provocadora do caralho — eu disse asperamente enquanto respirava com força para não gozar ali mesmo.

— É errado eu querer você? — Sua respiração ficou irregular quando ela escorregou para montar em mim. Seus joelhos afundaram nas almofadas do sofá. Nossos lábios permaneceram separados por um fôlego.

Ela se inclinou, mas eu deslizei minha mão pela parte de trás do seu couro cabeludo, agarrei seu cabelo e puxei para baixo, expondo sua garganta.

— Sim — eu rosnei. — É isso.

— Você é meu... chefe. — Ela engasgou quando eu agarrei sua garganta e chupei.

— Isso mesmo.

— E eu... eu assinei... um...

— Você assinou o quê? — Eu disse enquanto beijava seu queixo.

Ela engoliu em seco. — Um acordo. Que eu... que eu não iria...

— Desembucha — eu disse enquanto lambia a concha da orelha dela. A pele dela tinha gosto de verão. Eu queria saber qual era o gosto dela em todos os lugares.

— Que eu não teria um relacionamento com um cliente.

Apertei minha mão em seu cabelo. — Quem disse que isso é um relacionamento?

— Então o que é?

Eu sorri contra seus lábios. — Isso é só beijo, baby.

Sua respiração era quente e doce. — Então deixe-me beijar você.

Mas eu queria muito mais dela. Coisas que eu não poderia pedir corretamente. Eu mantive sua boca longe da minha com minha mão em seu cabelo. — Mãos atrás das costas.

Ela se moveu imediatamente, juntando as mãos.

Soltei o cabelo dela e a levei para dentro. O peito de Brooke subia e descia em respirações constantes enquanto ela ofegava. Suas coxas apertavam meus quadris enquanto ela tentava aliviar a dor em seu núcleo. Meu pau cobria meu short e pressionava entre suas pernas.

Mas ela não fez nenhum movimento para me pressionar.

Brooke, sentada ali com as mãos atrás das costas, esperando orientação, me contou tudo que eu precisava saber.

Ela não queria estar no controle aqui.

Ela não queria ficar.

Ela tinha o mesmo olhar faminto que eu.

O mesmo desejo.

Eu me inclinei para trás contra o sofá e estiquei meus braços sobre o encosto dele. A única parte dos nossos corpos que se tocavam eram as coxas dela de cada lado das minhas.

— Se você quiser isso, pode ficar com isso. Mas faremos do meu jeito. Você fará exatamente o que eu disser. Sem amarras. E nem uma palavra para a agência em que trabalha.

Brooke se mexeu. Suas pernas se apertaram contra as minhas, e ela choramingou, mas manteve as mãos atrás das costas.

Ainda obediente.

Meus olhos se voltaram para o short dela. — Você está molhada para mim, não está?

Seus lábios se separaram e seus olhos se fecharam.

— Abaixe seu short. Eu vou tirar você. Vou fazer você se sentir bem.

— Eu quero você. — ela sussurrou, arqueando as costas e empurrando os peitos em minha direção. — Eu quero seu pau. Por favor.

Foi o 'por favor' que me conquistou.

— Eu não tenho camisinha, baby. Eu não pensava em sexo há muito tempo. E então você apareceu usando esses shorts de merda que mostram sua bunda pequena, e essas regatas que me fazem querer me enterrar entre seus peitos. E agora é tudo em que consigo pensar. Eu fodo minha mão toda vez que estou no chuveiro porque não consigo parar de pensar em você. E eu não deveria. Você é muito jovem para mim.

Pálpebras pesadas se ergueram o suficiente para que seus olhos encontrassem os meus. — Eu sou uma adulta consentida.

— Você é doze anos mais nova que eu.

Em vez de usar suas palavras, ela abriu as pernas e caiu sobre meu pau, pressionando-o entre as pernas. — Estou tomando anticoncepcional. E fiz um exame físico antes de conseguir esse emprego. Todos os meus resultados foram positivos. E considerando que você viu quase todos os médicos do estado, vou dar um palpite e dizer que você está bem.

Ela estava tentando me matar. Eu tinha certeza disso.

Uma tira fina de jeans escondia sua boceta de mim. Alcancei entre suas pernas e segurei seu sexo. — Você quer que eu foda essa boceta crua?

Brooke inclinou a cabeça para trás e choramingou. — Por favor.

Deslizei um dedo sob o reforço da calcinha dela. Ela estava quente, molhada e absolutamente pingando para mim. — Do meu jeito.

— Sim.

— Você pode me dizer para parar, mas é só isso. Você não pode ditar nada.

Brooke tentou balançar para obter mais pressão do meu dedo. — É isso que eu quero. Você. No comando.

Eu puxei minha mão para longe. — Então vá para o meu quarto, tire todas as suas roupas e deite-se na cama de joelhos.

Ela saiu do sofá.

— E Brooke...

Ela congelou no meio do caminho e olhou para mim.

Um sorriso lento se estendeu pela minha boca. — Se você se tocar antes de eu entrar aí, vou fazer você se arrepender.

Ela mordeu o lábio, lutando contra um sorriso, e cruzou as mãos atrás das costas.

— Boa menina. — Inclinei a cabeça em direção ao quarto. — Continue.

Quando ela desapareceu pela porta, ajustei meu pau e recostei-me na poltrona.

Eu pensava em sexo desde o acidente, mas principalmente no contexto de perceber que nunca mais faria sexo.

Mas isso… Ela…

Brooke surgiu do nada.

Ela não era uma coelhinha de fivela, me perseguindo por influência e coisas brilhantes. Ela não me escolheu porque eu parecia um alvo fácil.

Talvez eu estivesse exagerando nas possibilidades, mas nunca havia pensado na vida depois daqueles oito segundos.

O colchão rangeu quando entrei no quarto.

Brooke estava ajoelhada no meio da minha cama, completamente nua. Seios empinados eram pontas de diamante no frio do ar condicionado. Seus tornozelos estavam cruzados, lindos como uma pintura, fazendo sua bunda parecer um coração.

Meu coração apertou no peito. Todos aqueles pensamentos motivacionais sobre dar o próximo passo para mim foram pela janela. Ela era perfeita... impecável em todos os sentidos.

Eu não queria que ela me visse tateando por aí. Eu não queria que ela me visse lutando para mover meu corpo.

Peguei minha máscara de dormir da mesa de cabeceira e coloquei na frente dela, passando meus olhos pela frente do seu corpo. — Coloque isso.

— Mas eu...

— Do meu jeito — eu a lembrei. — Você quer fazer isso?

Brooke assentiu e pegou a máscara.

— Você sempre pode dizer não. Nenhum dano. Nenhuma falta.

— Do seu jeito — ela disse enquanto deslizava a máscara sobre os olhos.

Sem que ela pudesse me ver, tirei minha camiseta e short. Alcancei a gaveta da mesa de cabeceira e puxei a corda longa com a qual estava praticando. Trilhei a espiral pela lateral do quadril e da coxa dela.

Brooke estremeceu.

— Você já foi amarrada? — perguntei enquanto encontrava a ponta da corda e sacudia os laços para endireitá-la.

— Não. — Ela mexeu os tornozelos. — Mas isso… Isso me excita. O pensamento disso. Eu quero tentar.

— Você confia em mim?

Ela foi rápida em responder. — Sim.

CAPÍTULO DEZENOVE



RAY

— Não vou apertar muito, mas você não vai conseguir se mover.

— Eu entendo.

— Não deve doer, então me avise se doer. Entendeu? Vou observar a cor da sua pele, mas se suas mãos ou dedos começarem a formigar, fale imediatamente.

Brooke assentiu.

— Palavras, menina. Preciso ouvir você dizer que entende.

Sua respiração ficou presa na garganta. — Eu entendi — ela sussurrou.

Meus braços estavam doloridos da fisioterapia, mas consegui me puxar para a cama e sentar na frente dela. Precisei de tudo em mim para não começar a tocar, provar, provocar. Eu queria me enterrar nela.

Ela era como o sol. Eu queria chegar perto, mesmo que isso significasse me queimar. Eu queria ser consumido por ela de novo e de novo.

— Você é tão linda pra caralho — eu disse enquanto enrolava as cordas, colocando-as em volta da parte de trás do pescoço dela como um cachecol. Elas se juntaram em um nó a uma polegada do topo do esterno dela.

Meu pau se contraiu contra a perna dela.

— Você sente o que faz comigo, baby? — murmurei enquanto enrolava a corda em faixas ao redor do topo dos braços dela, prendendo-os nas laterais.

Brooke ofegou. — Quero sentir seu pau. Coloca na minha mão?

— Adoro ouvir essas coisas safadas saindo dos seus lábios perfeitos.

Ela engasgou quando passei as cordas sob seus seios. A tensão os empurrou para frente, e não consegui resistir a puxar um mamilo rosado para dentro da minha boca. Brooke engasgou novamente, lutando contra as restrições.

— Vou te provocar até sua boceta chorar por esse pau. — Passei um dedo pela fenda dela, então cobri seus lábios com sua própria excitação. — Mas acho que você ainda não está molhada o suficiente.

Eu me mexi na cama até ficar atrás dela. Sem pressa, amarrei a escada de nós que descia por sua espinha. As pontas da corda tinham comprimento suficiente para

enrolá-las em volta das dobras de suas coxas, forçando suas pernas a se separarem, prendendo-as na tensão entre as cordas que prendiam seus braços.

Toquei os dedos dela, apertando-os para verificar a cor e a temperatura. — Mexa os dedos para mim.

Ela fez isso, roçando-os na minha mão.

— Boa garota.

Admirei meu trabalho manual enquanto ouvia sua respiração. Ela parecia uma deusa. Uma obra-prima.

— Você está deslumbrante. — Enganchei minhas mãos nas faixas de corda em volta de suas costelas e as usei para me levantar de joelhos. Pressionei meu peito em sua espinha. Meu pau empurrou contra sua bunda. — Como é a sensação? — perguntei enquanto afastava seus cachos para o lado e beijava sua nuca. Olhei por cima do ombro para seus seios e dei um polegar em seu mamilo.

Brooke engasgou. — É... é como se...

— Parece o quê?

— Segura. — ela sussurrou. — Quente. Parece que você está me segurando, mesmo quando não está. — Um gemido agudo escapou de seus lábios quando deslizei meus dedos por sua boceta. — Eu me sinto como uma estátua. Como se eu não pudesse me mover, mas eu quero que você olhe.

Apertei o peito dela. — Você é de tirar o fôlego assim. Arqueie as costas para mim.

Ela tinha um pouco de espaço de manobra, então empurrou a bunda contra mim, mas não muito mais que isso.

Ela soltou um gemido a cada raspada das cordas. Elas eram lisas, destinadas à escravidão, mas as fibras contra sua pele eram uma nova sensação.

Eu tinha criado uma versão modificada de um arenês de libélula, esperando que isso me desse alavancagem e estabilidade enquanto a segurava. Deslizei minha mão esquerda sob a pilha de nós ao longo de sua espinha e enrolei meus dedos em volta deles.

Brooke choramingou quando o objeto apertou seus seios.

Alcancei entre suas pernas e encontrei seu clitóris. Ela estremeceu e puxou contra as restrições.

— Você está bem?

— Preciso gozar — ela implorou.

— Eu sei que você quer. — eu disse com uma risada provocante, massageando seu clitóris. — Essa boceta está implorando por mim, não é? Eu sei que não vou durar muito quando finalmente entrar em você. Então, vou levar meu tempo, e você vai aproveitar.

Os dentes dela afundaram no lábio inferior. — Por favor... rápido...

— Goze para mim, garotinha. Você não precisa esperar. Haverá mais.

— Mas eu...

Ela não conseguiu terminar seu pensamento antes que eu a tivesse despedaçado em minha mão. Seu peito arfava contra as cordas enquanto ela recuperava o fôlego.

Segurei seus dois seios, pressionando sua espinha contra meu peito enquanto provocava seus mamilos até que eles ficassem inchados e duros.

— Coisinha carente — murmurei contra seu pescoço. — Tão desesperada que você está disposta a ser vendada, amarrada e fodida. — Suas pernas começaram a tremer novamente enquanto eu brincava com seus mamilos. — Você ficaria tão bonita com grampos pendurados nesses peitos e um brinquedo na sua bunda.

Ela arfou e inclinou a cabeça para trás em meu ombro. — Por favor. — foi à única palavra que escapou de sua boca.

— Garota imunda.

— Só para você — ela ofegou.

— É isso mesmo. — Deslizei minha mão entre as pernas dela novamente. — Só eu.

Minhas coxas tremeram. Eu a soltei e me virei, sentando de costas um para o outro antes que minhas pernas cedessem e eu caísse.

— Ray? — A preocupação encheu sua voz.

— Bem atrás de você. Estou aqui. Só preciso sentar por um segundo.

— Ok — ela sussurrou com um suspiro de alívio.

— Eu não vou te deixar — prometi enquanto me deitava de costas. — Você está segura comigo.

Eu alcancei minha cabeça e agarrei suas coxas. — Sente na minha cara, menina. Eu quero saber qual é o gosto dessa boceta antes de foder.

Ela não precisou ser avisada duas vezes. Brooke se moveu para trás com a pouca amplitude de movimento que tinha até que sua boceta se acomodou na minha boca.

Passei minha língua pelo sexo dela e gemi. — Porra. — Eu a devorei com outra passada, provocando seu clitóris. — Você vai me fazer gozar pelo seu gosto. — Eu fechei meu pau. — Você ouviu esse som? Sou eu fodendo minha mão. — Eu chupei sua boceta até que ela pingasse na minha boca. — Eu não consigo me conter.

Brooke choramingou. — Meu Deus... Preciso gozar de novo.

Ela empinou os quadris no meu queixo como se estivesse montando um touro.

— É isso, linda. Goze na minha cara. Quero você toda em cima de mim. — Deslizei dois dedos em sua boceta e acariciei suas paredes enquanto chupava seu

clitóris. — Aí está. Sinto que você está prestes a gozar. Como você é apertada. Mal posso esperar para foder essa boceta.

Brooke soltou um gemido desesperado enquanto se debatia contra as cordas. Suas coxas apertaram em volta da minha cabeça.

— Dê-me mais uma e eu deixo você comer meu pau.

— Ray — ela implorou. Suas coxas tremeram.

Encontrei o ponto G dela e o provoquei. Os músculos dentro dela se contraíram em volta dos meus dedos.

Brooke caiu para frente quando gozou. Ela aterrissou com a bunda no ar e o rosto em um travesseiro.

Rolei de bruços e empurrei para cima, para os braços, dando-lhe uma longa lambida da boceta até a bunda. Ela gritou no travesseiro e se debateu enquanto eu provocava, apertada entre suas nádegas abertas.

Ela inclinou a cabeça para o lado e respirou fundo.

— Cada pedaço seu tem um gosto tão bom — eu gemi enquanto agarrava as cordas ao redor da base de suas costelas e me puxava até meus joelhos. — Você me deve mais um orgasmo, garotinha.

O corpo inteiro de Brooke estava vermelho de rosa enquanto ela recuperava o fôlego. O interior de suas coxas estava escorregadio de excitação e saliva. Meu pau estava vazando como uma mangueira de merda enquanto eu me alinhava com sua boceta.

— Como estão suas mãos?

Brooke balançou os dedos. — Bom.

Segurei os nós da espinha dela com a mão direita e arrastei meu pau pela entrada dela com a esquerda. Sem aviso, empurrei para dentro dela.

Brooke engasgou, mas eu mal ouvi por causa do rugido do sangue em meus ouvidos.

Porra, eu tinha perdido isso.

Era estranho como algo tão simples me fez sentir mais humano do que nunca em mais de um ano.

Mas não era só o ato.

Era ela.

Brooke estava radiante enquanto jogava a cabeça para trás como uma égua e gemia.

— Você é boa pra caralho, baby.

Eu tinha me masturbado mais vezes do que podia contar desde que me mudei para minha casa, mas isso era diferente. Era muito melhor. Havia uma energia

pulsando entre nós que eu não tinha sozinho. Uma conexão que nos unia mais forte do que as cordas.

— Por favor, me foda com mais força — ela implorou.

Quem era eu para dizer não?

Segurei as cordas em volta das costelas dela e bati meus quadris nela. Brooke gritou enquanto eu estabelecia um ritmo extenuante, implorando por outro orgasmo.

Segurei com a mão direita e usei a esquerda para passar os dedos pelo couro cabeludo dela, agarrando o cabelo dela pela raiz. Arranquei a cabeça dela do travesseiro.

— De quem é essa boceta?

— Você — ela suspirou, respirando fundo.

Empurrei a cabeça dela de volta para o travesseiro. — Isso mesmo, garotinha. — Empurrei dentro dela novamente. — Por quem você vai gozar?

— Você — ela gritou no travesseiro. Seus dedos se curvaram, arranhando a corda.

Minhas bolas doíam para descarregar dentro dela. Minhas coxas tremiam e meus joelhos cederam.

Ela soltou um gemido desesperado. Seu corpo inteiro estremeceu quando ela gozou novamente. Eu desmoronei em cima de sua espinha enquanto me despedaçava, inundando sua boceta com minha liberação.

Meu corpo e minha mente estavam vivos.

Eu me afastei dela e deitei de lado enquanto desamarrava o primeiro nó e libertava suas mãos.

Brooke soltou um suspiro de alívio quando as cordas se soltaram e deslizaram em uma pilha. Seu corpo derreteu na cama.

Enfiei dois dedos na boceta dela e empurrei meu esperma de volta para dentro dela.

Os dedos dos pés dela se curvaram. — Ray — ela choramingou. — Eu não posso. De novo não.

— Você não precisa gozar de novo — murmurei enquanto cobria seus braços com beijos e gentilmente acariciava dentro de sua boceta. — Isso ajuda a aliviar esse choque. Apenas respire por mim. — Levantei a mão e removi a máscara de seus olhos. — Você está de tirar o fôlego.

O sorriso de Brooke era suave e saciado. Seus olhos estavam sonhadores quando encontraram os meus.

Eu relaxei e beijei sua testa. — Obrigado.

Sua testa franziu. — Para quê?

— Por me trazer de volta.

Passamos um momento deitados juntos, recuperando o fôlego. Eu sabia que estava ferrado pelo resto do dia. Entre fisioterapia e sexo, meu corpo estava acabado.

Eu disse a Brooke para relaxar enquanto eu me vestia e me acomodava na minha cadeira de rodas para ir ao banheiro. Quando voltei depois de uma rápida parada na cozinha, encontrei Brooke saindo do banheiro, ainda nua.

Ela rastejou de volta para a cama e se jogou. — Não acho que tenha sobrado uma única caloria no meu corpo.

Eu sorri. — Três orgasmos farão isso com você. — Descarreguei os lanches do meu colo na cama e tirei o copo de água do porta-copos da minha cadeira. — Coma alguma coisa e beba isso.

— Sem argumentos aqui. — Brooke disse, sentando-se contra a cabeceira e puxando a colcha até o peito. — Obrigada.

Tentar voltar para a cama foi menos do que gracioso, mas ela não me deu atenção. Assim que eu estava ao lado dela contra a cabeceira, eu a puxei para o meu colo. — Como você se sente?

Ela recostou a cabeça no meu ombro e fechou os olhos. — Como se eu estivesse flutuando.

Eu ri. — Seus ombros provavelmente estarão doloridos amanhã. — Tracei meus dedos ao redor das articulações dos ombros e bíceps dela. — Especialmente aqui. — Marcas vermelhas brilhantes das cordas riscavam sua pele. Passei minha palma sobre cada uma, verificando se havia alguma marca profunda. Ela não vacilou ou reagiu ao meu toque. — Tome um banho antes de ir para a cama hoje à noite.

Ela soltou uma risada. — Acho que não vou conseguir sair da sua cama.

Dei um beijo na parte de trás da orelha dela e a abracei. — Por mim, tudo bem.

— Posso perguntar?

— Perguntar o quê?

— Como você aprendeu tudo isso?

Pressionei meus lábios em seu ombro nu e sorri. — Bem... Acho que sempre foi uma afinidade minha.

— É só isso que eu ganho?

— Você está esquecendo que eu vivi como adulto muito mais tempo do que você.

— Justo. Mas estou apenas curiosa.

Beijei-a novamente. — Eu viajava muito quando tinha vinte e poucos anos. Era um hobby que eu podia aprender na estrada. Eu ficava em quartos de hotel à noite e praticava diferentes tipos de nós e arreios. Ocasionalmente com uma

parceira. — Suspirei. — E depois do meu acidente, retomei a habilidade para recuperar a destreza nas minhas mãos... sem as parceiras.

Brooke soltou um bocejo enquanto assentia.

— Cansada? — perguntei, afastando o cabelo dela do rosto.

Ela sorriu. — Estou surpresa que não esteja. Você teve fisioterapia esta manhã.

Eu ri. — Não vou sair desta cama tão cedo.

Seus olhos azuis encontraram os meus. — Posso ficar?

Eu não queria nada mais do que ela ficar e nunca ir embora. Eu me mexi para deitar de costas, puxando-a para baixo comigo. — Fique confortável.

Brooke aninhou-se ao meu lado e descansou a cabeça no meu peito como se fosse a coisa mais natural do mundo.

E, caramba, parecia que era mesmo.

CAPÍTULO VINTE



BROOKE

— Obrigada pela carona — eu disse a CJ enquanto trotávamos de volta para o celeiro. Cada queda dos cascos de Indy me fazia estremecer.

Meu corpo inteiro doía.

Quando CJ apareceu no deck traseiro de Ray com Anarchy e Independence arreadas, não pude recusar. Mas também não consegui explicar por que estava andando como se já tivesse feito um passeio de quilômetros.

Ray, o babaca, apenas sentou no deck traseiro e sorriu enquanto eu me acomodava na sela.

Pelo menos foi uma viagem curta. CJ me levou para o canteiro de obras onde o hotel e o restaurante estavam sendo construídos, pelos caminhos que serpenteavam pelo lado oeste, depois de volta para o lado sul do rancho, onde ficava a casa de Ray.

Espero não me perder na próxima vez que sair sozinha.

— Você foi bem — disse CJ enquanto saltava de Anny e a levava para uma baia onde comida e água a esperavam. — Você é um talento natural.

Desmontei de Indy e mordi meu lábio, tentando suprimir um gemido. A cada passo que eu dava, eu ainda conseguia sentir Ray dentro de mim.

— Você acha que vai trazer Ray para jantar em família novamente? — ele perguntou.

Um gato velho e malhado espiou da baia de Indy.

— Ah, olá — eu disse enquanto me abaixava para pegá-lo.

O gato miou assim que o toquei.

— Você não é um sujeito fofo? — Eu trouxe o gato gritando para o meu peito.

CJ se virou rapidamente. — Brooke... não...

Era tarde demais. O gato me atacou com um golpe duplo e cruel. Garras afundaram em meu rosto, peito e braços enquanto ele tentava se afastar.

— Ei, está tudo bem — eu acalmei apesar do sibilar do gato. — Eu sou legal, eu prometo.

CJ arrancou o gato das minhas mãos e o jogou em uma pilha de feno. — É, mas Dusty não está. Aquela coisa é uma babaca, mas ela mantém os ratos longe.

Ele avaliou os rasgos na minha camisa, os arranhões cobrindo minha pele e o sangue escorrendo pelo meu corpo. — Ray vai me matar, porra. Eu disse que te traria de volta inteira.

— Está tudo bem. É só um pequeno arranhão — eu disse, acenando para ele. — Vou fazer com que ela goste de mim eventualmente.

CJ riu e balançou a cabeça enquanto me ajudava a remover o equipamento de Indy. — Você é uma pessoa que gosta de animais.

Eu sorri enquanto comecei a escovar o pelo lindo de Indy. — Eu os amo. E plantas. E crianças. E idosos.

Ele riu. — Eu adoraria ver você e Cass trancadas em um quarto juntas.

Estremeci. — Ela é assustadora.

— Sim, é o que a maioria das pessoas diz. — Ele parou por um momento. — Como está o Ray?

— Você deveria perguntar a ele — eu disse animadamente.

Ray nunca disse isso abertamente, mas eu sabia que o incomodava quando as pessoas falavam ao redor dele, sobre ele, mas não com ele. Francamente, era rude.

CJ levantou uma sobrancelha. — Você trabalha com ele.

— Não, eu trabalho para ele. Ray é meu chefe.

CJ fez uma pausa. — Justo. Ponto aceito.

Olhei para o velho relógio pendurado na parede. — Eu provavelmente deveria voltar para casa. O que mais eu preciso fazer?

— Você está bem. Eu termino.

Deixei CJ com os cavalos e voltei pelo caminho até a casa de Ray. No momento em que pisei de volta para dentro, soube que tinha cometido um erro.

— Jesus Cristo, o que diabos aconteceu com você? — Ray gritou do outro lado da sala de estar. — Eu pensei que você estava indo para um passeio de trilha? Por que diabos você está sangrando? Eu juro, eu vou matar CJ...

— Ray, pare — eu disse, rindo. — Estou bem. Tentei pegar o gato do celeiro e ele ficou um pouco atrevido comigo.

Ray fez uma pausa, bufou e beliscou a ponte do nariz. — Você vai me dar problemas de pressão arterial, sabia?

Eu ri enquanto tirava os tênis na porta e abria a geladeira. — Você se preocupa demais.

— Acho que é justificado.

Peguei um refrigerante da porta da geladeira e o abri. Antes que eu pudesse me virar e fechar a porta, mãos estavam em mim.

— O que...

Ray me puxou para seu colo. Ele empurrou as rodas para trás e fechou a porta da geladeira. — Você precisa cuidar melhor de si mesma, Sunnyside.

— São apenas alguns arranhões.

— Aquela gata de celeiro está por aí desde o ensino médio. Eu vi as pessoas que ela fodeu, e eu fui uma delas. — As mãos de Ray percorreram meus braços e ombros, verificando os arranhões. Ele soltou um suspiro suave. — Eles não parecem muito profundos.

— Eu te disse.

Ray me lançou um olhar penetrante. — Você precisa de ajuda para limpá-los?

— Eu ia enxaguar de qualquer jeito. Estou com cheiro de suor e cavalos.

Sua mão se enrolou em volta do meu quadril. — Você cheira bem para mim.

Eu ri e empurrei seu peito. — Esquisito.

Ele abriu um sorriso. — Só estou dizendo. Combina com você.

Ray me levou até o banheiro enquanto eu tomava um gole da minha bebida. Ele me colocou no chuveiro antes de jogar uma toalha limpa da secadora em mim. Depois que enxaguei e desinfetei os arranhões do gato, eu o encontrei no sofá com seu laptop.

Toda vez que eu o via sentado no sofá em vez da poltrona reclinável, meu coração se enchia. Era um convite tácito para me juntar a ele. A poltrona reclinável era só dele, mas eu era bem-vinda no sofá.

— O que você está fazendo? — perguntei enquanto me enrolava ao lado dele, passando um pente largo pelos meus cachos encharcados.

— Nada — ele disse rapidamente, tentando fechar um aplicativo de streaming de vídeo.

Mas ele não conseguia esconder o que estava assistindo.

— Você sente falta? — perguntei, olhando para a miniatura pausada de um cavaleiro nas costas de um touro enorme.

Seu silêncio falou muito. A resposta era evidente na flexão cerrada de sua mandíbula. — Meu antigo empresário queria que eu assistisse esse garoto montar e mandasse algumas críticas.

Eu bufei. — Parece que ele está relaxando.

O canto da boca dele se levantou, mas foi só isso.

— Sinto falta disso — ele admitiu. — Odeio assistir desse sofá de merda. Sei que devo acreditar que houve um propósito para o meu acidente. Você sabe... toda essa merda de positividade que Christian pode vomitar num piscar de olhos. — Ele

suspirou e fechou o computador. — Mas não vejo nada de bom nisso. E acho que nunca vou ver. Ainda não consigo escrever meu próprio nome, e ele tem apenas três letras.

Eu me enrolei ao seu lado e descansei minha cabeça em seu ombro. — Eu não acho que você tem que encontrar o lado bom nisso. Às vezes não há nada de bom para ser encontrado.

Ray olhou para mim curiosamente. — Você caiu e bateu a cabeça naquele passeio, Sunnyside?

Eu ri. — Não. Eu só… — Eu suspirei. — Meus pais morreram. Minha avó morreu. Eu não tenho família. Eu tenho colegas de quarto de merda que meio que me assustam, e eu acordo todo dia só esperando passar as próximas 24 horas para estar um dia mais perto de acessar minha confiança e ter uma vida. Não há nada de bom nisso. Não há nada de bom em você ser jogado de um touro e ter sua carreira acabada. Você não precisa fingir que há um significado maior em tudo isso. Às vezes a vida é só uma droga.

— É aqui que você me diz para aproveitar as pequenas coisas e ser grato pelo que me resta?

Dei de ombros. — O que você faz com o que tem é problema seu. Não estou dizendo que você tem que fingir que seu acidente ou seu diagnóstico foram bons. Mas estou dizendo que coisas boas ainda existem.

Ray encontrou minha mão e apertou.

Estudei o contraste da tinta preta que dançava em sua pele clara. — Escuridão e luz existem juntas nos mesmos momentos. Nós as encontramos no nascer e no pôr do sol. É o choque que as pessoas atravessam montanhas para vivenciar.

A casa estava quieta. Quieta demais. Ray estava nervoso. Francamente, eu também.

— Vamos sair daqui.

Ele levantou uma sobrancelha. — Por quê? Onde?

— Quem se importa para onde vamos? O que mais temos que fazer? Você não tem fisioterapia até amanhã à tarde.

Ele piscou por um momento, e eu podia dizer que ele estava pensando sobre isso em sua mente. — Faça uma mala. Estamos saindo em vinte minutos.



— Vire à direita na próxima e entre na rodovia.

O motor da caminhonete roncava enquanto atravessávamos a cidade sem avisar ninguém no rancho que estávamos indo embora.

— Você vai me dizer para onde vou nos levar? — perguntei enquanto mexia no rádio.

Ray afastou minhas mãos. — Dez e dois, Evel Knievel. — Ele encontrou a estação que eu estava procurando e aumentou o volume. — E não. Você recebe direções, não um destino. Você simplesmente se perderia de qualquer maneira.

Revirei os olhos. — Homens de pouca fé.

— Estou fazendo suposições fundamentadas com base em padrões anteriores de comportamento. — Ele deslizou a mão pelo meu braço e tirou minha mão do volante quando me estabeleci na faixa da direita na rodovia. Ray envolveu sua mão na minha. — Estamos indo para o leste.

— Tudo bem, Lewis e Clark. O que vamos fazer no leste?

O calor em seus olhos era positivamente carnívoro. — Saindo da cidade para passar a noite.

Apertei minhas coxas juntas. — Quanta corda você trouxe?

Ray soltou uma risada alta e longa. Foi um contraste forte com o homem assombrado de antes, que estava contemplando a trajetória de sua vida. — Eu não trouxe nenhuma. Desculpe desapontá-la.

— Não estou desapontada. — deixei escapar.

Oh meu Deus. Era tão óbvio que eu estava realmente desapontada.

Ray riu.

— Ok, tudo bem. Talvez eu esteja um pouco decepcionada. — Eu tirei meus olhos da estrada brevemente. — Uma repetição de ontem está na mesa?

Ele lambeu os lábios. — Olhos na estrada, Sunnyside.

Bufei e me concentrei em dirigir.

— É isso… algo que você quer? Comigo, quero dizer.

— Sexo? Hum. Sim, por favor? Eu pensei que isso fosse bem óbvio.

— Não é.

— Óbvio?

Ray cerrou o maxilar, e sua expressão tempestuosa retornou. — Eu te darei o que você quer. Só preciso saber o que é.

Ele. Eu o queria.

O pensamento me assustou com sua necessidade. — O que você quer? — eu retruquei.

Ray balançou a cabeça. — Não foi isso que eu pedi. Pegue a próxima saída.

Ele realmente me deu instruções? Ele estava sendo tão indiferente sobre uma conversa que deveria ter sido altamente íntima.

Se ele não fosse ser corajoso, eu seria. — Eu gosto de você — confessei. — Muito. E talvez isso seja estranho, já que trabalho para você e não temos muito em comum. Mas eu gosto de sair com você. E tenho certeza de que você é o homem mais sexy que já conheci pessoalmente.

Ray levantou uma sobrancelha. — Pessoalmente?

Dei de ombros. — Quero dizer, Ryan Reynolds existe.

Ele abriu um sorriso. — Isso é justo.

Segurei sua mão um pouco mais forte enquanto saía da rodovia e fiz a curva à esquerda que ele apontou. — Não quero criar muitas esperanças porque sei que você provavelmente não quer o que eu quero. Então, se você só quer sexo, tudo bem.

— O que você quer, Brooke?

— Eu quero estar com você. Para ver aonde as coisas vão. E se não der certo, não deu certo. Mas pelo menos tentamos.

— Você quer namorar comigo?

Eu odiava o tom dele, como se fosse estranho querer namorar. Ele provavelmente poderia ter qualquer mulher que quisesse.

— Você não precisa parecer tão chocado.

— Não estou chocado. — Ray suspirou. — O objetivo final do namoro é o casamento, e eu não sou do tipo que se casa.

— Quem disse?

— Eu disse.

— Por quê? Porque você não quer? — Eu ri. — Não vou andar pelo corredor tão cedo. Não levei um vestido branco e não vou nos levar ao tribunal.

Ele soltou minha mão e passou os dedos pelos cabelos. — Não faça essa porra de jogo comigo. Achei que você fosse melhor do que isso.

— Que jogo?

— A coisa que as pessoas fazem quando fingem que eu não sou paraplégico. Eu sou. Isso não vai mudar. O jogo em que as pessoas fingem que não afeta tudo. Eu não posso te levar para encontros. Eu não posso andar ao seu lado e segurar sua mão. Eu não posso dançar com você em um casamento. Eu não posso ser aquele que te leva ao hospital quando você está em trabalho de parto com nossos bebês. Eu não vou fazer alguém que eu amo passar por isso. Eu não vou fazer você assumir um dependente quando você deveria ter um parceiro. Eu não vou ser egoísta, não importa o quanto eu queira ser.

Oh. Ele… Ele disse muitas coisas.

Entrei no estacionamento de um fast food e pisei no freio. — Você acabou de dizer que me ama?

Ray pressionou a cabeça contra o encosto. — Sério? Foi isso que você tirou de tudo isso?

— Sim ou não.

— Não importa.

— Importa para mim. Não é algo que as pessoas prometem umas às outras? Para o bem ou para o mal? Na saúde e na doença?

Ele olhou pela janela. — Eles prometem essas coisas antes que aconteçam. É uma apólice de seguro frívola que não se aplica a condições pré-existentes.

Coloquei o câmbio em ponto morto e me virei no assento. — Ray...

— Sabe, eu estava animado para me aposentar em alguns anos. — ele admitiu com uma voz de partir o coração. — Eu queria me estabelecer e ter filhos. Cuidar das minhas sobrinhas quando elas eram pequenas e precisavam de alguém colocou esse fogo em mim. Eu queria ter o tipo de família que tive quando criança.

— Você ainda pode ter todas essas coisas. Você é o homem que descobre e faz funcionar. Não estou dizendo que seria comigo. Inferno, podemos nos odiar quando chegarmos em casa amanhã. Você está esquecendo que não precisa de mim. Lembra?

Seus olhos eram suaves e vítreos. — Acho que eu estava errado.

CAPÍTULO VINTE E UM



RAY

Saímos do estacionamento em silêncio, mas Brooke nunca soltou minha mão. Mesmo quando ela passou pelo meio-fio.

Eu nunca tinha admitido nada disso para ninguém, nem mesmo antes do acidente. Minha persona pública foi construída em ser a criança selvagem despreocupada e desapegada. Meus patrocinadores não queriam o tio amoroso. O irmão. O garoto do rancho em Temple, Texas, que usava seu coração na manga.

Eles precisavam do cara que montasse forte, se despisse para sessões de fotos e festejasse.

Então, coloquei o garoto que eu costumava ser longe.

Sem as câmeras, as luzes e a glória, tudo o que restou foi pele rasgada e ossos quebrados. Meu corpo desistiu de mim antes que eu estivesse pronto para desistir.

Eu costumava pensar sobre o que faria depois de terminar o circuito de rodeio, mas nunca fiz um plano. Pensei em voltar para casa no Colorado, arrumar as malas e viajar por um tempo. Talvez ir mais para o oeste, para a Califórnia, ou para o norte, para Wyoming.

Uma vez, eu até joguei dardos em um mapa, esperando decidir onde eu iria parar. Mas afundar aquelas pequenas pontas prateadas em Laramie, Wyoming, Marion, Iowa, Saskatoon, Saskatchewan e Wilmington, Carolina do Norte não trouxe nenhuma clareza.

Nunca imaginei que voltaria para o rancho para sempre. Eu gostava de visitar e sentia falta, é claro. Sentia falta dos meus irmãos, pais e sobrinhas. Mas voltar quando finalmente saí não fazia parte do plano.

E agora eu estava indo embora novamente.

Com exceção de algumas viagens supervisionadas para consultar especialistas em Dallas, nunca mais saí do rancho ou da minha cidade.

Sair esta tarde com Brooke era diferente. Estávamos saindo só por diversão, e foi tão bom pra caralho.

Eu não estava acostumado a esse sentimento. Mas, recentemente, eu estava me sentindo muito bem. Era tudo por causa dela.

O sexo foi incrível. Mas também foi o conforto e a facilidade que senti com ela que realmente importaram. Não precisei fingir ou fazer um show.

Brooke não me olhava do jeito que minha família olhava... com pena. Ela não me tratava como as coelhinhas de fivela que se agarravam aos cavaleiros a cada temporada para ser seu vale-refeição. Ela me olhava como se eu fosse à pessoa com quem ela queria passar cada momento.

Quando Brooke entrou no estacionamento do Maren Motel e estacionou em frente ao escritório, as memórias voltaram. Eu já tinha ficado aqui antes. Era um lugar simples, mas limpo e bem conservado. Mas essas memórias pareciam pertencer a outro homem em outra vida.

Enquanto ela entrava para reservar um quarto, eu estava sentado no carro e preocupado com tudo que tinha saído da minha boca.

Falando sobre sair em encontros. Segurando a mão dela. Nosso casamento e futuros filhos.

Passei as mãos no rosto em frustração. Por que eu disse toda aquela merda em voz alta?

Ela ia pensar que eu estava tentando pressioná-la a fazer algo para o qual ela não estava preparada.

A última coisa que eu queria era que Brooke se sentisse obrigada a ficar.

Observei pela janela enquanto ela saía do escritório com a chave do quarto na mão.

Ela estava usando outro par de shorts jeans icônicos e curtos. Suas pernas bronzeadas eram um sonho do caralho. Uma lasca de sua barriga aparecia na parte inferior de sua blusa amarrada. Seu cabelo grosso estava preso em um coque no topo de sua cabeça. Ela tinha o pescoço mais gracioso e o queixo delicado.

Brooke bateu na janela, e eu a abaixei. — 3A é nosso. Eles só tinham um quarto acessível sobrando, então parece que chegamos bem na hora.

O quarto 3A estava cuidadosamente mobiliado com chuveiro, frigobar, micro-ondas, TV e uma cama king-size.

— Você se importa em dividir? Eu posso dormir no chão se você quiser a coisa toda. Não vai me incomodar nem um pouco — ela disse.

Eu ri. — Está tudo bem. Podemos compartilhar.

Estava mais do que bom.

— Então — Brooke disse enquanto jogava uma mochila na cadeira perto da janela. — Você parece conhecer esta cidade. Tem alguma coisa para fazer por aqui?

— Tem um bar não muito longe daqui. — eu disse enquanto estacionava minha cadeira de rodas ao lado da cama e travava o freio. — Eles têm boa música ao vivo.

— Parece divertido. Tenho tempo para me trocar?

Eu me sentei na cama, sentei-me contra a cabeceira e cruzei as mãos atrás do pescoço. — Sim.

Brooke estava curvada, vasculhando sua bolsa. Ela olhou para cima e levantou uma sobrancelha. Um sorriso malicioso surgiu em seu rosto. — E você vai só assistir?

Lambi meus lábios. — Você vai me dar um show?

Suas bochechas ficaram rosadas como o pôr do sol. Brooke mordeu o lábio enquanto desabotoava o short, abria o zíper e o tirava dos quadris.

Ajustei meu pau enquanto olhava para a calcinha azul clara que mal cobriam sua bunda. — Porra, você é uma pequena fogosa sexy. Continue.

Brooke levantou sua blusa larga sobre a cabeça e a jogou na bolsa. O sutiã que ela usava estava me provocando através dos braços decotados de sua blusa durante a viagem até aqui.

— Você fica bem de renda, garotinha. Mãos atrás das costas. Deixe-me ver você.

Ela parecia tímida, inclinando a cabeça para o lado e balançando os ombros para frente e para trás enquanto eu apreciava seus seios.

Dei um tapinha na minha coxa. — Vem cá, menina bonita.

Brooke correu para a beirada da cama, então diminuiu o ritmo. O colchão afundou enquanto ela se arrastava para cima, rondando em minha direção. Seus seios pendiam pesados na minha frente, embalados pela renda.

Eu ainda conseguia sentir o cheiro do shampoo dela... floral e suave. Isso fez meu pau ficar em posição de sentido.

Ela montou em mim, alisando as mãos no meu peito. Eu estendi a mão e encontrei o elástico que ela usava para prender o cabelo. Minha pressão arterial começou a ferver quando não consegui segurar depois de três tentativas, mas Brooke não deu importância à minha frustração.

Sua boca era quente e macia contra minha garganta enquanto ela beijava meu maxilar. Sua calcinha macia contra minha pele fez meu pau ficar duro como pedra. Finalmente, coloquei meu dedo em volta do elástico e o puxei para fora.

Eu enterrei minhas mãos em seu cabelo e trouxe sua boca para a minha. Brooke soltou um suspiro suave e derreteu contra meu peito. Eu mantive uma mão em seu cabelo e espalmei sua bunda com a outra. Ela deslizou sua língua em minha boca, deixando sons desesperados e depravados flutuarem entre nós.

Um gemido escapou de seus lábios quando tirei as alças do sutiã dos ombros e abaixei os bojos. Puxei um mamilo de seixos para dentro da minha boca e chupei.

Brooke jogou a cabeça para trás e gemeu. — Oh Deus, sim... Ray... — Ela engasgou enquanto eu provocava sua boceta através de sua calcinha. — Me faça gozar.

Eu ri e soltei seu peito. — É engraçado que você acha que é você quem manda aqui. — Eu segurei sua bochecha e limpei o brilho de saliva de seus lábios com meu polegar. — Agora se vista.

Os lábios que estavam rezando meu nome se franziram. — Mas... — Ela afundou e rolou os quadris, provocando meu pau com sua boceta.

— Nós terminaremos isso hoje à noite. Talvez eu queira assistir você ouvindo a banda, bebendo uma cerveja, e saber que você já está molhada para mim.

Brooke mordeu meu lábio inferior e chupou, me provocando enquanto ela se esfregava contra meu pau. — Você é mau.

Ela tinha as palavras, mas não tinha a música.

Eu segurei sua boceta para impedi-la de chegar mais perto do orgasmo. — E se você gozar agora, eu não vou deixar você gozar por uma semana.



Brooke resmungou baixinho enquanto seguia minhas instruções para o The Silver Spur. Vê-la se arrumar tinha sido uma provocação maior do que ficar se pegando. Era como se ela estivesse tentando entrar na minha cabeça ao decidir que queria um sutiã e uma calcinha diferentes.

Vê-la se despir era uma provocação; vê-la se vestir era uma agonia.

Deixei meu olhar vagar sobre o short jeans rasgado e a regata cavada que ela estava usando. A frente era baixa, as laterais estavam faltando, e as costas começavam e terminavam na cintura dela.

Seriam algumas longas horas mantendo minhas mãos longe dela, mas a ideia de ficar em um bar por algumas horas e assistir a um set não era nada ruim.

Parecia... normal.

Brooke entrou no estacionamento e desligou o motor. — Você conhece o layout interno?

Eu quebrei a cabeça. — Faz alguns anos que não venho aqui, mas é bem apertado. Muitas mesas. Acho que eles têm uma rampa nos fundos.

Seus belos traços se contorceram em um olhar de desgosto. — Isso é ridículo.

Dei de ombros. — É o que é.

— Quer que eu vá lá dar uma olhada e pegar uma mesa? — ela ofereceu enquanto desabotoava o cinto de segurança.

Abri minha porta. — Nah. Vamos apenas morder a bala juntos.

Esperei até que ela tirasse minha cadeira de rodas da caçamba da caminhonete antes de falar novamente. — Além disso, você está com esse short? De jeito nenhum vou deixar você entrar aí sozinha.

Brooke corou. — Parece que você está reivindicando seu direito.

Eu me acomodei na minha cadeira e deslizei minha mão para cima na parte de trás da coxa dela, apertando sua bunda. — Sim, senhora.

Cerrei os dentes enquanto ela me ajudava a andar com a cadeira de rodas pela calçada, mas tentei o máximo não gritar com ela.

Enquanto Brooke era identificada na porta, dei uma olhada para dentro e planejei meu caminho. Estava lotado, mas não muito lotado. Entramos assim que a correria do jantar começou, segundos antes de ficar lotado de gente.

— Este lugar tem uma vibe. — Brooke disse enquanto andava atrás de mim, observando os letreiros de neon, o palco e o touro mecânico. — Estou obcecada. Você conhece a banda?

— Não. — eu disse quando avistei uma mesa alta vazia. — Preciso de uma mão.

A palma da mão de Brooke era macia quando ela a deslizou na minha e me ajudou a levantar. Agarrei a borda da mesa e me estiquei até minha altura máxima antes de me acomodar de costas na cadeira alta. Ela dobrou minha cadeira de rodas e a guardou entre meu assento e a mesa, mantendo-a fora do caminho até que eu precisasse dela.

Eu provavelmente ficaria neste assento a noite toda, mas me senti bem. Normal. Algo que eu não sentia há algum tempo.

— Vou pegar algumas bebidas. — disse Brooke antes de ir para o bar.

Do alto, eu tinha uma visão clara sobre as cabeças dos clientes do bar. Eu podia ver as pessoas jogando sinuca e dardos. Eu observava os músicos mexendo nos amplificadores e instrumentos no palco. Uma mulher estava no ringue acolchoado onde o touro mecânico estava instalado, varrendo e certificando-se de que estava limpo.

Um nó se formou na minha garganta. O antigo eu adorava vir aqui quando estava por perto e tinha folga.

— Com licença — disse uma voz feminina, mas não era a de Brooke.

Olhei por cima do meu ombro para a ruiva que estava pendurada na parte de trás do meu assento. Ela tinha grandes olhos verdes, um sorriso ofuscante e algo travesso em seu olhar.

O tom dela era doce como açúcar enquanto ela colocava uma mão bem cuidada na minha coxa. — Isso vai me fazer parecer louca se eu estiver errada, mas você é Ray Griffith?

Sua postura serpentina deixou bem claro que ela sabia exatamente quem eu era.

Eu mantive meus olhos em Brooke. Suas costas estavam arqueadas enquanto ela se inclinava no balcão do bar, esperando por nossas bebidas.

— Eu costumava ser.

Ela se esgueirou para mais perto. — As tatuagens entregam. Eu assisti sua última cavalgada em Houston. Eu sempre fui uma grande garota de rodeio. O que você está fazendo ultimamente?

Os quadris de Brooke balançaram enquanto ela pegava duas cervejas do barman e voltava para a mesa.

A ruiva olhou Brooke de cima a baixo quando ela se aproximou da mesa e colocou uma cerveja na minha frente. — Ainda puxando coelhinhas de fivela, pelo que vejo…

Eu estava prestes a dizer à mulher para sumir quando o sorriso de Brooke iluminou o ambiente. — Oh meu Deus. Você é a mais doce. Obrigada.

A mulher zombou. — Isso não foi um elogio, querida.

— Oh? — Brooke arrancou a mão da mulher da minha coxa, removendo-a prontamente antes de ficar entre meus joelhos separados. — Porque parecia que você acha que eu sou mais gostosa do que você. Então, sim. Se ser gostosa e transar com um cowboy de touros que fode como um deus me faz uma coelhinha de fivela, então me dê um cinto e algumas orelhas de coelho, querida.

Eu… eu tive uma alucinação com isso, certo?

Brooke deslizou as mãos pelo meu peito e colocou os braços em volta do meu pescoço. Ela olhou por cima do ombro para a ruiva boquiaberta. — Sinta-se à vontade para levantar o queixo e ir embora quando terminar de encarar minha bunda.

E com isso, ela inclinou a cabeça para o lado e me beijou enquanto passava as mãos pelo meu cabelo.

Mal notei a mulher saindo pisando duro. — Você é outra coisa — murmurei contra a boca de Brooke antes de me aproximar para outro beijo.

O sorriso dela era felino. — Ninguém toca no meu homem.

Já fazia um tempo desde que eu caí. Mas dessa vez, eu não me importei. Meu andar e estabilidade não eram páreo para Brooke. Porque, assim, do nada, eu caí.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



BROOKE

A banda era incrível. A cerveja era meio decente. A comida era ótima. A companhia era incomparável.

Fiquei entre os joelhos de Ray com minha garrafa no ar, gritando as palavras de uma velha canção de Travis Tritt. Suas mãos eram quentes e fortes contra minha cintura enquanto ele se movia comigo.

Ray parecia absolutamente pecaminoso em uma camiseta preta justa, jeans e botas de cowboy. Ele geralmente usava tênis, mas as botas fizeram algo comigo. Era como vê-lo em seu habitat natural.

— Você vai pegar outra bebida? — ele perguntou quando terminei minha cerveja.

Balancei a cabeça. — Não. — gritei por cima da banda. — Só uma para mim, para que eu possa nos levar de volta ao motel. Você quer outra?

— Nah. Eu não deveria beber tanto com meus remédios.

Por melhor que a banda fosse, eu ainda estava injustamente excitada por ele ter me provocado antes de irmos para o bar. — Você quer ir?

Ele sorriu. — Ainda não. Gosto de assistir você.

Eu me inclinei na ponta dos pés. — Você poderia me ver nua lá no quarto.

Dedos deslizaram pela minha barriga nua e passaram pelos meus lados. — Gosto de assistir você aqui.

O vocalista principal no palco anunciou que eles fariam uma pausa, e as luzes mudaram para o ringue acolchoado onde um touro mecânico estava sentado no meio. Senti Ray enrijecer atrás de mim.

— Tem certeza que quer ficar?

— Estou bem. — ele resmungou.

Eu não acreditei muito, mas também não tinha o direito de discutir com ele. Se ele estava bem em assistir a uma montaria em touro mecânico, então eu tinha que confiar que ele estava.

Eu me inclinei para trás, e Ray deslizou os braços ao meu redor. — Você já montou em touros mecânicos ou só nos de verdade?

Ele riu. — Só quando eu estava realmente, realmente bêbado.

Eu ri. — Tenho a sensação de que você era a criança selvagem dos irmãos Griffith.

— Eu costumava ser.

— É diferente? Montar uma máquina em vez de um animal?

— Sim. Mesma mecânica. Aplicações diferentes. Estacas diferentes. — Sua boca roçou minha orelha. — Mas, uh… montar em touros aqui é um pouco diferente.

— O que você...

Um dos bartenders agarrou o microfone, chamando a atenção de todos para o ringue. Uma silhueta estava sentada em cima do touro mecânico. Sua cabeça estava inclinada para trás com cabelos longos caindo pela espinha.

Holofotes dançavam sobre o corpo da cavaleira. Lentamente, eles se concentraram nela enquanto a música crescia, e o touro começou a balançar.

— Meu Deus. — eu sussurrei. — Ela é gostosa.

Ray riu atrás de mim. — Montar em touros de topless é uma tradição por aqui. Isso acontece há décadas.

Foi quando percebi que não havia nada além de uma tanga por baixo de suas calças. Sua bunda e seus peitos balançavam a cada balanço do touro. Seu peito estava quase todo escondido - por enquanto - sob um colete de couro aberto.

— Você quer dizer que ela vai...

As mãos de Ray estavam firmes enquanto ele as deslizava pelos meus braços e entrelaçava nossos dedos. — Podemos ir se você quiser.

Eu me virei. — Você tá brincando? Eu quero assistir.

— Tem certeza, baby?

Eu tinha quase certeza de que assenti, mas meu foco estava fixo na amazona. Ela agarrou uma corda pendurada no teto e se levantou para ficar em cima do touro, surfando habilmente enquanto ele balançava e girava. Ela balançou a bunda enquanto as pessoas aplaudiam e faziam chover notas de dólar.

— Ela é tão boa. — Eu engasguei quando o touro diminuiu a velocidade e ela deu um salto mortal para trás.

As botas dela bateram nas costas do touro, e ela se abaixou para montá-lo novamente. O bar explodiu em aplausos quando o colete caiu aberto e seus seios saltaram livres.

— Como ela consegue ficar assim? — perguntei quando a mulher que operava o painel de controle fez o touro girar, mudando de direção no meio da curva.

Ray envolveu suas mãos em volta da minha cintura e gentilmente me levantou, me colocando em seu colo. — Feche os olhos.

Deixei que a música e a sensação do seu peito contra minhas costas me transportassem para longe do caos e dos aplausos.

Dois dedos correram pela minha espinha. — Foque aqui. — Ele os arrastou pela parte de trás dos meus quadris. — E aqui. Mova-os em duas direções diferentes. Seus quadris vão com o touro. Incline-se para a inclinação. Sua espinha e ombros contrabalançam isso.

Suas mãos envolveram minhas coxas, separando minhas pernas gentilmente. Calor subiu pela minha espinha e se acumulou em meu núcleo.

— Pernas firmes. Quadris soltos. — Ele deslizou as mãos para baixo na parte interna das minhas coxas. — Aperte esses músculos aqui.

Eu me contraí, sentindo sua mão deslizar cada vez mais alto em minhas coxas.

Meus lábios se separaram, e inclinei minha cabeça para trás contra seu ombro. Ray colocou uma mão sobre meu abdômen, me pressionando contra seu peito enquanto seus dedos roçavam o tecido fino entre minhas pernas.

Eu respirei fundo.

— Bem aqui — ele murmurou, seu polegar pressionando o vinco da minha coxa e pélvis. — É onde você aperta mais forte. Seus joelhos e seus músculos adutores.

— Como isso não te excita? — Eu choraminguei. Parecia que tínhamos passado por horas de preliminares, mas tudo o que ele tinha feito era apontar grupos musculares.

A risada de Ray era sombria. — É um pouco mais preocupante quando há um animal de dois mil quilos sob sua bunda tentando matá-lo.

— Parece que você está tentando me matar. — eu engasguei quando ele me puxou para mais perto, pressionando sua ereção contra meu traseiro.

Sua boca estava quente na parte de trás do meu pescoço. — Vê-la montando naquele touro te excita, garotinha?

Eu assenti. Cada pressão e sucção de sua boca contra meu pescoço me fez cair mais e mais fundo na toca do coelho. Eu estava como folhas ao vento, bêbada de luxúria.

Balancei minha bunda contra seu pau.

Ray riu. — Você gosta de fazer um show, não é?

Eu assenti. — Quero que você me veja.

Ele segurou meu queixo e virou meu rosto, inclinando-se para roçar seus lábios nos meus. — Você é puro sol. Não tem como eu não te ver.

A multidão explodiu em aplausos quando a amazona terminou sua apresentação. — Vamos aplaudir Jo Reed! — anunciou o barman no microfone.

Minha visão ficou turva quando Ray se afastou do beijo para que pudéssemos bater palmas para ela.

— O ringue está aberto. Prêmio automático em dinheiro se você durar mais de trinta segundos, e uma multidão generosa pronta para dar gorjetas por um bom show, se é que você me entende.

Mordi o lábio e olhei para o ringue vazio.

— Você vai tentar? — Ray perguntou, passando as mãos para cima e para baixo nas minhas pernas.

Eu queria. Parecia tão emocionante e despreocupado. Eu nunca tinha tentado nada parecido antes. O jeito que Jo - a primeira amazona - parecia quando estava lá em cima era algo que eu queria.

Para se sentir poderosa.

— Eu provavelmente cairia. — eu disse.

— Eu acho que você quer. — ele murmurou. — Eu posso te assistir daqui.

— Eu não consigo fazer saltos mortais. Eu quebraria meu pescoço.

Ray riu. — Sim, eu não recomendo quebrar seu pescoço. É uma droga. — Sua barba por fazer roçou minha pele enquanto ele beijava atrás da minha orelha. — Mas se você quiser tentar, não há nada que te impeça.

— Você concorda que eu tire a blusa na frente de um grupo de estranhos?

— Eu estou bem com você fazendo o que te faz feliz. A vida é curta. Balance seus peitos e divirta-se.

Inclinei-me para ele, absorvendo sua força.

— Posso te dar um conselho? — ele murmurou. — Não conte. Apenas respire.

Meu corpo ficou dormente enquanto eu abria caminho pela multidão e acenava para o barman. Ele me levou rapidamente para uma sala nos fundos onde Jo, a garota que tinha ido primeiro, me ajudou a calçar um par de perneiras. Olhei por cima do ombro para o espelho na parede e estudei a maneira como minha bunda aparecia nas perneiras sem bunda.

— Meu Deus, você tem um corpo incrível. Você vai arrasar lá fora.

Pressionei minha mão contra meu sutiã. — Sinto que vou vomitar.

Ela fez uma careta. — Você não bebeu muito, bebeu? Se vomitar nos tapetes, vai ter que limpar.

— Só uma cerveja.

— Isso é perfeito. Um pouco de zumbido é bom. Doses de tequila, nem tanto.

— Conselhos sólidos para a vida.

— Você vai mostrar os peitos ou vai ficar de sutiã? — Jo perguntou enquanto segurava o colete.

Olhei para o colete. — O que você faria?

Ela jogou o cabelo por cima do ombro. — Eu pago minhas contas desse jeito. Não há vergonha em ir até o fim ou só molhar os dedos dos pés na água. É seu corpo, sua decisão.

Foda-se.

Tirei meu sutiã e deslizei meus braços para dentro do colete. — Vamos fazer isso.

— Claro que sim!

Jo me levou pelo corredor estreito. O barulho do bar aumentava à medida que nos aproximávamos do ringue. — É o seu homem ali? — ela perguntou enquanto apontava para Ray.

Meu corpo estava elétrico de nervos. — Sim.

Ela sorriu. — Vou pedir para Jenny te dar uma boa música para deixá-lo louco. Boa sorte aí.

E assim, de repente, eu estava sozinha.

Meu coração estava na garganta. O sangue correu em meus ouvidos, abafando o rugido da multidão. Era isso que Ray sentia toda vez que montava em um touro?

Era assustador e emocionante ao mesmo tempo.

Claro, ele fez isso completamente vestido. Mas ele também se apresentou em arenas lotadas com milhares de pessoas.

Puta merda. Ele era tão corajoso.

De alguma forma, consegui subir na garupa do touro mecânico. Mas quando olhei para cima, não consegui encontrar Ray na multidão.

Um assobio agudo cortou o ar. Olhei e engasguei. Ray estava encostado na lateral do ringue. Seus nós dos dedos estavam brancos enquanto ele se segurava. Um homem com um chapéu de cowboy carregou uma cadeira alta para que ele pudesse se sentar.

— Não se preocupe — Jo disse dos controles enquanto estava ao lado de Jenny. — Ryman pegou seu garoto. — Ela piscou. — Dê um show para ele.

Os holofotes giravam ao redor, e a música começou. Tentei copiar o que Jo tinha feito, empurrando minha bunda para fora e arqueando minhas costas, mas parecia estranho e desconexo.

Fechei os olhos enquanto o touro girava, apertando forte com minhas pernas.

Era como se eu pudesse sentir as mãos de Ray me segurando na máquina. Seus polegares pressionando minha espinha, me dizendo para separá-la dos meus quadris em minha mente.

O ar frio dançava no meu peito e o bar aplaudia.

Meu Deus. Eles conseguiam ver meus peitos.

Eu captei os olhos de Ray quando o touro se virou e estremeceu. Deslizei pela frente com minha bunda no ar e segurei firme enquanto ele balançava para frente e para trás. Reconheci aquele assobio e grito. Era de Ray.

Isso me fez sentar mais ereta. Balançar mais meus quadris. Sorrir mais brilhantemente. Jogar minha cabeça para trás e rir.

Eu queria o olhar dele. Eu queria a aprovação dele. Eu o queria. Todo ele.

De alguma forma, consegui ficar trinta segundos nas costas do touro antes de ser arremessada para longe. Caí em uma pilha de membros e couro contra a parede acolchoada onde Ray estava sentado.

— Brooke! — Preocupação e pânico rugiam em meu nome enquanto ele se inclinava sobre a divisória. — Baby, você está bem? Olhe para mim. Você está machucada?

Eu ri, rolando de costas e segurando o colete fechado. — Estou tão bem.

Abri os olhos e vi as nuvens de tempestade se rompendo em seu olhar. Ray soltou um suspiro assustado. — Puta merda, me aterrorizou, — ele disse calmamente.

Eu me levantei e dei um beijo em sua boca. — Como eu me saí, campeão?

Ele estendeu a mão por cima da divisória e apalpou minha bunda enquanto me beijava. — Como um foguete, baby.

Ray estava me esperando na mesa quando saí do provador já com minhas roupas vestidas.

Um envelope branco grosso estava em sua mão. — Parece que todos os outros também acharam que você era uma estrela.

Eu ri enquanto espiava para dentro, então quase engasguei com a pilha de notas. — Droga.

— Você quer sair e assistir a banda?

Soltei um suspiro pesado. — Sinceramente, prefiro sair daqui.

Ray me beijou longa e duramente. — Eu esperava que você dissesse isso.

Eu não tinha aberto uma conta, então juntamos nossas coisas e fomos para a caminhonete. Fiquei grata que a viagem de volta para o motel foi curta.

A porta do quarto do motel bateu como uma bomba explodindo. A tranca ecoou como um tiro. Eu congelei, sabendo que Ray estava atrás de mim.

— Acho que nunca vou esquecer de ver sua bunda com essa calça de ganga… — Os apoios para os pés da cadeira dele batiam na parte de trás dos meus tornozelos. — Tire as roupas. — disse ele.

— Será que finalmente vamos terminar o que começamos?

— Você vai parar de me questionar e fazer o que eu mando?

Tirei meu short e fiquei na frente dele de calcinha e regata.

— Essa é minha boa menina. — ele murmurou enquanto puxava minha calcinha até meus joelhos. — Tire o sutiã e toque os dedos dos pés.

Puxei minha blusa e sutiã pela cabeça e lentamente me abaixei. Era como se uma força invisível tomasse conta do meu corpo quando ele falou comigo com aquela voz profunda e áspera.

Parecia estar hipnotizada. Fora de controle, mas desesperada.

— Já molhada ou ainda molhada? — ele perguntou enquanto deslizava um dedo pela minha boceta.

— Ainda. — eu sussurrei. — Ainda molhada.

— Coitadinha — ele disse com uma risada depravada. — Já faz horas.

Eu balancei a cabeça. — Já faz semanas.

— Semanas, hein? — Ray deslizou dois dedos dentro de mim. — Parece que preciso cuidar de alguns negócios, então.

— Por favor. — implorei. Minhas costas doíam e meus braços tremiam. — Por favor.

Ele enrolou os dedos, acariciando dentro de mim. — Eu amei ver você montar naquele touro. Isso te deixou molhada? Eu gostei de saber que todas aquelas pessoas estavam observando minha garota. Sabendo que cada uma delas queria o que só eu posso tocar.

— Sim — eu disse asperamente.

— Você vai subir naquela cama e cavalgar em mim, garotinha. É hora do meu show.

Subi no colchão enquanto Ray se despia e se acomodava na cabeceira.

Seu pau era grosso. Uma cor irritada e inchada inundou a cabeça enquanto ele a acariciava.

Eu rastejei em direção a ele, subindo por seu corpo. Minha entrada roçou seu pau enquanto eu o montava.

— É disso que você estava sentindo falta? — ele murmurou contra meu peito. — Meu pau na sua boceta?

Eu assenti.

— Vá em frente então. Desça em mim. Deixe-me sentir quão apertada você está. Quão pronta você está.

Eu cavei meus dedos em seu cabelo grosso, segurando sua cabeça contra meu peito enquanto ele chupava e mordia meu mamilo. Com cada puxão de sua boca, eu afundava mais e mais em seu pau.

Foi só quando eu estava completamente sentada com ele dentro de mim que eu respirei fundo.

Ele se deitou, permitindo que eu me apoiasse em seu peito enquanto me afastava, e então se abaixou novamente.

Eu arfei por ar. Depois do que pareceu uma eternidade de preliminares, eu precisava de algo duro. — Por favor, papai — eu implorei. — Foda-me com força.

Seus olhos brilharam e escureceram enquanto ele rosnava, seus dedos cravando em minha pele. — Diga isso de novo.

— Porra...

— Não. Diga tudo.

Eu engasguei enquanto ele provocava meu clitóris. Choramingando, eu engasguei. — *P-Por favor, me foda, papai.*

Ray puxou os quadris de volta para a cama, então empurrou para dentro de mim. Meus seios pendiam na frente do seu rosto, roçando sua bochecha a cada empurrão.

— Isto é o paraíso, menina. Você é meu paraíso. — ele resmungou, usando sua outra mão para brincar com meu clitóris.

Eu queria viver entre os braços dele. Eu queria ser consumida por ele.

O fogo ardia dentro de mim, brilhando como raios a cada toque de sua mão, a cada empurrão de seu pau, a cada puxão de sua boca.

— Ray. — eu lamentei quando ele agarrou meus quadris, me segurando contra ele enquanto ele batia dentro de mim, esfregando nossos corpos juntos. — E-eu não consigo parar. Eu preciso...

Não consegui pronunciar as palavras antes que meu mundo desabasse.

Braços fortes me seguraram enquanto eu desabava. Calor inundou meu núcleo enquanto ele estremecia, gozando violentamente dentro de mim.

Ray pressionou os lábios na minha têmpora. — Como foi isso?

Nossos peitos grudados, fundidos por suor, adrenalina e conforto. — Como se eu esperasse vidas inteiras por você, só para te encontrar uma vez.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS



RAY

— Bom dia, linda — murmurei, abaixando o queixo e dando um beijo no topo da cabeça de Brooke.

Ela bocejou e se aninhou no meu lado. — Já é de manhã?

Eu ri. — Era de manhã quando fomos para a cama.

— É culpa sua — ela murmurou no meu peito. Suas sobrancelhas franziram. A manhã era a única hora em que Brooke era remotamente desagradável. Mesmo assim, ela não estava mal-humorada. Só levou mais do que alguns minutos para acordar.

Era muito fofo.

— Tenho quase certeza de que você era quem estava me implorando para continuar — eu disse, deslizando minha mão para dentro da camiseta que ela havia roubado da minha bolsa para dormir. Eu rocei suas costelas. — Algo como, *'Por favor, papai, me foda mais forte.'*

Eu ri enquanto ela gemia e enterrava o rosto nas cobertas.

— Oh, Deus.

— É, você disse isso também. Muito.

— Pare de me provocar. As pessoas dizem coisas muito mais estranhas do que isso durante o sexo.

Afastei o cabelo dela do rosto e puxei as cobertas para trás para que ela não pudesse se esconder de mim. — Ei, você não precisa ficar envergonhada perto de mim. Certo? Eu gostei... muito. Você gostou. O que há para ser tímida?

Suas pálpebras se fecharam. — Promete?

Dei um beijo em sua testa. — Prometo.

Nós nos arrastamos para fora da cama, fizemos as malas e entramos na caminhonete para dirigir de volta para o rancho. Só quando Brooke puxou a caminhonete pelos portões da propriedade é que soltei sua mão.

— Então, você se divertiu? — ela perguntou, virando na estrada de terra que circundava os celeiros.

— Sim. Eu, uh… eu fiz.

Brooke sorriu, droga, eu sorri de volta.

— Obrigado por sugerir isso — eu disse. — Não é algo em que eu realmente tenha pensado desde que voltei para cá. Sair, quero dizer.

O sorriso dela era contagiante. — É meio chato fazer uma viagem espontânea sozinha. É muito melhor com um amigo.

Algo me picou quando ela disse isso. Brooke não era minha amiga. Eu não queria que ela fosse.

Por mais que eu quisesse me forçar a acreditar que não queria mais, eu queria mais.

Mas desejos e vontades milagrosamente não me deram mais para dar a ela.

Uma figura estava sentada na escada da frente quando Brooke passou pelo meu bosque.

O sorriso dela cresceu. — Não vejo sua mãe há uma eternidade.

Com certeza, minha mãe estava sentada nos degraus da frente, segurando uma panela coberta com papel alumínio.

Ela se levantou quando Brooke estacionou a caminhonete e pulou para fora. Em vez de sair, eu sentei e observei.

Brooke jogou os braços em volta da minha mãe e lhe deu o maior e mais apertado abraço. Os olhos da minha mãe enrugaram nos cantos enquanto ela a abraçava de volta. Brooke correu de volta para a caçamba da caminhonete para pegar minha cadeira de rodas. Abri minha porta e abaixei.

— Ei, mãe — eu disse, soltando o freio e empurrando as rodas para trás para fechar a porta da caminhonete.

Ela enxugou os olhos no ombro da camiseta. — Ei, querido. — Uma respiração pesada escapou de seus pulmões. — Uau. Nunca vi você sair de um carro tão rápido. Você está lindo.

— Vou deixar vocês se atualizarem. — disse Brooke, pegando nossas malas de viagem do banco de trás.

— Aqui, querida — disse a mãe para Brooke. — Comecei a assar e não consegui parar. Pensei que vocês todos gostariam de um pouco de pão de banana.

Brooke espiou por baixo do papel-alumínio. — Meu Deus, isso parece incrível. Você pode me ensinar como fazer?

As bochechas da mamãe ficaram rosadas. — Bem, claro. Só venha até a casa quando quiser. Eu adoraria passar um tempo com você.

Brooke jogou os braços em volta dos ombros da minha mãe novamente. — Obrigada, mamãe. Mal posso esperar!

Mamãe me deu um sorriso satisfeito e um olhar cúmplice enquanto Brooke subia a rampa com nossas coisas.

— Parece que vocês dois estão se dando bem. — Ela olhou por cima do ombro. — Eu gosto dela. Espero que ela fique por aqui.

Sim, eu também.

— Para onde vocês dois foram? — Ela olhou as horas. — Achei que vocês estariam em casa, já que não têm fisioterapia até esta tarde.

Esfreguei a parte de trás do meu pescoço. — Nós, uh… Nós saímos da cidade para passar a noite. Fomos ver uma banda tocar em Maren.

Preocupação passou pelo rosto dela, mas rapidamente se transformou em surpresa. — Oh. Bem, isso é bom. Estou feliz que você saiu e se divertiu. — Ela apertou meu ombro. — E Brooke estava com você?

Olhei para o céu e soltei uma risada irônica. — Não pense demais, mamãe.

— Não estou pensando demais em nada. — Ela sorriu e levantou as mãos em defesa. — Está escrito em tinta simples, querido.

— Mamãe...

Ela riu e deu um tapinha no meu ombro. — Grite se precisar de alguma coisa.

Abri a boca, mas congelei quando ouvi Brooke gritar.

— Ray? — O pânico inundou sua voz. Eu nunca a tinha ouvido soar assustada antes.

Virei-me e corri pela rampa como se minhas rodas estivessem pegando fogo. Os passos da mamãe batiam nas ripas de madeira atrás de mim. Assim que rolei sobre a soleira, parei e olhei ao redor.

Brooke ficou congelada na cozinha. Minha casa estava em ruínas.

Os armários estavam abertos. As almofadas do sofá estavam tortas. Cada quarto e porta do armário estavam escancaradas. As gavetas da cômoda estavam puxadas para fora.

O estranho era que minha TV ainda estava fixada na parede e meu laptop estava em cima da mesa de centro, bem exposto.

Não havia sinais de entrada forçada. Mas também não conseguia lembrar se tinha trancado a porta.

Eu parei de trancar quando as pessoas pararam de aparecer sem avisar, graças a Brooke. Francamente, ninguém no rancho se preocupou em trancar nada. Nem casas. Nem veículos. Nem galpões ou armazéns.

Mas estávamos entrando em uma era diferente. Não era mais só nossa família e os peões do rancho naquela terra. Havia multidões de pessoas entrando e saindo dos portões todos os dias para trabalhar nos projetos de revitalização.

Se não eram equipes de construção, era a empresa de energia renovável ou empresa de celular arrendando parte da terra. Se não eram eles, eram investidores, inspetores e pessoas intrometidas.

Tínhamos cercas ao redor da propriedade, mas elas eram feitas para manter o gado dentro, não para manter as pessoas fora.

— Não toque em nada — eu disse enquanto me aproximava dela, pegando o pão de banana das mãos de Brooke e colocando-o no balcão da cozinha. — Vamos.

Nossas malas para pernoite caíram com um baque.

— Vou chamar a polícia — disse a mãe da porta.

Eu dirigia com uma mão, mantendo a outra na parte inferior das costas de Brooke, levando-a para o deck.

— Respire — eu disse a Brooke enquanto ouvia minha mãe no celular.

Brooke assentiu, mas ainda estava abalada.

— Ei. — eu disse, puxando-a para o meu colo. — Você está bem. Eu estou bem. É assustador pra caramba, mas estamos bem. Provavelmente é bom que tenhamos ido embora.

Brooke engoliu em seco e gaguejou até finalmente encontrar as palavras. — Você trouxe seu organizador de pílulas para o hotel, não os frascos de remédios, certo?

Inclinei a cabeça. — Certo…

Ela soltou um suspiro trêmulo. — Os frascos de remédios que você mantém no balcão da cozinha sumiram.

Eu congelei. — O quê?

Brooke assentiu. — Todos eles.

Alguns dos comprimidos que eu tinha em mãos não valiam muito, mas havia alguns narcóticos que provavelmente teriam um bom preço na rua. E esses tinham acabado de ser recarregados.

— OK.

— Não está.... não é... — ela choramingou.

Eu segurei suas bochechas. — Baby, respire por mim. Está tudo bem. Vou ligar para o médico e pedir para ele enviar novas receitas. Os policiais vão sair, verificar e escrever um relatório. Vamos começar a trancar, e eu vou pedir uma dessas câmeras de vigilância. Vai ficar tudo bem.

— Drogas desaparecendo… Posso perder meu emprego — ela sussurrou.

— Eles não desapareceram. Eles foram roubados. Um boletim de ocorrência vai provar isso. Além disso, você estava comigo o tempo todo, e há muitas testemunhas que podem colocá-la ano bar...

— ...Sim, montando um touro de merda com meus peitos de fora na frente do meu chefe antes de voltarmos para um motel e transarmos como coelhos. — ela sibilou.

Eu sorri. — Foi uma noite muito boa.

Brooke estava rangendo os dentes até não poder mais, então passei meus braços em volta dela e a deixei aninhar a cabeça no meu ombro.

— Você não vai ser demitida hoje, Sunnyside. — murmurei enquanto esfregava suas costas.

Brooke se recostou e enxugou os olhos enquanto rastejava para fora do meu colo. — Desculpe. Eu provavelmente não deveria ter feito isso na frente da sua mãe.

— Ela sabe.

— Desculpe, ela sabe *o quê?*

Dei de ombros. — Mamãe sabe de tudo.

Não demorou muito para que carros de polícia inundassem o rancho. Metade dos policiais vasculharam minha casa, enquanto a outra metade questionou todos os seres vivos do rancho.

Não fiquei surpreso quando meus irmãos e suas mulheres apareceram no meu gramado. Luzes azuis tinham um jeito de fazer isso.

Brooke e eu estávamos sentados no deck, terminando de falar com um oficial quando Christian irrompeu pela porta dos fundos. — Vocês estão bem?

Eu mantive minha mão nas costas de Brooke. — Estamos bem. Você não precisava vir aqui. — Eu podia ouvir Cassandra gritando com as pessoas de dentro da minha casa. Eu suspirei. — Diga a ela para deixar os policiais em paz.

Christian riu. — Você diz a ela.

— Claro que não. Eu não sou idiota.

Seu olhar se voltou para Brooke. — Você está bem, querida?

Brooke se inclinou mais para perto do meu braço. — Muito bem. Obrigada.

Para Brooke dizer que estava 'bem' era um sinal de alerta. Nenhuma vez em sua vida ela tinha estado bem. 'Bem' para ela provavelmente era perto do fundo do poço.

— Tio Ray! — Gracie, a caçula de Christian, correu pela casa e jogou os braços em volta de mim.

Lágrimas brotaram dos meus olhos.

Eu tinha sido um babaca com elas depois do meu acidente, e sabia que tinha que me humilhar um pouco. Mas, honestamente, eu nem sabia por onde começar.

— Ei, esguicho. — Eu a apertei forte. — Você veio até aqui só para me ver?

Gracie enxugou os olhos. Ela parecia muito mais velha. Como uma jovem, em vez da criança que eu lembrava. — Nós vínhamos te ver muito. Você não nos deixava entrar.

Suspirei. — Eu sei, garota. Sinto muito.

Ela me abraçou novamente. — Podemos entrar quando os policiais terminarem?

Olhei para o relógio. — Tenho que ir para a cidade para fazer fisioterapia daqui a pouco. Mas que tal você e Bree virem amanhã? Estarei aqui o dia todo.

Gracie mordeu o lábio. — Não sei se Bree quer.

Olhei pela porta de correr de vidro aberta e avistei Bree pressionada ao lado de Cassandra enquanto elas conversavam com minha mãe. — Eu tenho que me desculpar, não é?

Gracie assentiu. — É. Você provavelmente deveria se desculpar com presentes.

Eu ri. — Você conseguiu, garotinha.

Ela revirou os olhos. — Tenho treze anos.

— É, preciso gritar com sua gerência. Eu disse especificamente para eles não deixarem você virar adolescente.

Gracie levantou o polegar por cima do ombro para Christian e Cassandra. — Vocês vão ter que resolver isso com o papai e minha madrasta malvada.

Nate, Becks e sua filha pequena, Charlotte, chegaram ao meu deck.

— Você viu o balanço de pneu que seu tio Ray fez? — Brooke perguntou a Gracie.

— Não — Gracie ficou na ponta dos pés e sorriu. — Pode me segurar?

Eu ri. — Seu pai fez um test drive. Aproveite.

— Eu vou com você — Brooke disse a Gracie. — Eu adoro balanços de pneu.

Bree saiu pela porta de correr e passou por mim sem nem mesmo dizer um oi antes de se juntar a Gracie e Brooke no balanço de pneu. Charlotte tinha se desvencilhado dos braços de Becks e se arrastado até suas primas.

Eu observei Charlotte alcançar Brooke com um gesto de 'me dê a mão'. Brooke a pegou no colo e a apoiou no quadril enquanto Gracie pulava no balanço de pneu.

Meu coração deu um nó no peito. Porra, ela parecia tão natural nisso.

— Eu conheço esse olhar — disse Nate enquanto ele e Becks se acomodavam nas cadeiras à minha frente.

Desviei minha atenção de Brooke. — Cale a boca.

— Oh, ótimo. Estamos provocando Ray sobre sua pequena paixão. Pensei que eu teria que ser a única a trazer isso à tona — Cassandra disse enquanto saía para se juntar ao grupo.

— Você terminou de assediar servidores públicos? — perguntei.

Christian riu.

CJ se juntou a nós no decl. — O que diabos aconteceu?

— Alguém invadiu minha casa e roubou meus comprimidos. Achamos que foi o colega de quarto de Brooke.

CJ estalou os dedos e se virou para sair. — Me dê uma hora.

Christian agarrou a parte de trás do colarinho dele e o forçou a ficar parado. — Não vá fazer algo estúpido só porque você está louco para socar alguém. Você não pode perder a cabeça.

CJ estava fervendo. Eu podia ver em seus olhos.

Enquanto Christian e eu compartilhávamos os cabelos e olhos escuros do nosso pai, Nate e CJ puxaram nossa mãe. Infelizmente, Christian era o único dos quatro que tinha um pingo de paciência. Isso geralmente significava que ele era o único que mantinha nós três longe de problemas.

Cassandra olhou ao redor. — Bem? Você vai me dizer os nomes deles ou não? Vou resolver isso antes que os policiais consigam sair da propriedade.

Eu bufei. — Deixe os malditos policiais fazerem o trabalho deles. Jesus, vocês são loucos. Entre você e CJ, as pessoas estão começando a pensar que somos a máfia dos cowboys ou algo assim. Eu estou bem. Brooke está bem. Ela está um pouco abalada, mas bem. Nada mais foi levado. Nós nem estávamos aqui quando aconteceu.

— Sim, vamos conversar sobre isso — disse Becks com um sorriso nefasto.

— Não vamos — eu retruquei. — Você é jornalista. Não estou falando com você.

Becks zombou. — Vocês não são divertidos. Quem disse para vocês não falarem com jornalistas?

— Uma publicitária muito chata que gosta de aparecer na minha cozinha e jogar correspondência em mim.

Cassandra sorriu.

— Sério. Aonde vocês foram? — Becks perguntou. — Eu vi sua caminhonete sair ontem e não pensei em nada até você não voltar.

Eu sabia que eles não deixariam isso de lado, então decidi dar um osso para eles. — Saí da cidade para mudar de ares. Fui até aquele bar em Maren e ouvi um pouco de música.

— Espera. — Os olhos de CJ se ergueram para Brooke, que agora estava no balanço de pneu com Charlotte seguramente empoleirada entre suas pernas. — Você a levou para o The Silver Spur?

— Tire essa imagem da sua mente antes que eu a arranque de você. — rosnei.

CJ levantou as mãos em sinal de rendição.

Nate e Christian tentaram esconder seus sorrisos culpados. Antes de Cassandra derrubar Christian, ele fez várias viagens até lá para desabafar. Nate, nem tanto. Mas ele sabia o que acontecia no bar.

Becks e Cass trocaram um olhar carregado de pensamentos telepáticos.

Eu odiava isso.

— O que quer que vocês duas estejam pensando, parem — eu disse.

Becks parecia inocente. — Não tenho ideia do que você está falando.

Cassandra inspecionou sua manicure. — Nós vamos sequestrar sua namorada neste fim de semana. Lide com isso.

— Deixe-a em paz.

— Sábados são o dia de folga dela, certo? — Becks disse com um sorriso malicioso.

— Sim. — Cassandra entrou na conversa. — Você pode lidar com não foder sua funcionária por algumas horas.

Christian começou a tossir involuntariamente para esconder seu desconforto.

Nate apontou entre Chris e eu. — Panela, deixe-me apresentar a você o chaleira.

Apontei para ele. — Você transou com Becks quando foram destacados. Juntos.

Becks apontou de volta para mim. — Tecnicamente, eu não trabalhei para Nathan. Nós fomos incorporados juntos. Não mobilizados juntos.

— Eu sou o único que não transa com alguém do meu trabalho? — perguntou CJ.

— Você trabalha com gado. Eu ficaria preocupada se você estivesse transando com eles. — disse Cassandra.

— Que bom que você está bem. Preciso transar. — CJ resmungou enquanto saía pisando duro.

Christian sentou-se, e Cassandra deslizou para seu colo. — Vocês se divertiram? — ele perguntou.

Eu estava distraído por Brooke novamente, observando-a rir com minhas sobrinhas, e mal o ouvi. — Sim. Foi a coisa mais normal que fiz em um tempo.

Quando o caos dentro da casa começou a diminuir, Nate e Becks declararam que era hora de Charlotte tirar uma soneca e voltaram para casa.

Christian parecia ter o peso do mundo em seus ombros. Felizmente para ele, ele estava prestes a se casar com uma mulher que não tinha problemas em aliviá-lo desse fardo.

Cassandra foi direto ao ponto. — Você já pensou no que vem a seguir? Ou você vai apenas mantê-la presa em sua casa como Belle?

Christian levantou uma sobrancelha para ela.

— O quê? — ela retrucou. — As meninas e eu fizemos uma maratona de filmes. Assistimos aos clássicos. — Ela bufou e se virou para mim. — Quando quiser discutir suas ofertas, venha até o escritório e conversaremos.

Isso me fez parar. Marty não mencionou nada sobre ofertas. Mas, novamente, eu não troquei mais do que algumas frases com meu antigo agente desde que eu disse a ele que não precisava mais dele.

— Que ofertas?

Cassandra soltou uma risada amarga. — Você realmente não sabe? Tenho recebido ligações e e-mails todos os dias. Times querendo que você treine outros peões de rodeio. Empresas querendo que você seja o rosto de suas marcas. Alguns programas de entrevistas. Uma série de documentários. Entrevistas. Um contrato de livro. O que você quiser. Desde que você terminou com Marty, eles têm inundado a caixa de entrada e a secretária eletrônica do rancho.

Eu não conseguia entender. — E... Você não me contou antes porquê...?

Cassandra se inclinou para frente. — Rebranding significa mudar de direção. Significa ir do que você era para quem você é agora. Mas não é isso que você tem que fazer. Você tem que construir algo novo do zero. Estamos revitalizando o rancho. Honrando o passado e avançando com confiança para o futuro com novos empreendimentos. E quando você estiver pronto, você pode fazer o mesmo. Você só tem que decidir como será.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



BROOKE

Três pares de olhos me encararam do outro lado da mesa. Seus olhares me fizeram hesitar em pegar a cesta compartilhada de batatas fritas e a tigela de salsa.

Becks tinha um sorriso agradável no rosto, mas poderia ter sido falso. Ela estava acostumada a fingir na TV. Cassandra não se incomodou em dar um sorriso educado. Ela parecia estar pensando se eu era pequena o suficiente para ela cavar um buraco com a mão para me enterrar, ou se ela teria que pegar uma retroescavadeira emprestada do rancho.

Charlotte. - ou Charlie, como a maioria das pessoas a chamava - era excepcionalmente quieta para uma criança.

Becks cutucou Cassandra. — Bem?

— Bem, o quê? O que eu faço com ela? Ela consegue ao menos beber?

Becks riu. — Você anda com Bree e Gracie o tempo todo.

— Estou acostumada com elas! — disse Cassandra.

— E é claro que ela pode beber — Becks disse, então fez uma pausa. — Espera. Você pode beber, certo? Nós geralmente tomamos margaritas e falamos merda.

— Eu posso beber. — eu guinchei.

— Viu? — Becks disse. — Ray não iria… o que quer que vocês estejam fazendo com alguém tão jovem.

Cassandra soltou um suspiro aliviado e gesticulou para o garçom. — Vou precisar de tequila para passar por esse almoço.

Preenchemos o silêncio desconfortável mastigando tortilla chips quentes enquanto o garçom anotava nossos pedidos. Charlotte tinha encontrado o triângulo perfeito, então começou a quebrá-lo em pedacinhos enquanto soltava uma risadinha travessa.

Finalmente, margaritas foram distribuídas para cada uma de nós. Cassandra pegou a dela e chupou metade dela.

— Muito dramático? — disse Becks, lambendo a borda de sal e tomando um gole.

— Você sabe que eu não gosto de pessoas — disse Cassandra.

Eu queria poder desaparecer na cabine de vinil. A música tocando no alto parecia alegre demais para o nível de estranheza que eu sentia com as duas irmãs Griffith.

Parecia uma entrevista de emprego para a qual eu não estava preparada.

Becks e Cassandra eram deslumbrantes, sofisticadas, maduras e tudo o que eu não era.

Caramba, Becks provavelmente tinha idade suficiente para ser minha mãe. Ou pelo menos perto disso.

— Só faça uma pergunta para conhecê-la — Becks disse como se eu não estivesse sentada na frente delas. — Comece com algo fácil. É isso que eu faço quando estou entrevistando pessoas.

Cassandra tomou outro gole. — Então, você está transando com Ray?

Becks engasgou com seu chip. — Não isso!

— Bem! Você disse para fazer uma pergunta.

Becks revirou os olhos. — Sim, mas já sabemos que eles estão dormindo juntos.

Eu tinha acabado de tomar um longo gole da minha margarita e engasguei. Cuspi no meu guardanapo enquanto a tequila e o sal queimavam minha garganta.

— Ótimo. — Cassandra brincou. — Nós a pegamos uma vez e a matamos. Ray vai ficar puto.

Charlie saiu do colo da mãe e correu para o meu lado da cabine. Fiquei grata quando ela subiu no meu colo e riu. Eu adorava passar tempo com crianças. Elas não eram críticas.

Cassandra se recostou na cabine. — Tudo bem, pequena senhorita princesa de contos de fadas que ama crianças e fala com animais, qual é o seu acordo?

Becks riu. — Acho que isso é chamado de ser uma pessoa normal.

— Meu acordo? — Eu gritei.

— Sim. — Cass disse. — Como você transformou Ray da fera do castelo em uma pessoa normal que se socializa voluntariamente?

Enquanto eu saía para almoçar com Becks e Cassandra, Ray estava passando o sábado com CJ e Nate, supervisionando uma entrega de cavalos para o programa equino que estava chegando ao rancho.

Eu tinha ouvido pedaços sobre isso de CJ e Ray, e parecia incrível. Eles estariam hospedando acampamentos para crianças, executando programas de terapia, treinamento e hospedagem.

O rancho era um paraíso. Eu adorava ficar isolada do mundo... felizmente inconsciente do caos e da correria. Mas eu também adorava ver o rancho crescer e ganhar vida com cada novo desenvolvimento de projeto.

— Não sei — eu disse enquanto pegava uma batata frita e a mergulhava na salsa. — Acho que nos damos bem.

A mão de Cassandra flutuou para cima e para baixo na minha direção. — Quero dizer, você é gostosa. Então você tem isso a seu favor.

Engasguei de novo. — Hum. Vou ser honesta, não sei o quanto devo dizer. Você sabe... confidencialidade do cliente e tudo mais.

Becks riu. — Confie em nós. Sabemos como manter a boca fechada.

Elas trocaram um olhar que dizia isso.

Becks se virou para mim. — Além disso. Tenho a sensação de que você vai ficar por aqui. Nós, moças do rancho, temos que ficar juntas, senão a testosterona vai correr solta. Como vão as coisas com ele?

— Bom — eu disse evasivamente.

— Vocês dois foram passar o fim de semana fora. — disse Cassandra.

— Nós fizemos… — Olhei em volta. — Estou encrencada? Nunca fui interrogada com margaritas antes.

Becks riu. — Estamos apenas tentando te conhecer, só isso. Sei que não estou muito por perto ultimamente, já que estou viajando muito. Mas é óbvio que todo mundo te ama. A mamãe Griff não para de falar de você.

Cassandra bufou e Becks lhe deu uma cotovelada.

— Ela está com ciúmes porque todo mundo te ama — disse Becks.

Sorri nervosamente para Cassandra. Ela era a mulher mais presente no rancho, então fazia sentido tentar ficar do lado dela. — Ray fala muito bem de você. Ele me disse que foi você quem o colocou naquele teste clínico.

Os olhos dela suavizaram um pouco. — Eu conheço pessoas. Às vezes é legal lembrar meus contatos de que ainda estou esperando nas sombras e os usarei quando for conveniente para mim. Especialmente porque estou lidando com leilões de cavalos ultimamente. Sinto falta de Manhattan.

Becks riu.

Dei um chip para Charlie e a observei mastigando com seus dentes novos. — Mal posso esperar para ver os novos cavalos. Adoro ir a passeios com Indy e Anny.

Cassandra riu. — Você quer dizer que o cavalo da CJ deixa você chegar perto dela? Aquela coisa tentou me morder. Eu fico a pelo menos três metros de distância dela o tempo todo.

Becks fez uma careta. — É. Anny também me odeia.

— Sério? Ela é um doce. Você só precisa conhecê-la. — eu disse enquanto relaxava um pouco.

Cassandra bufou. — Viu? Ela é uma princesa de conto de fadas que conversa com animais.

O garçom voltou com nossa comida e encheu a mesa com pratos. Charlie correu de volta para o colo da mãe e mastigou uma fatia de abacate.

— E foi isso que aconteceu com Ray também? — Becks perguntou. — Você acabou de conhecê-lo também?

Comecei a sentir o zumbido sutil da margarita. — Temos um acordo. Eu não sou demitida e só o ajudo quando ele pede. E eu deveria ignorá-lo. Mas isso não durou muito. Eu também meio que me perdi em uma caminhada, e CJ teve que vir me encontrar, e Ray ficou furioso.

Cassandra sorriu. — Sim, eu ouvi sobre isso. CJ contou a Christian. Eu o impedi de ir à casa de Ray para ver como você estava. — Ela apontou o garfo para mim. — Achei que deixaria Ray ficar com você só para ele. De nada.

Minhas bochechas coraram ao lembrar-me dele me dizendo para tirar a camiseta para que ele pudesse aplicar pomada nas minhas costas e ombros.

— Olha — Becks disse com a boca cheia de comida. — Sem julgamento. Especialmente não da nossa parte. Nate e eu tivemos um caso quando fui designada para sua unidade no Afeganistão. Literalmente transei em seu beliche. Areia por todo lugar.

Eu ri.

Becks assentiu em direção a Cassandra. — Ela começou a trabalhar no rancho e se envolveu com Christian. Aparentemente, é um ambiente de trabalho muito favorável a relacionamentos. Sabe, a cerca atrás da minha casa ainda está bamba.

Cassandra não levantou os olhos do prato. — Huh. Não faço ideia de como isso aconteceu.

Certo, talvez eu não devesse ter tomado uma margarita inteira com o estômago vazio.

Enfiei uma garfada de arroz e feijão na boca, tentando absorver o álcool. Minha cabeça estava girando, mas era bom. Eu amava papo de garotas. Estar com elas era divertido.

— Então, você e Ray são oficiais ou é só uma coisa casual? — Cassandra perguntou. — As meninas querem saber se vão ganhar outra tia.

Meu estômago se revirou, e a margarita ameaçou ressurgir. — Não acho que seja sério.

Minha cabeça embriagada nadou com memórias de todos os 'nossos' que Ray mencionou no calor de uma discussão. Nossos encontros. Nosso casamento. Nossos bebês. Nossa vida. Nós.

— Ele disse... coisas. Mas ele também disse que não quer nada sério. Então, nós realmente não concordamos nisso. Acho que é apenas temporário.

Temporário como a maioria das coisas na minha vida.

Mas, honestamente, eu estava começando a me cansar de todas as coisas passageiras. Eu estava me segurando no sonho de chegar aos vinte e cinco. Mas e se eu quisesse viver nos vinte e dois, vinte e três e vinte e quatro e realmente aproveitá-los?

Eu me sentia como uma planta em um vaso, no parapeito da janela, esperando por breves momentos de sol para me manter viva, quando tudo o que eu queria era criar raízes.

— Dê um tempo — Cassandra disse. — Ray e eu geralmente concordamos, o que significa que ele é um babaca teimoso e precisa de muita persuasão para mudar de ideia.

— E foi isso que aconteceu com você e Christian? Ele te convenceu a ficar?

Algo se suavizou em Cassandra com a menção do nome dele. — Sim, Christian e as meninas fizeram. Eu estava pronta para ir embora porque estava com medo de ficar. — Ela bufou e vestiu sua armadura de atrevimento e sarcasmo. — Se for para ser, ele vai mudar de ideia. Porque a alternativa é ele conseguir o que quer, mas não ter você. Às vezes, estar errado é muito bom.

Depois do almoço, Becks e Cass me atualizaram sobre algumas fofocas da cidade, compartilharam histórias sobre o rancho e me deram algumas dicas sobre como lidar com os irmãos Griffith. Aparentemente, Ray não era o único irmão Griffith a ter a reputação de ser teimoso e cabeça de mula.

Quando as bebidas acabaram e as batatas fritas viraram migalhas, entramos no SUV de Becks e voltamos para o rancho.

— Você e Ray vão à casa de Claire para o jantar em família? — Cassandra perguntou do banco da frente.

— Oh, não tenho certeza. Vou ter que ver o que Ray quer. Ele pode ir, mas eu provavelmente vou ficar para trás. É meu dia de folga, e não quero me intrometer em assuntos de família. Eu deveria estar de volta na casa em que aluguei um quarto, mas não é o melhor lugar para estar.

Principalmente porque os policiais não conseguiram localizar meus colegas de quarto para interrogá-los sobre a invasão na casa de Ray.

— Ray não ficou muito feliz com a minha saída do rancho neste fim de semana — mencionei.

Becks sorriu. — Porque ele é protetor com você.

— Acho que você vai ficar por aqui por muito mais fins de semana — disse Cassandra.

— Eu gostaria de ficar — admiti enquanto Becks manobrava na sinuosa estrada de terra. — Mas eventualmente ele não vai precisar de mim. Ray realmente não depende de mim de qualquer maneira.

Cassandra cantarolou algo vago e começou a digitar uma nota em seu telefone.

— Você quer que eu te deixe na casa do Ray ou você quer ir andando? — perguntou Becks.

Eu escolhi caminhar. Eu queria aproveitar o ar fresco e o sol. Seria bom esticar as pernas. Eu gostava de bisbilhotar todos os celeiros para ver no que os peões do rancho estavam trabalhando. Ultimamente, eles estavam reformando e expandindo os estábulos para acomodar os novos cavalos.

Acenei para Gracie e Christian enquanto eles relaxavam na varanda enquanto Gracie pintava as unhas. Passei pelo escritório principal do rancho e parei para abraçar Mickey, a vaca. Entrei no estábulo e dei guloseimas para Libby, Indy e Anny.

Anarchy esfregou seu longo focinho preto contra minha mão. Ela era uma gigante gentil. Feroz, atrevida e assustadora como o inferno, mas suave com aqueles em quem confiava.

Ofereci-lhe um agrado extra para que ela continuasse em suas boas graças e então saí silenciosamente dos estábulos para voltar para a casa de Ray.

Acenei para um grupo de peões que reconheci, mas não conhecia pelo nome.

Este lugar parecia uma família.

Parecia seguro.

Eu me sentia em casa.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



RAY

Eu tinha acabado de sair do chuveiro e colocado um short limpo e uma camiseta quando ouvi a batida na porta. Não era Brooke. Disso eu sabia.

Ela saiu com Cass e Becks, de qualquer forma, não bateria na porta.

Eu tinha acabado de deixar CJ e Nate depois que o transporte de cavalos chegou, então imaginei que não eram eles também. Christian sempre passava os sábados com suas filhas.

Só restaram meus pais.

Eu disse à minha mãe que Brooke e eu iríamos jantar em casa hoje à noite, então não tinha certeza do porquê ela estaria na minha porta poucas horas antes.

— A porta está destrancada — gritei enquanto terminava de enxugar meu cabelo e jogava a toalha no cesto. Talvez Brooke tivesse esquecido de pegar as chaves e voltou cedo.

A porta da frente abriu e fechou, passos suaves ecoaram na cozinha.

Definitivamente não eram as fortes pancadas das botas que sinalizaram a presença dos meus irmãos.

Virei minha cadeira de rodas e saí do meu quarto em direção à cozinha.

Bree, minha sobrinha mais velha, estava na cozinha com as mãos cruzadas atrás das costas.

Eu congelei.

Ela tinha me ignorado completamente outro dia. Não que eu a culpasse. Fiquei um pouco mais do que surpreso ao vê-la na minha cozinha.

Bree estava tão crescida agora. Foi-se a criança que costumava dormir apenas se estivesse sendo segurada. Ela era uma jovem senhora e parecia com sua mãe. Os genes de Christian a superaram quase completamente. Era como olhar para uma versão mais jovem de Gretchen, a falecida esposa de Christian.

— Você disse para entrar, então eu entrei. — disse Bree. Não havia mais nenhuma garota despreocupada e risonha. Seu maxilar estava tenso e ela parecia zangada.

Lembrei-me de como era aquela raiva. Como se o mundo fosse culpado por tudo. Mas eu não me sentia assim há muito tempo. Eu sempre ficava bravo com meu acidente, e me recusava a me sentir mal por isso.

Mas minha raiva em relação ao mundo foi se dissipando lentamente desde que Brooke chegou em minha casa com os joelhos ralados e um sorriso de Cheshire.

Mas eu tinha a sensação de que a raiva de Bree não era direcionada ao mundo. Era por minha causa.

E eu merecia.

— Estou feliz que você tenha feito isso — eu disse.

Os olhos dela dispararam de um lado para o outro. — Papai disse que eu poderia vir falar com você.

— Ok. — eu disse enquanto ia até a geladeira. — O que você quer conversar? — Abri o freezer e peguei uma caixa de picolés.

As sobrancelhas de Bree franziram. — Por que você tem isso?

— Pedi para Brooke buscá-los. Eu esperava que você viesse me ver, e queria estar preparado se você viesse.

Tirei dois picolés vermelhos, brancos e azuis da caixa e os entreguei a ela. — Você pode tirá-los do plástico para mim? É meio difícil fazer isso hoje em dia.

Bree não disse nada enquanto pegava a embalagem plástica e a abria.

— O que você quer falar sobre, esguicho? — perguntei enquanto saíamos para o deck.

Bree fechou a porta de correr atrás dela. — Não sei. Faz um tempo que não te vejo. — ela murmurou. Seus olhos suavizaram enquanto ela se sentava na cadeira de praia na minha frente e olhava para seu picolé derretendo rapidamente.

Dei uma mordida no meu antes que ele virasse um suco. — Não me diga que você não gosta mais deles. Você não pode estar velha demais para picolés.

Bree pegou uma gota de xarope vermelho no polegar e limpou no short. — Depois que a mamãe morreu, você sempre me deixava tomar um picolé quando eu estava triste.

— Sim, seu pai ainda não sabe quanto açúcar eu dei para vocês dois minions. Então vamos manter isso entre nós.

Os olhos dela estavam marejados quando ela olhou para mim. — Quando eu te vi no chão da arena, tudo que eu queria era um picolé. E você não estava lá para me dar.

— Bree...

Lágrimas escorriam por suas bochechas. De repente, ela não era mais a garota de quinze anos que estava aprendendo a dirigir e a jovem que, segundo rumores, tinha um namorado. Ela era a garota de três anos de coração partido para quem eu roubava um picolé quando ela chorava por uma mãe que não voltava.

Quando as coisas voltaram a alguma versão do normal após a morte de Gretchen, Nate voltou para casa de sua missão e eu deixei minhas meninas. Eu o convenci a manter picolés em sua casa, só para que as meninas soubessem que eu ainda estava pensando nelas.

— Por que você não nos deixou ver você? — ela choramingou. — Eu... eu vi acontecer. Papai não nos deixou ir para o seu quarto de hospital até você acordar, e então quando você acordou...

— Desculpe.

— Isso não é bom o suficiente! — ela gritou, jogando seu picolé nas ripas do convés. Ele quebrou em pedaços, derretendo quase instantaneamente no sol do meio do verão. — Você prometeu estar lá para nós quando precisássemos de você. Que sempre poderíamos falar com você, mesmo quando estivesse na estrada. E você mentiu.

Arrependimento e angústia ferviam dentro de mim. Era como ser jogado de volta naquela cama de hospital, incapaz de me mover. — Eu não queria que você me visse daquele jeito.

— Eu nem sei por que vim aqui. — ela murmurou, voltando furiosa para a porta.

— Bree, pare. — Eu nunca levantei minha voz com as filhas de Christian, mas precisava que ela me ouvisse.

Ela congelou com as mãos fechadas em punhos. — Eu nunca consegui te contar sobre Cass. Quero dizer, realmente te contar sobre ela. E quando você voltou para o rancho, eu queria que você falasse com ela e com o papai porque tem um garoto na série à minha frente que quer me levar para um encontro, mas o papai não deixa porque ele sabe dirigir e eu não. E eu queria sentar e assistir filmes com você como costumávamos fazer. E eu queria colorir suas tatuagens. E eu sei que parece estúpido porque eu vou ser adulta em alguns anos, mas...

— Não é estúpido — eu rebati. — Eu perdi cada uma dessas coisas também.

— Então por que você não nos deixou ir vê-lo?

— Porque eu fui idiota. Porque eu fui um covarde. Porque você e Gracie sempre foram as pessoas mais importantes para mim. E eu falo sério. — Eu joguei meu picolé para derreter ao lado do dela. — Você sempre foi mais importante para mim do que seu pai. Do que seu tio Nate e seu tio CJ. O rancho. Tudo isso. A única razão pela qual eu voltei foi por vocês duas. Porque de alguma forma estúpida, eu pensei que era melhor para mim não estar lá para vocês, em vez de estar lá como eu estava. Como eu estou.

O lábio dela tremeu. — Doeu.

— Eu sei. E não há muito que eu possa fazer para me desculpar e compensar isso. Mas vou tentar.

Bree cruzou os braços. — Papai nos fez ir à terapia quando perdemos a mamãe.

— Eu sei. Você tem um bom pai.

— Então, se você acha que se perdeu, então precisa fazer terapia. — ela disse. Mas dessa vez, ela não soou como uma versão em miniatura da mãe. Ela soou como Cassandra.

— Vou à terapia três vezes por semana.

— Não é fisioterapia, espertinho.

Soltei uma gargalhada. — Olha só quem fala… Quinze anos e já se acha uma adulta! Quem disse que você tem permissão para xingar?

Ela revirou os olhos. — É quase um palavrão.

Suspirei. — Vou pensar sobre isso.

A voz de Bree era suave. — Se você não fizer isso por mim, faça por Brooke.

Inclinei a cabeça. — Do que você está falando?

Bree deu de ombros. — Você gosta dela, não é?

Passei a mão pelo cabelo, esperando que isso aliviasse um pouco a tensão. Mas não aliviou. 'Gostar' nem começou a descrever o que eu sentia por Brooke.

— Sim. Eu gosto. Pirralha, Muito.

— Ela é muito legal.

Eu assenti.

— E bonita. — Bree acrescentou. — E ela obviamente gosta de você. Faça isso por ela.

A porta de correr rolou para trás e falando no diabo, Brooke apareceu. Ela estava usando um short jeans curto e uma regata esvoaçante que mergulhava entre os seios. Seu cabelo estava solto em cachos grossos hoje. Sua pele estava rosada, provavelmente por ter caminhado desde a casa de Becks.

— Ei, menina. — Brooke disse com um sorriso enquanto colocava o braço em volta dos ombros de Bree e apertava. — Eu não sabia que te veria hoje. — Um olhar para as lágrimas que estavam secando lentamente nas bochechas de Bree e a expressão de Brooke mudou para preocupação. — Qual é o problema?

Bree enxugou as bochechas com os dedos. — Nada. Estávamos só colocando o papo em dia.

Os olhos de Brooke caíram em mim, depois na poça de picolés. Ela levantou as sobrancelhas. — Ok. Vejo uma crise de sobremesa. Nada que não possa ser consertado. Tenho certeza de que temos mais. Tenho, tipo, três ou quatro caixas.

— Está tudo bem. — Bree enxugou o resto das lágrimas. — Eu não estou com vontade de comer picolé mesmo.

Meu estômago se contraiu.

— Tem certeza? — Brooke perguntou.

— Sim. Eu me sinto melhor. — Bree olhou para mim. — Vocês vão para a casa da vovó para jantar com todo mundo?

Soltei um suspiro. — Sim, piralha, Nós estaremos lá.

Bree se despediu de Brooke e saiu pela casa, pela porta da frente.

— Ei, como foi sair com Becks e Cass? — perguntei enquanto me virava e me abaixava para pegar os palitos de picolé da poça de calda.

Brooke soltou uma risada leve. — Acho que fui interrogada, e então queimei meus tacos e margarita na volta para casa. Quanto tempo temos que esperar até o jantar?

Eu ri e entrei com ela. — Não muito. Sobre o que elas interrogaram você?

Brooke deslizou para o meu colo e envolveu seus braços em volta do meu pescoço. — Você. — Seus lábios ainda tinham gosto de sal e tequila.

Inclinei a cabeça, mergulhando mais fundo para saboreá-la.

Ela soltou um gemido suave, pressionando meu peito. — Tentei não contar nada a elas, mas acho que Cassandra os fez colocar o dobro de álcool na minha bebida.

— Não se deixe enganar pelo 'ato de mãe'. Becks é igualmente diabólica

Ela riu. — Foi bom, eu acho. Não sei. Eu realmente não me encaixo com elas.

— Elas se conheciam antes de virem para o rancho. Elas trabalharam juntos em Nova York. Só vai levar algum tempo.

Seus olhos azuis e nítidos se transformaram em poças de cerúleo. — Você acha que eu tenho tempo?

Coloquei o cabelo dela atrás da orelha e segurei sua bochecha. — O tempo que você quiser.

***

O jantar foi um evento animado. Não conseguia me lembrar da última vez que ri tanto ou me senti tão à vontade perto da minha família. Mamãe optou por hambúrgueres e batatas fritas, o que foi bom. Não exigiu utensílios ou cortes, e eu apreciei isso.

Brooke sentou-se à minha esquerda enquanto Gracie sentou-se à minha direita.

Depois da nossa conversa esta tarde, eu estava esperando que Bree e eu tivéssemos começado a consertar as coisas, mas parecia que ela estava mantendo uma distância segura por enquanto. Eu sabia que não podia esperar muito. Ainda assim, apesar da nossa distância na mesa, ela conversou comigo e riu das piadas de todos.

Mantive meu braço em volta dos ombros de Brooke durante toda a refeição. Foi o melhor que pude fazer para segurá-la perto enquanto comíamos.

Eu estava distraído, passando um tempo com Nate, CJ e os novos cavalos enquanto as meninas iam almoçar, mas senti muita falta dela.

Eu não queria deixá-la ir.

— Brooke? — Gracie perguntou, inclinando-se ao meu redor para ver Brooke enquanto minha mãe colocava um prato gigante de biscoitos no meio da mesa para a sobremesa.

Brooke pegou dois, deixando um no meu prato e um no dela. — Sim?

— Então, você é tipo… a namorada do tio Ray? Ou você trabalha para ele? Porque eu só pensei que você trabalhava para ele.

Risadas abafadas ecoaram da mesa.

As bochechas de Brooke ficaram rosa brilhante. — Hum...

— Nossa, você não pode perguntar isso. — Bree sussurrou no sussurro mais alto conhecido pelo homem. — Todo mundo sabe que são as duas coisas.

Gracie zombou. — Bem, eu não sabia que eram os dois e é por isso que perguntei.

Esfreguei minhas têmporas. Brooke segurou seu biscoito como se fosse o último colete salva-vidas do Titanic.

— Eu... hum... — Brooke gaguejou.

— Grace, isso não é da sua 'nossa' conta. — Christian repreendeu.

Sinceramente, eu queria concordar com Bree e encerrar o debate.

Brooke era ambas as coisas.

Mas isso também não me agradou. Parte de mim duvidava que ela ficaria se não tivesse um salário gordo caindo em sua conta bancária toda sexta-feira.

Eu não queria acreditar que ela estava comigo pelo dinheiro, mas certamente tinha começado assim e eu não podia culpá-la por isso. Foi isso que a trouxe até mim para começar.

Mas, sendo honesto comigo mesmo, eu não queria continuar pagando para ela ficar comigo.

Brooke disse que me queria. Que ela queria ver onde essa faísca entre nós iria. Eu não queria deixá-la desempregada, mas eu precisava saber que ela falava sério.

Eu tinha que descobrir alguma coisa.

— Ela trabalha para a empresa que contratamos para enviar ajuda. — eu disse a Gracie o mais uniformemente que pude. Era o mais mediano que eu podia fazer. Eu não negava o que estava acontecendo com Brooke, mas não estava pronto para oficialmente jogar nosso relacionamento no tribunal da opinião pública.

Brooke tomou um gole de água e assentiu levemente. — Sim…

A única sílaba foi esmagada pelo peso de sua decepção avassaladora.

Merda.

CAPÍTULO VINTE E SEIS



BROOKE

— Vou me trocar — disse Ray enquanto íamos de caminhonete para sua casa depois do jantar na casa de Claire e Silas com toda a família.

Deveria ter sido uma ótima noite, e foi. Na maior parte, pelo menos.

Até que ele confirmou a realidade que eu estava evitando.

Isso era temporário.

Eu era apenas uma empregada dele.

Não significava nada, não importa o que ele dissesse ou o quanto eu quisesse que meus sentimentos fossem reais. Não importa o quanto ele me fizesse acreditar que eram reais.

Era tudo fumaça e espelhos. Uma maneira conveniente para passarmos o tempo.

Eu não conseguia imaginar um mundo sem Ray. Sem sua família. Sem este lugar. Eu não queria.

Por muito tempo eu senti como se estivesse flutuando na brisa, voando e flutuando ao sabor do vento. Estar aqui parecia que eu finalmente tinha um propósito. Como se eu estivesse fazendo algo que importava, mesmo que fosse pequeno.

Esperei até a porta do banheiro de Ray fechar para deixar a primeira lágrima escorrer pela minha bochecha. Eu não queria que ele me visse chorar. Era estúpido chorar por algo que nunca aconteceu.

Rabisquei um bilhete dizendo que estava saindo para uma caminhada e deixei no balcão da cozinha. Eu era quem deveria ignorá-lo, mas agora eu precisava de espaço.

A culpa me consumia como ácido mastigando metal enquanto meus chinelos estalavam no caminho de terra.

Eu fui tão idiota. Eu não deveria ter me envolvido com ele em primeiro lugar. O que eu pensei que aconteceria? Nós iríamos simplesmente cair na vida juntos e viver felizes para sempre?

Coisas assim não aconteceram comigo.

Por mais que eu quisesse acreditar que coisas boas acontecem a pessoas boas, isso simplesmente não era verdade.

Eu me vi no estábulo, trocando meus chinelos por um par de botas de borracha comunitárias para limpar as baias vazias. Eu gosto da monotonia das tarefas. Era bom colocar minha energia em algo e ver a recompensa quando eu terminava. As tarefas, na maioria das vezes sem sentido, davam um descanso ao meu cérebro.

Mas com esse descanso vieram os pensamentos intrusivos que atormentaram meus sentimentos já frágeis.

O suor escorria pela minha testa enquanto eu apoiava o forcado contra a parede e pegava a vassoura para varrer o estábulo de Anny. Ela estava pastando em uma área cercada, o que significava que CJ estaria aqui mais cedo ou mais tarde para levá-la até o rebanho ou colocá-la em seu estábulo para passar a noite.

Com alguma sorte, seria o fim do 'mais cedo ou mais tarde' e eu poderia desaparecer depois de descontar minhas frustrações em feno sujo e roupa de cama.

Motores de caminhonetes e quadriciclos rugiam à distância. Não era incomum ouvir pessoas andando por aí a qualquer hora da noite.

Os peões do rancho trabalhavam em horários estranhos. Porque por mais que as vacas dormissem e descansassem, os problemas não.

A poeira e as teias de aranha haviam desaparecido da baia de Anarchy, mas as que estavam na minha mente estavam mais espessas do que nunca.

Eu precisaria de uma boa chuva para me livrar delas.

A frieza que gelou a voz de Ray quando ele respondeu a Gracie foi o estrondo de um trovão antes da chuva torrencial.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto em torrentes enquanto eu deslizava pela divisória da baia e me sentava encurvada no chão varrido.

Perdi minha família, mas pelo menos dormi sabendo que tinha sido querida e amada. A vida tinha outros planos. Mas, dessa vez, não consegui superar o luto me apegando a pequenos fragmentos de gratidão.

Ele realmente estava apenas me tolerando. Tirando o melhor proveito de nós dois estarmos presos juntos.

Eu não deveria ter dormido com ele. Toda vez que um dos irmãos ou cunhadas dele nos provocava sobre ficar, eu queria me enfiar num buraco e morrer.

Eles nunca me respeitariam. Ray nunca me respeitaria. Eu era apenas um pedaço de bunda conveniente.

Passos pesados ecoaram pelo celeiro. — Brooke?

Não dei um pio, mas tinha quase certeza de que meu fungado me denunciou. CJ enfiou a cabeça na baia de Anny e me encontrou em uma pilha no chão.

— O que você está fazendo no meu celeiro? — Ele cruzou os braços e bufou. — Sabe, nem os peões do rancho dormem com os animais. Nós somos um tanto civilizados no alojamento.

Limpei minhas bochechas, espalhando acidentalmente poeira e sujeira na minha pele. — Eu só precisava de um respiro.

Ele olhou ao redor. — E trabalho manual era a resposta? Sabe, você não é paga para limpar baias.

— Eu sei. Eu só queria fazer alguma coisa. Desculpe se eu estraguei tudo.

CJ pegou um fardo de palha da pilha e jogou-o na baia. Ele caiu com um baque. Mais dois o seguiram. — Ray está procurando por você.

Espalho a palha para fazer uma cama adequada para Anny. — Estou fora do horário.

CJ começou a limpar os recipientes de água e ração. — Não acho que isso signifique muito para ele.

— Ele consegue lidar com isso. Ele está bem sem mim, e eu preciso de espaço.

CJ riu. — Ele nunca foi bom em aceitar um 'não' como resposta.

Parei e olhei para ele com olhos suplicantes. — Eu só quero me esconder um pouco.

Ele deu de ombros. — Como quiser, mas Ray vai descobrir um jeito de te encontrar.

Terminamos de virar a baia de Anny em silêncio, e CJ a trouxe para passar a noite.

Ela imediatamente começou a se aninhar no meu pescoço quando chegou perto o suficiente.

— Ei, linda. — eu disse enquanto a acariciava. — Você não é tão má quanto todo mundo diz que você é.

CJ riu. — Não, ela é. — Ele alisou a mão pela crina preta brilhante dela. — Mas por algum motivo ela gosta de você.

— Não ficarei aqui muito mais tempo. — prometi.

Ele deu de ombros e saiu. — Não posso dizer que não avisei. Boa sorte com sua noite.

Encontrei companhia nos cavalos. Eles julgavam, mas não havia comentários indesejados. Se gostassem de mim, me deixavam ficar por perto. Se não, eles iam embora. Apreciei a simplicidade disso. Os animais eram bons juízes de caráter.

O barulho de um carrinho de golfe me tirou do bate-papo silencioso que eu estava tendo comigo mesma.

— Brooke? — Ray rugiu através do silêncio dos estábulos.

Anny olhou furiosamente para as portas do celeiro, e eu não a culpei.

— Brooke... — ele fez uma pausa. — Eu não sei a porra do seu nome do meio ou eu o usaria.

O barulho de metal despertou minha curiosidade e me fez sair da baia de Anny. Dei uma espiada na esquina. Ray estava sentado no banco do motorista de um carrinho de golfe, no processo de tirar sua cadeira de rodas da parte de trás e abri-la no chão ao lado dele.

Merda.

— Brooke — ele gritou novamente quando me ouviu arrastando os pés no feno. Olhos castanhos pousaram nos meus. Sua mandíbula estava travada firmemente enquanto ele deslizava para fora do carrinho de golfe e para sua cadeira de rodas.

Engoli em seco. Pelo menos estávamos sozinhos. Os cavalos não contariam a ninguém sobre ele gritando comigo.

— Onde diabos você estava? — ele gritou enquanto entrava no celeiro.

Virei às costas para ele e alisei minha mão no focinho de Anny. — Deixei um bilhete. Disse que ia dar uma volta.

Ray soltou a risada mais sarcástica que eu já tinha ouvido. — Você deixou um bilhete. Certo. Porque da última vez que você saiu para caminhar, você quase morreu de insolação. Então, a menos que você vá me deixar colocar um chip de rastreamento na sua nuca, então não. Um bilhete não é bom o suficiente.

— Não entendo por que você está bravo — eu disse calmamente. — Como você conseguiu descer aqui? CJ me dedurou?

— CJ não me contou nada — ele retrucou. — Não me pergunte por que, mas eu sabia que você estaria aqui.

— Bom, se você sabia que eu estaria aqui, então você sabe por que estou aqui e não na sua casa. Então, se você me der licença, vou passar o resto do meu tempo de folga longe do meu chefe.

— Brooke — disse Ray enquanto destravava as rodas e se empurrava para a entrada da baia de Anny.

Anarquia investiu contra ele, mordendo sua cabeça como um aviso.

— Jesus... porra... — Ray empurrou para trás. — Qual diabos é o problema dela?

— Ela não gosta de pessoas que não respeitam o espaço dela. E eu também não. Você não pode ficar bravo comigo, Ray.

Calor brilhou em seus olhos. — Eu posso ficar bravo. Você entende o quão preocupado pra caralho eu estava? Você não pode simplesmente ir embora de mim sem uma explicação. Você não pode fazer isso. Não quando eu me importo com você.

Eu cerrei os dentes. — Eu com certeza vou embora. Principalmente porque eu sou só a garota que trabalha para a empresa que você contratou para enviar ajuda.

Ele ficou visivelmente surpreso.

— Sim. — Peguei a vassoura e o forcado e saí pisando duro da baia para esconder o fato de que lágrimas enchiam meus olhos. — Foi ótimo depois de passar o fim de semana pensando que eu significava algo para você.

Ray me pegou pela cintura, e as ferramentas fizeram barulho em minhas mãos. — Você significa algo para mim. Você entende isso? Sair do banheiro e descobrir que você tinha sumido me assustou pra caramba.

Eu me soltei do seu aperto e coloquei as ferramentas de volta no organizador pendurado. — Poderia ter me enganado.

— Eu me importo com você! — Seu grito estalou como um chicote.

Eu me virei para ele. — Você não pode dizer isso e achar que vai melhorar tudo. Sua família sabe que estamos fodendo. Você dizer que eu sou apenas 'a ajudante' me magoou, e você sabe disso.

Eu me senti estúpida pelas lágrimas que escorriam pelo meu rosto, mas parei de me importar com o que ele pensava de mim no minuto em que eu não significava mais nada para ele.

— Eu nunca fui nada além de honesta — eu disse enquanto tirava as botas de borracha e calçava novamente meus chinelos.

— É a verdade. Eu pago você — ele disse.

Minha visão ficou turva e queimando. — Foda-se. Você — eu cuspi.

— Brooke. — Sua mão algemou meu pulso. — Não estou negando nada.

— O que aconteceu com todas aquelas coisas que você me disse na caminhonete? Hein? Onde estava aquele cara? Eu entendo que isso não é fácil para você, mas se não me engano, você é quem descobre. Então pare de ser um covarde de merda e descubra.

— Estou tentando! — ele gritou. — Mas toda vez que eu acho que consigo fazer isso, algo me lembra de que eu não consigo. Alguém invadiu minha casa. E se estivéssemos lá? E se eu não conseguisse te proteger? Você não acha que isso pesa em mim?

— Esse é o seu problema — gritei de volta. — Desculpe, mas eu já disse como me sinto. Posso dizer que te quero assim até ficar roxa de raiva, mas acreditar nisso é problema seu.

Ele congelou.

Eu estava com dor de cabeça de tanto chorar, e já estava farta disso. — Vou voltar para casa — eu disse, completamente exasperada. — Vejo você na segunda-feira.

Eu podia ouvir o barulho da cadeira de rodas dele passando por cima de escombros e feno quando ele chegou atrás de mim.

Mãos quentes deslizaram pelos meus quadris. — Fique — ele disse asperamente enquanto se inclinava para frente e descansava a testa na parte

inferior das minhas costas. — Eu prometo que estou trabalhando nisso. Eu juro para você. Eu só preciso... eu só preciso de mais tempo. Estou tentando descobrir.

Eu queria cair nele e confiar que ele não estava brincando com meu coração. — Você não pode dizer isso. Não é uma solução. Você não pode ganhar tempo com promessas vazias.

— Eu te amo — ele disse suavemente e calmamente atrás de mim. — Eu amo. E é por isso que eu estou tentando muito pra caralho não te machucar. É por isso que você não pode ficar comigo.

— Essa é a coisa mais idiota que já ouvi.

— Eu te amo e é por isso que eu quero o melhor para você. Eu quero alguém bom para você.

Virei-me para encará-lo. — Você é o bem maior.

Suas mãos deslizaram pelos meus quadris e me puxaram para mais perto. Ele pressionou um beijo entre a cintura do meu short e a bainha da minha regata, aproveitando a tira de pele que aparecia entre eles.

— Você é importante para mim. Por favor, saiba disso. — Suas palavras eram um sussurro, acariciando meu corpo.

Deslizei meus dedos pelos cabelos dele, segurando-o mais perto. — Não quero que você implore. Quero que você prove isso para mim.

Ray empurrou a bainha do meu short para cima da minha coxa e pressionou os lábios na minha perna. — Eu vou. — Ele deixou um caminho de beijos quentes na minha parte interna da coxa. — Eu vou provar isso para você todo maldito dia.

Um suspiro suave escapou dos meus lábios enquanto sua barba por fazer raspava minha pele. — Você sabe o que acontece quando você se machuca, certo?

— Hum?

— Você tem que beijar e melhorar.

Sua risada era sombria e reconfortante como um copo de uísque perto de uma janela salpicada de chuva. — Abaixe seu short, garotinha.

Eu o abaixei sem hesitar enquanto ele deslizava o dedo médio pela minha boceta encharcada.

— Tire sua blusa e dobre suas costas sobre o suporte da sela. Quero ver o quão flexível você é. Quero ver seus olhos enquanto cumpro minhas promessas.

Olhei para o suporte de sela vazio. Ele estava a cerca de três pés do chão e tinha um topo de madeira liso e curvo. Dois botões ornamentados estavam presos ao topo em cada extremidade para evitar que as selas deslizassem. Tirei minha blusa e sutiã e os deixei em uma pilha com meu short e roupas íntimas.

— Assim? — perguntei enquanto me deitava contra a lateral do topo curvo. Ele forçou minhas costas a um arco alto. Meu cabelo pendia do outro lado em uma cascata de cachos. Uma brisa fez cócegas em meus seios e de repente eu estava muito ciente de onde e quão nua eu estava.

Ray se virou e travou sua cadeira na minha frente. — Essa é minha boa menina. Simples assim. — Suas mãos deslizaram pelas minhas coxas, abrindo-as. — Na ponta dos pés agora.

Fiquei na ponta dos pés, um pouco mais acima do suporte da sela, e sua boca se fechou em meu clitóris.

Soltei um gemido agudo, assustando os cavalos em suas baias. Ray rosnou na minha boceta enquanto chupava e mordia até que eu estava uma bagunça molhada e contorcida.

— Um pé em cima da minha cadeira. Está travada. — ele disse enquanto se esticava para frente e agarrava os botões no topo do suporte. Ray tirou o short de ginástica e a cueca e se levantou. A cabeça grossa do seu pau provocou minha entrada enquanto ele se alinhava. — Incline-se para trás o máximo que puder.

Olhei por cima do meu peito com olhos pesados, observando enquanto ele segurava as pontas do suporte da sela para sustentar seu peso corporal. — Você está bem? — perguntei baixinho.

Ele soltou um suspiro agudo enquanto cutucava dentro de mim. — Estou firme. Eu tenho isso... tenho você. — Os bíceps de Ray ondularam enquanto ele estalava para frente, empurrando para dentro de mim.

Eu choraminguei enquanto era preenchida e esticada. A segunda e a terceira estocadas tiraram o ar dos meus pulmões.

— Vou resolver minha merda — ele resmungou enquanto me fodia com força sobre o suporte da sela. — Pode demorar um pouco. Mas eu vou fazer isso. Não vou deixar você ir.

— Fique comigo — sussurrei em suspiros desesperados enquanto ele roubava meu fôlego. Calor fervia dentro de mim enquanto ele transferia todo seu peso para o aperto que segurava com sua mão direita e usava sua esquerda para brincar com meu clitóris.

Meus dedos dos pés se curvaram e minhas costas ficaram rígidas.

— Porra, garotinha. Eu sinto você apertando meu pau. Goze para mim. — Ele mudou para movimentos lentos, massageadores e bombeamentos superficiais. — Eu quero que você se quebre. Você pode quebrar. Eu estarei aqui para te pegar. Eu não vou a lugar nenhum.

O braço dele começou a tremer quando cheguei ao meu ápice. Ray se retirou e bateu dentro de mim mais uma vez. O deslizar do seu pau em mim acendeu minha liberação. Eu gritei quando gozei, alcançando-o. Ray agarrou o topo do suporte da sela e segurou, seu corpo pressionado ao meu, enquanto gozava dentro de mim.

Nossas respirações se misturaram enquanto nossos batimentos cardíacos diminuíram.

— Preciso me sentar. — ele resmungou enquanto dava um beijo reverente no meu esterno.

Eu assenti enquanto ele saía de mim e se jogava na cadeira.

Seu sorriso era do gato Cheshire. — Porra, você é uma visão para se vê. Curvada para trás assim, peitos no ar, meu esperma escorrendo pela sua perna. — Ele lambeu os lábios e inalou profundamente antes de se inclinar para beijar meu joelho. — Sinto muito por ter feito você se sentir indesejada.

Eu me levantei e parei quando minha cabeça girou. — Continue me provando que sou desejada. É tudo o que preciso.

Ray me ajudou a me limpar e me vestir rapidamente. Por mais excitante que fosse a possibilidade de ser pego, eu não queria ser pego de verdade.

Quando eu vesti meu short e minha blusa, ele pegou minha mão na dele e beijou meus dedos. — Vamos.

Eu me certifiquei de que tudo estava onde deveria estar e o segui para fora. Um velho carrinho de golfe estava estacionado do lado de fora da porta.

Parei no meio do caminho. Eu sabia que ele tinha de alguma forma chegado aqui, mas não tinha pensado na logística. — Você dirigiu?

— CJ comprou algumas peças na loja de ferragens para convertê-lo em controles manuais. — ele disse enquanto manobrava para fora da cadeira e para o assento do motorista. — Ele o trouxe para um test drive depois da entrega do cavalo enquanto você estava com as meninas.

Ajudei a dobrar a cadeira e coloquei-a no banco de trás antes de entrar com ele.

Ray ligou o motor, apertou o pedal do acelerador e então girou o volante para voltar para casa.

— Sabe — eu disse enquanto descansava minha cabeça em seu ombro e sentia o ar da noite girando ao nosso redor. — Acho que gosto de você me levando para passear.

Ray riu e se inclinou para me dar um beijo rápido na cabeça. — Isso faz de nós dois.

CAPÍTULO VINTE E SETE



RAY

Brooke roncava.

Eu tinha que admitir... era fofo. Ela estava encolhida no sofá como um gato com a cabeça no meu colo. O filme que estávamos assistindo estava mudo. Eu tinha diminuído o volume assim que suas pálpebras se fecharam.

Foi um longo dia para nós dois. Passamos a maior parte da manhã e da tarde na cidade, pulando entre compromissos.

Brooke foi comigo para minha consulta de fisioterapia. Ficamos na cidade para almoçar, depois nos separamos enquanto eu ia para minha primeira consulta de terapia mental.

Eu odiei isso.

Mas eu não queria acabar com o ânimo de Brooke. Ela parecia tão esperançosa de que eu iria. Que isso me consertaria.

Eu ia tentar, mas não tinha o otimismo dela.

Enquanto eu estava sentado em um consultório que tinha ar condicionado demais para o meu gosto, Brooke pegou mantimentos, receitas médicas e estacionou em uma cafeteria para usar o Wi-Fi deles. Ela estava pesquisando opções de aulas na faculdade comunitária.

Eu sabia que ela estava entediada pra caramba comigo. Eu me senti mal por ela estar perdendo seu tempo rondando minha casa, esperando que eu precisasse de alguma coisa.

Às vezes eu pedia para ela me ajudar só porque sabia que ela estava entediada.

Seus roncos me trouxeram de volta ao presente. Penteei meus dedos pelos cabelos dela, afastando-os do rosto. Suas feições eram suaves e angelicais. Sardas pontilhavam seu nariz e bochechas por estarem expostas ao sol.

Depois que voltamos para o rancho, nos jogamos no sofá com as sobras roubadas da geladeira e não nos movemos desde então.

Brooke se mexeu e aninhou-se na minha coxa. — O filme acabou? — ela murmurou.

— Pode ser — eu disse enquanto esfregava suas costas. — Você está pronta para ir para a cama?

Ela assentiu, mas não se levantou.

Eu queria pegá-la nos meus braços e carregá-la para a cama. Eu queria deitá-la e deixá-la nua. Eu queria puxá-la para mim e segurá-la a noite toda.

Mas eu não conseguia fazer isso.

O psiquiatra tinha me deixado mais cru e dolorido do que minha consulta de fisioterapia. Talvez fosse toda aquela coisa de 'quebrar você antes que você se reerga' mas eu odiei cada segundo daquilo.

Christian me mandou uma mensagem perguntando como foi e prometeu que iria melhorar, mas eu não tinha tanta certeza.

Levei oito segundos para ganhar um campeonato e um segundo para perder todo o resto.

Virar a maré exigiria mais do que a fraca força que me restava.

Os roncos suaves de Brooke voltaram. Até o sol precisava se pôr e descansar.

Ela era a razão pela qual eu tinha energia e motivação para continuar tentando. Sua esperança e otimismo me alimentaram.

— Vamos — eu disse suavemente. — Você dormirá melhor na cama.

Nós nos movemos como zumbis pela casa escura. Eu me certifiquei de que as portas estavam trancadas enquanto Brooke escovava os dentes e lavava o rosto.

— Ray? — ela perguntou baixinho enquanto estava em frente à porta do meu quarto.

Franzi a testa porque ela parecia preocupada. — Qual é o problema?

— Eu ia perguntar se eu poderia dormir com você esta noite.

Nós tínhamos dormido na mesma cama juntos no motel, e tínhamos adormecido juntos algumas vezes - geralmente por acidente - na casa. Mas nunca tínhamos ido para a cama juntos intencionalmente.

Brooke me deu espaço, provavelmente porque ela tinha medo de pedir intimidade. Isso foi definitivamente minha culpa.

Eu me virei e deslizei minha mão para cima e para baixo em sua coxa. — Sempre, baby. Eu quero você na minha cama.

— Tem certeza? — Ela cravou o dedo do pé pintado de rosa no chão e balançou o tornozelo para frente e para trás.

— Tenho certeza.

Seu sorriso era suave e sonolento.

Terminei de escovar os dentes, então apaguei as luzes e me deitei na cama ao lado dela. Brooke tinha ficado com o lado esquerdo, deixando o direito para mim.

— Como você sabe de que lado eu durmo? — perguntei enquanto beijava sua cabeça.

— O carregador do seu telefone está ali — ela disse com um bocejo.

Eu ri. — Observadora.

Não precisei pedir para ela se aproximar. Assim que me acomodei sob as cobertas, Brooke se aninhou ao meu lado. Ela dormiu em segundos.

Eu tinha inveja da paz dela. Não conseguia me lembrar da última vez que dormi tão bem. Se eu não acordava com dores fantasmas ou desconforto, acordava com angústia mental.

Mas Brooke não. Ela era firme e forte como o nascer do sol.

Minhas mãos doíam por causa da fisioterapia. Callie me deu uma folga das habilidades motoras brutas e me fez segurar um maldito lápis pelo que pareceram horas.

Talvez tenha sido o calor e a pressão do corpo dela contra meu peito, mas minha mente se acalmou muito mais rápido do que o normal.

— Ray.

Eu me mexi, despertando com o sussurro de Brooke. Eu estava no melhor sono que eu conseguia lembrar.

— O que foi, baby? — murmurei em seu cabelo.

— Acho que tem alguém na casa — ela sussurrou.

Meus olhos piscaram e eu congelei. O corpo de Brooke estava rígido contra o meu.

A casa estava silenciosa. Talvez um dos animais tivesse saído e estivesse fazendo barulho lá fora. Isso acontecia com bastante frequência.

Um baque ecoou na sala de estar, fazendo-nos ambos estremecer.

Os olhos de Brooke se arregalaram ao luar.

Merda. O que diabos eu ia fazer? O tempo de resposta da polícia tão longe não valia nada. Eu não podia fazer porra nenhuma. Só de entrar na minha cadeira de rodas faria um barulho da porra toda.

Brooke puxou as cobertas enquanto eu pegava meu telefone para ligar para CJ.

— O que você está fazendo? — Eu sibilei. — Volte aqui.

Brooke, de calcinha e minha camiseta, saiu da cama e pegou uma das minhas muletas de antebraço algemadas que estava apoiada na parede.

— Volte pra cama — eu disse num sussurro. — Vou ligar para o CJ.

— E eu vou ver o que diabos têm lá fora. — Brooke sussurrou.

— Não.

— Sim.

A ligação para CJ foi conectada, mas Brooke estava na porta antes que eu pudesse impedi-la. Puxei as cobertas para trás e tateei no escuro em busca do braço da minha cadeira de rodas. — Brooke...

Ela foi na ponta dos pés até a cozinha e então gritou. Ouvi o barulho e o baque da muleta se conectando com um corpo. Meu sangue gelou.

— Brooke! — gritei enquanto me jogava na minha cadeira de rodas e saía do quarto.

Brooke grunhiu enquanto se afastava e golpeava novamente como um rebatedor.

Faróis brilharam na frente da casa. Uma figura sombria grunhiu e soltou um grito antes de sair correndo pela porta dos fundos e do deck. Brooke se lançou em direção ao quintal, e eu agarrei seu braço.

— Pare — eu rugi.

— Mas ele está indo...

— Eu não dou a mínima! — Eu rebati. — Entre no quarto e tranque a porra da porta.

Brooke zombou. — Nem pensar nisso!

A porta da frente se abriu quando CJ a chutou e entrou. Ele acendeu as luzes e parou.

Brooke estava empunhando uma muleta no antebraço como se fosse uma espada, eu segurava o braço dela e nós dois estávamos de roupas intimas.

— Entre. No. Quarto — eu disse entre dentes.

Brooke apontou para a porta de correr aberta. — Chame. A. Polícia.

Eu a soltei e belisquei a ponte do meu nariz. — Você vai me dar um aneurisma.

— Ei, agora. — CJ disse enquanto se aprofundava na situação. — O que diabos aconteceu? Você me ligou às três da manhã e não disse nada.

De repente, a adrenalina pareceu fugir de Brooke e a realidade se instalou. — Alguém invadiu — ela sussurrou.

CJ levantou uma sobrancelha. — E você o expulsou com uma muleta?

— Eu bati nele duas vezes e então ele correu — Brooke disse. Sua respiração acelerou enquanto ela olhava para a muleta em sua mão.

A raiva queimava dentro de mim como uma poça de fogo.

Olhei para CJ, e ele olhou para mim. Porque é claro que ele olhou. Ele e Brooke se davam muito bem.

Só mais um lembrete de que ela deveria estar com outra pessoa.

Alguém que pudesse acordar no meio da noite e se certificar de que a casa estava vazia. Alguém que pudesse segurá-la quando ela estivesse assustada. Alguém que pudesse protegê-la.

— Vou chamar a polícia. — disse CJ enquanto tirava o telefone do bolso. Ele olhou para mim e acenou com a cabeça em direção ao quarto.

— Vamos, Brooke — eu disse enquanto pegava a muleta dela e voltava para o quarto.

Ela o seguiu, silenciosa como um rato.

— Vá para a cama — eu disse enquanto abria rapidamente a gaveta da minha cômoda e pegava um short e uma camiseta.

— Mas e quanto a...

— Eu cuido disso — eu disse enquanto me virava e rolava para a porta. — Vá dormir.



A luz do dia piorou tudo.

Eu não dormia um minuto desde que aquele filho da puta invadiu a casa no meio da noite.

Os policiais apareceram uma hora depois e fizeram as rondas superficiais de colher depoimentos, anotando a porta de correr que havia sido arrancada dos trilhos, impressões digitais no vidro e a cozinha revirada. Marcas de pneus foram encontradas na estrada de serviço que margeava o lado sul do rancho. Eles entraram e saíram pelos fundos.

Nada havia sido levado, mas estava claro que eles sabiam o que estavam procurando. Os policiais prometeram rastrear os colegas de quarto de Brooke, mas eles provavelmente já estavam saindo da jogada.

O que me deixou com uma grande ponta solta: Brooke.

Mais precisamente, como eu tinha gritado com ela no calor do roubo. Em uma reviravolta que eu odiava mais do que tudo, ela estava me ignorando.

Christian me arrastou para fora de casa e me levou para a cidade para uma sessão de terapia improvisada depois que CJ me denunciou.

Eu amava e odiava o quanto meus irmãos eram protetores com Brooke.

Depois de ser calmo e profissionalmente repreendido por aquele terapeuta, fui entregue de volta para minha casa como uma maldita pizza. Mas Brooke não estava em lugar nenhum.

O arrependimento deixou um gosto enjoativo na minha boca. Pela primeira vez, não fiquei incomodado com minha deficiência. Fiquei enojado com a forma como agi.

Sentei-me à mesa da cozinha, tentando de novo e de novo fazer meu pedido de desculpas corretamente, mas tudo parecia tão trivial. Palavras vazias e frívolas eram uma oferta insignificante quando eu sabia que tinha infligido feridas profundas.

O lápis parecia estranho em minha mão, mas o desconforto de tentar formar letras repetidas vezes foi à penitência que tive que pagar.

Quando Brooke não apareceu novamente à tarde, fui atrás dela.

O celeiro estava vazio, exceto por um punhado de cavalos e seus olhares críticos. Eu dirigi o carrinho de golfe pela estrada em direção ao escritório do rancho.

O carro de Brooke ainda estava na minha garagem, então ela tinha que estar na propriedade, certo?

Mas e se Cass ou Becks a tivessem levado até a cidade?

Parei no escritório e peguei minha cadeira de rodas. Vozes ecoavam pela estrutura de metal corrugado. Elas silenciaram enquanto eu me empurrava para dentro.

Christian, Cassandra, Nate, Becks, CJ e meu pai me encararam em silêncio. Mickey estava dormindo na cama de cachorro no canto.

— Reunião de família da qual não fui informado? — eu disse enquanto entrava.

Ninguém disse nada.

— Onde está Brooke? — Eu perguntei bruscamente.

Cassandra levantou uma sobrancelha. — Tente esse tom comigo mais uma vez. Eu te desafio.

— Faça isso — disse Becks. — Gostaria de ver o que acontece.

Estrangulei os braços da minha cadeira de rodas. — Alguém pode me dizer onde Brooke está? — eu gritei.

— Você tem as palavras, mas não tem a música. — disse Christian enquanto se recostava na cadeira e acariciava a barba. — Tente mais uma vez.

Eu rosnei. — Essa família me deixa louco pra caralho, sabia?

Nate sorriu. — De volta para você.

Passei as mãos pelo rosto. — Preciso me desculpar com ela.

Eles trocaram olhares um com o outro.

Finalmente, meu pai falou. — Ela está lá em casa com a mamãe. Elas estão assando.

Eu bufei e me virei para sair, mas CJ rapidamente bloqueou a porta. — Sente-se.

— Eu já estou — respondi.

Ele cruzou os braços. — Você sabe o que eu quero dizer.

— Tudo bem. Vamos acabar logo com isso.

— Esse é o espírito — disse Cassandra. — Quem quer começar? — Ela olhou em volta. — Ninguém? Ótimo. Eu vou. Qual diabos é o seu problema?

Meus dedos apertaram os braços. — Não tenho tempo para isso.

— Sim, você tem, filho — disse papai. — Fique quieto e escute antes de foder com tudo.

Não era sempre que meu pai xingava, mas quando ele fazia isso, eu sabia que era sério.

— Este não é problema seu. É meu. — eu disse. — Deixe que eu cuido disso. Vocês já têm o suficiente para fazer.

— Foi por isso que você deixou o rancho em primeiro lugar. — disse Christian.

Isso me fez parar.

— Porque tínhamos muita coisa acontecendo. Então você fez as malas e decidiu montar em touros. — Christian levantou seu chapéu de cowboy e passou a mão em seu cabelo longo. — Nate se machucou. O rancho se expandiu, então começamos a lutar. Então você foi embora.

Eu sabia onde ele queria chegar. Era algo que eu tinha compartilhado com ele em segredo há mais de uma década.

Eu nunca quis sobrecarregar ninguém, mas sobrecarreguei. Fazer as malas e ir para o Colorado foi à solução. Montar em touros foi minha passagem para fora. Eu não queria ser mais uma boca para alimentar ou colocar mais pressão na família.

Voltei quando precisei.

Christian precisava de ajuda com suas meninas e o rancho depois que Gretchen morreu. Então, eu voltei, fiz o que precisava ser feito e fui embora.

Ser jogado de um touro e ficar paralisado resetou o relógio. Desfez tudo o que eu estava trabalhando para alcançar. Trouxe-me de volta ao lugar que eu estava decidido a deixar.

Voltei sem ter qualquer influência no assunto e agora eu era um fardo ainda maior.

— Família não é um fardo — disse papai. — Idiotas são. Pare de agir como um. Você tem uma garota doce que te ama muito e você está agindo como um tolo. Pare com isso.

— Alguém invadiu minha casa ontem à noite, e eu não pude fazer nada sobre isso — gritei. — Nenhum de vocês sabe como é isso.

— Talvez não, mas eu sei como é precisar de ajuda. Todos nós precisamos. — disse Christian. Cassandra abriu a boca para protestar, mas Christian apontou para ela. — Até Cass.

Ela mordeu o lábio e olhou feio para ele.

— Por que você acha que Becks e eu escolhemos viver no rancho no meio do nada quando ela tem que voar para Nova Iorque ou para o mundo todo mês a trabalho? — Nate perguntou. — Se você não entende como a família funciona, então você precisa descobrir isso antes de envolver Brooke. Porque essa família não vai a lugar nenhum.

— Você tem que decidir se quer fazer parte disso ou não — disse CJ. — Porque se você estiver dentro, isso significa que podemos ajudá-lo. Se alguém invadir sua casa, você nos liga porque sabe que estaremos lá.

Meu maxilar latejava de tanto cerrar os dentes.

Os olhos de Becks caíram nos meus. — Não achamos que você está sendo um babaca por causa do seu ferimento. Você está sendo um babaca porque é um filho da puta orgulhoso. Você era assim antes de precisar usar uma cadeira de rodas.

— Brooke não se importa com o que você pode ou não fazer — disse Christian. — Eu vejo isso nela. Mas ela deveria se importar com você perdendo a cabeça com ela.

Revirei os olhos. Não me inscrevi para essa pequena intervenção hoje. — Fácil para você dizer.

Nate se curvou para frente. — Chuvas torrenciais acontecem. Ou você se afoga nelas ou cresce depois delas.

— Você deve um pedido de desculpas a ela — disse papai. — Sua mãe e eu criamos você melhor do que a maneira como você está agindo.

Eu já tinha essa parte pronta. Só precisava fazê-la falar comigo.

— Uma boa. — Cassandra disse. — Ou eu mesma te mato.

— Por favor — eu resmunguei. — Você só fala um grande jogo.

Cass pulou da cadeira. — Quer me testar? Se mexer com meu pequeno girassol, eu vou...

Christian a pegou pela cintura e a puxou contra seu peito. — Acalme-se, princesa. Acho que ele já teve sua cota de corvos por hoje.

Becks riu por trás do punho fechado que ela pressionou contra a boca. — Qual é o seu plano, Ray? Se você precisa do ponto de vista de uma mulher, você sabe onde nos encontrar.

Inclinei a cabeça para Cass. — Acho que não quero o dela.

O grupo riu.

Suspirando, eu disse. — Estou trabalhando nisso. Eu… Eu vou consertar isso. Eu só tenho que encontrar um emprego para ela, então encontrá-la para que eu possa demiti-la.

Isso pareceu apaziguar a multidão. Eles compartilharam breves acenos.

— Comece com o pedido de desculpas — disse Cass. — Eu cuido do emprego.

A porta do escritório rangeu e uma sombra saiu correndo do lado de fora.

Olhei para Christian. — Onde estão suas meninas?

— Na casa de uma amiga.

Merda.

CAPÍTULO VINTE E OITO



BROOKE

Meu estômago parecia uma bigorna enquanto eu caminhava da casa de Claire de volta para a casa de Ray.

Não consegui dormir depois da invasão. Fiquei assustada e abalada. E se a pessoa voltasse?

Mas Ray me baniu para seu quarto.

Quando amanheceu, eu saí furtivamente e fui até a casa da mãe dele. Eu me agarrei a fios de esperança de que o convite aberto dela para assarmos juntos fosse genuíno. Eu queria estar em qualquer lugar, menos na casa de Ray. E por mais que eu quisesse estar perto dele, eu precisava de espaço.

A raiva que brilhou em seus olhos durante a invasão me assombrou. Eu entendia estar com medo. Eu estava com medo. Mas ele não estava com raiva do ladrão. Ele estava furioso comigo.

Claire me encontrou na porta, como se já estivesse me esperando. Ela não me importunou nem me cutucou, apenas me levou até a cozinha e me entregou um avental.

Quando fazer um lote de pão de banana não resolveu nada, passamos para os cookies. Depois, brownies. E torta.

Claire jurou de pés juntos que assar tanto assim era uma ocorrência regular para ela, embora eu não acreditasse muito que ela tivesse planejado isso para hoje. Ainda assim, tiramos recipientes gigantes de Tupperware de seus armários, cortamos e embalamos sortimentos de sobremesas e fizemos entregas na varanda da frente.

Enquanto Claire levava um pote cheio para o alojamento dos peões do rancho, eu parei nas casas de Becks e Nate e Christian e Cassandra. Surpreendentemente, não havia ninguém em casa.

A longa caminhada de volta pela trilha de terra me deu tempo para clarear a mente e acalmar os nervos.

Quando passei pelo escritório da fazenda, fiquei paralisada.

O carrinho de golfe de Ray estava estacionado do lado de fora, e eu podia ouvir um grupo de vozes conversando umas com as outras.

Agarrei o recipiente de plástico como se fosse um salva-vidas e espiei pela fresta.

Risadas borbulharam por algo que alguém disse, então a voz de Ray interrompeu. — Eu só preciso encontrar um emprego para ela, depois encontrá-la para que eu possa demiti-la.

Fiquei paralisada.

Justo quando eu pensava que estávamos nos entendendo... Justo quando eu pensava que Ray estava trabalhando em si mesmo para que pudéssemos ficar juntos...

Eu fui tão estúpida.

Lágrimas queimavam como chuva ácida enquanto eu me virava e corria de volta para a casa de Ray. Eu queria fazer as malas e ir embora quando ele voltasse. Mas no momento em que pisei dentro, não consegui lidar com isso.

Tudo cheirava como ele. Parecia conosco. Nossas vidas se misturavam tão perfeitamente dentro dessas quatro paredes.

Deixei o recipiente no balcão da cozinha e corri para o quintal pela porta de correr.

A grama era macia nos meus dedos enquanto eu deslizava meus pés para fora dos chinelos e os afundava nas gramas bem aparadas. O barulho distante da vida no rancho era carregado pela brisa.

Eu sentiria falta daqui. Fazia muito tempo que eu não sentia algo como um lar. Como pertencimento. Como segurança.

Mesmo no terror de um assalto, eu sabia que haveria pessoas para me manter segura. Para cuidar de nós. Eu amava Ray com todo o meu corpo... tanto que doía. Mas não era só ele. Era toda a família Griffith que eu amava.

Eu queria fazer parte disso.

As batidas rítmicas de uma cadeira de rodas rolando pela rampa me assustaram, mas não vacilei. Por que os condenados pulariam ao som do carrasco? Eles sabiam o que estava por vir.

Fiquei olhando para o lago cristalino e me recusei a me virar para olhar para ele.

O suave farfalhar de sua cadeira de rodas rolando pela grama ficou mais próximo. — Ei.

Encontrei uma pedra e a joguei na superfície, quicando-a duas vezes antes que ela afundasse.

— Ok. — Ray disse enquanto travava sua cadeira e se afastava para sentar atrás de mim. — Eu mereço o tratamento do silêncio.

Eu estremeci quando ele sentou atrás de mim porque, aparentemente, os malditos pulam. Lágrimas rolaram pelo meu rosto, e eu não me importei o suficiente com meu orgulho para enxugá-las.

Ray me sentou entre suas pernas. Eu podia sentir o calor irradiando de seu peito. Normalmente, eu teria me enrolado nele imediatamente, mas não dessa vez.

Eu estava cansada de ser feita de boba.

— Sinto muito — ele disse enquanto apoiava o queixo no topo da minha cabeça.

— Acabe logo com isso — eu disse asperamente enquanto arrancava uma folha de grama do chão. — Vou pegar minhas coisas e vou embora até o fim do dia.

Ray enrijeceu. — O que você está... — Seus braços se apertaram em volta de mim. — Você me ouviu dizer que eu ia te demitir.

O canto da minha boca tremeu. — Só me deixe ir — eu sussurrei.

A inspiração de Ray era lenta e constante. Por que ele estava tão calmo enquanto eu estava quase histérica? Era irritante.

— Não preciso da sua ajuda — ele disse.

Soltei uma risada cáustica para o céu. — Sim. Você deixou isso perfeitamente claro.

— Eu preciso de *você.* — Ray pressionou sua boca na parte de trás da minha cabeça. — Eu quero você.

— Então por que eu tenho que ir? — Eu engasguei. — Você sabe o quanto eu preciso desse emprego.

Mas era só meia verdade. Eu precisava de um emprego, mas poderia ter encontrado algo. Eu só não queria deixá-lo.

— Baby não quero que você vá a lugar nenhum. É por isso que não quero que trabalhe para mim. Quero que esteja aqui porque quer estar. Não quero mantê-la presa. Cass vai nos ajudar a encontrar algo para você que você ame. — Ele gentilmente segurou minha bochecha e me forçou a olhar para ele. — Vou terminar meu pedido de desculpas em um minuto. Mas você está ficando louca. Quero mais para você do que ocasionalmente me dar uma mão e pegar minhas compras.

— Eu gosto de ajudar você.

— Eu sei que você gosta. — Ele deu um beijo na minha têmpora. — E eu sei que não mereço você. Eu não mereço ser amado do jeito que você me ama.

Eu me curvei para frente e abracei meus joelhos. — O que estamos fazendo, Ray? Isso é... isso nunca vai funcionar.

— Você tem razão.

Espera. Ele não deveria concordar comigo.

Ele gentilmente esfregou minhas costas. — Não vai funcionar se eu não me recompor. Então, estou trabalhando nisso. Porque eu quero que isso funcione. Não vai funcionar se você for minha empregada. Eu quero uma parceira. Alguém que esteja aqui de boa vontade. Então, estou trabalhando nisso também. E como você deve ter adivinhado, eu acabei de levar uma bronca da minha família porque eles

gostam mais de você do que de mim e querem que você fique por perto. — Seu polegar roçou minha bochecha. — E, sabe de uma coisa? Eu gosto mais de você do que de mim também.

Meus olhos caíram para o chão. — Você já fez todas essas promessas antes.

— Eu sei, baby. Sei que te decepcionei. Eu sei que te machuquei. Sei que tenho que deixar para trás o que eu pensava que minha vida seria quando eu chegasse a hora de pendurar meus chapéus de vez. Eu tenho que trabalhar nisso, e acho que vai ser mais difícil do que fisioterapia.

Ele disse tudo o que eu queria, mas isso me tornaria uma pessoa fácil de lidar se eu aceitasse? Eu poderia acreditar nele depois que ele já tivesse dito tudo antes? Eu era apenas uma garota ingênua voltando para a fila para ter seu coração partido novamente?

— Quero acreditar em você. — eu disse.

— Isso é bom o suficiente para mim. Porque eu quero você. Então, se é onde você está, então eu sei onde estou com você e onde preciso me esforçar. — Ray segurou minhas bochechas, seus olhos suaves e gentis. — Eu sou um homem orgulhoso, Brooke. Eu não gosto de pedir nada, então eu só vou pedir uma coisa.

— O que é isso?

— Mais uma chance de te amar direito. — Ele enfiou a mão no bolso do short de ginástica e tirou um pedaço de papel dobrado. — Eu, hum... eu fui à terapia de novo esta manhã. Christian me pediu um favor depois do que aconteceu ontem à noite e me atendeu antes do consultório abrir. Quando cheguei em casa, você tinha ido embora, então sentei e tentei descobrir como me desculpar enquanto esperava você voltar.

— Fui à casa da sua mãe — murmurei.

Ele deslizou o papel na minha mão. — Eu já te dei muitas palavras vazias antes. Então, dessa vez, eu... eu as escrevi. Eu sei que minha caligrafia é péssima. Parece que uma criança do jardim de infância escreveu. Mas eu estou tentando, Brooke. Eu juro para você. Eu só... — Sua voz falhou quando ele apertou os braços em volta de mim. — Eu só precisava que você soubesse que eu vou me esforçar porque eu te amo.

Cuidadosamente, desdobrei o bilhete. As letras eram grandes e deformadas. Marcas de borracha eram evidentes na página onde ele havia tentado e tentado novamente acertar. Algumas palavras haviam sido riscadas e alteradas. O esforço e a intenção que ele havia colocado em cada palavra eram impressionantes.

Se eu tivesse que escolher entre você e o sol, seria você.

Em cada vida, você é a coisa mais brilhante que existe.

Seu amor é ofuscante e sustentador. Eu anseio por seu calor.

A sua incandescência é o que me dá luz quando minha natureza é buscar a escuridão.

Em todas as formas que você existe, você é meu sol. E eu serei sua lua.

Serei a luz que afasta os pesadelos. O brilho que acalma. E a calma em que você busca refúgio.

Porque você pode queimar eternamente sem mim.

Mas eu não sem você.

Uma lágrima caiu na página. Eu rapidamente a dobrei para evitar que suas palavras fossem levadas embora. Eu me virei em seus braços. — Ray…

Ele me puxou contra seu peito e embalou a parte de trás da minha cabeça. — Eu sei que não é muito...

— É tudo — eu sussurrei em seu pescoço. — Porque é você.

— Você me disse que o bem e o mal existem em conjunto. Que o sol e a tristeza são dois lados da mesma moeda. E eu acredito nisso. Não me importo se as nuvens um dia vão embora, porque você é o lado bom delas.

Meu lábio tremeu, e eu o mordi. Mas o tremor nunca parou.

— Eu te amo, Brooke — ele disse enquanto segurava meu queixo e me guiava até seus lábios.

O beijo foi quente e temperado com o sal das lágrimas. Mas a vida também era.

— Eu também te amo.

— Quer saber de uma coisa?

— Hum?

— No dia em que nos conhecemos, lembro-me de sair da caminhonete de Christian e ver você pela primeira vez. Era meio-dia, e o sol estava alto. Parecia que você estava brilhando. — Ele arrastou o polegar pela minha bochecha para enxugar as lágrimas. — E esse foi o primeiro dia em que me lembro de sentir o quão quente o sol estava. Quão bom era. Você eclipsou minha escuridão naquele dia. E você tem feito isso todos os dias desde então.

Aninhei-me em seu peito enquanto a exaustão das últimas vinte e quatro horas tomava conta de mim.

— Mais uma coisa — ele disse.

Abri os olhos e observei enquanto ele colocava a mão no porta-copos da cadeira e tirava uma planta com uma pequena flor vermelha.

— O que é isso?

Ray riu e colocou o pequeno vaso no meu colo. — Sua planta. Aquela que só floresce quando você conhece o amor da sua vida.

Eu pisquei. — Mas… eu a deixei cair. E ela estava quase morta de qualquer forma.

— Mas não estava tudo morto. Encontrei um pedaço na calçada e - por algum motivo - levei para dentro e coloquei em um copo com um pouco de água no meu

quarto. — Ele passou os dedos para cima e para baixo no meu braço. — E a cada dia as raízes ficavam um pouco maiores. Encontrei um vaso e coloquei em um pouco de terra e continuei regando.

Toquei as pétalas vermelhas e macias.

A bochecha de Ray pressionou contra minha têmpora. — E no dia em que voltamos da nossa noite fora, ela floresceu. — Seus lábios encontraram os meus novamente. — Eu não acredito que as plantas mentem. Elas apenas buscam o sol e continuam crescendo. E eu também.

— Preciso encontrar outro emprego — sussurrei contra seus lábios.

Ray sorriu. — Eu também.

Isso me surpreendeu. Eu sabia que Ray era rico, mas ele sempre ignorou qualquer pensamento sobre o que viria a seguir.

— O que você está pensando?

O nariz dele bateu no meu. — A vida é um touro. Às vezes você consegue se segurar. Às vezes ela te joga para fora. Às vezes você se fode completamente. Você tem que se levantar, se sacudir e continuar cavalgando.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



RAY

— Ela está linda lá em cima, não está? — eu disse, observando da beirada da arena de equitação ao ar livre.

Brooke tinha preparado Indy para o passeio inaugural na nova arena. Os garotos de CJ tinham terminado a cerca dois dias antes, e um caminhão de areia tinha sido trazido logo de manhã. Brooke tinha insistido que viéssemos para assistir à nivelação.

CJ se aproximou de mim e apoiou os cotovelos no topo da cerca. — Muito natural. Não vejo ninguém se apegar a um cavalo daquele jeito desde Bree.

O cabelo longo de Brooke chicoteava ao vento enquanto ela e Indy se aproximavam em um galope. Seu sorriso era contagiante.

— Sim, eu sempre pensei que Bree ficaria competitiva com isso. Fiquei meio surpreso quando ela não quis.

— Chris colocou as meninas em atividades fora do rancho para que elas não sentissem que isso era uma conclusão precipitada para elas — ele disse. — Além disso, agora ela tem aquele garoto sobre o qual ela estava perguntando.

Soltei um rosnado baixo ao pensar em algum babaca com hormônios adolescentes furiosos chegando perto de Bree. — Deixe-o aparecer. É menos suspeito se ele trouxer o corpo para nós.

CJ riu. — Como está indo a procura de emprego para ela? — ele perguntou enquanto inclinava a cabeça em direção a Brooke.

— Nada ainda. Não há muitos lugares contratando. Eu esperava que ela conseguisse a vaga de recepcionista no meu consultório de fisioterapia, mas eles deram para outra pessoa.

— Cass apareceu com alguma pista?

— Ainda não. Sei que isso está deixando Brooke louca. Ela perguntou se eu achava que você queria ajuda para trabalhar com o gado esta manhã.

CJ riu. — Respeitosamente, não. Por mais que eu goste dela, não deixo estranhos chegarem perto do meu gado. Cass sabe disso. Becks também sabe disso.

Cascos batiam no chão, cada vez mais perto, até que fomos engolidos pela sombra de um cavalo com quase cinco palmos de altura.

— Como está se sentindo? — CJ perguntou a Brooke enquanto protegia os olhos do sol.

Ela tirou o cabelo do rosto e apoiou as mãos nos quadris. — Bom. Ainda não é tão divertido quanto um galope completo pelos pastos, mas se minha opinião significa alguma coisa, acho que é uma boa configuração para o programa equino. Grande o suficiente para obter uma boa velocidade se você quiser ou ficar lento e ter alguns cavalos de uma vez. — Ela alisou a mão na crina do meu cavalo. — Indy parece gostar.

Indy abaixou a cabeça por cima da cerca e farejou na minha direção.

Inclinei-me para fora do carrinho de golfe e dei-lhe um petisco. — Você tem que cuidar da minha garota. Tudo bem, In?

Brooke deitou-se para frente e descansou os braços e o peito na nuca de Indy. — Acho que nos damos muito bem.

Eu ri. — Eu sei. Mas ela pode ficar um pouco atrevida e teimosa às vezes. Você tem que lembrá-la de que você está no controle.

Brooke sorriu. — Você também pode, e eu lido com você muito bem.

CJ riu. — Você vai levar um dos cavalos novos para passear quando terminar de dar uma surra no Ray?

As sobrancelhas de Brooke se ergueram. — Posso?

— Eles precisam se acostumar a serem montados por pessoas diferentes se forem usados no programa equino. Tenho que ir, mas Christian pode estar por perto para ajudar.

— Eu vou ficar por aqui. — eu disse.

CJ pareceu surpreso. — Você tem certeza?

Dei de ombros. — Ela sabe como prendê-los para cima e para baixo. Vou guiá-la em qualquer problema.

— Tudo bem. — CJ empurrou a cerca. — Vejo vocês no jantar da mamãe.

— Você precisa de água ou algo assim? — perguntei a Brooke quando CJ desapareceu.

— Estou bem — ela disse enquanto tirava o elástico do pulso e prendia o cabelo para trás. — Provavelmente vou encerrar o dia em breve. Vou precisar tomar banho se formos jantar na casa dos seus pais.

Eu me recostei no assento do carrinho de golfe e tirei um momento para admirar suas belas pernas. Puta merda. Brooke tinha as pernas mais atraentes que eu já tinha visto.

Ajustei meu pau. — Meu chuveiro é grande o suficiente para nós dois. Podemos economizar tempo e tomar banho juntos.

Brooke riu. — Eu quis dizer que eu realmente preciso me limpar e lavar meu cabelo.

— Eu posso ajudar com isso.

Ela bufou. Ou era o cavalo? Na verdade, eram as duas. Eu odiava que minhas garotas estivessem se unindo contra mim.

Brooke segurou as rédeas. — Mais um pouco, e eu termino.

— Ou você poderia terminar agora, e teríamos bastante tempo para aquele banho extra longo.

Ela sorriu. — Você não é mais meu chefe. Eu vou terminar quando terminar.

Brooke parecia radiante enquanto cavalgava para longe. Indy começou a galopar rápido, o que fez meu coração pular uma batida.

E se Brooke caísse? E se Indy se assustasse e empinasse? E se eles ficassem muito confiantes na areia e caíssem em uma curva? Brooke poderia quebrar um osso. Ela poderia ter uma concussão. Ou pior, ela poderia...

— Preparado?

Pisquei. Brooke estava de pé, caminhando ao lado de Indy e a levando para fora da área.

— O quê?

— Parecia que você tinha adormecido na minha segunda volta. — Ela riu. — Eu era tão chata assim?

Engoli meu orgulho e balancei a cabeça. — Não, você só me assustou. Só isso.

A expressão dela se suavizou. — Que tal eu desmontar a Indy e te encontrar em casa para aquele banho?

Mas em vez de seguirmos caminhos separados, eu a segui até o celeiro no carrinho de golfe. Não achei que ela iria querer voltar andando para minha casa depois de ficar no sol a maior parte da tarde.

Brooke estava calma e focada enquanto fazia os movimentos de remover a sela de Indy. Ela não perdeu o ritmo em deixar meu cavalo confortável antes de escová-lo e examiná-lo.

Depois que tudo terminou, Brooke afundou no assento do carrinho de golfe ao meu lado.

— Vou precisar de um banho antes do jantar. — ela disse, apoiando a cabeça no meu ombro.

— Vá tomar banho e eu vou fazer um lanche para você.

Ela sorriu. — Meu herói.

— Então, hum... falei com Marty hoje. — confessei quando senti que estávamos longe o suficiente dos celeiros e armazéns para que ninguém pudesse nos ouvir.

Brooke olhou para mim. — Sério? Sobre o quê?

— Classificando alguns dos pedidos que Cass tem recebido. Ele disse que negociaria os acordos se eu quisesse aceitá-los.

— Isso é ótimo!

Dei de ombros. — Pode não ser um trabalho estável, mas serão algumas coisas aqui e ali.

Ela riu. — Nem todos nós podemos ser milionários, eu acho.

Estacionei em frente à casa e beijei sua têmpora. — Vamos.

Enquanto Brooke se enxaguava e trocava de roupa para o jantar, sentei-me à mesa da cozinha e dei uma olhada em alguns dos e-mails que Marty e Cass tinham colocado na minha caixa de entrada.

Se eu fosse honesto, eu não tinha a mínima vontade de refazer meu acidente em algum livro de memórias que acabaria nas prateleiras de lojas de dólar em cinco anos. Eu não queria fazer uma turnê de palestras. Isso soava miserável. Eu não queria ser - pornô inspirador - para tipos corporativos entediados que queriam motivar suas equipes.

Poucos minutos depois, estávamos de volta ao carrinho de golfe, indo para a casa da mamãe.

Dirigir com as mãos em vez dos pés foi uma curva de aprendizado, mas não foi tão ruim. Eu gostava de poder circular e ver o que todo mundo estava fazendo - especialmente porque Brooke tinha se tornado uma espécie de acessório permanente na vida de todos.

Ela cozinhava com minha mãe. Ela tomava conta da minha sobrinha mais nova e saía com Bree e Gracie para que os pais delas pudessem sair em encontros. Mas ela se sentia mais em casa com os animais.

Eu estava meio convencida de que ela era uma daquelas princesas de cinema que conseguiam fazer pássaros e ratos costurarem vestidos para ela. Os cavalos e as vacas pareciam gostar dela. Até aquele gato idiota do celeiro tinha aparecido e se enroscava entre seus tornozelos quando ela ia e vinha.

Adorei a facilidade com que ela se assimilou à vida no rancho. À minha vida.

O cheiro de mariscos e temperos emanava da casa principal quando estacionamos. A maioria da família já estava sentada à mesa longa. Ela estava coberta com jornal em vez de toalha de mesa.

A montanha de batatas, milho, salsicha e lagostins me deu água na boca.

— Certo, pessoal Lowcountry boil hoje à noite — disse mamãe enquanto limpava as mãos em uma toalha. — Puxe uma cadeira e comece a comer. Eu não fiz toda essa comida para vocês ficarem olhando a noite toda.

Brooke tentou tirar uma das cadeiras da cozinha do caminho para mim, mas eu segurei sua mão.

— Está tudo bem, baby. Eu vou ficar sentado lá esta noite.

Seus lábios se separaram em surpresa, mas ela manteve o tom baixo. — Tem certeza?

Christian e sua ninhada entraram pela porta, elegantemente atrasados.

Coloquei as mãos em concha atrás do joelho esquerdo e o levantei do apoio para os pés, colocando-o no chão.

Todos pareceram parar o que estavam fazendo enquanto eu repetia o processo com minha perna direita. Brooke deslizou sua mão na minha enquanto eu lentamente me levantava e me segurava nela para me equilibrar.

Um alfinete caindo teria soado como um tiro enquanto eu me arrastava em direção à mesa.

Perdi o equilíbrio no momento em que estava a um braço de distância da mesa. Agarrei a borda e me recusei a soltar. Brooke levantou nossas mãos entrelaçadas um pouco mais alto para me dar alavanca para abaixar lentamente na cadeira em vez de cair como um saco de batatas.

— E aqui está meu treino do dia. — eu disse quando estava sentado. Puxei a cadeira ao meu lado para Brooke. — Vamos comer.

Ela empurrou minha cadeira de rodas para o lado e sentou-se ao meu lado.

Nate olhou para mim como se eu tivesse acabado de andar sobre as águas. — Então, vamos simplesmente ignorar o que acabou de acontecer?

— Estou com fome. — Olhei para Brooke, que estava lutando contra um sorriso. — Você está com fome?

— Morrendo de fome.

— Tudo bem. Encham suas caras. Mas preparem-se para falar de boca cheia. — CJ disse enquanto alcançava a pilha de comida na mesa. — Porque o que diabos foi isso? Há quanto tempo você consegue andar, cara?

— Cuidado com a linguagem, Carson James. — minha mãe repreendeu, com lágrimas brotando em seus olhos. Ela apontou sua espátula para mim. — Você tem algumas explicações a dar, rapaz.

— Tenho trabalhado nisso na fisioterapia.

— Por quanto tempo?! — gritou Christian.

Todos ficaram em silêncio.

O queixo de Cassandra caiu. — Você acabou de levantar a voz? Acho que isso é mais chocante do que Ray andando.

Enchi meu prato de papel com batatas, lagostins e milho. Brooke pegou alguns lagostins, milho e salsicha.

— Não fique nervosa — eu disse. — Eu consigo me arrastar alguns metros e pronto.

Bree se acomodou na cadeira ao lado de Brooke. — Então isso significa que você ainda precisa usar sua cadeira de rodas?

Brooke entrou na conversa, já que minha boca estava cheia. — É chamado de ser um usuário de cadeira de rodas ambulatorial. Mas Ray ainda é considerado paraplégico.

Dei um aperto agradecido na coxa dela.

Gracie pegou uma espiga de milho. — Então, não é tudo ou nada?

Balancei a cabeça. — Não é tudo ou nada. Poucas coisas na vida são.

A conversa rapidamente mudou para o progresso do hotel e do restaurante. Cassandra tinha sido pega no meio entre os investidores do desenvolvimento, as autoridades locais que acreditavam que tinham uma palavra a dizer sobre a servidão da propriedade e as equipes de construção.

Era um pesadelo logístico.

— Quão perto estamos de lançar o programa equino? — perguntei.

Cassandra limpou os lábios. — O site e as plataformas de mídia social estão prontos, mas estou esperando até finalizar a programação.

Becks franziu a testa. — Por que você ainda não finalizou o cronograma?

Cassandra apontou para Christian e CJ. — Até que eu consiga que esses dois reservem um tempo em suas agendas para executar o programa, o progresso será lento.

— Eu posso ajudar se você precisar de uma mãozinha extra. — Brooke ofereceu enquanto enchia seu prato da pilha no meio. — Eu não tenho muito mais o que fazer no momento.

CJ olhou para Cassandra. — É ela que eu contrataria para isso.

— Um grande elogio do Sr. Ninguém Põe os Pés no Meu Rancho. — provoquei.

— Só estou dizendo — CJ respondeu. — Se alguém tem que fazer isso, deveria ser ela.

— Não é só ficar no celeiro o dia todo. — Cassandra rebateu.

Os olhos de Brooke iam e vinham de um para o outro.

Cassandra olhou de CJ para Brooke. — Preciso de alguém que possa agendar compromissos de hospedagem e tosa, coordenar com o ferrador e o veterinário, montar e executar programas para iniciantes e ser o contato do rancho para excursões escolares...

— Estamos fazendo excursões? — Brooke engasgou.

Adorei o ‘nós’ que saiu da boca dela.

Christian olhou para Cass. — Acho que encontramos nossa contratação.

Brooke cruzou os dedos debaixo da mesa.

Sentei-me e coloquei meu braço sobre os ombros dela. — Como seu antigo empregador, estou feliz em fornecer uma carta de referência.

Cassandra revirou os olhos. — Claro que sim. — Ela virou seu olhar aterrorizante para Brooke. — Meu escritório. Amanhã. Nove da manhã. Não se atrase. Esteja preparada para ficar sentada e aprender o software de agendamento. E eu não tolero conversa fiada.

Brooke sorriu. — Acho que você vai mudar de ideia.

Cassandra olhou feio. — Eu garanto que não vou.

Christian levantou sua cerveja para Brooke. — Bem-vinda ao rancho.

Brooke brilhou enquanto todos levantavam suas taças e brindavam a ela. Bati minha taça na dela. — Eu não gostaria de você em nenhum outro lugar.

CAPÍTULO TRINTA



BROOKE

— Sabe, eu não esperava que a parte chata do treinamento de Brooke fosse você ficar no meu escritório. — disse Cassandra enquanto olhava feio para Ray.

Ray estacionou sua cadeira de rodas do outro lado da mesa de Cassandra e começou a perguntar a ela se eu já tinha terminado o dia a cada cinco minutos.

Eu ri baixinho e tentei me concentrar no calendário que Cassandra e eu estávamos montando.

Ela soltou um rosnado baixo e voltou para a programação. — De qualquer forma. Os blocos vermelhos são para aluguel exclusivo da arena. Você precisará cronometrá-los com bastante intervalo para limpar a arena entre os cavaleiros e montar os obstáculos que forem solicitados. Eles aparecerão com seus próprios treinadores e trailers se não estivermos hospedando o animal para eles. Você só precisa estar presente e fazer o check-in ocasionalmente, durante o período de aluguel. Os blocos verdes são...

Ela virou a cabeça para Ray quando ele se curvou para olhar a tela. — Meu Deus, o quê?

— Sério, quanto tempo mais? Já são quinze para as sete.

Cassandra beliscou a ponte do nariz. — Você, mais do que ninguém, deveria saber que o rancho não é um trabalho das nove às cinco. Você não cresceu aqui?

Ele se recostou e cruzou as mãos atrás da cabeça.

— De qualquer forma. — ela disse bufando. — Os blocos verdes são para aulas individuais lideradas pelo rancho. Por enquanto, você precisa de Christian ou CJ com você até que eles estejam prontos para expulsá-la do ninho. Então, certifique-se de perguntar a eles antes de agendar as aulas. Os blocos amarelos são para...

— Viagens de campo. — eu disse, lembrando-me do que havíamos conversado mais cedo naquele dia. — Não mais do que duas por mês, com capacidade máxima de trinta crianças por viagem de campo. E preciso de outro peão do rancho ou Griffith presente para controlar a multidão.

Cassandra piscou por um momento. Ela pareceu um pouco surpresa por eu ter acertado. — Está certo. Você pode até pegar Nate ou Becks ou Claire e Silas se eles estiverem dispostos. Só um corpo extra.

— E quanto a...

— Silêncio — Cassandra retrucou para Ray.

Ele riu e voltou a brincar no celular.

— A primeira fase é lidar com reservas individualmente. Quando o programa estiver funcionando e tivermos fluxo de caixa suficiente para justificá-lo, encontraremos algum tipo de software de agendamento online para que as pessoas possam reservar tempo por conta própria.

Cassandra clicou e me mostrou como adicionar e editar reservas no calendário e onde encontrá-las no grande esquema do calendário mestre do rancho.

Ver todos aqueles blocos de tempo fez minha cabeça girar, mas eu gostei do desafio.

Soltei um suspiro lento. — Espero não estragar tudo.

Cassandra foi severa. — Você não vai falhar.

— Mas e se eu acidentalmente...

Ela agarrou meus ombros e virou minha cadeira de rodinhas para encará-la. — Você não vai falhar. Você entendeu?

Certo. Meu novo chefe era oficialmente mais assustador que o antigo.

— Sim, senhora. — eu guinchei.

Christian riu enquanto entrava no escritório. — Ela odeia isso. Só para você saber.

Cassandra assentiu. — Não me chame de senhora e eu não vou demiti-la… Hoje.

Ray riu, e eu revirei os olhos. — Vocês dois são farinha do mesmo saco — murmurei enquanto me curvava para brincar com o calendário.

— O que vocês ainda estão fazendo aqui? — Christian disse ao chegar atrás de Cassandra. — São quinze para as sete.

— Qualquer um sem peitos tem que sair! — ela gritou. — Fora!

— Oh, legal. Eu posso ficar. — Bree disse da porta. — Quando é o jantar? São quase sete.

— É isso. — Cassandra disse enquanto batia as mãos na mesa. — Você está fora do horário. Vá para casa.

Ray, Bree e Christian trocaram sorrisos conspiratórios. Ele balançou o telefone para mim e piscou.

Esse homem...

— Estarei aqui bem cedo. — prometi a Cassandra.

— O que vocês ainda estão fazendo aqui? — CJ disse da porta. Ele estava encharcado de suor e sem fôlego. — São sete horas.

— Você está atrasado — disse Ray. — Mas eu aprecio o esforço.

Cassandra revirou os olhos. — Eu deveria saber que você orquestrou isso. Geralmente tenho que arrastar Christian de volta para casa.

Gracie enfiou a cabeça para dentro. — Por que vocês ainda estão trabalhando? São...

— Sete! Eu sei! — Cassandra gritou. — Eu juro, essa família vai me deixar completamente louca.

— Deveria ter saído as cinco — disse Ray.

— Vocês deveriam vir para o alojamento depois do jantar — disse CJ. — Vamos fazer uma fogueira.

Christian franziu a testa. — Uma fogueira no meio do verão quando não chove há meses é a coisa mais estúpida que já ouvi. Que tal não.

CJ revirou os olhos. — É uma pequena. Vamos mantê-la contida. Traga as meninas.

— Por favor, papai? — Gracie disse enquanto pegava um marcador permanente vermelho do copo sobre a mesa e começava a colorir o braço de Ray, preenchendo uma flor que fazia parte de sua manga de tatuagens.

— Já é bem tarde — disse Christian.

Bree encontrou um marcador permanente azul e pegou o outro braço de Ray, colorindo um relógio de bolso e uma corrente que envolvia seu cotovelo e antebraço. — Limpei meu quarto e fiz todas as minhas tarefas.

Christian olhou para Cassandra. Ela retribuiu o olhar, passando de volta qualquer comunicação silenciosa que eles tinham entre eles.

— Bem, então. — Christian disse. — Já que eu sei que você fez todas essas coisas porque você sabe que é sua responsabilidade, pelo amor de Deus é. Mas você ainda tem que estar na cama às dez.

O marcador de Bree parou no braço de Ray. — E porque eu fui tão responsável, você vai pensar em me deixar sair com Mason no sábado?

A sala congelou.

A multidão de mais de dezoito olhou para Christian. Gracie olhou para Bree, depois para Cassandra.

Ray franziu a testa. — Quem é Mason?

— Mason Cruz. — Bree deixou escapar. — Ele está um ano à minha frente, e eu fiz tudo o que papai disse que eu tinha que fazer para poder ir a encontros. Eu tiro A e B. Eu continuo com minhas tarefas. E ele ainda não me deixa sair com ele.

Christian cruzou os braços. — Porque você ainda não tem sua carteira de motorista. Você quer que eu ou Cass saiamos com vocês?

Bree bateu o marcador de volta na mesa. — Não!

— Você precisa da sua carteira de motorista para poder sair do encontro quando quiser. É para sua própria segurança e agenda. — disse Cassandra.

Bree olhou para Ray. — Você vai falar com eles? Por favor? Se eu tiver que dizer a ele que meu pai não vai me deixar ir mais uma vez, ele vai parar de me chamar para sair e seguir em frente.

Ray deu de ombros. — Deixe-o seguir em frente.

Suas feições se curvaram em raiva. — Mas... não.

Ray apontou para a tatuagem que ela estava colorindo. — Você esqueceu de um ponto. Se aquele garoto quer seguir em frente, deixe-o seguir em frente. Se ele gosta de você, ele vai esperar. Simples assim.

Bree revirou os olhos. — Você não deveria ficar do lado deles.

— Desculpe, garota. Estou cheio de decepções ultimamente. Se você quiser um picolé, você sabe onde encontrá-lo. Seu pai e Cass estão apenas cuidando de você. — Ray olhou para Christian. — Mas talvez você pudesse chegar a um acordo e deixar o garoto vir ao jantar em família. Depois que Cass fizer uma verificação de antecedentes.

— Já está feito — ela retrucou.

Algo quente floresceu dentro de mim enquanto eu observava Ray dissipar a frustração de Bree. Ele seria um pai tão bom...

— Brooke.

Eu saí da névoa. — Hein?

Ray estava se afastando da mesa de Cassandra. — Você está pronta para voltar para casa?

Ouvi-lo chamá-lo assim - como se fosse minha também - era tudo o que eu sempre quis.

Saímos do escritório e voltamos para casa para um jantar rápido antes de irmos para o alojamento.

Caminhonetes, quadriciclos e cavalos levaram todos até a fogueira que brilhava no meio de um campo aberto. Ray precisava das duas mãos para dirigir o carrinho de golfe pelo caminho de terra, então eu simplesmente descansei minha cabeça em seu ombro e apreciei a vista.

O sol iluminava os pastos em mares de ouro. A silhueta escura do canteiro de obras projetava-se da terra. O exterior do que eventualmente seria um luxuoso hotel e restaurante estava quase pronto, mas ainda tinham um longo caminho a percorrer antes que funcionasse.

O hotel era uma mistura de alvenaria, vigas de cedro e enormes painéis de vidro. A arquitetura era de tirar o fôlego. Eu mal podia esperar para vê-lo concluído.

— Você está atrasado — gritou CJ do círculo de cadeiras de acampamento, fardos de feno e portas traseiras.

Um dos peões do rancho estava com um violão e tocando uma velha canção country.

Ray sorriu. — Tive que jantar.

Era eu. Eu era o jantar.

— Onde você quer sentar? — perguntei a ele.

Ray olhou ao redor. — Eu, uh… Vou ficar no carrinho de golfe.

Meu coração afundou um pouco. Eu queria sentar perto do fogo, mas Ray e eu éramos um time. Eu não iria abandoná-lo. Havia muitas pessoas ao redor; muitas pessoas com as quais ele normalmente não interagia.

— Parece bom — eu disse enquanto me acomodava.

Ray entrelaçou nossas mãos e olhou para mim com um olhar pesado.

— Eu acho que não te disse o quão grato eu sou porra por você estar aqui. — ele disse, só entre nós. Ele roçou o polegar sobre o topo da minha mão. — Eu sei que não mereço você. Mas eu sou grato por cada dia que eu acordo com você ao meu lado.

Mordi o lábio. — Você acha que vamos conseguir?

As linhas ao redor dos olhos relaxaram, mas se aprofundaram sobre o nariz. — Por que você pergunta isso?

— Não temos muito em comum. Você é muito mais velho que eu. Eu me apaixonei por você no momento em que te vi pela primeira vez, e nunca parei para pensar. Tenho o péssimo hábito de não pensar antes de falar ou agir, e eu simplesmente...

Ray riu. — Olhe para Chris e Cass. Você acha que eles são parecidos? Ou Nate e Becks? Ela era muito mais parecida com Cass quando se mudou para o rancho. Eu sei de uma coisa com certeza. Eu quero isso, então vou trabalhar para isso.

Ele enfiou a mão no carrinho atrás de nós e tirou um saco plástico cheio de Sweet Tarts azuis e rosas.

— Meu herói. — Eu ri enquanto abria o saco e escolhi um azul. — O que você faz com os outros?

Ele riu. — Eu como os roxos e amarelos, e jogo fora os verdes. Eles são péssimos.

Coloquei meus pés sob minha bunda e me enrolei ao lado dele no banco. — Eu te amo.

Ele beijou o topo da minha cabeça, depois minha testa, depois meus lábios. Ficamos sentados em silêncio, observando as chamas subirem para o céu. Ray tinha um pequeno pedaço de corda em que estava trabalhando. A monotonia era reconfortante.

— Vocês vão ficar escondidos aí a noite toda? — gritou Christian da porta traseira de sua caminhonete.

— Sim. — Ray gritou de volta. — Você tem sorte de termos agraciado você com nossa presença em primeiro lugar.

Uma luz brilhou na minha visão periférica. Olhei para o chalé e sorri enquanto o sol mergulhava abaixo do horizonte, lançando um tom azul royal no céu.

Ray pressionou os lábios na minha têmpora. — Qual é o problema?

— Nada. Só pensei ter visto luzes acesas no chalé. Provavelmente era só o sol batendo nas janelas.

Ele pegou um pedaço de doce da sacola. — Eu não acho que eles tenham a eletricidade instalada e funcionando ainda.

Anarchy estava pastando em um pedaço de grama atrás de onde CJ estava sentado. Ela parou e olhou na direção do chalé. Suas orelhas se contraíram, e ela soltou um grunhido descontente.

Risadas e música borbulhavam da fogueira. Fechei os olhos, absorvendo tudo.

— Isto parece um lar. — eu disse suavemente, então ficou só entre Ray e eu. — Eu não sentia isto há muito tempo.

Ele passou o braço em volta de mim e me segurou perto. — Às vezes me preocupo que você goste mais da minha família do que de mim.

Eu ri suavemente. — Eles têm menos rastejamento para fazer.

— As equipes de construção ainda estão aqui? — Cassandra perguntou enquanto verificava as horas em seu telefone.

As cabeças se voltaram para o chalé, onde lanternas dançavam pelo segundo andar.

— A equipe partiu há duas horas. — disse um peão do rancho enquanto os corpos começavam a subir.

— Vamos dar uma olhada. — disse Ray enquanto colocava o carrinho de golfe em movimento.

CJ chamou Anny e montou nela. — Estou indo. — Um punhado de seus garotos se juntou a ele.

O carrinho de golfe sacudia e chacoalhava ao longo dos buracos na estrada. Conforme nos aproximávamos, as lanternas dançando dentro do chalé ficavam mais frenéticas.

Meu coração pulou na garganta, e apertei o braço de Ray. — Tem gente aí dentro. Mais de um.

— Talvez um dos trabalhadores tenha se esquecido de guardar as ferramentas ou algo assim. — disse ele.

O sinistro bater dos cascos de Anny ecoou como um sinistro estrondo de trovão. CJ contornou a frente do chalé e pulou de suas costas.

— Quem está aí em cima? — ele gritou para a estrutura.

Palavrões foram misturados em uma briga enquanto as luzes dançavam sobre o local.

— Ei! — Ray gritou para CJ enquanto ele entrava no chalé. Seus nós dos dedos ficaram brancos contra o volante.

Eu sabia onde estavam sua cabeça e seu coração. Ray queria ser o único a subir lá para ver quem estava mexendo lá dentro.

Botas trovejavam em folhas de compensado. Gritos se ergueram, chamando a atenção do resto dos peões do rancho e de Griffiths.

Uma sombra saiu correndo do chalé.

— Meu Deus! — coloquei as mãos sobre a boca. — Esse é...

CJ atacou o homem, e ele gritou. Reconheci aquela voz imediatamente. Eu costumava temer ouvi-la através da porta do meu quarto.

CJ e meu antigo colega de quarto, Nick, grunhiram enquanto rolavam pela terra.

Algo liso e preto brilhava ao luar.

— Carson! — Ray rugiu.

BANG!

Gritei e me abaixei em direção a Ray quando um tiro ecoou no ar, sem saber para onde tinha sido apontado.

Outro tiro foi disparado quando a bota de CJ atingiu o maxilar de Nick. Ele ficou mole. A bala atingiu algo metálico.

CJ saiu rastejando de Nick, então congelou. Todos nós ouvimos ao mesmo tempo.

Um silvo lento e inquietante.

— Saiam! — gritou CJ.

Os peões que tinham entrado no alojamento saíram correndo para o pasto enquanto o vidro das janelas explodia em uma tempestade de granizo.

Ray me agarrou, me puxou para seu colo e me colocou sob seu abdômen, curvando-se enquanto chamas alaranjadas saíam do chalé.

O uivo e o crepitar das chamas maiores que a fogueira iluminaram o céu noturno. O rancho ganhou vida quando todos entraram em ação.

— Aqui. — Ray gritou para CJ enquanto jogava a corda com a qual estava trabalhando. — Amarre-o e volte.

CJ pegou a corda e amarrou Nick como um peru em segundos.

— O chalé está pegando fogo — sussurrei quando a realidade se instalou.

Meus colegas de quarto fizeram isso.

Eles fizeram isso - por alguma razão - por minha causa.

A caminhonete de Christian roncou quando ele parou bruscamente ao lado de um lago pitoresco e começou a descarregar uma bomba e mangueiras. Eu podia ouvir alguém falando ao telefone com um operador do 911 enquanto o fogo devorava o futuro do rancho.

Tudo ficou dormente. — Isso é tudo culpa minha.

CAPÍTULO TRINTA E UM



RAY

Fumaça sibilava do canto carbonizado do chalé enquanto bombeiros e peões trabalhavam para jogar água na estrutura. Meu irmão tinha puxado a bomba que eles usavam para incêndios florestais para manter o fogo sob controle até que os serviços de emergência pudessem chegar.

O pior estava contido em uma seção que conectava o alojamento ao restaurante.

A bala atingiu um tanque de soldagem de acetileno e o fez explodir. A explosão viajou pelo caminho de menor resistência, estourando as janelas e lambendo a madeira.

Brooke estava rígida em meus braços, olhando fixamente para a agitação.

— Baby, não é sua culpa. — murmurei em seu cabelo enquanto esfregava suavemente minha mão para cima e para baixo em suas costas.

Luzes azuis brilharam no céu enquanto Nick e Chandler, seus antigos colegas de quarto, eram colocados em carros de polícia separados.

— Todo mundo está bem. — eu disse suavemente. — Vai ficar tudo bem.

Pelo menos eu esperava que ficasse tudo bem. Cassandra estava andando perto do alojamento para conseguir sinal suficiente em seu celular para fazer ligações de emergência para os investidores que estavam desembolsando o dinheiro para o alojamento e o restaurante.

Eu segurei a bochecha de Brooke. — Você não fez nada de errado.

— Eu os trouxe aqui — ela sussurrou. — Se eu não tivesse aceitado esse trabalho, eles não teriam vindo. Eles não teriam roubado o equipamento do canteiro de obras. Eles não teriam invadido sua casa. Eles não estariam aqui esta noite. — Ela colocou a mão em concha sobre a boca. — CJ... Ele... ele quase levou um tiro.

— Mas ele não fez isso. Ele não fez isso, ok? Ele está bem.

— Nick tinha uma arma — ela sussurrou. — Eu nunca o vi com uma arma.

Um corpo se aproximou, caminhando pela grama com propósito. Um distintivo brilhava em seu peito. — Senhor. Senhora. — ele disse.

Brooke enxugou o rosto e olhou para o policial que havia coletado nossos depoimentos iniciais.

— O que posso fazer por você, oficial? — perguntei.

— Estamos prestes a voltar para a cidade — ele disse. — Por mais que eu tenha dito para aqueles dois guardarem isso para o juiz, eles continuaram falando. — Ele olhou para Brooke. — Você é a colega de quarto da avó rica?

— Ex-colega de quarto — Brooke disse. — Estou encrencada?

Ele balançou a cabeça. — Não, senhora. Só estou curioso. Eles têm te assediado por dinheiro?

Fiquei tenso e olhei para ela.

Os lábios apertados de Brooke me disseram tudo.

— Baby...

— Eu só… paguei por muitas coisas na casa em que morávamos. — ela retrucou.

O policial assentiu. — Parece que eles entraram em pânico quando o dinheiro fácil parou de fluir e começaram a tentar obtê-lo em outro lugar. Vou lhe dizer a mesma coisa que disse àquela senhora que está gritando ao telefone. — Ele apontou por cima do ombro para Cassandra. — Você pode contratar um advogado e tentar recuperá-lo, mas essas crianças não têm dois centavos para esfregar. Não sei quanto você conseguirá de volta.

Brooke assentiu. — Obrigada, senhor.

Fez muito mais sentido em retrospecto. Tentando extorquir ela na calçada por dinheiro rápido. Eles provavelmente penhoraram as ferramentas que roubaram do canteiro de obras. Invadindo minha casa para vender drogas.

— Vamos. — eu disse enquanto ligava o carrinho de golfe. — Vamos para casa.

Brooke ficou em silêncio na volta, sem dizer uma palavra enquanto entrávamos e trocávamos nossas roupas cheias de fumaça. Eu fedia por causa da fogueira. Cinzas cobriam meus braços e cabelos.

— Tome banho comigo — eu disse enquanto a levava para o nosso banheiro.

A luz desapareceu de seus olhos, deixando-os vazios como um dia sem sol ou uma noite sem estrelas.

Eu me acomodei no assento do chuveiro. — Vem cá, garotinha.

Brooke ficou parada na minha frente, completamente nua, enquanto eu ajustava a temperatura da água e deixava o jato cair sobre nós.

Deslizei minhas mãos em volta dos seus quadris e a puxei para mais perto, beijando uma linha suave do seu umbigo até o volume do seu seio.

— Sente-se — eu disse, abrindo as pernas e gesticulando para o espaço no banco entre elas.

Brooke sentou-se entre minhas pernas sem hesitação ou protesto. Ainda assim, havia um olhar vago em seus olhos, algo que eu nunca tinha visto antes.

Sua pele quente pressionada contra a minha, removendo qualquer barreira entre nós. Gotas de água dançavam por nossos corpos, formando riachos.

Peguei o shampoo dela e coloquei um pouco na palma da minha mão, espalhando delicadamente nos seus cachos grossos.

— Fale comigo — eu insisti, dando um beijo em seu ombro.

Ela fungou e enxugou os olhos enquanto eu passava os dedos pelos cabelos dela. — É tudo culpa minha.

— Brooke, eu já…

— É sim. — Ela balançou a cabeça. — Eu te amo. — ela choramingou. — Mas eu... eu amo sua família também. E eu só queria fazer parte dela. Eu pensei que as coisas estavam finalmente dando certo para mim. Que eu tinha um lugar para pertencer. Um trabalho muito legal. E um namorado. E um...

Agarrei seu queixo e a beijei com força, afastando todas as suas dúvidas.

— Você tem tudo. Cada coisinha. Você me quer? Você me tem. Você quer minha família? Eles te adoram. Você quer fazer parte deste rancho? Você é a melhor coisa sobre ele. Você quer meu sobrenome? É seu. Eu não queria voltar aqui, mas agora não consigo imaginar ir embora. Então, antes que essas dúvidas te consumam, deixe-me preencher sua mente com outra coisa. Eu te amo. Eu te amo pra caralho, Brooke. Nada - absolutamente nada - mudará o fato de que você pertence aqui.

Lágrimas encheram seus olhos e caíram em cascata por suas bochechas, apenas para serem lavadas pelo chuveiro.

— Você é desejada aqui. — Pressionei meus lábios em sua testa enquanto nossos corações batiam juntos.

— Espero que sim. — ela sussurrou.

Toda manhã eu acordava, aquele velho ditado sobre cinzas para cinzas e pó para pó flutuava na minha mente. Nós éramos pouco mais que pele e ossos; apenas recipientes temporários em uma linha do tempo finita.

Toda manhã, eu abria meus olhos e inspirava por oito segundos, então expirava por mais oito segundos. Cada respiração me lembrava de que minha vida havia mudado em um piscar de olhos. Mas no tempo finito entre cinzas e pó, eu estava determinado a encontrar um propósito maior para a próxima respiração do que eu tinha com a última.

Apaixonar-me foi como respirar profundamente.

Brooke sentou-se sob a chuva torrencial enquanto eu lavava a fumaça e as cinzas do corpo dela e depois do meu.

Foi minha experiência que as provações trouxeram clareza. As palavras de Brooke me lembraram do quão verdadeiro isso era.

Partiu meu coração que ela estivesse sofrendo. Eu queria tirar a dor dela. Mas suas confissões de querer minha família, querer fazer parte do legado Griffith e querer estar comigo eram tudo o que eu sempre quis.

Juntos, terminamos de nos enxaguar, nos secamos e lentamente fomos para a cama.

Meu quarto esparso começou a dar sinais de vida. Aquela maldita planta do amor com sua flor lamentável ainda estava na janela. Um saco de doces que eu tinha começado a separar estava na minha mesa de cabeceira. Os travesseiros de Brooke estavam presos aos meus. Na mesa de cabeceira dela, havia um livro que ela tinha começado.

Um trovão retumbou à distância enquanto nos enfiávamos debaixo dos lençóis e nos abraçávamos.

— Eu não sabia que ia chover. — ela disse, bocejando.

— Eu gosto da chuva. — eu disse, dando-lhe um beijo de boa noite e puxando-a para mais perto de mim.

Brooke descansou a cabeça no meu peito. — Por que isso?

— É um reinício. Amanhã, podemos sair. A grama estará mais verde, o ar mais limpo e o lago mais alto. Às vezes, a vida precisa fazer uma pausa. E às vezes, é preciso algo além do nosso controle para que isso aconteça.

— Você é poético — ela disse, descansando a cabeça no meu peito. — Eu nunca teria imaginado isso sobre você quando nos conhecemos meses atrás.

Eu ri. — Eu tive muitos meses para pensar. — Eu beijei o topo da cabeça dela. — Nem todos esses pensamentos foram positivos. Você deveria estar feliz por não ter estado aqui durante esses meses. Eles foram sombrios.

Os dedos dela dançaram pelo meu peito, traçando padrões abstratos. — Sua escuridão não me assusta.

Puxei-a para cima de mim para que ficássemos peito a peito. Os joelhos de Brooke montaram em meus quadris e ela descansou a cabeça em meu ombro.

— Como isso poderia te assustar? A luz nunca tem medo da escuridão. — Pressionei meus lábios em sua cabeça. — Mas você sabe de uma coisa?

— O quê?

Entrelacei meus dedos com os dela e levei sua mão aos meus lábios. — A lua reflete o sol e armazena sua energia até o momento em que o sol não pode ser visto. Durante os momentos em que você não consegue encontrar sua luz, eu estarei aqui para devolvê-la a você.



Acordei na manhã seguinte com Brooke ainda montada em meu torso. Sua respiração suave era lenta e firme.

— Eu sei que você está olhando para mim. — ela disse.

— Não posso evitar. — Beijei sua cabeça. — Mas você tem que sair de cima de mim. Você tem que ir trabalhar, e eu tenho que ir para a fisioterapia.

— Ainda me sinto mal por não ter levado você. Eu estou...

— Não está mais na minha folha de pagamento. — eu a lembrei. — Além disso, eu disse a Bree que ela poderia me levar para a cidade. Ela precisa ter trinta horas de tempo de direção antes de poder tirar a carteira.

— Tenho que encarar Cassandra hoje? Ou há uma chance de ela ter outra coisa para fazer o dia todo?

Eu ri. — Não acho que você terá tanta sorte. Mas eu vou com você para o escritório antes que Bree me pegue.

Ela deu um bico nos meus lábios. — Combinado.

Brooke se ajeitou em um short azul-marinho enquanto eu preparava o café. Quando estávamos vestidos e cafeinados, eram quinze para as oito, e alguém estava batendo na porta.

— Eu atendo. — gritei para Brooke enquanto ela terminava de trançar o cabelo. Destranquei a porta da frente e a abri.

Eu não tinha muita certeza de quem eu esperava na minha varanda esta manhã, mas não era Cassandra segurando uma sacola. Christian estava com ela, então presumi que não era a cabeça decapitada de alguém.

— Bom dia — eu disse.

Christian levantou o queixo. — Imaginamos que encontraríamos você e Brooke antes do dia começar.

Olhei para o relógio do forno novamente. — Seu dia começou há três horas.

Ele deu de ombros. — Brooke está aqui?

— Quem está... — Brooke congelou quando viu Cassandra e Christian.

Afastei minha cadeira de rodas da porta para que eles pudessem entrar. Brooke ainda estava congelada no lugar.

— Vocês querem café? — perguntei, tentando quebrar o silêncio.

— Não. Isso não vai demorar muito. — disse Cassandra.

Brooke torceu os dedos. — Estou demitida?

Cassandra inclinou a cabeça. — Por que você seria demitida? Você mal começou.

— Eu só pensei que depois da noite passada...

Christian colocou a mão no ombro dela. — Brooke, nada disso é culpa sua. Nem pense duas vezes.

— Então o que te traz à minha casa? — perguntei.

Cassandra zombou. — O que você é? Um ogro do pântano que acha que é dono do lago? Nós moramos na mesma porra de propriedade. Não é um continente diferente. — Ela enfiou a mão na sacola. — Suas jaquetas chegaram.

Brooke se aproximou, cautelosa, mas curiosa. — Jaquetas?

Cassandra as tirou e entregou a menor para Brooke. — Você faz parte do rancho agora. Você ganha uma jaqueta. — Ela jogou a outra para mim. — Você também, Grumpy.

O sorriso no rosto de Brooke disse tudo enquanto ela experimentava a jaqueta de veludo cotelê bege. Mas meu sobrenome estampado nela no logotipo bordado do rancho era minha parte favorita.

Ela estava aqui. Ela era nossa.

Ela era minha.

Brooke jogou os braços em volta de Cassandra e apertou. — Obrigada!

Cassandra enrijeceu. — Certo. Isso é completamente desnecessário. Estou indo embora.

Eu ri.

Christian puxou Brooke para um abraço mais gentil enquanto Cassandra se afastava e saía correndo pela porta. — Bem-vinda ao rancho. — Seus olhos se ergueram para mim. — Bem-vinda de volta.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS



BROOKE

O novo potro era um punhado. Não sei por que fiquei surpresa. O nome dele era Riot.

— Mantenha a cabeça nos ombros — CJ gritou de fora da arena. — Ele está agindo como uma criança... testando seus limites. Você está no comando.

Soltei um suspiro lento e me concentrei no controle.

CJ estava me colocando à prova durante a maior parte da tarde, me fazendo pular de cavalo em cavalo para me acostumar a montar em todos eles. Alguns dos velhos fiéis - como o cavalo de Bree, Dottie - eram fáceis como torta.

Os novos? Nem tanto. Eles estavam em território desconhecido, com pessoas desconhecidas. Levaria tempo e balas de menta. Felizmente, eu tinha bastante de ambos.

Riot balançou a cabeça para frente e para trás quando puxei as rédeas, mas ela trotou de volta para CJ sem muito mais barulho.

— Tenho que ir embora — ele disse. — Você está bem voltando para o celeiro?

— Sim — eu disse enquanto pegava um cantil do topo do poste da cerca e tomava um longo gole. — Vou desamarra-lo e escova-lo.

A atitude de Riot pareceu se acalmar quando caminhamos para a sombra. O celeiro estava abençoadamente silencioso. Dusty, o gato do celeiro, cochilava no canto da baia de Indy.

— Você vai me dar trabalho? — perguntei a Riot enquanto começava a remover o equipamento de montaria. Ele não pareceu incomodado por eu falar sem parar enquanto eu o escovava.

Eu oficialmente tinha uma semana no meu novo emprego e estava... indo.

Trabalhar para Cassandra era como trabalhar para um porco-espinho. Francamente, ela parecia o tipo de animal que comeria seus filhotes. Mas Christian passava no escritório algumas vezes por dia para ter certeza de que eu ainda estava viva.

Ray também passou por lá, mas ele tinha mais ou menos se estabelecido na rotina de me deixar ir toda manhã. Mas assim que o relógio marcava cinco, se eu não

estivesse em casa, ele estaria no escritório importunando Cassandra para me deixar bater o ponto.

Francamente, fiquei um pouco surpresa por ele não ter aparecido na arena quando eu estava com Riot e CJ.

Terminei no celeiro e fui para o escritório para bater o ponto. Alguns dias ainda era estranho deixar Ray durante o dia. Eu tinha me acostumado tanto a estar com ele quase todo momento acordado, que vê-lo sair do rancho com Bree, Claire ou um de seus irmãos era uma experiência fora do corpo.

Eu sentia que estava perdendo alguma coisa. Por muito tempo, éramos eu e ele nos escondendo juntos e nos esgueirando para seus compromissos na cidade. A transição de volta para um emprego de verdade, onde eu não era paga para ignorar meu chefe, foi brutal.

Eu gostava da rotina de cuidar dos cavalos, fazer tarefas e lidar com a programação e um lançamento de negócio em desenvolvimento. O trabalho físico me ajudou a ficar quieta e me concentrar no trabalho do escritório. Eu nunca teria pensado que viver e trabalhar em uma fazenda de gado fosse a escolha certa para mim. Mas a cada dia que passava, eu percebia o quão perfeito era.

Ainda mais porque eu podia ir para casa e encontrar Ray no final de cada dia.

Mickey entrou no escritório enquanto eu estava marcando meu cartão de ponto na máquina arcaica. Dei-lhe uma coçada sob o queixo e reajustei os macarrões de piscina em seus chifres que o impediam de quebrar tudo o que via.

A caminhada para casa era minha parte favorita do dia... isso e o fato de poder chamá-la de lar.

Parte de mim, uma parte incessante de mim, estava esperando o pior acontecer. Que Ray percebesse que queria alguém mais velha, alguém estabelecida, alguém que pudesse trazer mais para a mesa.

Mas todos os dias que eu entrava pela porta, eu não conseguia me imaginar em nenhum outro lugar.

Ray me fez sentir desejada como nunca antes.

— Estou em casa. — gritei para dentro de casa enquanto pendurava minha bolsa no gancho perto da porta. — Ray?

Nenhuma resposta.

Talvez ele estivesse com Christian ou algo assim. Dei de ombros e mergulhei no chuveiro para me enxaguar.

Juro, tomei mais banho agora do que nunca. Entre o calor, os animais e a poeira, ficava imunda em segundos. Não tinha ideia de como Cassandra conseguia dançar valsa pelo rancho em terninhos brancos impecáveis. Ou suas contas de lavagem a seco eram absurdas, ou a sujeira simplesmente tinha medo dela.

O aroma calmante de eucalipto e lavanda vinha do quarto enquanto eu saía do chuveiro com uma toalha enrolada no peito.

Velas foram acesas e as luzes diminuíram. Ray estava sentado na cama, esperando por mim.

— Aí está você — eu disse enquanto andava na ponta dos pés até a pilha de roupas ao meu lado da cama. Eu realmente precisava perguntar a ele se eu poderia mover a cômoda do quarto de hóspedes para o quarto que dividíamos. — Você estava lá fora?

Ray se apoiou nos cotovelos. Seus olhos passaram por mim enquanto eu deixava a toalha cair. — Eu estava na casa da mamãe esperando um pacote que encomendei.

— Como foi seu dia? — perguntei enquanto procurava uma calcinha.

— Melhor agora — ele disse, estendendo a mão e enrolando-a em volta do meu quadril. — Você não precisa disso.

Eu ri. — Eu não preciso de calcinha? O quê? Você só quer que eu ande pelada?

Ele riu. — Não vou discutir sobre isso.

— Eu gosto das velas.

— Sim?

— É relaxante.

— Bom — ele disse. — Deite-se.

— Mas são apenas seis horas.

Ray levantou uma sobrancelha. — Você está discutindo comigo?

Eu me calei e me estiquei na cama. Ray se inclinou e roçou levemente seus lábios nos meus. O toque de seu beijo foi gentil e quente, como um olá familiar. Conforme ele aprofundava o beijo, sua mão acariciava meu abdômen e sua língua deslizava contra a minha. Um gemido escapou dos meus lábios enquanto ele movia sua mão para cima e sobre meus seios.

— Vire-se — ele sussurrou.

Minhas sobrancelhas franziram. — Mas...

Ray riu enquanto se inclinava para trás. — Rola pro lado, Sunnyside.

Resmunguei e me virei de bruços. A brisa do ventilador de teto causou arrepios nas minhas costas e pernas.

Ray sentou-se na cama e se posicionou ao meu lado. Algo estalou em suas mãos, então ele as esfregou.

Eu gemi assim que ele deslizou as palmas oleadas pelas minhas costas. — Oh meu Deus, eu te amo.

Ray riu. — Bom. Porque eu também te amo.

— Minhas costas estão doloridas — murmurei para as cobertas. — Isso é tão bom.

Ele pressionou os polegares na parte inferior das minhas costas. — É de cavalgar. Eventualmente, você vai se acostumar.

Eu choraminguei quando ele exerceu um pouco mais de pressão. — Ainda não cheguei lá.

Ele riu e se moveu para massagear minhas omoplatas. — Eu assisti você no Riot por um tempo. Você estava bem.

Respirei fundo e fechei os olhos. — É bom estar lá em cima.

Ele derramou mais óleo na mão e alisou todo o caminho das minhas costas até a minha bunda. — Abra suas pernas.

Abri minhas coxas e mordi meu lábio enquanto ele circulava uma perna, massageando e trabalhando os nós em meus tendões. O lado de sua mão roçou minha boceta, mas tentei me concentrar na massagem.

Eu me senti como se estivesse flutuando enquanto ele aliviava a tensão nas minhas pernas. Mordi o lábio quando suas mãos circundaram minha coxa, logo abaixo da minha bunda, para trabalhar meu nervo ciático. Seus dedos roçaram minha boceta e dançaram sobre meu clitóris. Foi o suficiente para provocar, mas não o suficiente para satisfazer.

— De costas — ele instruiu, movendo-se para sentar-se na minha cabeça.

Eu gemi. — Você está me provocando.

— Não estou brincando com você, garotinha. — ele disse em voz baixa enquanto movia minha cabeça para descansá-la em seu colo.

Fechei os olhos enquanto ele massageava o óleo na minha clavícula e no meu peito. — Você só me chama de garotinha quando está com tesão. Caso contrário, é Sunnyside ou Brooke.

— Sou tão óbvio assim?

Eu sorri. — Eu gosto disso.

Ele apertou meus braços, aliviando a tensão dos meus bíceps antes de segurar meus seios.

— A melhor massagem de todas. — murmurei.

Ray entrelaçou os dedos no meu cabelo, massageando meu couro cabeludo e têmporas. Eu estava quase dormindo quando senti sua mão segurando meu seio novamente. Um beliscão repentino no meu mamilo me assustou.

Meus olhos se abriram e eu engasguei quando ele prendeu uma segunda pinça no meu outro mamilo.

— Só relaxe. — ele me acalmou, voltando a massagear meus ombros. — Você está tão linda assim.

Ele sacudiu uma das pedras preciosas penduradas no grampo esquerdo.

Apertei minhas coxas juntas. Uma estranha névoa de luxúria e lazer tomou conta de mim. Eu era uma poça de relaxamento e excitação.

— Toque-me. — implorei.

Ray raspou os dedos no meu couro cabeludo, enviando arrepios de prazer pela minha espinha. — Estou — ele respondeu.

— Você sabe o que eu quero dizer. — eu choraminguei, movendo meu corpo para mais perto do dele para que meu peito pressionasse contra suas mãos. O choque fez meus seios balançarem, e eu senti o puxão dos grampos em meus mamilos.

— Talvez eu goste de ver você se contorcer. — ele disse, lambendo o polegar e depois o roçando no meu mamilo em pequenos círculos constantes.

Um gemido agudo escapou da minha garganta e eu abri minhas pernas.

— É isso aí... abra suas pernas para mim. Você sabe exatamente o que eu quero. — ele sussurrou, inclinando-se sobre mim.

Algo frio e suave provocou minhas dobras expostas. Ray apertou um botão, e vibrações percorreram meu corpo enquanto ele usava o brinquedo para circular meu clitóris.

Eu engasguei, arqueando-me para fora da cama. Meus quadris empurraram em sua mão. Ele colocou o brinquedo contra meu clitóris e o segurou lá com sua palma até que eu me tornei uma bagunça desesperada e contorcida.

Flashes de luz e calor irradiavam dos meus mamilos enquanto o peso suave dos grampos puxava os nervos sensíveis.

Ele inseriu dois dedos dentro da minha boceta e os abriu bem, me esticando antes de deslizar o vibrador tipo ovo bem fundo.

A mão dele algemou minha garganta. — Isso deve te segurar até que eu esteja pronto para te foder.

Nem de longe perto.

Foi uma provocação doentia, que me levou à beira do êxtase, mas não me libertou totalmente.

Sua risada me arrepiou enquanto ele roçava meus lábios com o polegar. — Provavelmente não preciso dizer isso, mas não ouse ter um orgasmo. Espero que espere até que eu lhe dê permissão.

— Sem promessas. — eu suspirei enquanto o prazer me inundava em ondas.

Ray deslizou dois dedos entre meus lábios entreabertos, pressionando minha língua. Eu gemia em volta deles e chupava enquanto meu corpo era atingido por pulsos de eletricidade, dançando dos meus seios até meu núcleo.

— Seja uma boa menina para mim. Espere para gozar e eu farei valer a pena para você. — ele sussurrou, acariciando minha bochecha com os nós dos dedos. — Ou eu posso simplesmente mantê-la assim a noite toda. — Ele puxou uma das braçadeiras, arrancando um gemido meu. — Você será boa para mim?

Eu assenti.

— De joelhos. Fique de frente para a cabeceira.

Eu me esforcei para me mover, pois a sensação da massagem me deixou atordoada.

— Segure firme e arqueie as costas. — ele instruiu, passando a mão pela minha bunda e então deslizando a mão entre minhas nádegas.

Algo frio e escorregadio pressionou contra minha abertura apertada, e eu engasguei. — Ray...

— Relaxe e respire por mim. É só um pequeno plug.

Eu choraminguei enquanto ele aplicava pressão e massageava, permitindo que meu corpo gradualmente acomodasse o bulbo antes que ele se fechasse ao redor do pescoço cônico.

— Só um pouquinho. Pronto. — ele murmurou, puxando a base larga. — Não é gostoso e confortável?

O movimento fez com que as vibrações do brinquedo na minha boceta fossem transferidas através da pele fina que o separava do plug no meu cu.

— Meu Deus — eu suspirei.

— Vá em frente. Reze — ele disse, cravando os dentes na lateral do meu pescoço. — Você vai precisar.

Ray segurou minhas duas mãos e as puxou sobre minha cabeça e atrás do meu pescoço. Uma corda lisa, feita para bondage, amarrou meus pulsos, mantendo meus braços erguidos em forma de V. Ray testou a tensão para ter certeza de que não estava muito apertada ou muito frouxa.

Eu implorei enquanto os brinquedos dentro de mim me levavam cada vez mais perto da liberação. Eu queria desesperadamente gozar.

— Eu amo o quanto você confia em mim. — ele murmurou enquanto cruzava a corda em volta do meu peito.

O arnês levantou meus seios, me deixando agudamente ciente dos grampos ainda pendurados em meus mamilos. Meu corpo inteiro era um fio vivo, faiscando e dançando com energia não derramada.

— Adoro que você esteja nisso comigo.

Ray tinha se despido em algum lugar entre a formação dos laços e nós. Ele pressionou seu peito contra minhas costas.

Implorei enquanto ele colocava a mão na minha barriga, pressionando onde eu queria seu toque.

Ele segurou meu peito e apertou. Meus músculos se contraíram em volta do brinquedo que ele colocou na minha bunda.

Lambi meus lábios. — Acho que eu teria te amado de qualquer forma, em qualquer momento da vida. Sempre teria sido você. Sua alma e a minha. Então, agora, e o que quer que ainda esteja por vir.

Minha cabeça girou enquanto ele enrolava a corda entre minhas coxas, em volta dos meus quadris, e puxava até que minhas pernas fossem forçadas a se separarem. Eu gritei quando ele deslizou seu antebraço atrás dos nós que corriam pela minha espinha. O arnês estava apertado, mas não desconfortável.

Eu me senti apoiada, segura, protegida.

Ele pressionou a cabeça do seu pau contra a entrada da minha boceta. — Tão molhada para mim, garotinha.

Ele deslizou um dedo na minha boceta, circulando minhas paredes enquanto ele removia o vibrador de ovo de dentro de mim. Minhas pernas tremeram quando ele o pressionou contra meu clitóris.

— Ray! — gritei. — *Por favor, por favor...*

— Implore por isso. — ele rosnou.

Ele empurrou a cabeça do seu pau para dentro da minha boceta, segurando na cabeceira da cama. O outro braço dele estava preso pelas cordas, me mantendo perto do seu peito.

— Vai ficar apertado quando eu te foder com o plug no seu cu, mas você aguenta. Você vai me levar, e vai ficar tão linda fazendo isso.

Apertado não começava a descrever. Sua circunferência me preenchia confortavelmente, quase dolorosamente. Eu engasguei e implorei enquanto ele afundava lentamente dentro de mim.

— É demais — engasguei. — Muito grosso...

— Vai servir — ele prometeu com escuridão pingando de suas palavras. — Agora pegue.

Quando ele estava completamente dentro de mim, ele soltou a cabeceira da cama e acariciou meus mamilos com o polegar.

— Tão linda, baby. Toda enfeitada para mim, com joias penduradas nos seus peitos, e seu corpo amarrado para que eu possa fazer você gozar até você implorar por misericórdia.

Eu estava uma bagunça desesperada e contorcida. — Por favor, deixe-me gozar. Eu não posso... eu não consigo segurar...

Ele empurrou forte em mim. — Goze em volta do meu pau. Você é tão boa pra caralho.

Ele soltou a cabeceira da cama, pegou o vibrador vibrante e o pressionou contra meu clitóris e depois contra meus mamilos inchados e latejantes.

Eu me debati, lutando contra as cordas enquanto ele se empurrava profundamente dentro de mim.

Ray mordiscou minha orelha. — Isso não é bom, baby? — Ele moveu o vibrador de volta para meu clitóris. — Você é tão linda. Quero passar cada último suspiro fazendo você se sentir a mais saciada, a mais poderosa. Você é tudo. Tudo. Agora goze para mim.

O orgasmo me atingiu do nada. Minha boceta apertou em volta do seu pau. Meu corpo travou, mas ele me segurou perto.

Ray deslizou o vibrador para baixo e provocou suas bolas até que ele estremeceu e gozou dentro de mim. — Respire. Vou te deitar de lado para te desamarrar.

Eu assenti, ofegante. A calma veio tão rápido quanto a pressa.

Nossa liberação misturada deslizou pela minha coxa enquanto Ray se deitava atrás de mim e começava a desfazer os nós.

Ele esfregou minhas mãos e pulsos, verificando-os até ter certeza de que eu estava bem. Eu sibilei quando ele abriu os grampos e os puxou dos meus mamilos.

— Traga o joelho até o peito — ele acalmou enquanto puxava o plug. — Você gostou de usar isso? — ele perguntou enquanto lentamente o deslizava do meu corpo e o colocava na mesa de cabeceira.

Calor e constrangimento inundaram minhas bochechas. — Gostei... muito. — Eu choraminguei quando seu braço roçou meus mamilos inchados.

Ray me colocou de lado, de frente para ele. Ele encheu meus seios com beijos molhados. Seu toque aliviou as dores persistentes até que eu me sentisse aquecida e à vontade. Ray me cobriu de beijos fervorosos, deixando claro que eu era boa, completa e sem dúvida sua.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS



RAY

— Todo mundo vai ter que se espremer para entrar hoje à noite. — mamãe disse enquanto abria a porta para Brooke e eu. — Temos algumas pessoas extras se juntando a nós.

Ela deu um abraço apertado em Brooke. — Oi, querida. Como foi o trabalho?

Brooke ainda estava usando sua camisa polo oficial do Griffith Brothers Ranch, tendo conseguido realizar a primeira excursão cheia de crianças animadas que queriam aprender tudo sobre cavalos.

Eu observei de longe enquanto ela os guiava pelos celeiros e fazia o discurso que havia ensaiado mil vezes em nosso quarto.

Brooke sorriu de orelha a orelha. — Foi ótimo. Acho que as crianças se divertiram muito.

Mamãe apertou as mãos dela. — Cassandra me disse que você fez um ótimo trabalho.

Brooke engasgou. — Sério?

— Bem, ela disse que correu bem. Isso é basicamente a mesma coisa para ela.

Brooke riu. — Eu aceito.

— E como foi seu dia? — perguntou mamãe enquanto se inclinava e colocava um braço em volta dos meus ombros.

— Eu vejo como é. Eu trago uma garota bonita e de repente eu sou um pensamento tardio. — eu disse, provocando-a simplesmente porque eu podia.

A mãe zombou. — Bem, eu falei com Brooke primeiro porque sei que vou conseguir mais palavras dela. Mas se você quiser bater um papo, então eu pergunto como você está primeiro na próxima vez.

Eu ri. — Meu dia foi bom. Fiquei em uma videochamada com Marty na maior parte dele, lidando com negociações de contrato.

Mamãe pressionou a palma da mão na minha bochecha como se eu ainda fosse o menino de seis anos que corria descontroladamente por todo o rancho. — Estou feliz que você esteja voltando. Eu sei que não é a mesma coisa.

Não era. O rodeio foi meu primeiro amor, mas ela era minha para sempre.

Eu ficaria perfeitamente contente seguindo Brooke como um cachorrinho perdido pelo resto da minha vida, mas eu tinha quase certeza de que ela se cansaria disso. Eu precisava encontrar um novo sonho, qualquer que fosse.

Não achava que aparecer em campanhas publicitárias fosse a vocação da minha vida, mas, por enquanto, era um começo.

— Vamos ver se eles estão dispostos a desembolsar o que Marty está pedindo. Ele faz um bom negócio.

— Quem mais vem hoje à noite? — Brooke perguntou enquanto olhava ao redor.

Parecia que fomos os últimos a aparecer. CJ já estava aqui, conversando com Nate e Becks. Meu pai estava com a filha deles, Charlie, no colo enquanto lia uma história para ela. Christian e Gracie estavam no sofá. Bree estava andando de um lado para o outro no canto, olhando para o telefone.

Parecia que Cassandra era a única que faltava.

— Um dos investidores figurões do restaurante esteve aqui hoje para ver os danos do incêndio — disse a mãe. — Cass ligou há pouco e disse que a reunião deles estava demorando muito, então me ofereci para convidar todos para jantar aqui.

Um carro parou na entrada da casa, e Bree passou por nós e foi para a varanda.

Christian pulou do sofá.

Mamãe olhou para mim e para Bree. — E seu irmão chegou a um acordo com a filha. Bree não pode sair com o garoto ainda, mas ele tem permissão para se juntar a nós para o jantar.

— Isso vai ser divertido. — eu disse a Brooke enquanto entrava em casa.

Ela riu. — Tenha um pouco de fé. Acho fofo que Christian tenha cedido um pouco.

— Esse garoto não sabe no que está se metendo.

A porta se abriu, e as salas de estar e de jantar ficaram em silêncio quando Bree entrou, segurando a mão de um punk de cabelos desgrenhados e imprestável.

— Seja legal — Brooke sussurrou.

— Bem, olá. — mamãe disse ao futuro cadáver. — Você deve ser Mason. É um prazer conhecê-lo. Eu sou a avó de Bree.

— Oi, Sra. Griffith. — Mason gaguejou. Ele viu Gracie e acenou. — Oi.

Gracie deu-lhe um toque de queixo. — E aí.

— Estes são meu tio Ray e Brooke. — disse Bree, desafiando o desafio enquanto levava o garoto que eu queria fazer um churrasco para dentro de casa.

— Prazer em conhecê-lo, Mason. — Brooke disse com um sorriso doce enquanto cutucava meu ombro com o cotovelo.

— Oi. Uh… — Mason olhou para mim e limpou a garganta. — Bree me contou muito sobre você. Ela disse que você é o tio favorito dela.

— Ei! — CJ e Nate gritaram da sala de estar.

Brooke riu.

Mason apertou a mão de Bree. — Mas, uh… eu sou um grande fã, na verdade.

— Bajulação não vai te levar a lugar nenhum — eu disse. — Tem muito espaço aqui para esconder um corpo, e você não é tão grande.

Brooke deixou a cabeça cair entre as mãos. — Por favor, desculpe os tios de Bree. Eles ainda estão sendo treinados para fazer as necessidades no lugar certo.

Bree deu uma risadinha.

Olhei para Bree e inclinei a cabeça em direção a Christian, que tinha vindo atrás de mim. — É melhor acabar logo com isso, pirralha.

Bree olhou para o pai com olhos de corça. — Papai, esse é o Mason. Mason, esse é meu pai.

O pomo de Adão de Mason balançou como um desenho animado. — Olá, senhor.

Christian silenciosamente cruzou os braços sobre o peito, e a preocupação encheu os olhos de Bree. Eu puxei contra as rodas e recuei minha cadeira de rodas para cima e sobre o pé dele.

— Ei! — ele gritou, pulando para trás. — Que diabos? Isso doeu.

— Minha culpa — eu disse inocentemente enquanto piscava para Bree.

Christian suspirou. — Prazer em conhecê-lo.

— Sabe — eu provoquei. — Eu acho que você pode fazer melhor do que isso. Quer tentar de novo? Você tem outro pé.

Bree arrastou Mason para a sala de estar para conhecer o resto do grupo heterogêneo.

Brooke cruzou os braços e olhou para mim. — Sério?

— O quê? — eu disse inocentemente.

Ela bufou. — Não faça o papel de durão. Você sabe muito bem que faria qualquer coisa por ela.

Eu amava quando Brooke parecia brava. Era adorável.

Eu levantei meu polegar sobre meu ombro para Christian. — Eu passei por cima do pé dele, não foi?

— Eu odeio isso pra caramba. — resmungou Christian.

Olhei para a sala de estar e vi que Bree e Mason tinham se instalado no sofá. Eles estavam sentados a uma distância apropriada de trinta centímetros e ambos pareciam prestes a vomitar. Ainda assim, aquele garoto punk olhou para Bree como se ela tivesse a lua e as estrelas.

Eu não poderia ficar realmente bravo com isso.

Fui em frente e me acomodei na longa fila de mesas que tinham sido empurradas juntas para que houvesse assentos suficientes. Eu não queria ter dificuldade para entrar e sair quando havia pessoas que eu não conhecia se juntando a nós para o jantar.

— O que subiu na sua bunda e morreu? — perguntei a CJ quando ele entrou na cozinha.

Ele pegou uma cerveja na geladeira e sentou-se na frente de Brooke e de mim.

— Mais gente do caralho. — ele resmungou.

Eu levantei uma sobrancelha. — O quê? No rancho? — Eu descansei minhas mãos na mesa. — Você sabia que isso ia acontecer. Todos esses acordos foram assinados antes do meu acidente.

Ele tomou um longo gole. — Não significa que eu tenha que gostar. Você viu o que aconteceu no canteiro de obras. Colocar todas essas coisas no rancho é pedir para ter problemas. Marque minhas palavras, vai ter mais disso.

CJ viveria e morreria pelo rancho. Mais do que meu pai. Mais do que Christian. Ele era um purista, amava a terra mais do que a capacidade de mantê-la à tona. Ele não aceitou bem a mudança, e eu tinha a sensação de que ele guardaria essa raiva o máximo possível.

Éramos parecidos em nossa capacidade de guardar rancor.

A porta se abriu e Cassandra entrou com um sujeito chique em seus calcanhares. Ele estava em um terno sob medida, mocassins impecavelmente limpos e tinha um relógio que eu sabia que vendia por pelo menos cinco dígitos.

— Meu Deus — Brooke sussurrou.

Olhei para ela com raiva. — Olhos no seu próprio homem.

Ela riu.

O rosto de Cassandra estava severo e todo profissional enquanto ela caminhava para o centro da sala de estar e jantar. — Pessoal, este é Luca DeRossi.

Ele ajeitou seu cabelo preto perfeitamente penteado. — Prazer em conhecer todos vocês.

— Ele é o chefe do DeRossi Hospitality Group e será o coproprietário e chef executivo da churrascaria. — disse Cassandra.

Mamãe limpou as mãos em um pano de prato. — Estamos felizes em tê-lo para o jantar, Sr. DeRossi. Não somos chiques, então espero que você goste de Sloppy Joes[4].

Ele abriu um sorriso de comercial de pasta de dente. — Eu os amo. Obrigado por me receber. Vai ser ótimo conhecer todo mundo. Estou animado para fazer parceria com uma família para esse empreendimento.

E com isso, CJ terminou sua cerveja, bateu-a na mesa e se afastou da mesa. — Vou comer no alojamento. — ele resmungou enquanto saía furioso.

A preocupação brilhou nos olhos de Brooke.

Ninguém disse uma palavra até Bree quebrar o silêncio. — Cass, este é Mason.

O olhar intimidador de Cassandra se voltou para a adolescente. — Certo. Nenhuma bandeira vermelha na sua verificação de antecedentes, mas saiba que tenho olhos e ouvidos em todos os lugares.

Ele assentiu nervosamente. — Sim, senhora.

— Não diga isso! — Bree sussurrou para ele.

— Uh... Hum... Sim, Srta. Parker. — Mason recitou.

— Bem. — mamãe disse enquanto olhava para a porta. — Acho que deveríamos começar a comer antes que esfrie.

A tensão da partida repentina de CJ desapareceu enquanto nos deliciávamos com nossa refeição. Luca compartilhou sua visão para o restaurante, eu tinha que admitir, não parecia nada mal. Risadas encheram a mesa enquanto ele falava sobre uma mulher a quem iria pedir em casamento - uma chef confeiteira de um restaurante que seu grupo adquiriu recentemente - e como eles se conheceram.

Uma hora depois, Luca se despediu e saiu para pegar um voo para a Carolina do Norte.

Bree e Mason tinham saído para uma caminhada pela frente da propriedade que era supervisionada por Gracie, deixando Christian para se compadecer com Becks e Nate. Eu roubei Brooke da conversa dela com meu pai e a levei para a varanda para assistir ao pôr do sol.

As cigarras cantavam enquanto Brooke me ajudava a me transferir para uma das cadeiras de balanço.

— Obrigada, baby — eu disse enquanto ajustava minhas pernas e me inclinava para trás.

Brooke tentou pegar a outra cadeira de balanço, mas eu a segurei pela cintura e a puxei para o meu colo.

— Isso é legal — ela disse enquanto apoiava a têmpora na curva do meu pescoço e fechava os olhos.

---

[4]Sanduiche de carne moída, cebola, molho de tomate, ketchup, molho ingês e temperos, servidos em um pão de hambúrguer.

Dei um beijo em sua testa. — Posso te perguntar uma coisa?

— O que é isso?

— Você está feliz aqui?

Brooke riu. — Que tipo de pergunta é essa? Claro que estou feliz aqui.

Coloquei o cabelo dela atrás da orelha. — É sério. Se todos os seus dias fossem como este, você seria feliz?

Ela bateu no queixo. — Deixe-me pensar... Acordar com você? Sim. Caminhar para o trabalho? Sim. Meu trabalho? Sim. Chegar em casa com você? Sim. Não ter que cozinhar o jantar? Absolutamente. Dormir com você? Sim. — Ela beijou minha bochecha. — Eu não poderia ter sonhado com nada melhor. Você me deu tudo que eu nunca soube que queria.

Ela se sentia tão bem em meus braços. E, pela primeira vez em muito tempo, eu estava em paz com o lugar onde eu estava.

— E aí dentro?

— Na casa?

Eu assenti. — E se sua vida fosse assim? Uma família grande. Uma varanda para sentar quando o dia acaba. Um bando de crianças correndo por aí, causando caos.

Os dedos dela deslizaram sobre as tatuagens em meus antebraços. — Acho que isso parece um sonho.

Beijei seus lábios. — E tudo isso aqui? Comigo?

Suas mãos pressionaram minhas bochechas enquanto ela inclinava a cabeça para o lado e me beijava longa e lentamente. — Estou dentro para a viagem.

EPÍLOGO



BROOKE

SETE MESES DEPOIS

Alisei minhas mãos sobre os ombros de Ray, trabalhando o óleo de bebê sobre seus músculos. — Você está animado?

Ele me deu um sorriso tímido no reflexo do espelho do provador. — Um pouco nervoso. — Seus olhos eram suaves. — Tem certeza de que está tudo bem com isso?

Deslizei para o colo dele e ri enquanto despejava um pouco mais de óleo na minha mão para cobrir seu peito. — Claro que estou bem com isso.

— Brooke...

Revirei os olhos. — Lembra-se daquela vez que fomos para Maren e eu tirei a blusa e montei naquele touro mecânico? Você ainda está vestido. — Olhei para o par de cuecas masculinas justas que ele tinha acabado de vestir. — Bem, quase vestido.

Seus olhos caíram para meu decote. — Confie em mim. Eu lembro de tudo.

Os últimos seis meses foram repletos de rotina e descoberta de uma nova vida juntos, mas eu não teria feito de outra forma.

— Como você está se sentindo? — ele sussurrou enquanto deslizava a mão por dentro da minha blusa e a colocava na minha barriga.

Soltei um suspiro trêmulo. — Um pouco nervosa sobre esta noite.

Duas linhas rosas nos pegaram de surpresa algumas semanas atrás. Depois que o choque inicial passou, a excitação e a expectativa se instalaram.

Ray seria o melhor pai.

— Não fique. — ele disse suavemente. — Eles vão ficar em êxtase porra por nós. Você já comeu?

Revirei os olhos. — Sim. Comi hoje e vomitei.

— É melhor você tomar cuidado com sua atitude, Sunnyside. — ele provocou. Ray colocou um cacho atrás da minha orelha. — Quer que eu mande o Marty pegar algo para você comer?

— Estou bem. Coloquei uma barra de granola na minha bolsa antes de sairmos de casa.

Ray pegou o telefone. — Vou pedir para ele ir buscar...

— Amor, estou bem. Hoje é sobre você. — Olhei para a coisa de pelúcia na penteadeira do provador. — Você realmente deveria enfiar essa coisa na sua cueca?

Ele riu. — Sim. Não é grande coisa. Já fiz isso antes.

O pai do meu bebê, o modelo de roupas íntimas.

Ray roubou mais um beijo antes de se afastar da penteadeira espelhada comigo em seu colo. — Mas acho que não vou precisar hoje.

Eu ri e deslizei para fora dele. — É melhor você pensar em algumas coisas sobre banho frio, ou você vai ficar exibindo para todo mundo quando seu pau ficar duro e sair dessa cueca.

— Posso manter isso sob controle. — ele prometeu.

— Sério? Porque você fez isso. — Apontei para meu abdômen.

Ray me apoiou contra a penteadeira com sua cadeira de rodas e lentamente levantou a bainha da minha camisa. — Sim, eu fiz. — Orgulho e satisfação encheram sua voz enquanto ele espalhava beijos de borboletas em minha barriga.

Alguém bateu na porta, assustando nós dois.

— Sr. Griffith, Andre está pronto para recebê-lo no set. — disse um lacaio mal pago, mas alegre, do outro lado da porta.

Peguei o roupão que estava pendurado no cabide.

— Obrigado — Ray gritou enquanto colocava o roupão ao contrário para não ter que se levantar da cadeira de rodas.

Como todo mundo, Ray tinha dias bons e dias ruins. Ele ainda ia à fisioterapia algumas vezes por mês, mas tinha começado a fazer a maioria dos exercícios em casa. Ele tinha equipado sua caminhonete com controles manuais e dirigia sozinho a maior parte do tempo. A terapia, tanto física quanto mental, tinha ajudado.

Ainda havia dias cheios de tempestades de raiva, mas o sol sempre vinha.

Segui Ray até o set de fotos e educadamente dei uma cotovelada na assistente para tirá-la do caminho quando ela pegou seu roupão.

Segurei o tecido fofo contra o corpo para evitar que meu coração saísse do peito enquanto as luzes piscavam para as fotos de teste.

Ele era pecaminosamente sexy, com cabelos molhados e desgrenhados, barba por fazer bem aparada e um sorriso preguiçoso no rosto.

Bree e Gracie tinham descido para a casa naquela manhã para colorir as tatuagens dele para dar sorte. Elas só tinham colorido algumas, mas significava o mundo para todas as três ter seu tio Ray de volta.

Mordi a unha e cerrei as coxas enquanto Ray se acomodava casualmente em sua cadeira de rodas e colocava o braço sobre o encosto dela, abrindo o corpo para ser fotografado para a campanha publicitária.

Ele piscou os olhos para mim e lambeu os lábios. Eu podia ler os pensamentos diabólicos correndo por sua mente. Eu ainda podia sentir as cordas se torcendo e se enrolando em volta do meu corpo.

O fotógrafo pediu para ele mudar de pose. Todos foram pacientes enquanto Ray reajustava suas pernas, levantando uma do apoio para os pés para se esticar no chão. Ele segurou a parte de trás do joelho oposto e o levantou para que seu pé ficasse apoiado na borda do assento da cadeira de rodas.

Oh… Não era uma visão ruim.

Meu coração disparou quando ele olhou para longe e enroscou a mão no cabelo.

O obturador da câmera disparou enquanto a sessão de fotos passava voando. Fiquei fascinada pela tela do computador ao lado que mostrava cada foto em preto e branco se alinhando em tempo real.

Era incrível como o movimento da boca de Ray ou o movimento de seu olhar podiam mudar o clima da foto. Algumas eram casuais e relaxadas. Algumas eram brincalhonas, com os cantos dos olhos enrugando enquanto ele ria.

Outras eram diabolicamente provocativas.

Quando a filmagem terminou, entreguei o roupão para Ray e cruzei meus braços protetoramente sobre minha barriga. Observei o pai do meu filho interagir com as pessoas com alegria nos olhos.

Ele nunca pareceu tão sexy.

— Sabe, provavelmente deveríamos pensar em comprar um veículo maior para você. — Ray disse enquanto íamos até sua caminhonete. Ele abriu a porta do passageiro para mim e então girou para o lado do motorista.

Coloquei a cadeira de rodas dele no banco de trás enquanto ele se sentava ao volante. — Por quê?

Ray deu de ombros enquanto acelerava e esperava que eu colocasse o cinto de segurança. — Seu carro é pequeno. Uma cadeirinha de carro na minha caminhonete vai ser um pé no saco. Devíamos comprar uma minivan.

Uma risada escapou de mim. — Uma minivan?

— Sim. Por que não? — Ele saiu para a rodovia. — Nós vamos ter um bebê. Simplesmente faz sentido.

— Vamos ter apenas um bebê, a menos que você saiba de algo que eu não sei.

Ele riu. — Estou falando sério, Brooke. Nós deveríamos ir em frente e fazer isso. Nós conversamos sobre querer muitos filhos.

Essas conversas sempre foram hipotéticas até minha menstruação atrasar.

— No futuro. Não hoje, nem amanhã, nem em nove meses. — eu apontei.

— No futuro. — ele admitiu.

Não consegui deixar de encará-lo enquanto ele nos levava de volta ao rancho. — Você está animado com isso, não está?

Seu sorriso era contagiante. — É a melhor coisa que poderia ter acontecido.

Veículos e animais estavam aglomerados na frente da casa de Claire e Silas quando entramos na garagem. Estávamos um pouco adiantados para o jantar, mas isso nunca nos impediu antes.

Além disso, eu estava morrendo de fome e tinha certeza de que a mãe de Ray teria algo doce guardado em um recipiente Tupperware.

Meu estômago embrulhou assim que meus chinelos tocaram a grama.

— Baby... — Ray olhou para mim do assento do motorista com preocupação. — Qual é o problema?

Peguei sua cadeira de rodas do banco de trás. — Só nervosismo.

— Eu te disse. — ele disse enquanto se sentava na cadeira e fechava a porta. — Eles vão ficar animados.

— Fácil para você dizer. Você é um deles.

Por mais que a família Griffith me fizesse sentir como um deles, Ray e eu ainda estávamos namorando. Eu queria acreditar que eles ficariam animados, mas os hormônios da gravidez estavam me deixando insegura.

Principalmente quando Ray não disse mais nada.

Fiquei surpresa ao ver todos já amontoados na cozinha quando entramos. O jantar não deveria começar por mais meia hora.

Meu estômago embrulhou enquanto todos diziam olá e perguntavam como foi a sessão de fotos. Ray me manteve perto com um braço em volta dos meus quadris ou sua mão segurando a minha.

Finalmente, quando a comida foi distribuída e todos estavam sentados, ele pigarreou.

— Antes de comermos este jantar delicioso que a mamãe preparou, Brooke e eu temos algo para contar a vocês.

Ele encontrou minha mão debaixo da mesa e apertou-a, assim como eu tinha feito com ele durante o primeiro jantar de família que fomos. Um sorriso surgiu em seu rosto enquanto ele olhava para mim.

— Nós vamos ter um bebê. Brooke está grávida. Eu vou... — Ele engasgou enquanto lágrimas brotavam em seus olhos. — ...Eu vou ser pai.

O suspiro simultâneo deve ter sugado todo o oxigênio da sala.

Então, uma explosão de aplausos e felicitações se espalhou como uma represa se rompendo.

A mãe de Ray correu em volta da mesa e jogou os braços em volta de mim. — Oh, querida. Estou tão animada. Você vai ser a melhor mãe.

Não consegui impedir que as lágrimas caíssem. — Obrigada. — sussurrei em seu ombro.

Silas foi o próximo, me apertando forte. — Você vai ficar ótima, pequena mamãe.

Eu chorei.

Nate, Christian e CJ vieram com abraços gentis, então reorganizaram todos os assentos ao redor da mesa para que pudessem encher Ray de perguntas. Becks e Cassandra fizeram o mesmo do meu lado.

— Tenho toneladas de coisas de bebê da Charlotte guardadas no sótão. — disse Becks. — Não vamos usar de novo, então é seu se você quiser.

A excitação de Cassandra era menos efusiva, mas não carecia de sinceridade. — Vou organizar todas as roupas usadas de Becks e compilar uma planilha do que está disponível para que possamos conciliar o inventário com o que você ainda precisa. Você já tem um registro?

Eu ri e enxuguei meus olhos. — Não. Acabamos de descobrir. Não estou tão longe assim. — Percebi que a mesa não estava cheia. — Onde estão as meninas?

— Mason levou Bree e Gracie para assistir a um filme. — Cassandra sussurrou, tentando não assustar Christian. — Elas devem voltar logo.

— Que fofo que ele levou a Gracie também. — eu disse.

E, falando no diabo, Bree e Gracie fizeram sua grande entrada, junto com o garoto que Christian relutantemente aceitou.

Bree se abaixou atrás da minha cadeira e colocou algo na mão de Ray.

Um silêncio caiu sobre a mesa como chuvas de verão cheias de sol. Ray se virou e pegou minha mão.

— Eu sei que os surpreendemos, mas agora tenho mais uma surpresa. E antes que pergunte, eu tinha planejado isso bem antes de descobrirmos sobre o bebê.

Ah não. As lágrimas voltaram.

— Brooke, você me salvou. Você me trouxe de volta à vida de maneiras que eu nunca serei capaz de retribuir. Você se sentou ao meu lado nesta mesa e segurou minha mão quando eu precisei de sua força. E eu prometo a você, se você me deixar, eu vou gastar cada último suspiro que eu tiver tentando retribuir isso a você. Você é graciosa e boa. Você é trabalhadora e otimista. Você é gentil e amorosa. E, caramba, você é linda. E eu não consigo pensar em uma pessoa melhor para ser a mãe dos meus filhos. Mas mais do que isso, eu não consigo pensar em uma pessoa melhor para ser minha esposa.

Nate puxou a cadeira de rodas de Ray para trás enquanto Christian e CJ ajudaram a apoiar seus braços até que ele estivesse apoiado em um joelho.

Ele pediu que eles fizessem isso. Que fossem parte disso.

O anel de diamante estava borrado através das minhas lágrimas, mas senti seu peso quando Ray o colocou no meu dedo.

— Você quer se casar comigo?

Eu estava uma bagunça soluçante enquanto assentia e envolvia meus braços em volta do pescoço dele. — Sim, sim! — Eu o beijei novamente, embora não conseguisse parar de rir ou chorar. — Todos os meus sim são seus.

EPÍLOGO BÔNUS



RAY

17 ANOS DEPOIS

Retornar à arena depois de dezessete anos foi como entrar em um sonho. A sujeira sob minhas botas despertou uma torrente de memórias. Este era o lugar onde tudo havia mudado. Eu tinha visto alguns eventos ao longo dos anos, mas hoje marcou meu retorno ao coração de tudo.

Examinei a lista na minha prancheta e levantei o microfone. — A próxima - número dezoito - é Loretta Thompson, de seis anos, de Maren, Texas.

Do palco, vi uma garotinha de botas e flanela subir nas costas de uma ovelha chamada Blizzard, segurando-se com unhas e dentes. Ela fez um ótimo trabalho também, nublando o resto das crianças que tentaram a sorte em montar um carneiro.

Examinei a multidão, tentando localizar meu grupo heterogêneo, mas havia rostos demais para identificá-los. O lugar parecia tomado por Griffiths.

— Ei, bonitão. — Brooke apareceu no palco, me oferecendo uma garrafa de água.

Caramba, ela era linda como numa pintura.

Ela envelhecera como um bom vinho. Seus cachos estavam listrados de prata e presos no topo da cabeça em um coque. Eu adorava o corpo que me dera nossos filhos a cada momento que eu podia.

Ela era uma mãe excepcional para nossa ninhada. Parecia que foi ontem que estávamos esperando nervosamente por nosso primogênito. Agora, ele estava prestes a ir para a faculdade. Ele seria o primeiro de nós a obter um diploma depois do ensino médio, e eu estava tão orgulhoso.

— Onde estão as crianças? — perguntei, tomando um gole da garrafa.

— Oh, eles estão por aí em algum lugar. — Ela puxou um banco e sentou-se, dividindo o apoio de braço da minha cadeira de rodas. — Acho que Claire está com Seth, e Olivia e Summer estão juntas.

Isso era previsível. Claire, aos seis anos, era quase inseparável de Seth, de dezessete anos. Nossas duas do meio, Olivia e Summer, eram praticamente gêmeas, apesar de terem dois anos de diferença.

Brooke ficou no palco comigo enquanto eu anunciava as duas últimas crianças competindo pelo campeonato de montar em carneiros.

Quando os resultados finais foram divulgados, entreguei as fitas e a fivela do campeonato.

Ainda me divertia que as crianças quisessem fotos com um velho peão de touro, mas eu atendi a cada uma delas antes que o próximo locutor assumisse o comando do laço em equipe.

Um par de mãos bateu em meus ombros. — Ok. Quanto tempo você acha que eu realmente conseguiria durar em um touro?

Eu ri da pergunta de Seth. Ele era um espelho de mim na adolescência. — Você não sairia do portão. Ele te jogaria no cano.

— Seja real. Eu ficaria bem.

— Continue pensando nisso. Onde estão suas irmãs?

Claire apareceu por trás da perna de Seth. — Oi, papai. — Ela rastejou para o meu colo e pendurou os pés sobre o braço da minha cadeira de rodas. — Podemos comer alguma coisa?

— Em um minuto, baby. Estou quase terminando. — Beijei sua cabeça.

Nossa caçula tinha os cachos da Brooke e um par de olhos azuis que significavam problemas.

Brooke deslizou os braços ao meu redor por trás e descansou o queixo no topo da minha cabeça. Seus seios pressionaram contra a parte de trás do meu pescoço.

— Estou orgulhosa de você — ela disse. Sua voz era suave, destinada somente a mim. — Você foi ótimo.

Olivia se juntou a nós nas laterais do palco. — Podemos comer?

— Meu Deus, sim. Estou morrendo de fome. — Summer entrou na conversa.

Olhei para Brooke. — Devemos alimentá-los?

Ela cantarolou pensativamente. — Nós os alimentamos uma vez e eles continuaram nos seguindo para casa como gatos vadios.

— Mãe — três deles choramingaram.

Nós rimos.

— Certo. Vamos comer alguma coisa — eu disse enquanto recuava e girava para evitar os cabos de extensão presos com fita adesiva no palco.

Claire estava perfeitamente feliz em me deixar carregá-la como uma princesa. Eu não me importava nem um pouco. Antes que eu pudesse piscar, ela estaria crescida e fora de casa junto com o resto deles. Eu só queria segurar esses momentos pelo máximo de tempo possível.

Brooke me deu o maior título da minha vida. *Pai.*

Foi melhor do que qualquer fivela de campeonato, troféu ou elogio. Minha esposa e meus filhos foram o ponto alto da minha vida.

Nós seis viajamos de carro pelo país juntos, vimos o rancho crescer e mudar ao longo de quase duas décadas, passamos inúmeros aniversários com hordas de amigos para passeios a cavalo e noites de cinema perto do lago. Nós tínhamos conseguido viver em alojamentos apertados e lidado com a bagunça da construção de uma adição à casa quando precisávamos de mais quartos.

Nós sobrevivemos à morte do meu pai, o avô deles, e a todo o luto que se seguiu.

Em meio à confusão e ao caos, à beleza e à alegria, à tristeza e à gratidão, nós nos agarramos um ao outro.

Parei para admirar Brooke enquanto ela conduzia todos para fora da arena e para dentro da minivan com eficiência praticada.

Sim, nós temos a minivan.

O sol do início da tarde dançava em seus cabelos, iluminando os grisalhos majestosos que foram conquistados ao longo de dezessete anos de criação de filhos. Ela era meu lado bom.

— Você também. — ela disse enquanto as portas deslizantes se fechavam e ela deu a volta para o lado do passageiro. — Eu posso estar com mais fome do que todos eles juntos.

Eu a peguei pelo braço e a puxei para baixo. Brooke tropeçou no beijo, mas cedeu tão rápido quanto.

— Eu te amo.

Ela riu como se fosse uma conclusão precipitada porque—para nós—era. — Eu também te amo.

Ainda assim, eu a segurei. — Eu sei que você não estava aqui quando aconteceu ou nos meses seguintes. Mas você estava aqui pelos dias, meses e anos que realmente importaram.

As sobrancelhas dela se ergueram, e os olhos dela suavizaram. — Por mais que eu quisesse ter estado lá, estou feliz por não ter estado. Porque isso me trouxe até você.

Puxei-a para outro beijo, só porque podia.

A janela abaixou, e as crianças gemeram. — Mano, pare de ficar com a mamãe. É estranho. E estamos com fome.

— Eu não sou seu mano. — eu disse antes de roubar outro beijo.

A criação dos filhos era metade graça diária e metade irritá-los de propósito. Especialmente os adolescentes.

— Pai — as meninas gemeram.

Brooke riu. — É melhor irmos antes que tenhamos um motim em nossas mãos.

Era verdade. Dois deles sabiam dirigir. Terminamos de carregar e nos afastamos da arena. Enquanto o debate sobre onde pararíamos para comer na viagem para casa se alastrava no fundo, olhei para Brooke.

Ela tinha um sorriso preguiçoso no rosto. Seus dedos traçaram as tatuagens um tanto desbotadas em meus antebraços. Parecia que foi ontem que as crianças se aglomeravam para colori-las. Claire ainda fazia isso, mas ela estava rapidamente superando isso.

Talvez eu as preenchesse permanentemente.

— O que você está pensando, Sunnyside?

Ela rolou a cabeça no encosto do assento e olhou para mim. — Você está feliz?

Eu ri. — Claro.

— É sério — ela pressionou. — Você já teve tudo antes.

— Eu não tinha — eu disse. — Eu tinha coisas. Eu tinha pessoas. Eu tinha uma vida. Mas eu não tinha você. Eu não tinha um lar. Eu desistiria de tudo. Do meu dinheiro. Do meu corpo. Do meu hálito. De tudo isso, repetidamente, se isso significasse que eu teria você por apenas um dia.

Fim

